

UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara
Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa

Mariana Giacomini Botta

**A GUERRA EUA X IRAQUE NO DISCURSO JORNALÍSTICO:
ANÁLISE LÉXICO-SEMÂNTICA DAS UNIDADES DE
DENOMINAÇÃO**

Araraquara – S.P.

2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara
Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa

Mariana Giacomini Botta

**A GUERRA EUA X IRAQUE NO DISCURSO JORNALÍSTICO:
ANÁLISE LÉXICO-SEMÂNTICA DAS UNIDADES DE
DENOMINAÇÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa, do campus de Araraquara da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, para obtenção do título de mestre em Lingüística e Língua Portuguesa, sob a orientação da Profa. Dra. Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa.

Araraquara – S.P.

2006

Dados internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)
Biblioteca da FCL – Araraquara - Unesp

Botta, Mariana Giacomini

A guerra EUA X Iraque no discurso jornalístico: Análise léxico-semântica das unidades de denominação. Araraquara. 2006

259 p.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – UNESP – Universidade Estadual Paulista. Programa de Pós-graduação em Lingüística e Língua Portuguesa.

1. Semântica Lexical 2. Manipulação pela imprensa. Universidade Estadual Paulista. Pós-graduação em Lingüística e Língua Portuguesa.

FOLHA DE APROVAÇÃO

A dissertação elaborada por **Mariana Giacomini Botta** foi submetida à **Banca Examinadora** como exigência para Defesa de Dissertação de Mestrado à obtenção do Título de Mestre em Lingüística e Língua Portuguesa, junto ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras - Universidade Estadual Paulista, campus de Araraquara – São Paulo.

Araraquara, de fevereiro de 2006.

Profa. Dra. Gladis Maria de Barcellos Almeida
Membro da Banca Examinadora

Prof. Dr. Luiz Antonio Amaral
Membro da Banca Examinadora

Profa. Dra. Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa
Orientadora e Presidente da Banca Examinadora

RESUMO

Muito se fala sobre a manipulação exercida pelos veículos de comunicação, que cada vez ganham mais espaço na sociedade, influenciando e formando opiniões. No que diz respeito à imprensa, que busca a imparcialidade, percebe-se que esta não passa de uma utopia, já que a própria língua e as tomadas de decisão impostas por ela não permitem um posicionamento neutro.

O discurso da imprensa e as manipulações decorrentes dele são objeto de estudo de diversas áreas das Ciências da Comunicação, como a Semiótica, e também da Lingüística, nas áreas de Análise do Discurso e Semiologia. Faltam, porém, investigações sob o enfoque da Lexicologia, voltadas para as escolhas lexicais, primeiro passo na elaboração de qualquer enunciado. É sabido que o léxico, além de ser a lista das unidades lexicais de uma língua, é também reflexo das experiências humanas e das ideologias das sociedades.

As matérias jornalísticas chegam aos leitores/receptores permeadas de opiniões e pontos de vista. Esta pesquisa visa à análise léxico-semântica das unidades lexicais de denominação (substantivos e adjetivos) utilizadas pela imprensa escrita brasileira (revistas *Veja*, *Época* e *Isto É* e jornal *Folha de S. Paulo*) durante a cobertura da guerra dos Estados Unidos contra o Iraque, entre fevereiro e abril de 2003. Tal investigação visa a ressaltar a importância das escolhas lexicais na formação dos enunciados. Pretende-se também analisar a manipulação de idéias decorrente da seleção lexical e suas conseqüências para o trabalho jornalístico. Foram apontadas, ainda, dentre as publicações analisadas, quais foram as que mais empregaram unidades lexicais com traços de significação com tendência a influenciar os leitores. Trabalhou-se com a hipótese de que as escolhas lexicais podem ou tendem a orientar a opinião do leitor.

A corrente teórica utilizada é a da Semântica Lexical Estruturalista, baseada em trabalhos de pesquisadores como Ferdinand de Saussure, Bernard Pottier, Horst Geckeler, Louis Guilbert, Oswald Ducrot, Kurt Baldinger, Eugênio Coseriu, Algirdas Julien Greimas, Johns Lyons, Frank Palmer, Charles Muller, Stephen Ullmann, Trier, Weisgerber, Mario Vilela, Maria Aparecida Barbosa e Maria Teresa Biderman, entre outros.

A análise das unidades lexicais teve início com a leitura dos textos obtidos dos veículos da imprensa, dos quais foram extraídas as unidades nominais (substantivos e adjetivos), considerando-se o contexto em que estavam inseridas. Estas unidades foram analisadas de acordo com as relações de significação que mantêm entre si (sinonímia, polissemia, homonímia e hiponímia). As relações de significação e a identificação dos traços significativos presentes nos contextos, demonstraram a intencionalidade na opção de uma palavra em detrimento das outras possíveis, no momento da enunciação. São os traços ideológicos que determinam as escolhas feitas pelo enunciador e que possibilitam a modalização de seu discurso.

PALAVRAS-CHAVE: LEXICOLOGIA. SEMÂNTICA LEXICAL. DENOMINAÇÃO. SELEÇÃO LEXICAL. TEXTO JORNALÍSTICO. MANIPULAÇÃO.

ABSTRACT

A lot has been told about the manipulation exerted by media that more and more get space in society, influencing and forming opinions. Concerning press, that searches for impartiality, it is observed that this is nothing but an utopia, since its own language and the decision making imposed by it do not allow a neuter positioning.

The press discourse and the manipulations resulting from it are subject of study in several Communication Science areas, such as Semiotics, and also Linguistics, in the areas of Discourse Analysis and Semiology. However, there are no sufficient investigations in the Lexicology focus centered in the lexical choices, which is the first step to the elaboration of any enunciation. It is known that lexicon, besides being the lexical unities list of a language, is also a reflection of human experience and societies ideologies.

The journalism articles arrive at the readers/receivers permeated by opinions and points of view. This research aims the lexical-semantic analysis of the lexical unities of denomination (nouns and adjectives) used by Brazilian written press (Veja, Época and Isto É magazines and Folha de S. Paulo journal) during the covering of The United States war against Iraq, between February and April, 2003. Such investigation aims at standing out the importance of lexical choices in the enunciation forming. It is also intended to analyze the manipulation of ideas resulting from the lexical selection and its consequences to journalistic work. Among the analyzed publications, those that used more lexical unities with traces of signification tending to influence readers were pointed out. It has been taken into consideration the hypothesis that lexical choices can or tend to orient reader opinion.

The theoretical current used is the Structuralist Lexical Semantics, based on works of researchers as Ferdinand Saussure, Bernard Pottier, Horst Geckeler, Louis Guilbert, Oswald Ducrot, Kurt Baldinger, Eugenio Coseriu, Algirdas Julien Greimas, Johns Lyons, Frank Palmer, Charles Muller, Stephen Ullmann, Trier, Weisgerber, Mario Vilela, Maria Aparecida Barbosa and Maria Teresa Biderman, among others.

The lexical unities analysis was initiated with the reading of texts from media, from where the nominal unities (nouns and adjectives) were picked out, considering the context in which they were inserted. These unities were analyzed according to the meaning relation that they keep among themselves (synonymy, polysemy, homonymy, hyponymy). The meaning relations and the identification of significant traces in the context show intentionality in the option of one word in detriment of possible others, at the enunciation moment. It is the ideological traces that determine the enunciator choices and make the modalization of its discourse possible.

KEYWORDS: JOURNALISM. LEXICOLOGY. LEXICAL SEMANTICS.
DENOMINATION. MANIPULATION

SUMÁRIO

1 Introdução	p. 11
1.1 Relevância	p. 15
2. Contexto Histórico	p. 15
2.1 Estados Unidos	p. 17
2.2 Iraque	p. 23
3. Perfil das publicações	p. 27
3.1 Veja	p. 27
3.2. Isto É	p. 28
3.3 Época	p. 29
3.4 Folha de S. Paulo	p. 29
4. Léxico e Vocabulário	p. 30
5. Revendo alguns princípios semânticos	p. 34
5.1 Signo	p. 44
5.2 Significado e Significação	p. 45
5.3 Significante	p. 50
5.4 Campo Semântico	p. 51
5.5 Denominação e Designação	p. 55
5.6 Relação Semântica entre as palavras	p. 58
5.6.1 Sinonímia	p. 58
5.6.2 Antonímia	p. 61
5.6.3 Ambigüidade	p. 62
5.6.4 Polissemia e Homonímia	p. 63
5.6.5 Hiponímia e Hiperonímia	p. 67
6 Ideologia	p. 70
7 Contexto	p. 72
8 Opção Teórica e Metodologia	p. 77
8.1 Opção Teórica	p. 77
8.2 Metodologia de organização do corpus de referência e de análise	p. 82
9 Análise dos Dados	p. 84
9.1 GRUPO 1 (Tirano, autocrata, ditador, senhorio, líder)	p. 85

9.2 GRUPO 2 (Potência, superpotência, hiperpotência)	p. 90
9.3 GRUPO 3 (chefão, manda-chuva, figurão)	p. 92
9.4 GRUPO 4 (Sanguinário, sinistro, macabro, perverso, pavoroso, homicida)	p. 94
9.5 GRUPO 5 (Presidente, ditador, político)	p. 99
9.6 GRUPO 6 (Regime, governo)	p. 104
9.7 GRUPO 7 (Alucinado, esquisitice, paranóia, maluco, obcecado, obstinado, megalomaniaco, desatino, fanático, frenético, energúmeno)	p. 108
9.8 GRUPO 8 (Reacionário, canino)	p. 115
9.9 GRUPO 9 (Acachapante, arrasador, avassalador, devastador, fulminante)	p. 117
9.10 GRUPO 10 (Assombroso, fenomenal, formidável)	p. 121
9.11 GRUPO 11 (Invencível, implacável, inabalável, indevassável)	p. 124
9.12 GRUPO 12 (Colossal, volumoso, gigante, supergladiador, peso-pesado, hollywoodiano)	p. 127
9.13 GRUPO 13 (Opulência, suntuoso)	p. 131
9.14 GRUPO 14 (Bélico, belicista, belicoso)	p. 133
9.15 GRUPO 15 (Audaz, agressivo; arrogante; abrasivo, tirânico, afoiteza)	p. 136
9.16 GRUPO 16 (Atrocidade, barbaridade; bizarro; brutal, brutalidade, truculência, iniquidade)	p. 140
9.17 GRUPO 17 (Primor, prodigioso, badalado)	p. 145
9.18 GRUPO 18 (Falange, falcão, falconaria, águia, garra)	p. 147
9.19 GRUPO 19 (Decapitado, derrocada, desmanchado, frangalho, obliterado, pulverizado, sucateado)	p. 152
9.20 GRUPO 20 (Munição, fuzilaria)	p. 158
9.21 GRUPO 21 (Meandro, corrupto, trapaça)	p. 159
9.22 GRUPO 22 (Cacique, califado, trupe)	p. 161
9.23 GRUPO 23 (Jogada, cartada)	p. 164
9.24 GRUPO 24 (Imbróglio, desastrado, medieval, errante, errático)	p. 166

9.25 GRUPO 25 (Tipos de armas; Tipos de ataque; Tipos de guerra; Tipos de míssil; Tipos de bomba)	p. 169
9.26 GRUPO 26 (Máquina: de guerra, bélica, de terror, militar)	p. 192
9.27 GRUPO 27 (Terrorismo: antiisraelense, fundamentalista, internacional, islâmico, suicida, palestino, religioso, global, bioterrorismo)	p. 194
10 Conclusão	p. 200
11 Bibliografia	p. 206
Obras de Referência	p. 206
Obras de Consulta	p. 210
Dicionários	p. 212
11 Anexos	p. 213
Corpus	p. 214

Ilustrações

1. Fig. 1: Triângulo de Ogden e Richards, segundo Ullmann	p. 37
2. Fig 2 Tipificação dos significados proposta por Geoffrey Leech	p. 47
3. Fig 3: Esquema de divisão de campos lingüísticos de Duchácek	p. 54
4. Fig 4: Esquema de definição semântica de Marie-José Rey	p. 80
5. Fig 5: Emblema do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos	p. 151

1 INTRODUÇÃO

No que diz respeito ao uso da língua, é verdade, sem dúvida, que se pode preferir uma palavra a outra por causa de suas diferentes associações afetivas e evocativas. Mas a importância disso varia consideravelmente de um estilo ou situação para outra. [...] Não é difícil pensar ocasiões em que alguém, ao falar ou escrever, use deliberadamente um desses sinônimos ao invés do outro e faz sua escolha com base nestas “conotações” que as palavras parecem evocar. (LYONS, 1979, p. 453)

O léxico é o conjunto das unidades de uma língua. É a dimensão da língua que está em constante evolução. No decorrer do tempo, algumas palavras caem em desuso, deixam de ser empregadas com frequência, outras são criadas e incorporadas ao acervo lexical da língua e há outras que ganham novas conotações, como necessidades impostas por novas realidades. Na atualidade, os veículos da imprensa são os principais meios de divulgação das transformações do léxico de uma língua, pois são o registro dos acontecimentos e inovações que afetam o dia-a-dia das sociedades.

Nesta pesquisa realiza-se a análise léxico-semântica das unidades lexicais de denominação (substantivos e adjetivos) utilizadas pela imprensa durante a cobertura da guerra dos Estados Unidos contra o Iraque em 2003. A análise léxico-semântica de tais unidades tem como principal objetivo comprovar a importância das escolhas lexicais na formação dos enunciados. Este estudo pretende mostrar de que maneira as opções lexicais podem gerar interpretações ambíguas das mensagens e quais as consequências delas para o trabalho jornalístico, uma vez que este busca a isenção. A análise das relações de significação das unidades lexicais pode comprovar se ocorreu uma possível manipulação de idéias na escolha das denominações empregadas.

Pela simples observação dessas unidades, percebe-se que há uma diferenciação na forma de se nomear os presidentes dos Estados Unidos e o chefe político do Iraque. Defende-se a tese de que há uma posição favorável aos EUA no discurso jornalístico brasileiro em

questão e que este posicionamento está implícito nas escolhas de tais unidades lexicais. Parte-se do pressuposto de que as escolhas da imprensa na denominação dos personagens de suas matérias podem ou tendem a orientar a opinião do leitor. As formas de nomeação utilizadas pela imprensa podem criar uma espécie de “rótulo” para os personagens das notícias, o que acaba por levar o leitor a interpretar e aceitar os conteúdos das reportagens como uma verdade absoluta, sem que este realize uma análise crítica dos fatos.

Além disso, grande parte das notícias internacionais veiculadas pelos meios de comunicação brasileiros é adquirida de agências de notícias internacionais e traduzida para o português. Esse simples processo de tradução, sem preocupação com as conotações subentendidas existentes no léxico das diferentes comunidades lingüísticas, pode ter como consequência principal a incorporação de conceitos e pré-conceitos também “importados”. Não houve consulta aos textos em sua língua original, apenas aos já traduzidos e publicados nos veículos de imprensa analisados.

Desta forma, uma análise mais profunda sobre a história e a realidade dos países-personagens desse estudo pode revelar que a tradução das notícias traz implicitamente os pontos de vista das comunidades produtoras de tais informações. Para esta pesquisa, foi necessário isolar as conotações que compõem a significação das unidades de denominação e verificar se estas são as mesmas refletidas nos textos traduzidos. Como a maioria das agências de notícias utilizadas pelos veículos de comunicação brasileiros é americana, inglesa ou francesa, poderia estar na origem dos textos a resposta para o posicionamento favorável a um lado do conflito nos textos da imprensa brasileira.

[...] toda notícia, toda reportagem jornalística, começa com um ato de designação, de nomeação. [...] É preciso, primeiro, nomear, para então dizer algo a respeito do objeto no mundo assim designado. Apesar de tudo o que os filósofos e os lógicos dizem a este respeito, as pessoas comuns acreditam [e nisso, de certa forma, elas estão sendo influenciadas por anos a fio de ensino de gramática normativa] que o nome próprio está livre de qualquer marca de predicação [...]. É, no entanto, no uso de nomes próprios, ou,

melhor dizendo, na fabricação de novos termos de designação [...] que o discurso jornalístico imprime seus pontos de vista. (RAJAGOPALAN, 2003, p. 84)

Os textos publicados pelos veículos de comunicação constituem parte importante do discurso jornalístico. Entende-se discurso (em uma dimensão mais ampla) como uma construção social, não-individual, que deve ser considerado em seu contexto histórico-social e que reflete a visão de mundo de quem o produz e o reproduz. Assim, qualquer tipo de discurso possui uma dimensão ideológica que relaciona as marcas deixadas em um texto com as suas condições de produção. A teoria aceita neste trabalho é a de que todo discurso é transmissor de uma ideologia, uma vez que, considerado como uma prática social, o discurso desempenha o papel de materializar essa ideologia. Constituído socialmente, o discurso não é algo que equivale à realidade, mas é um produto, fabricado, que é modulado e organizado de acordo com a ideologia, os interesses e os compromissos de quem o produz. Ducrot (1977, p. 14 e 16) afirma que há circunstâncias em que há fortes razões para falar certas coisas para as quais é “necessário ter à disposição modos implícitos de expressão, que permitam deixar entender sem acarretar a responsabilidade de ter dito”. Para este autor, o ato de falar não é livre nem gratuito, pois toda fala é motivada, responde a certas necessidades ou visa a certos fins.

Para Mikhail Bakhtin (1988, p. 31), a ideologia se articula no nível da linguagem, através do uso de signos lingüísticos. Ele explica que “tudo o que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Este autor defende a tese de que toda enunciação é de natureza social, é socialmente dirigida. Bakhtin fala, ainda, sobre a recepção ativa, que permite que os discursos sejam ativamente absorvidos pela consciência e influenciem as atitudes do receptor, pois “toda transmissão [...] tem seu fim específico”, o que “reforça a influência das forças sociais organizadas sobre o modo de apreensão do discurso” (BAKHTIN, 1988, p. 146). Para Bakhtin, todo enunciado, constituinte de um discurso e interpretado por um receptor, provoca reações e leva a tomadas de posições ou de atitudes, o

que deixa o receptor vulnerável a manipulações. A proposta deste trabalho é provar que essa possível manipulação já esteja ativa na fase inicial da enunciação: a escolha lexical.

O *corpus* que serviu de base para esta análise foi constituído a partir de reportagens da imprensa escrita brasileira, publicadas em veículos de alcance nacional (revistas *Veja*, *Época* e *Isto É*, e jornal *Folha de S. Paulo*), em um período de tempo restrito – entre fevereiro e abril de 2003 –, que tratam ou mencionam o conflito militar ocorrido entre os Estados Unidos e o Iraque. Tais veículos foram escolhidos por se tratarem de meios de comunicação de grande representatividade para diferentes camadas da população brasileira que podem ser consideradas como formadoras de opinião e que, portanto, assimilam e disseminam as inevitáveis alterações do léxico da língua registradas nas publicações.

Este trabalho tem início com a contextualização histórica da guerra envolvendo os países-tema dos textos jornalísticos, seguida por um panorama da história de cada um dos países. Tal contextualização mostrou-se necessária uma vez que, por tratar de culturas bastante diferentes, inclusive da brasileira, onde e para quem os textos foram produzidos, o léxico reflete padrões de comportamento e visões de mundo também diferenciadas. Uma palavra pode ter uma conotação negativa para os usuários da língua portuguesa falada no Brasil, o que não significa que tenha essa mesma conotação para quem vive em países de cultura diferente. A falta de atenção a essa contextualização apresenta maiores conseqüências quando se trata da tradução de textos, o que, como já foi dito, é prática comum na cobertura internacional da imprensa, que acaba por imprimir aos fatos alguns conceitos importados de outras culturas.

Na segunda sessão desta dissertação é apresentada uma descrição das publicações das quais foram retirados os textos que originaram o *corpus*. Além de um breve histórico das publicações, são apresentados números relativos à vendagem, que demonstram a representatividade das mesmas no panorama nacional, e também características dos leitores,

que contribuem para uma melhor compreensão do direcionamento do conteúdo que veiculam. Em “Léxico e Vocabulário” e nas sessões seguintes são revistos alguns dos principais conceitos da Semântica Lexical, teoria que orienta este estudo, além de noções sobre contexto e ideologia, que contribuíram para a análise dos dados. O estudo das unidades lexicais, dividido por grupos de acordo com a afinidade semântica, e as conclusões são apresentadas nas sessões finais deste trabalho, assim como as fontes bibliográficas que embasaram esta pesquisa, incluindo os dicionários usados para consulta e o *corpus* resultante da leitura e da seleção de unidades de denominação encontradas nos textos da imprensa no período estudado.

1.1 RELEVÂNCIA

Julga-se esta pesquisa relevante para a comunidade acadêmica como contribuição para as pesquisas sobre as relações entre linguagem e comunicação, principalmente no que diz respeito à produção e recepção dos textos midiáticos.

Para a comunidade jornalística, é importante como um alerta sobre as conseqüências e funções sociais do papel que a imprensa desempenha como “formadora de opinião”, e, por fim, para a comunidade em geral, para que esta apure sua visão crítica sobre as informações que recebe diariamente através dos veículos de comunicação de massa.

2 CONTEXTO HISTÓRICO

A segunda Guerra dos Estados Unidos contra o Iraque teve início, oficialmente, na madrugada do dia 20 de março de 2003 e terminou vinte e um dias depois, em 9 de abril. O

presidente americano George W. Bush decretou como data oficial do final da guerra o dia 1º de maio, mas a região ainda está em conflito.

A primeira guerra envolvendo os Estados Unidos e o ex-chefe político iraquiano aconteceu em 1991 e ficou conhecida como “Guerra do Golfo”. Foi motivada pela invasão do Kuwait por Saddam Hussein. Naquela época, o presidente dos EUA era George Bush, pai do atual governante americano.

Saddam Hussein comandou o Iraque durante 24 anos, com um sistema de governo que pode ser denominado ditadura totalitária, conforme a definição dada por Norberto Bobbio e Nicola Matteucci em seu *Dicionário de Política*:

[...] sistema que emprega, além dos meios coercitivos tradicionais, o instrumento de um partido único de massas, capaz de controlar a educação e os meios de comunicação e que penetra em qualquer formação social, inclusive na vida familiar, suprimindo oposições e críticas, por meio do terror, impondo a aceitação do Regime. (BOBBIO; MATTEUCCI, 1985, p. 583)

A população do Iraque divide-se em tribos, de acordo com grupos étnicos: árabes, curdos, turcomanos e assírios, e também grupos religiosos: muçulmanos, xiitas, sunitas e cristãos, entre outros. Todos estes grupos vivem em constante conflito pelo poder da região e há alguns que utilizam o fanatismo religioso e o terrorismo como armas de combate.

A alegação de que Saddam Hussein tivesse ligação com o grupo terrorista Al Qaeda, responsável por um ataque terrorista aos Estados Unidos em 2001, foi um dos supostos motivos para esta segunda guerra. Além disso, o governo americano também suspeitava de que aquele país possuísse estoques de armas de destruição em massa, algo até hoje sem comprovação. Os opositores do presidente George W. Bush acreditam que o verdadeiro motivo teria sido o interesse dos EUA nas reservas de petróleo do Iraque.

A guerra no Iraque, no que diz respeito ao conflito militar propriamente dito, durou exatas três semanas. Havia uma expectativa de que as forças leais a Saddam Hussein e o povo

iraquiano, imbuído do nacionalismo, ofereceriam resistência às forças invasoras. Contudo, as resistências foram esporádicas. A capital Bagdá caiu sem muito esforço. Ao invés de luta contra o invasor, a população do Iraque partiu para o saque e o roubo. O patrimônio dos dirigentes dos anos de ditadura foi expropriado em poucas horas e o caos passou a reinar em todo o Iraque, no vácuo criado pela ausência de Saddam. Alguns milhares de soldados e civis morreram durante a guerra. Cenas de crianças mutiladas chocaram o mundo. Houve uma grande destruição de vidas, sonhos e de um patrimônio cultural de mais de cinco mil anos. Os pacifistas de todo mundo argumentaram que isso já era suficiente para condenar os invasores anglo-americanos e que não havia justificativas para este conflito.

Esta guerra, a primeira do século XXI, chegou a ser chamada de “show da guerra”, pois foi acompanhada ao vivo, minuto a minuto, pelos meios de comunicação de massa: nas redes de televisão e na internet foram mostradas imagens dos bombardeios na hora em que aconteciam, nos jornais e revistas, fotos cheias de sangue estamparam capas e páginas. Resta saber e analisar como os veículos se posicionaram diante desta disputa.

2.1 ESTADOS UNIDOS

A história dos Estados Unidos da América tem início no reinado de Elizabeth I (1558-1603), quando a Inglaterra entrou efetivamente no processo colonial. Algumas famílias pequeno-burguesas, seguidoras da seita de Calvino, saíram da Inglaterra a bordo do navio Mayflower em busca de uma terra nova do outro lado do Atlântico. Auto-intitulados “puritanos”, estes sonhavam em praticar sua religião livremente, sem interferência do Estado Inglês, que era anglicano. A ocupação da América do Norte teve início na Costa Leste, no atual estado da Carolina do Norte, e a primeira colônia recebeu o nome de Virgínia. De acordo

com o historiador Demétrio Magnoli ¹, a maior parte dos imigrantes ingleses que chegaram aos EUA era formada por líderes radicais de seitas religiosas que combatiam o domínio dos reis católicos e que fugiam da perseguição política. Eles defendiam a idéia de que Deus oferecera à sociedade e aos ingleses a missão de espalhar o pensamento de igualdade e de um mundo sem privilégios e sem benefícios pela ascendência, filosofia que ia contra o regime monárquico. “Essa idéia está na fundação dos Estados Unidos e na corrente principal da política externa daquele país” (MAGNOLI, 2005). Este autor explica que, por este motivo, os colonizadores (protestantes europeus) defendiam duas coisas: a vontade de Deus e o Direito Natural, sendo que este se sobrepunha à legislação e ao governo”. Como Direito Natural, os colonizadores entendiam a liberdade e a segurança, e pregavam que estas deveriam andar juntas. Para Magnoli, até hoje, o pensamento que domina as relações internas e internacionais dos EUA é o de que a liberdade é a segurança. “Eles imaginam que os Estados Unidos são uma ilha separada do restante do mundo.” (MAGNOLI, 2005).

Durante os séculos XVII e XVIII, estruturaram-se as Treze Colônias da América do Norte. Sua colonização teve características distintas das demais regiões da América. No século XVIII, as difíceis relações com a Inglaterra levaram os colonos a se unirem para conquistar a independência, que aconteceu em 1776. Reunidos na cidade de Filadélfia em dois congressos continentais, os colonos decidiram romper com a metrópole, e Thomas Jefferson redigiu a Declaração de Independência, aprovada pelo congresso no dia 4 de julho daquele ano. A guerra estendeu-se até 1783, quando os ingleses se renderam em Yorktown e, pelo Tratado de Paris, foi reconhecida a independência da primeira república da América. Em 1787 foi promulgada a Constituição, que estabeleceu como forma de governo o presidencialismo, o federalismo e a separação dos três poderes. George Washington foi escolhido pelo congresso como o primeiro presidente da América. De acordo com Magnoli, o presidente Thomas

¹ Informações fornecidas pelo historiador Demétrio Magnoli no curso Neocons realizado pelo jornal *Folha de S. Paulo* nos dias 6,7 e 8 de dezembro de 2005.

Jefferson, que governou entre 1801 e 1809 foi o primeiro a mandar soldados para batalhas fora dos EUA, para combater a barbárie dos corsários que invadiam a costa norte da África. Para o historiador, o ideal norte-americano era abolir a guerra no mundo, fazendo uma guerra para acabar com todas as outras.

Esta foi a primeira guerra dos EUA contra o terror, porque os piratas faziam reféns, os ameaçavam de escravidão e os obrigavam a se converterem aos islamismo. Thomas Jefferson decidiu criar uma marinha americana com o objetivo de combater os piratas. Ele dizia que a guerra era abominável, mas que havia guerras justas que serviriam para acabar com todas as guerras. [...] A oscilação entre o isolacionismo e o cruzadismo é, até hoje, uma marca da política externa dos EUA. Com a idéia de expandir a área de liberdade, os Estados Unidos passaram a se considerar a ‘nova Jerusalém’. (MAGNOLI, 2005)

No início do século XIX ocorreu a expansão territorial para o Oeste, em terras que eram ocupadas pela população indígena. A chamada “Marcha para o Oeste”, que colocou em prática o ideal expansionista da liberdade, realizou-se através da compra e da anexação de territórios, o que provocou uma guerra entre norte-americanos e índios, e o genocídio das populações nativas. Os EUA atingiram dimensões continentais, “começaram a intervir na América Latina, com a política de Roosevelt, com, por exemplo, a criação do Canal do Panamá, em 1904, sempre defendendo o argumento da defesa da liberdade” (MAGNOLI, 2005). O expansionismo norte-americano foi responsável, ainda, pela Segunda Guerra de Independência (1812-1814), que despertou o sentimento nacionalista norte-americano, expresso na “Doutrina Monroe” (com o slogan “a América para os americanos”).

Em 1917, os Estados Unidos entraram na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), que pôs em xeque a sua autonomia. O país reforçou o bloco liderado por Inglaterra e França. Depois desse conflito, os Estados Unidos alcançaram a invejável posição de maior credor mundial, responsável por mais de um terço da produção industrial, mas ainda não eram a potência econômica do mundo. Depois, com a criação da Liga das Nações em 1919, com

grande empenho do presidente americano Woodrow Wilson, “os Estados Unidos optaram pela estabilidade baseada em um governo mundial, não adotaram uma política externa realista, como era a européia, mas revolucionária.” (MAGNOLI, 2005).

Anos mais tarde, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os Estados Unidos, em posição de neutralidade, ajudaram materialmente a Inglaterra, enquanto crescia a tensão com o Japão. De acordo com Magnoli, os líderes americanos resgataram o esquema da Primeira Guerra por considerarem que a Alemanha se tornara uma ameaça ao equilíbrio do poder. Em dezembro de 1941, os japoneses ambicionando a plena hegemonia no Pacífico oriental atacaram Pearl Harbor, a maior base naval norte-americana no Pacífico sul. O ataque destruiu grande parte da frota americana na região, e os Estados Unidos declararam guerra ao Japão. Em 6 de agosto de 1945, já dominando o conflito no Pacífico, os norte-americanos lançaram a bomba atômica sobre a cidade de Hiroxima e, três dias depois, outra sobre Nagasáqui, levando à rendição incondicional do Japão. Após a Segunda Guerra teve início uma terceira, a Guerra Fria, em que Estados Unidos disputavam o poderio mundial com a União Soviética comunista. Neste período os americanos começam a intervir no oriente. O historiador afirma que foi depois de 1965 que os Estados Unidos se tornaram uma grande potência, “com a defesa do argumento de que tinham a missão divina de revolucionar o mundo e de garantir a liberdade.” (MAGNOLI, 2005).

No final do século XIX os EUA já haviam se transformado na primeira potência mundial. A consolidação do capitalismo favoreceu também o expansionismo imperialista norte-americano no restante do continente americano e na Ásia. Visando preservar seus interesses econômicos e políticos, os Estados Unidos garantiram a si o direito de usar a força para intervir nos países do continente, na posição de “salvadores da América”, como fizeram em Cuba, no Panamá e na Nicarágua. Hoje, esse poderio é mundial. No mundo contemporâneo, os Estados Unidos configuram-se a única superpotência militar e econômica,

com influência geopolítica em nível global. Pelos efeitos de sua influência cultural e política, são vistos como imperialistas. Desde o início da formação política deste país, com dois partidos regionais, o republicano, do norte e anti-escravocata, e o democrata, do sul, aristocrata e escravista, que tiveram origem na Guerra Civil (de 1861 a 1865), nunca houve um partido popular. Ambos eram frações das diferentes classes dominantes, com teorias elaboradas por intelectuais. Hoje, os EUA são comandados por políticos neoconservadores, do partido republicano, apoiados por intelectuais originários do movimento sionista de esquerda (socialistas judeus), que sempre desejaram levar a vida industrial para o Oriente.

Os EUA nunca foram realistas com relação à política internacional, como foi a Europa, não foram cínicos, foram ideológicos e queriam um governo mundial. Todo o discurso político é baseado na liberdade e nos valores morais. [...] Até hoje são partidários da idéia de que a política tem uma missão moral transcendente, de que o mercado não é tudo, que deve ser unido aos objetivos morais. O grande objetivo político dos neoconservadores é dissolver as contradições entre razão, que encaram como o bem-estar, e a revelação, que é o Direito Natural [igualdade e liberdade]. Para defender o Direito Natural, são contrários às tiranias de esquerda e de direita e, por isso, as combatem (MAGNOLI, 2005, informação oral).

Para o historiador, toda questão política sempre foi vista pelos Estados Unidos pela dualidade entre o bem e o mal. Magnoli (2005) lembra que Paul Wolfowitz, atual presidente do Banco Mundial e neoconservador, escreveu uma tese nos anos 70 na qual defendia que o papel dos EUA no século XXI seria combater o Iraque. Ele afirma que Wolfowitz é o arquiteto da doutrina militar adotada pelo presidente Bush.

No livro *Império* (2002), Hardt e Negri explicam que o conceito de “segurança nacional” da doutrina Bush implica a eliminação de ameaças potenciais, antes que elas possam ameaçar os cidadãos americanos e o patrimônio dos EUA. Assim, os Estados Unidos se colocam no direito e no dever de agir em qualquer parte do mundo, com ou sem o aval da ONU (Organização das Nações Unidas), inclusive de forma preventiva, para exercer o poder

de justiça e de polícia. Este país utiliza a nova doutrina da guerra preventiva, com base em sua superioridade econômica e militar.

Em 20 de março de 2003, os EUA lançaram a operação “choque e pavor”, que deu início à invasão americana ao Iraque. A teoria do “choque e pavor” propunha a utilização do arsenal americano de armas de precisão e bombardeios aéreos para acabar com a vontade do oponente de resistir. A invasão do Iraque foi um ato unilateral dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha que feriu a Carta da Organização das Nações Unidas e a autodeterminação dos povos. Mesmo com a condenação da guerra no mundo todo, os aliados alegaram que o princípio da autodeterminação dos povos não poderia ser usado para proteger regimes que violam sistematicamente os direitos humanos e que esmagam minorias étnicas e religiosas.

Para Hardt e Negri, o desenvolvimento do capitalismo e o fim da URSS deram lugar a uma “nova ordem mundial globalizada”.

O império está se materializando diante de nossos olhos. Nas últimas décadas, a começar pelo período em que regimes coloniais eram derrubados, e depois em ritmo mais veloz quando as barreiras soviéticas ao mercado do capitalismo mundial finalmente caíram, vimos testemunhando uma globalização irresistível de trocas econômicas e culturais [...]. O império é a substância política que, de fato, regula essas permutas globais, o poder supremo que governa o mundo. [...] A transição para o Império surge do crepúsculo da soberania moderna. Em contraste com o imperialismo, o Império não estabelece um centro territorial de poder, nem se baseia em fronteiras ou barreiras fixas. É um aparelho de descentralização e desterritorialização do geral que incorpora gradualmente o mundo inteiro dentro de suas fronteiras abertas e em expansão. O Império administra entidades híbridas, hierárquicas flexíveis e permutas plurais por meio de estruturas de comando reguladoras. [...] De fato, os Estados Unidos ocupam posição privilegiada no Império, e esse privilégio decorre não de semelhanças com antigas potências imperialistas européias, mas de diferenças em relação a elas. (HARDT; NEGRI, 2002, p. 11 - 14).

No livro *Perspectivas* (2005), Emir Sader trata da agressividade do governo dos EUA e de sua relação com corporações petrolíferas, de armamentos e outras. Para ele, as guerras deste país contra o Afeganistão e o Iraque caracterizaram uma nova modalidade de imperialismo, que passa a se valer da ocupação territorial.

2.2 IRAQUE

O Iraque tem uma das histórias mais longas dentre os países do mundo, uma vez que onde hoje ele se localiza, foram feitos os primeiros registros históricos, com o surgimento da escrita. Tais registros remontam a mais de cinco mil anos, época em que nem mesmo existia boa parte do território do atual vizinho do sul, o Kuwait.

Parte considerável da história dessa região está contida na Bíblia, cujos primeiros livros são adaptações de contos e de lendas mesopotâmicos, a exemplo do primeiro, “Gênesis” que já localiza o próprio paraíso terrestre na localidade ainda hoje denominada “Éden”.

De modo sucinto, pode-se dizer que a história do Iraque se inicia com o estabelecimento dos caldeus no sul da Mesopotâmia, sobre população já aculturada de sumérios e acádios, e subsequente invasão pelos assírios vindos do noroeste, que lhes cooptaram a adiantada civilização, em especial a escrita, a partir da qual realizaram registros. No período antigo, o território era coberto por cidades-estado, muitas das quais unidas em alianças temporárias e ocasionais. Mais adiante, a demorada hegemonia de algumas destas cidades e o acúmulo de poder bélico de alguns reinos resultaram na ampliação de territórios organizados sob impérios dinásticos. Foi no período mais brilhante da civilização mesopotâmica que se fizeram as leis escritas mais antigas, como o Código de Hamurabi (criado, estima-se, em 1.700 a. C) no qual, em três escritas diferentes, foram gravadas as leis então vigentes, que tinham origem mais antiga, como a Lei de Talião, cujo conhecido preceito “olho por olho, dente por dente” era a realidade jurídica e legal.

O último e poderoso império babilônico acabou derrotado pelos persas, cuja civilização e império ali se iniciou (novamente é a Bíblia que registra a libertação dos judeus e o retorno à Palestina). A região saiu do domínio persa com a conquista do macedônico Alexandre e subsequente incorporação ao Império Selêucida. Em 565, a região foi

conquistada pelos vizinhos árabes que, em 762, estabeleceram o Califado de Bagdá. Num período seguinte, a região foi incorporada ao império Turco Otomano (1534) que a perdeu para o Império Britânico mais adiante, na Primeira Guerra Mundial (1914-1918). À exploração colonial britânica seguiu-se a independência em 1932, com o estabelecimento da monarquia, que foi derrubada em 1958.

A república do Iraque (1958-1979) teve início em 14 de julho de 1958, quando o exército iraquiano praticou um golpe de estado. O rei Faisal II, de 23 anos de idade, foi assassinado, juntamente com a sua família. O primeiro-ministro Nuri as-Said, que era tido como uma figura-símbolo da ligação ao Reino Unido, foi linchado nas ruas de Bagdá. A união com a Jordânia foi rompida, a monarquia derrubada, e foi fundada a República do Iraque. Depois do golpe de estado de 1958 foram realizadas reformas sociais e democráticas, como a aprovação de uma nova Constituição, a formação de partidos e de sindicatos. Na luta pelo poder que se seguiu, entre os golpistas, Qasim levou a melhor sobre Arif, que foi preso. Qasim passou a governar de forma cada vez mais autoritária e, em pouco tempo, tinha-se estabelecido um regime militar autoritário.

Na política internacional, o Iraque se distanciou neste período das nações ocidentais e passou a ser apoiado pela União Soviética. Nos anos 60 houve vários golpes de Estado até que, em 1968, o partido Baath (que foi fundado por Michel Aflaq, na Síria) chegou ao poder, e Ahmed Hasan al-Bakr se tornou presidente. Em junho de 1972, a companhia petrolífera nacional iraquiana, até então de propriedade de consórcios britânicos, franceses e americanos, foi nacionalizada. O regime ditatorial de Saddam Hussein começou em 15 de julho de 1979, quando Ahmed Hasan Al-Bakr se demitiu e Hussein tomou o poder.

Em setembro de 1980 teve início a guerra Irã-Iraque, que só acabou quase oito anos depois, com um saldo de duzentos e cinquenta mil mortos do lado iraquiano. Terminada a guerra, Saddam Hussein estava fortemente endividado e um de seus principais credores era o

vizinho Kuwait. Hussein decidiu invadir o país vizinho, o que motivou a formação de uma coligação de nações para a primeira guerra do Golfo, em 1991. As forças iraquianas no Kuwait foram derrotadas facilmente pelo país vizinho, que contou com o apoio dos Estados Unidos.

De 1991 a 2003 o Iraque viveu um período de sanções econômicas, impostas pelo Conselho de Segurança da ONU, pelo embargo comercial, excluídos materiais médicos, alimentação e outros itens de necessidade humanitária. De acordo com estimativas desta organização, cerca de um milhão de crianças iraquianas morreram durante o embargo, devido à má nutrição e à falta de medicamentos.

Em 2003, norte-americanos e ingleses com o concurso de outros países, sob alegação de que o Iraque detivesse armas de destruição em massa, invadiram este país sem o aval da Organização das Nações Unidas. A decisão de invadir o Iraque teve declarada oposição de muitas nações entre as quais, e sobretudo, a França, cuja empresa estatal Total-Fina-Elf detinha contratos com Saddam Hussein para a exploração dos campos de petróleo de Majnoon e Nahr Umar, os quais representavam cerca de 25% do petróleo do Iraque, para além de ser credor de uma larga dívida do ditador. A França era, antes da invasão do Iraque, também um dos principais parceiros comerciais daquele país, sendo responsável por cerca de 13% das importações de armas entre 1981 e 2001, de acordo com o Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI).

A Rússia (na época União Soviética) era o maior fornecedor de armas para Saddam Hussein e, entre 1981 e 2001, forneceu cerca de 50% do armamento daquele país, o que levou o Iraque a uma dívida de quase oito bilhões de dólares com a Rússia. O segundo maior fornecedor de armas para o Iraque no período entre 1981 e 2000 foi a China, produtora de 18% do equipamento militar. A empresa petrolífera nacional chinesa, associada a outro consórcio chinês, negociava com Hussein a atribuição da exploração petrolífera no campo de

Al Ahdab, no sul do país. França, China e Rússia se opuseram à guerra de 2003, juntamente com a Alemanha. Grande parte da infra-estrutura do Iraque foi destruída na guerra de 2003 e foram contabilizados cerca de cento e quarenta mil mortos iraquianos, entre militares e civis. Em 28 de junho de 2004, a ocupação anglo-americana terminou oficialmente e o poder foi transferido para um novo governo, liderado pelo primeiro-ministro Iyad Allawi, apesar de, em dezembro de 2004, as tropas dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha e do Japão ainda ocuparem o território iraquiano.

As armas de destruição em massa que supostamente existiriam no Iraque jamais foram encontradas pelas forças de ocupação, e as ligações de Hussein com grupos terroristas islamitas nunca foram comprovadas. Na verdade, os grupos terroristas islamitas opunham-se a Saddam, pois o Iraque era um dos países mais laicos da região. A maior parte dos contratos de reconstrução do Iraque foram obtidos por empresas norte-americanas. As hostilidades continuam até hoje sob a forma de guerrilha de resistência e de terrorismo, e os chamados insurgentes atacam diariamente as forças de ocupação. Existem vários grupos diferentes de insurgentes: há os terroristas islâmicos, que pretendem desestabilizar a situação, muitos deles estrangeiros infiltrados no país, e que, por sua vez, combatem outros estrangeiros, os soldados americanos. Houve ataques de elementos da etnia sunita e também de grupos radicais entre os xiitas do sul do país. Saddam Hussein foi capturado em 13 de dezembro de 2003, quase oito meses após a queda de seu regime no Iraque, ocasionada pela entrada de tropas norte-americanas na capital iraquiana e pela fuga de seu exército. Foi a julgamento, pela primeira vez em novembro de 2005, no Tribunal Especial Iraquiano, montado pelos EUA, para responder pelo massacre de 143 xiitas em 1982, em Dujail (norte de Bagdá). Foi levado a julgamento ainda mais algumas vezes, sob a acusação de crimes como repressão a uma revolta xiita (1991), o ataque com gases contra curdos (1988) e pela campanha contra aldeias curdas, que deixou 180 mil mortos.

3. PERFIL DAS PUBLICAÇÕES

Nesta sessão é apresentado um breve histórico das publicações das quais foram extraídos os textos jornalísticos que compuseram o *corpus* que serviu de base para as análises apresentadas nesta dissertação.

3.1 REVISTA VEJA

Foi criada em 1968, nos moldes da revista americana *Time*, e pertence à Editora Abril, que é presidida por Roberto Civita. Seu objetivo inicial era o de ir além de uma mera resenha semanal, oferecendo ao leitor coberturas exclusivas e interpretação dos fatos, mostrando o contexto em que os acontecimentos se deram e seus possíveis desdobramentos. Atualmente, possui circulação total de 1.125.028 exemplares, o que, de acordo com a própria revista, representa mais de quatro milhões de leitores. Está entre as quatro maiores revistas semanais de informação do mundo (com 1.098.000 exemplares vendidos em 2003, conforme dados do anuário da FIPP/EUA), ficando atrás apenas de *Time*, *Newsweek* e *U.S. News*.

Perfil do leitor: 70% dos leitores pertencem às classes A e B, 21% à classe C e 9% às classes D e E. No total, 37% destes leitores têm nível superior, 46% têm entre 20 e 39 anos e 48% são homens, o que a revista especifica como “leitores com alto poder de decisão e compra”.

3.2 REVISTA ISTO É

Foi criada em maio de 1976, está entre as dez mais lidas no mundo e se intitula a revista de informação “mais combativa, arrojada e independente do país”. Seu slogan é: “ousada, inquieta, ética”, e afirma ter “uma mistura de credibilidade e transparência que a torna única, com importância fundamental na história do Brasil e do jornalismo nacional”. Comprometida com a ética e com o jornalismo investigativo, a revista também se orgulha por ter introduzido no país uma direção de arte que privilegia o dinamismo e a interatividade, além de uma cobertura mais ampla em assuntos como comportamento e tecnologia, sendo, por isso, “leitura obrigatória entre os formadores de opinião do país”. Tem tiragem (até agosto de 2005) de 431.140 exemplares, dos quais 84% são destinados a assinantes. Foi o primeiro semanário brasileiro a ter um site na Internet (www.istoe.com.br) e a disponibilizar gratuitamente quase 100% de seu conteúdo. Com dois anos de existência, o site recebe cerca de 400 mil visitas por mês.

Recebeu prêmios importantes, como o Esso, em 1998 (2 premiações), o Grande Prêmio Ayrton Senna de Jornalismo (2000), o Prêmio Fiat Allis de Jornalismo Econômico e Prêmio Esso de 2000 (2 premiações), além de Melhor Editor de Educação, pela seção de Educação (2001).

Perfil do leitor: 67% dos leitores pertencem às classes A e B, 24% dos leitores pertencem à classe C e 8% às classes D e E. Quanto aos rendimentos, 25% dos leitores recebem até cinco salários mínimos, e 28% recebem de 10 a 30 salários mínimos por mês. No total, 32% de seu público têm nível superior, 48% têm entre 20 e 39 anos e 54% são homens.

3.3 REVISTA ÉPOCA

Lançada em 1998, teve como inspiração o semanário alemão *Focus*. Pertence à Editora Globo, uma das empresas das Organizações Globo, do grupo Roberto Marinho. Sua característica principal é a prioridade por textos curtos, de fácil leitura, que contam com o apoio de gráficos, tabelas e info-gráficos. Atualmente possui tiragem nacional de 493 mil exemplares (dados de 2003), o que, segundo estimativas, significa atingir cerca de 5,3 milhões de leitores.

Perfil do Leitor: Conforme informações do Departamento de Publicidade de *Época* e da agência de publicidade Fallon, 52,8% de seus leitores pertencem às classes A e B, 35,5% à classe C e 11,7% às classes D e E. No total, 28% têm formação superior. Quanto à faixa etária, 26% dos leitores desta revista têm entre 25 e 34 anos, 10,2% têm de 20 a 24 anos, 22% têm mais de 45 anos e 21,9% têm entre 35 e 44 anos.

3.4. JORNAL FOLHA DE S. PAULO

Foi fundado em 19 de fevereiro de 1921, com o nome "Folha da Noite", criado por Olival Costa e Pedro Cunha. Noticiava com prioridade as deficiências dos serviços públicos. Lançou campanhas pelo voto secreto e apoiou o tenentismo e o Partido Democrático. Em 1962 passou a ser administrada por Octávio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho. Em 1983 foi o primeiro jornal da América do Sul a informatizar sua redação, com a instalação de terminais de computador para a redação e edição de textos e, no ano seguinte, assumiu a liderança na imprensa diária brasileira como o jornal de maior circulação do país, com vendagem média de 350 mil exemplares em dias úteis e de 430 mil aos domingos. O

crescimento foi calcado nos princípios editoriais do Projeto Folha: pluralismo, apartidarismo, jornalismo crítico e independência. Organizado em cadernos temáticos diários e dividido em suplementos, tem circulação nacional. Foi o primeiro veículo de comunicação do Brasil a adotar a figura do ombudsman (pessoa encarregada de observar e de criticar as lacunas da empresa, colocando-se no ponto de vista do público) e a oferecer conteúdo on-line a seus leitores.

Em 1991 foi o primeiro órgão da imprensa brasileira a pedir o impeachment do presidente Fernando Collor de Mello, que renunciou no ano seguinte, mesma época em que Octavio Frias de Oliveira passou a deter a totalidade do controle acionário da companhia. Em janeiro de 92, consolidou-se como o jornal com a maior circulação paga aos domingos (com média de 522.215 exemplares).

Em agosto de 1997, um novo projeto editorial foi apresentado, com reflexões sobre a atual situação do jornalismo e com uma manifestação das intenções para o futuro do jornal. O projeto propôs um jornalismo mais interpretativo, complexo, desestatizado e humano. De acordo com informações do site da empresa, “a Folha estabelece como premissa de sua linha editorial a busca por um jornalismo crítico, apartidário e pluralista”.

Perfil do leitor: De acordo com os Estudos Marplan de 2004, fornecidos pela agência de publicidade Fallon, 74% dos leitores pertencem às classes A e B, 19% pertencem à classe C e 57% são homens. 48% dos leitores do jornal têm entre 20 e 39 anos.

4 LÉXICO E VOCABULÁRIO

Ao contrário dos demais domínios da Lingüística, como a Fonologia, a Morfologia e a Sintaxe, o léxico é um sistema aberto e em constante expansão, o que o impossibilita de ser

apreendido e descrito em sua totalidade. Por ser considerado como a lista exaustiva de todas as lexias de um estado de língua natural, de acordo com Greimas e Courtès (1979, p. 255), o léxico se opõe a vocabulário, que é definido como a lista das palavras de um determinado *corpus*. Assim, define-se léxico como o acervo dos lexemas de uma língua, e vocabulário, como o conjunto das lexias registradas em um determinado contexto como, por exemplo, a obra de um autor ou o repertório de um falante.

Em *Dicionário de Lingüística*, Dubois *et alii* (2001p. 363 – 613) diferenciam léxico de vocabulário, dizendo que o primeiro corresponde às unidades da língua e, o segundo, à lista das unidades da fala ou das ocorrências que figuram em um determinado *corpus*, ou seja, o léxico está na língua e o vocabulário no discurso (fala).

Genouvrier e Peytard (1974, p. 279-280) definem o léxico como o conjunto de todas as palavras que estão à disposição dos falantes, em um dado momento, e que este pode “empregar e compreender”. Assim, o léxico individual é uma parte estruturada do léxico geral ou global da língua. Vocabulário é, para esses autores, o conjunto das palavras efetivamente empregadas pelos falantes, a atualização das palavras pertencentes ao léxico individual. Vocabulário e léxico estariam em relação de inclusão: o primeiro é uma parte, de dimensões variáveis, do léxico individual, que faz parte do léxico global. Os autores consideram que o léxico de uma pessoa é determinado pelas relações com os níveis sócio-culturais com os quais ela entra em contato. Léxico é “o conjunto das palavras e suas definições; [...] é o conjunto de séries abertas; o lugar das mais amplas variações, já que certas palavras caem em desuso e outras são criadas conforme as necessidades sócio-culturais do meio” (GENOUVRIER; PEYTARD, 1974, p. 293 e 297). Para os autores, vocabulário é o reflexo do léxico num enunciado dado, ou seja, as virtualidades do léxico se atualizam num vocabulário.

Para Mário Vilela (1994, p. 6), o léxico é a parte da língua que configura a realidade extralingüística e arquiva o saber lingüístico de uma comunidade, porque quase tudo, das

descobertas às crenças, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome, e esse nome faz parte do léxico. “O léxico é o repositório do saber lingüístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo”. Palmer (1979, p. 62) afirma que o vocabulário é um reflexo dos interesses da sociedade, e não da natureza primitiva da língua.

Faz-se necessária a definição da unidade básica de estudo da Lexicologia. Biderman (1978, p. 130-131) afirma que o sistema lingüístico é composto por unidades léxicas abstratas, chamadas de *lexemas*. A manifestação desses *lexemas* nos discursos é chamada de *lexia*, como já havia proposto Pottier (1992). Assim, o léxico é o acervo dos *lexemas* de uma língua, e vocabulário é o conjunto das *lexias* empregadas em uma obra ou em um discurso. Pottier distingue três tipos de *lexias*: simples (cavalo), composta (cavalo-vapor) e complexa (cavalo marinho). Para essa classificação, o autor toma como base os critérios: a) separabilidade (elementos de uma seqüência apresentam coesão mútua), e b) valor funcional (é uma *lexia* se o todo exercer função de um elemento). “[...] uma *lexia* é um condensado de sentido” (POTTIER, 1992, p. 38). Palavra é uma unidade construída, intermediária entre o morfema, unidade de construção, e a *lexia*, unidade “da memória” e de funcionamento. A diferenciação entre os conceitos *lexema* e *lexia* dissipam as imprecisões geradas pelos termos palavra e vocábulo, que não encontram definições claras, objetivas e consensuais entre os estudiosos.

O Léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades. [...] o universo semântico se estrutura em torno de dois pólos opostos: o indivíduo e a sociedade. Dessa tensão em movimento se origina o Léxico. (BIDERMAN, 1978, p. 139)

A Lexicologia, definida tradicionalmente como o estudo científico do léxico, por muito tempo foi a única a se ocupar dos problemas da significação em Lingüística, gerando os métodos de análise sêmica da Semântica Lexical, teoria empregada na análise aqui apresentada. Vilela (1994, p. 9-10) reconhece a estreita ligação entre a Lexicologia e a

Semântica, pois afirma que a primeira estuda as palavras de uma língua em todos os seus aspectos: Etimologia, formação de palavras, empréstimos, Morfologia, Fonologia, Sintaxe e Semântica, com a qual “tem uma ligação especial”. Essa ligação é explicada pelo autor, que entende e analisa a Lexicologia como Semântica Lexical, ocupando-se do conteúdo dos lexemas e colocando em perspectiva as estruturas paradigmáticas e sintagmáticas, as relações semânticas tradicionais (sinonímia, antonímia e hiponímia) e enquadrando, de forma genérica, o léxico existente em seus parâmetros históricos. Os objetos da Lexicologia são a Semântica Lexical e a Morfologia Lexical: a primeira enfoca o conteúdo e, a segunda, a forma. A Lexicologia tem como função “fornecer os pressupostos teóricos e traçar as grandes linhas que coordenam o léxico de uma língua” (VILELA, 1994, p. 10).

Biderman (1978, p. 16) define como objetivos da Lexicologia a análise da palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico. A autora tem posição semelhante à de Vilela quanto à relação entre Lexicologia e Semântica e afirma que, ao ocupar-se do léxico e da palavra, a Lexicologia tem de considerar a dimensão significativa, fazendo fronteira com a Semântica.

Quanto à Semântica Lexical, Vilela (1994) a define como o estudo do conteúdo dos lexemas e dos grupos de palavras equivalentes de lexemas. Ele reconhece que o léxico não é um sistema de exceções e afirma que este inventário apresenta estruturas lexicais e determinadas relações que lhe conferem sistematicidade. O autor propõe que a análise sêmica, originária dos princípios da Escola de Praga, é uma proposta válida para a análise lexical. Nesta análise, “os traços sêmicos são as unidades teóricas constituídas a partir da comparação de lexemas” (VILELA, 1994, p. 25).

5 REVENDO ALGUNS PRINCÍPIOS SEMÂNTICOS

A Semântica foi, por muito tempo, um dos campos mais controvertidos da Lingüística, uma vez que a noção básica da área, a de significado, é entendida e empregada de inúmeras maneiras e nos mais distintos contextos. No *Dicionário Aurélio* (2004), significado corresponde a “o que as coisas querem dizer” ou, em lingüística, a “aquilo que uma língua expressa acerca do mundo em que vivemos ou acerca de um mundo possível”.

Em seu *Dicionário de Semiótica*, Greimas e Courtès (1979, p. 395) definem a semântica como um dos componentes da teoria da linguagem, ora oposta ao par fonética-fonologia, ora à sintaxe. A Semântica Lexical, segundo estes autores, surgiu na primeira metade do século XX, com Trier, que conservava a palavra como base de análise. Foi a partir dos anos 60, com a utilização do modelo fonológico, que surgiu a Semântica Estrutural. Esta considera o plano da expressão de uma língua como sendo constituído de desvios diferenciais, e postula que a esses desvios do significante devem corresponder desvios do significado (interpretados como traços distintivos da significação). Essa abordagem encontra um meio de analisar as unidades léxicas decompondo-as em unidades subjacentes, menores (chamadas por vezes mínimas), que são os traços semânticos ou semas. Os autores citam como representantes dessa teoria B. Pottier, A. J. Greimas, Katz e Fodor, e consideram ser a Semântica Estrutural uma etapa decisiva, pois sua experiência metodológica “tornou possível nova reflexão sobre a teoria da significação e abriu caminho à semiótica” (GREIMAS; COURTÈS, 1979, p. 395).

Uma das definições para a Semântica é ciência de “como as pessoas usam as palavras e como as palavras afetam aqueles que as usam” (RECTOR; YUNES, 1980, p. 11). A Semântica estuda a função e a natureza das palavras no processo de comunicação lingüística, com atenção ao conteúdo dessa comunicação. Para George Mounin (1963), a Semântica é a parte da lingüística “onde se passa mais visivelmente das estruturas de língua fechada para as

estruturas sempre abertas da experiência” (1963, p. 138 apud BALDINGER, 1970, p. 46), isto é, passa-se do lingüístico ao extra-lingüístico.

Ullmann (1977, p. 140) considera significado como um dos termos mais ambíguos da teoria da linguagem, e o define como “relação recíproca e reversível entre o nome e seu significado”, isto é, como a relação de evocação recíproca que une o significante e o significado, relação que une um conceito e uma forma. Wittgenstein (1953, p. 20; p. 125, apud ULLMANN, 1977, p. 135) afirma que, nas palavras, independente da maneira como são usadas, não há mais nada que se possa chamar significação. Ele defende a teoria do uso, na qual o significado de uma palavra é o seu uso numa linguagem. Austin (1962, s.p. apud RECTOR e YUNES, 1980, p 55) entende a significação em termos de comunicação humana e leva em consideração a “intenção significativa dos falantes e das convenções que permitem torná-la inteligível e comunicável a outrem”. Para este autor, a significação está ao nível do discurso, onde o sentido e a referência são determinados pelas intenções do falante.

O objeto de estudo da Semântica também é questionado por Ducrot (1977, p. 116 e 117), para quem a Semântica não tem de prever os significados dos enunciados tomados independentes de sua situação de emprego. Em sua teoria, cabe à descrição semântica o conjunto de conhecimentos que “permitem prever o sentido que recebe efetivamente cada enunciado da língua em cada uma das situações em que é empregado”. Ducrot propõe que Semântica Lingüística seja um estudo estrutural da enunciação, fundada no aspecto ilocucional dos atos que são nela realizados, e advoga em favor da inclusão de uma referência à fala na descrição da enunciação.

Horst Geckeler (1976, p. 92, tradução nossa) trata das dificuldades da determinação do significado lingüístico e o define como a soma dos contextos em que uma palavra aparece, isto é, suas distribuições lingüísticas. Ele observa que, para grande parte dos estudiosos, as classificações acerca do significado léxico não diferenciam o significado do sistema do

significado do discurso. Para Geckeler, significação ou significado léxico são “puras relações no plano do conteúdo como relações de significados entre si”.

Coseriu contraria os outros autores, no artigo *Das Phänomen der Sprache und das Daseinsverständnis des Heutigen Menschen*, de 1967, em que fala sobre as diferenças entre significado e designação, define a significação como um fato da língua e não do discurso e afirma que este tem função lingüística conceitual.

Para explicar o significado, Greimas e Courtès (1979, p. 420) remetem à teoria de tradição saussureana, que trata o significado como um dos dois planos da linguagem, sendo que o outro é o significante, cuja reunião no ato da linguagem constitui signos portadores de significação. Quem também partiu da visão de Saussure sobre a ligação indissolúvel entre significado e significante para a constituição do signo lingüístico foi Hjelmslev (1975, p. 53), que adotou a dicotomia significado/significante, transportando-a aos planos da linguagem, dando ao significante a denominação de plano da expressão e ao significado, a de plano do conteúdo.

As dificuldades da análise semântica, originadas pela ambigüidade de sua terminologia, também foram estudadas por Lyons (1974). Para este autor, tal ambigüidade está presente desde a concepção de “palavra”, por isso, ele adota o termo lexema, de sentido mais abstrato, como a forma mínima para a análise semântica.

Uma das primeiras teorias sobre a estruturação do significado foi desenvolvida por Ogden e Richards que, por meio de um triângulo, estruturaram os três componentes do significado, já propostos anteriormente por Saussure: Sentido (pensamento ou referência), Símbolo (nome) e Referente (coisa). Objeto de muitos outros estudos, o triângulo de Ogden e Richards continua sendo a base para os estudos da Semântica.

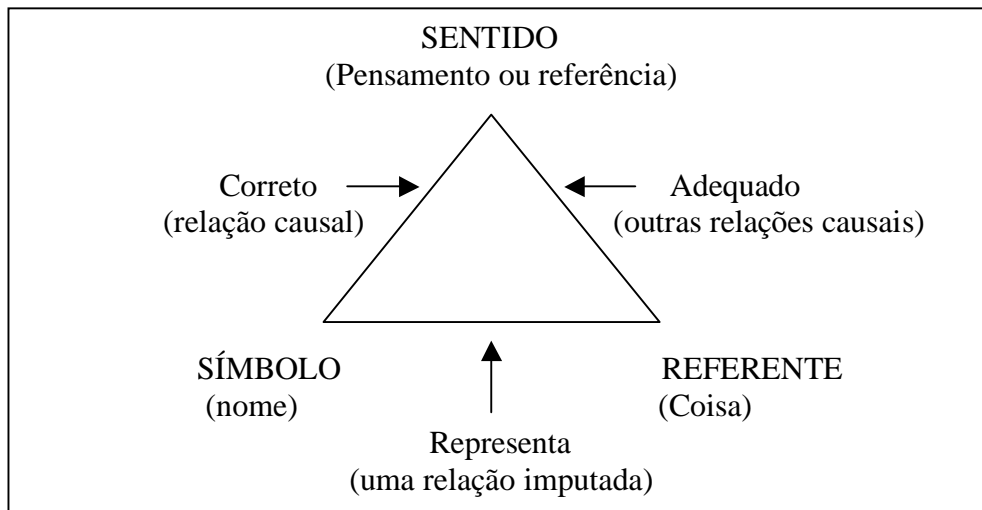


Figura 1 – O triângulo de Ogden e Richards, segundo Ullmann (1977)

Osgood (1957, p. 9 apud ULLMANN, 1977, p. 135) lembra que outro importante componente do significado é a medição das conotações emotivas. Estas se encontram, em um aprofundamento do esquema de Ogden e Richards, na relação entre o Referente e a Realidade. É nessa relação em que está a percepção, para Greimas, a interpretação, para Coseriu e, o ponto de vista, para Saussure. Biderman (1998, p. 92) trata da capacidade humana de associar palavras a conceitos, em que cada indivíduo pode conceptualizar dados do meio ambiente de maneira pessoal. “[...] o homem desenvolveu uma estratégia engenhosa ao associar palavras a conceitos que simbolizam os referentes.”

Esquecido por muito tempo pela Semântica, que se detinha ao lado esquerdo do triângulo proposto inicialmente por Ogden e Richards, o **referente** é, para este trabalho, fundamental. No livro *Kaspar Hauser ou a Fabricação da Realidade* (1985), Izidoro Blikstein retoma os conceitos de Saussure sobre a teoria do significado e prova a importância do referente para a análise semântica. Ele diz que o referente é a transformação da realidade operada pela percepção/cognição, é produto da dimensão perceptiva/cognitiva do homem, é “cognoscível” e tem “vinculação direta com a significação lingüística”, pois não é, mas representa a realidade extralingüística. Para este autor, o referente tem função semiológica no

processo de significação, assim, a gênese do significado está no referente, “que condiciona o evento semântico” (BLIKSTEIN, 1985, p. 46 et seq.). A estruturação do conteúdo do signo vai do significante ao conceito (representações em triângulos e trapézios). Blikstein cita Umberto Eco, para quem o significado é uma unidade cultural, enquanto o significante é a experiência verbal, o objeto real, um campo impreciso. O significado como unidade cultural, é uma experiência anterior à percepção e à articulação lingüística. Se a unidade cultural (significado) pertence a uma realidade extralingüística, está relacionada ao referente, que mesmo extralingüístico, não está fora da lingüística, mas está antes da linguagem, no evento cognitivo (percepção).

Entre as etapas da fabricação do referente, além da realidade, dos estímulos e da prática social (*práxis*), estão a percepção, o ponto de vista e a interpretação, que englobam a captação da realidade e também o conhecimento, por ação da prática social, que age como um filtro. Para Blikstein, uma descrição semântica deveria abranger esses elementos da *práxis* que modelam a percepção e geram a significação do mundo. Ele diz que há traços discriminatórios e seletivos, ideológicos, que desencadeiam isotopias da cultura de uma comunidade, que funcionam como “óculos sociais” (expressão criada por Adam Schaff) e definem os padrões perceptivos. “O referente é fabricado pelos estereótipos, finge ser real, mas é o real ‘fabricado’” (BLIKSTEIN, 1985, p. 61). Para Biderman (1998, p. 117), “[...] o conceito [significado] é tributário de uma realidade que o antecede e precede, realidade essa que nossa percepção/cognição percebe e interpreta, criando o *objeto mental* ou *unidade cultural* ao qual atribuímos um nome, isto é, a palavra ou significante”.

Este trabalho utiliza os fundamentos da Semântica Estrutural em sua análise, e considera também os aspectos cognitivos, que são indissociáveis do processo de percepção e compreensão da realidade.

Da Semântica Estrutural, parte-se dos trabalhos de Ullmann (1977), que contribuiu para a descrição semântica e para o desenvolvimento das noções de sinonímia e ambigüidade, e colaborou para fazer despertar o interesse sobre os fatores lógicos e, principalmente, emotivos do significado. Ao comprovar que em todas as línguas existem palavras motivadas e uma grande maioria de palavras arbitrárias (opacas), Ullmann afirma que o significado não provém em todos os casos de uma correspondência natural entre som e sentido, mas da tradição, da convenção, do contrato firmado entre os indivíduos de uma sociedade. Independentemente da motivação, a percepção sonora das unidades não é descartada pelo autor: “A expressividade de certas combinações sonoras pode influenciar um escritor na escolha dos nomes para suas personagens” (ULLMANN, 1977, p. 189).

A importância do trabalho de Ullmann para este estudo vai mais além, nas observações do autor sobre a motivação semântica que resulta no uso do sentido figurado. Para ele, o caráter vago e a imprecisão das palavras desencadeiam grande parte dos fatores emotivos que constituem a significação. A falta de precisão das palavras também é devida às mudanças de aplicação (um fator gerador da ambigüidade) e à falta de fronteiras bem definidas no mundo não-lingüístico. Ao tratar das tonalidades emotivas, Ullmann afirma que a língua não é apenas um veículo de comunicação, mas é também um meio de despertar emoções e de as fazer surgir nos outros.

Em *Lingüística e Comunicação*, Roman Jakobson (1971, p. 122-123), afirma que a linguagem deve ser estudada em toda a variedade de suas funções e que no processo lingüístico do ato de comunicação verbal há seis fatores envolvidos: remetente (emissor), destinatário (receptor), mensagem, código, contexto e canal (contato entre o emissor e o receptor). Cada um desses fatores determina uma função da linguagem e “a estrutura verbal de uma mensagem depende basicamente da função predominante”. As funções seriam as formas pelas quais a linguagem se reveste de acordo com a intenção da mensagem que se quer

transmitir. Ele foi o primeiro a inter-relacionar as funções da linguagem e os elementos de comunicação: Função Referencial (denotativa ou cognitiva), que se relaciona ao referente/contexto; Função Emotiva ou Expressiva, centrada no remetente (“visa a expressão direta da atitude de quem fala àquilo que está falando”); Função Conativa, com ênfase no destinatário; Função Fática, focada no canal; Função Metalingüística, com foco no código; e Função Poética, com pendor para a mensagem, que o autor define como a “função dominante da comunicação verbal, é constituinte de todas as outras atividades verbais. [...] a função poética projeta o princípio da equivalência do eixo da seleção sobre o eixo da combinação” (JAKOBSON, 1971, p. 122-130). Isso explica a importância de ambos os eixos na produção da mensagem para que esta seja decodificada e entendida pelo receptor da forma que se espera que ele a compreenda. Para exemplificar a importância da função poética, Jakobson analisa a forma como Shakespeare maneja as categorias e construções gramaticais no prefácio de Antônio na oração fúnebre de César. Ele observa que aquele autor transfere o adjetivo “ambicioso” do agente para a ação, o traz como substantivo abstrato (“ambição”), converte-o em sujeito de uma construção passiva concreta e, depois, em atributo de uma seqüência interrogativa. Desta forma, segundo Jakobson, Shakespeare dá força dramática ao texto. Com este exemplo, Jakobson sugere uma reavaliação dos discursos e de todos os seus componentes, inclusive dos ornamentos retóricos, como os adjetivos. Para Biderman (1978, p. 33), a função poética da linguagem, muitas vezes, cria um impacto no leitor, que gera “um universo semântico particular de significação”.

O uso simbólico das palavras é a enunciação, o registro, o apoio, a organização e a comunicação. O uso emotivo das palavras é uma questão mais simples, é o uso das palavras para exprimir ou excitar sentimentos e atitudes. (OGDEN; RICHARDS, 1936, p. 149 apud ULLMANN, 1977, p. 266)

Ullmann (1977) resume o significado em quatro aspectos: sentido, tom, sentimento e intenção, e trata das fontes de tonalidades emotivas, dos artifícios emotivos e da perda do

significado emotivo. Ainda para a definição do objeto da Semântica Estrutural, este autor analisa a teoria do Campo Associativo das palavras, e considera as redes de associações propostas por Saussure e também por Bally, em *L'Arbitraire du Signe* (1940). As associações incluem semelhança, contigüidade, sentidos e nomes, e geram campos abertos, de associações subjetivas, como a linguagem figurada: metáforas, comparações, provérbios e idiomatismos, o que vai ao encontro do princípio da equivalência dos eixos da seleção e da combinação, proposto por Jakobson.

É por meio dos campos associativos, geradores das mudanças semânticas, que se chega às esferas conceituais. Trier (1932, p. 625-35 apud ULLMANN, 1977, p. 508) entende os campos como setores estreitamente entrelaçados do vocabulário, em que cada esfera participante está dividida, classificada e organizada de modo que cada elemento contribui para delimitar os seus vizinhos e é por eles delimitado. Para Ullmann, a teoria dos campos conseguiu introduzir um método verdadeiramente estrutural na Semântica, pois permite a formulação de novos problemas e o estudo da influência da linguagem no pensamento. Assim, o Campo Semântico não reflete apenas idéias, valores, perspectivas da sociedade, mas também os cristaliza e perpetua e, a isso, ele chama de experiência de “visão de mundo” (ULLMANN, 1977, p. 522-523).

Baldinger (1970) percebe a linguagem como a transposição da realidade, que só pode ser entendida quando comparada em relação com a mesma realidade. Com isso, ele insere na Lingüística a realidade extralingüística, o conceito de objeto mental. Neste ponto, é válido citar a visão de Hjelmslev (1975, p. 133), para quem a teoria lingüística deve reconhecer não apenas “o sistema lingüístico em seu esquema e seu uso, em sua totalidade assim como em seus detalhes, mas também o homem e a sociedade humana presentes na linguagem e através dela, a atingir o domínio do saber humano em sua totalidade”.

Para Coseriu, a significação é uma criação da experiência humana e as línguas são redes de significação que organizam de diferentes maneiras o mundo experimentado. Linguagem não é constatação, mas delimitação de fronteiras do que foi vivido. “A criação lingüística **pode** mas não **tem** que corresponder a delimitações objetivas” (COSERIU, 1967, p. 11-28 apud BALDINGER, 1970, p. 51, tradução nossa).

Quanto à consideração da cognição para a análise, Baldinger (1970) fala sobre o entremundo conceitual. Ele diz que o mundo é visto através das lentes da própria língua, por meio de conceitos, objetos mentais e esquemas de representação da língua materna. Para cada novo conceito há um novo conhecimento, dentro e fora da língua. Por isso, ele afirma que o sistema conceitual não depende de uma língua dada, porque está presente em todas.

Para Geckeler (1976), o significado é definido pelos entornos lingüísticos (estrutural e contextual) e não-lingüísticos (objetivo e subjetivo). Ele afirma que a teoria mais coerente sobre o significado é a Glossemática, de Hjelmslev, que considera as definições formais e abstratas, e atesta a existência de duas semióticas: denotativa e conotativa. Na Glossemática, a língua é vista como uma combinatória, é um sistema de figuras (não-símbolos) que, ao se combinarem, produzem signos. O signo não é uma unidade fechada, pré-constituída e estática, mas uma unidade de configuração, “(...) a forma do conteúdo do signo é indiferente às dimensões do plano da expressão que o manifesta (...)” (HJELMSLEV, 1975, p. 9).

Para Guiraud (1972, p. 18-19), a palavra é formada por um sentido de base e um sentido contextual, adicionadas outras associações extra-nocionais. Os signos de comunicação são essencialmente convencionais e seu sentido “resulta de um acôrdo entre os que os empregam”. Sobre os sentidos de uma palavra em determinado discurso, ele afirma:

[os sentidos] dependem das relações com as outras palavras do contexto [...] e, à medida em que tais relações [...] são efetivamente realizadas e reconhecidas pelos locutores, o efeito de sentido que daí resulta é memorizado [...] e se liga ao signo, conferindo-lhe um conteúdo. [...] o sentido de base e o sentido contextual não se superpõem e há sempre um único sentido para cada situação, o sentido contextual: à palavra em seu

contexto corresponde uma única imagem conceitual [...] e formam-se ao mesmo tempo outras associações extra-nocionais, que, sem alterar o conceito, dão-lhe nova coloração. (GUIRAUD, 1972, p. 27, 28 e 37)

Às idéias evocadas por tais associações, Guiraud dá o nome de valores, que se encontram em oposição ao sentido. Para ele, existem dois tipos de valores: os **expressivos**, que são as palavras e construções que exprimem as emoções, os desejos, as intenções e os julgamentos de quem fala, e os valores **sociais** ou **sócioculturais**, que determinam os empregos das palavras aos grupos e contextos sociais aos quais ela pertence. Os valores expressivos são “imagens subsidiárias que se superpõem ao sentido, são as *associações extra-semânticas de origem natural*” (GUIRAUD, 1972, p. 38-39). Sobre os valores sócio-contextuais, este autor explica que as palavras evocam a imagem de quem as emprega e a imagem das situações nas quais tais pessoas estão implicadas, ou seja, derivam do grupo econômico, profissional, regional, ligam-se à natureza da comunicação, às intenções e às situações dos locutores, ao tom e ao gênero.

Assim como os valores expressivos, os valores sócio-contextuais são *associações extra-semânticas de origem natural*. Nos primeiros temos *associação por semelhança*: semelhança do nome e do movimento natural da alma [...], semelhança da coisa com qualquer outra coisa à qual nós a associamos [...]. No caso dos valores sócio-contextuais temos uma *associação por contigüidade*; a palavra tomou a sua coloração em contato com certo meio, com uma certa situação [...]. Encontramos portanto em cada palavra quatro tipos de associações: o sentido de base, o sentido contextual, o valor expressivo e o valor sócio-contextual. (GUIRAUD, 1972, p. 40-41)

Ocorre uma dupla forma de nominação: a palavra pode designar objetivamente um conceito e pode “colorir um conceito” com associações expressivas. “Toda palavra é um complexo de associações. Basta que uma se desenvolva para que ela invada o sentido e termine por alterá-lo, abafando-o, e finalmente substituindo-o” (GUIRAUD, 1972, p. 43- 45).

5.1 SIGNO

O conceito de signo lingüístico teve sua formulação com Ferdinand de Saussure (1916), que o definiu como sendo a ligação de um significado a um significante, um todo formado por uma expressão e um conteúdo, ou seja, o signo liga um conceito a uma imagem acústica, substitui ou representa a realidade, sendo essa relação um consenso social. Desde a Antiguidade Clássica, Aristóteles já tratava do convencionalismo do signo e da arbitrariedade da relação entre o nome e o conceito.

Geckeler (1976) segue a definição de signo lingüístico de Saussure, mas afirma que este, como unidade, opõe-se à realidade extralingüística. Para ele, a significação, ou significado léxico, são relações no plano do conteúdo. Para a formulação do triângulo da significação, Ogden e Richards partem do trabalho de Saussure, explicitam a composição do signo e inserem a noção do referente, excluída, até então, da análise estruturalista.

Em seu *Dicionário de Semiótica*, Greimas e Courtès (1979) definem signo como:

[...] uma unidade, do plano da manifestação, constituída pela função semiótica, isto é, pela relação de pressuposição recíproca (ou solidariedade), que se estabelece entre grandezas do plano da expressão (do Significante) e do plano do conteúdo (do Significado), no momento do ato de linguagem (GREIMAS E COURTÈS, 1979, p. 396).

Na terminologia empregada por Pottier na obra *Vers une Sémantique Moderne*, de 1964, a unidade léxica é composta por quatro elementos: Semema, Classema, Fonctème e Virtuema. “O conteúdo sêmico de um lexema é seu semema”, o conjunto de semas, que é o traço distintivo mínimo de significação, e que se revela por oposição em um conjunto léxico (POTTIER, 1964, p. 187-192 apud GECKELER, 1976, p. 255).

Hjelmslev (1975) define o signo como o resultado da semiose que se efetua no momento do ato da linguagem. Os signos não são apenas as palavras, mas há signos-enunciados, signos-discursos. Ele afirma que a natureza do signo é a reunião entre a forma da

expressão e a forma do conteúdo. Na teoria semiótica, de forma geral, signo é algo que representa alguma coisa, é uma forma de expressão qualquer, que traduz uma idéia ou uma coisa, e corresponde ao conceito de formante. Em *Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem*, publicado pela primeira vez em 1943, Hjelmslev parte do princípio de que expressão e conteúdo são solidários (isomorfismo) e compara o signo a um átomo, elemento de conteúdo mínimo indivisível, composto por partículas elementares, que são os semas, traços distintivos de conteúdo. “[...] É impossível existir [...] um conteúdo sem expressão e uma expressão sem conteúdo” (HJELMSLEV, 1975, p. 54). O signo possui dois planos distintos, forma e conteúdo, que entram em combinação com dois níveis, expressão e conteúdo. Assim, a forma de expressão é o campo da Fonética, a forma do conteúdo é o campo da Morfossintaxe, a substância de expressão é o campo da Fonologia, e a substância do conteúdo é o foco da Semântica.

Em *Présentation de la Linguistique, Fondements d'une Théorie*, de 1967, Pottier define lexia como unidade de comportamento, e afirma que esta pode ser simples, composta ou complexa. Ele diferencia lexia e palavra, sendo que esta última pode ser lexical ou gramatical (POTTIER, 1967, p. 16).

5.2 SIGNIFICADO E SIGNIFICAÇÃO

A multiplicidade de empregos dos vocábulos significado e significação é uma das questões que geram problemas para a Semântica. Greimas e Courtès (1979, p. 418-419) consideram que as maiores dificuldades acerca da compreensão da significação é que ela é suscetível de designar o fazer e o estado, ou seja, a significação como processo e como aquilo que é significado, que pode ser parafraseada como “produção do sentido” e como “sentido

produzido”. Estes autores definem significado com base na tradição Saussureana: significante e significado se definem pela relação de pressuposição recíproca.

Para Baldinger (1970, p. 37) a significação é a definição, é o semema ligado a uma forma no plano da expressão e é o objeto mental ligado a um significante. O conceito ou significado corresponde, para este autor, ao objeto mental, que faz parte da realidade extralingüística. Ele cita Greimas no artigo *Sémantique Structurale, Recherche de Méthode* (1966), o qual afirma que cada lexema pode ser descrito como um certo arranjo de semas, e Pottier (1992), que introduziu a definição da igualdade entre sema e traço distintivo, o que mostra que a análise das significações e definições deve partir dos semas.

Para Coseriu, em *Pour une Sémantique Moderne* (1964, p. 123), a significação cria coisas interiores que são os objetos da experiência contidos na consciência. Ele a diferencia da designação, pois esta seria uma possibilidade manifestada pela significação. Baldinger (1970, p. 83) explica que tanto significação quanto designação são funções lingüísticas, sendo que a primeira é conceitual e, a segunda, objetiva. “O definido-significante remete a um conceito. Esse conceito é analisado em conceitos menos complexos e, depois, estes conceitos são nomeados por meio de vários significantes (definidores)”, (MARIE-JOSÉ-REY, 1966, p. 71-94 apud BALDINGER, 1970, p. 94).

Assim como Guiraud considera a existência de um sentido de base nas palavras, Ullmann (1977, p. 103-104) afirma que no interior de cada palavra existe um núcleo sólido de significado, relativamente estável, que pode ser modificado pelo contexto apenas dentro de alguns limites. “[...] há casos em que um termo subsiste por si só, sem qualquer suporte contextual, e continuará, assim mesmo, a fazer sentido [...]. Ao mesmo tempo, ninguém negará a importância do contexto na determinação do significado das palavras”. A palavra simboliza um pensamento ou referência, que se refere ao aspecto ou acontecimento. As relações entre sentido e referência e entre símbolo e referência são causais, sendo apenas a

relação entre símbolo e referente uma relação imputada. Ullmann afirma não haver relação direta entre as palavras e as coisas que elas representam. A nomeação de um referente com o nome é arbitrária.

Biderman (1978, p. 146) também se refere ao “núcleo de significado” ao afirmar que um lexema possui um núcleo central de significação que, na evolução histórica de um campo semântico, “pode ser deslocado e uma significação periférica passar a ocupar o centro desse campo conceptual”.

“De fato, na maioria dos usos dos lexemas é possível distinguir um significado exclusivamente conceptual, onde é feita referência explícita ao conteúdo denotativo e/ou lógico e cognitivo dos dados da Realidade. Também é possível detectar significados de uma palavra, onde sobressaem franjas conotativas que se reportam a elementos contextuais”. (BIDERMAN, 1978, p. 147)

Esta autora analisa a tipificação dos significados proposta por Geoffrey Leech no livro *Semântica* (1985, p. 45), onde são definidos sete tipos:

1. Significado Conceptual O sentido		Conteúdo lógico, cognitivo ou denotativo
Significado Associativo	2. significado Conotativo	O que se comunica em razão daquilo a que a língua se refere
	3. Significado “Estilístico”	O que se comunica sobre as circunstâncias sociais do uso da linguagem
	4. Significado Afetivo	O que se comunica sobre os sentimentos e atitudes de quem fala ou escreve
	5. Significado Refletido	O que se comunica através da associação com outro sentido da mesma expressão
	6. Significado de Colocação	O que se comunica através de associação com palavras que tendem a ocorrer no ambiente (entorno) da palavra
7. Significado Temático		O que se comunica pela forma em que a mensagem está organizada em termos de ordem e ênfase

Figura 2 – Tipificação dos significados proposta por Leech (1985, p. 45 *tradução nossa*)

Para Biderman (1978, p. 147), as significações conotativas denunciam referências a níveis sociolingüísticos e às atitudes e sentimentos do locutor. Com base no quadro de Leech, ela afirma ser difícil distinguir e precisar o tipo de significação que ocorre em cada contexto.

Entre alguns estudiosos é aceita a visão que trata o significado de uma palavra como o seu uso na língua, incluindo as conotações emotivas como componentes importantes do significado. Para Ullmann (1977, p. 135), a definição de significado é referencial: “relação recíproca e reversível entre o nome e o sentido” e, quanto à significação, as palavras são imprecisas, têm caráter vago. Ele explica que o caráter genérico das palavras advém de elementos mais abstratos, mais esquemáticos, de maior extensão e menor intensidade, e que se aplicam a um campo mais largo de entidades. Em algumas palavras, como os adjetivos, o elemento emotivo é parte integrante do significado, assim como também há casos em que as palavras perdem esse significado emotivo.

No triângulo de Ogden e Richards, o significado corresponde à referência ou pensamento, e o referente é a coisa ou o objeto extralingüístico. A interpretação de Ullmann do mesmo triângulo mostra que ele vê a relação entre nome e significado como uma relação de simbolização e a relação entre o nome e o objeto como uma relação fictícia de representação.

Lyons (1974, p. 46-47) também se atém à questão da significação e critica a posição de Ullmann e o esquema triangular de Ogden e Richards. Para Lyons, as unidades significativas da língua só têm significado no contexto da situação, que ele também chama de contexto da elocução, e o define como a situação na qual a elocução tem lugar, sendo este fundamental para a determinação semântica. “À situação deve ser atribuído um peso igual ao da forma lingüística na teoria semântica”.

Um item lingüístico em qualquer nível de análise, tem significado se houver pelo menos um outro item que pudesse ter ocorrido no mesmo

conceito. [...] Significado é uma questão das relações contraídas no contexto por uma unidade formal com outras unidades formais. (LYONS, 1974, p. 50 e 53)

Lyons considera o significado como uma constante que acompanha a unidade lingüística em todas as suas ocorrências. Ele complementa a definição de significado: “conjunto de relações (paradigmáticas) que a unidade em questão estabelece com outras unidades da língua.” (LYONS, 1974, p. 89).

Ducrot (1977) considera o contexto como componente do significado e define significação como a descrição produzida pelo componente lingüístico. Para ele, só há Semântica Estrutural quando se recusa, *a priori*, buscar “equivalentes” para as significações lingüísticas. Para Genouvrier e Peytard (1974, p. 290-291), a palavra só tem significado na frase, e esta no texto. Os autores afirmam que as palavras se associam no pensamento segundo certas relações e formam grupos onde cada uma evoca as demais e em cujo âmbito se escolhe a palavra que mais convém. Os grupos formados por associação mental não se limitam a aproximar unidades que apresentam algo em comum, mas o espírito também capta a natureza das relações que as unem e cria tantas séries associativas quantas relações diversas existirem. A associação pode se fundar tanto na analogia dos significados como na comunidade de imagens acústicas. “Uma palavra qualquer pode evocar tudo quanto seja susceptível de ser-lhe associado de uma maneira ou de outra” (GENOUVRIER; PEYTARD, 1974, p. 291).

Coseriu (1966, p. 187 apud BALDINGER, 1970, p. 50) afirma que a significação é criação da experiência humana e que as línguas são redes de significação que organizam de diferentes maneiras o mundo experimentado. Para ele, linguagem é delimitação de fronteiras do mundo experimentado.

[...] talvez porque a significação do mundo deve irromper antes mesmo da codificação lingüística com que recortamos: os significados já vão sendo desenhados na própria percepção/ cognição da realidade (BLIKSTEIN, 1985, p.17).

Blikstein (1985, p. 17) verifica que muitos estudiosos descartam o papel do referente na criação do significado. O referente não pode ser deixado de lado, pois condiciona todo o evento semântico. “A realidade é transformada em referente por obra da percepção/cognição”. Esse processo ocorre por meio da prática social, do conhecimento na captação da realidade. O autor lembra que existem traços de significação com carga valorativa e que estes traços são ideológicos, e podem trazer em si aspectos positivos e meliorativos ou negativos e pejorativos. Os traços com carga ideológica desencadeiam “corredores” semânticos onde fluem as linhas básicas da significação, que são as isotopias da cultura de uma comunidade. Essas isotopias recortam o universo e balizam a percepção. “O referente é fabricado pelos estereótipos [...], se interpõe entre nós e a realidade.” (BLIKSTEIN, 1985, p. 42).

5.3 SIGNIFICANTE

Na representação do triângulo da gênese do conteúdo do signo, o significante corresponde ao nome (símbolo), que representa o referente (coisa do mundo extralingüístico). Ullmann (1977) considera que não há relação direta entre as palavras e as coisas que elas representam e que a palavra simboliza um pensamento ou referência que se refere ao aspecto ou acontecimento. Por significante, Greimas e Courtès (1979, p. 420–421) entendem uma das grandezas constitutivas do signo, correspondente ao que Saussure tratou como imagem acústica. Para Saussure (1972), o significante é a tradução fônica de um conceito e o significado é a contrapartida mental do significante.

Na concepção de Hjelmslev (1975, p. 55), o significante se relaciona ao plano da expressão. É a seqüência de fonemas, a classe de fonias, que corresponde à forma e à substância de expressão, na nomenclatura que este autor utiliza, corresponde à fonologia e à

representação gráfica de um referente. “[...] A substância depende exclusivamente da forma e não se pode, em sentido algum, atribuir-lhe uma existência independente”. No conteúdo lingüístico há uma forma do conteúdo, independente do sentido, com o qual ela mantém uma relação arbitrária, e que se transforma em substância do conteúdo. “[...] A *forma do conteúdo* que, do ponto de vista do sentido, é arbitrária, é explicável apenas pela função semiótica de que ela é manifestamente solidária. [...] É em razão da forma do conteúdo e da forma da expressão, e apenas em razão delas, que existem a substância do conteúdo e a substância da expressão, que surgem quando se projeta a forma sobre o sentido [...]” (HJELMSLEV, 1975, p. 55-61).

5.4 CAMPO SEMÂNTICO

Também chamado por alguns autores de Campo Conceptual ou Nocional, o Campo Semântico é um conjunto de unidades lexicais que se considera como dotado de uma organização estrutural subjacente. Essa noção, utilizada como conceito operatório, permite que se constitua intuitivamente um grupo lexemático estruturado semanticamente por meio da análise sêmica.

Para Saussure (1972, p. 133), o valor de um signo “resulta da presença simultânea de outros signos dentro do sistema e aos quais ele se contrapõe, formando uma rede semântica”. Aos vocábulos que integram essa rede de significações ele dá o nome de campo semântico dessa palavra. Por meio das relações associativas, Saussure comparou os campos a constelações, como Ipsen² (1924), anteriormente, os comparou a mosaicos de palavras.

O precursor da teoria de campo é Trier (1934, p. 428-449 apud GECKELER, 1976, p.108), para quem “palavras que expressam idéias afins limitam-se reciprocamente”. Ele

insere o conceito de campo na esfera conceitual e destaca a articulação como sua característica essencial. Trier define vocabulário como uma totalidade semanticamente articulada, estruturada em campos que podem ter entre si relações de coordenação ou de hierarquia. Em sua concepção, a palavra só significa no conjunto, em razão deste conjunto, e fora de um campo não existe significação. Os traços essenciais da teoria de campos de Trier são os antônimos do campo conceitual e as palavras vizinhas conceituais de uma palavra. Ele afirma que sem o conhecimento desses dois traços, a palavra não tem sentido para o ouvinte. Língua é articulação e campos são as realidades lingüísticas vivas, “situadas entre as palavras individuais e o conjunto do vocabulário que, enquanto totalidades parciais, têm como característica comum com a palavra, a articulação e, com o vocabulário, a organização” (TRIER, 1934, p. 122-123 apud GECKELER, 1976, p. 119 et. seq.). Campo Léxico é o campo lingüístico dos signos, um todo articulado, subordinado a um complexo conceitual mais ou menos fechado, cuja distribuição interna está representada na estrutura articulada do campo dos signos.

Complementando a teoria de Trier, Weisgerber (1962, p. 70 apud GECKELER, 1976, p.127) vê campo lingüístico como “fragmento do entremundo da língua materna, constituída pela totalidade de um grupo de signos lingüísticos que cooperam numa articulação orgânica”. Os campos lingüísticos abarcam Campos Sintáticos e Campos Léxicos, sendo o último formado de estruturas lexemáticas. Este autor afirma, ainda, que o campo lexical situa-se no nível “referente ao conteúdo” e que a idéia de campo pressupõe o sentimento lingüístico do falante, que possibilita a “comparação de uma palavra com outras na escolha da palavra correta e na descoberta da dependência das palavras entre si” (WEISGERBER, 1962, p. 96 et seq. apud VILELA, 1979 p. 46).

A diferenciação entre campo léxico e campo semântico é dada por Genouvrier e Peytard (1974, p. 318-319), que afirmam ser o Campo Lexical o conjunto das palavras que a

² Cf. Geckeler (1976)

língua agrupa para designar os diferentes aspectos de uma técnica, de um objeto, de uma noção. Diferencia-se de campo semântico, que é o conjunto de empregos de uma palavra (sintagma ou lexia) onde esta adquire uma carga semântica específica.

Campo Léxico é, para Coseriu, em *Pour une Sémantique Diachronique Structurale* (1964) e em *Les Structures Lexématiques* (1968), o conjunto de lexemas unidos por um valor léxico comum (valor do campo). Esses valores se subdividem em valores mais determinados, opondo-se entre si por diferenças mínimas de conteúdo léxico (semas). Este autor se baseia no exemplo clássico de Pottier, em *Recherches sur l'analyse sémantique en Linguistique et en traduction mécanique*, de 1963, em que analisa a lexia cadeira, e vê o campo como um paradigma léxico e, quanto à combinatória das estruturas sintagmáticas, trata das solidariedades léxicas, vínculos recíprocos entre as unidades de um mesmo campo. Estes autores desenvolveram o método de análise em traços mínimos de significado, partindo da hipótese de um isomorfismo do plano da expressão e do plano do conteúdo da língua. Ele afirma que o Campo Léxico compõe um campo conceitual, e define as seguintes características:

- a) Não representa taxionomias
- b) Não são grupos de objetos do tipo objetivo
- c) Não são campos associativos
- d) Não tem nada a ver com a extensão de empregos da palavra
- e) Não é igual ao campo conceitual (porque nem todo conceito é refletido por um só lexema)

Com base nas teorias de campo de Trier e Weisgerber, Geckeler (1976) conclui que os membros de um Campo Léxico possuem uma base comum. Ele diz que a determinação do conteúdo pelos componentes do campo indica o significado diferencial de cada lexema, e desenvolve estudos sobre os fenômenos da homonímia e da polissemia.

Ducháček (1960, p 297-323 apud GECKELER, 1976, p. 206 tradução nossa) cria um esquema em que divide os campos lingüísticos de palavras e os de idéias. Nos primeiros estão inseridos os campos morfológicos, sintáticos e sintagmáticos e, nos segundos, os campos conceituais e semânticos, todos campos associativos. Ducháček divide os campos lingüísticos de acordo com o seguinte esquema:

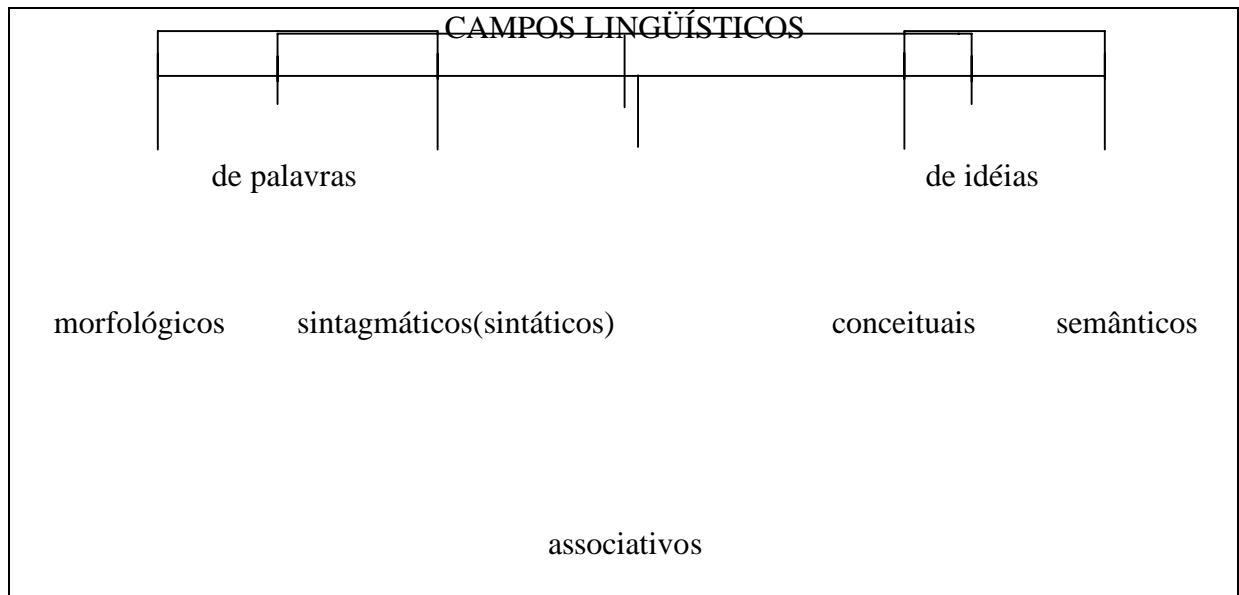


FIG.3 - Esquema da divisão dos Campos Lingüísticos de Ducháček (1960, p. 297-323 apud GECKELER, 1976, p. 206 tradução nossa)

Ducháček diferencia campos conceituais e semânticos: campo semântico tem um grau menor de homogeneidade, um grau maior de complexidade e uma maior extensão, e está em um nível mais elevado que o campo semântico no que diz respeito ao número de componentes do campo (DUCHÁČEK 1960, p. 297-323 apud GECKELER, 1976, p. 206-207).

Geckeler (1976) complementa o pensamento de Ducháček afirmando que há diferentes graus na estruturação léxica do vocabulário e que podem existir lacunas em um plano da estruturação.

Pela prova da comutação proposta por Coseriu, Geckeler percebe ser possível o estabelecimento dos traços distintivos caracterizadores. É pelas oposições distintivas que a configuração semântica de um campo se converte em uma estrutura lingüística. Com a proposta de uma análise estrutural, Coseriu distingue a realidade extralingüística (coisas) da

linguagem (palavras). “O vocabulário é a última parte da lingüística anterior à realidade. [...] É a parte da língua em união com a realidade extralingüística” (COSERIU, 1964, p. 57 apud GECKELER, 1976, p. 212 e 214). Valores lingüísticos são valores conceituais que se definem por suas oposições e por seu funcionamento e não por critérios reais nem por limites imprecisos da realidade. Para ele, a subjetividade é constitutiva da linguagem e classifica a realidade conforme os interesses e atitudes humanas.

Em “*Semântica Estrutural*” (1974, p. 48), Lyons também cita as idéias de Trier e reconhece a existência de vários “campos conceptuais” ou “campos léxicos” intermediários entre os itens lexicais individuais e a totalidade do vocabulário. Campo Léxico é um subsistema lexical estruturado sobre relações de conteúdo como incompatibilidade, antonímia, hiponímia, conversão (oposição), e sinonímia. É esta a concepção adotada neste trabalho.

5.5 DENOMINAÇÃO E DESIGNAÇÃO

Os dois termos se encontram em diferentes níveis de análise: o primeiro reflete o ato de empregar um nome e está no nível da fala; o segundo envolve a produção do signo lingüístico, situa-se no nível da língua, e se opõe, enquanto processo, à significação. Para Pais (2002, p. 107), a denominação é a etapa em que “um *conceptus* é lexemizado, ou, se preferirmos, é convertido em lexema [...]”, e a designação é uma relação entre a função semiótica e o recorte cultural. Barbosa (2001, p. 34) afirma que o conceito está situado em um nível pré-lingüístico (pré-semiótico de designação), podendo existir mesmo sem a respectiva denominação, já que “se pode ter a percepção e o conhecimento de um fato, sem se possuir, ainda, a sua respectiva denominação”. Para esta autora, a denominação faz parte da designação, que ela define como o conjunto formado pela denominação e o conceito.

No *Dicionário de Semiótica* (1979, p. 105-113), Greimas e Courtès dizem que o conceito de denominação concerne aos objetos do mundo ou da experiência, “aponta para o extralingüístico e encontra-se na base das classificações próprias de uma sociedade”. Designação é, para estes autores, muitas vezes empregada como sinônimo de denotação ou de referência, o que indica o estabelecimento ou a existência de uma relação entre o signo lingüístico e o mundo natural. Assim, designação é a relação oposta à significação. A significação, para Ullmann (1977), conduz a um significante (forma) e a um conceito (objeto mental), enquanto a designação parte de um conceito para um significante, isto é, são caminhos opostos.

A Onomasiologia, ciência que estuda as designações, é complementar à Semasiologia, que estuda os significados, e isto reflete a dupla natureza do signo lingüístico (forma + conteúdo), proposta por Saussure. Baldinger (1970) afirma que os conceitos concretizam-se em designações, que se refletem nas imagens acústicas da realidade extralingüística. Assim, o campo semasiológico estuda as significações de um significante e o campo onomasiológico estuda as designações de um conceito. Para Heger (1968, p. 467-484 apud BALDINGER, 1970, p. 157-158), tanto a semasiologia quanto a onomasiologia encontram seu objeto de estudo no plano da substância do conteúdo.

Weisgerber (1927, p. 170 apud GECKELER, 1976, p. 91) define significação como um conceito relacional, que tem como pontos de referência a forma fônica (nome) e o conteúdo (conceito). Designação, para ele, é o estudo do nome como signo, e significação, como o conceito a partir do nome. Geckeler (1976, p. 93) define designação como a relação de signos lingüísticos em sua totalidade com objetos da realidade extralingüística.

A diferenciação entre os termos fica mais clara com as explicações de E. Husserl (1901, p. 47 apud GECKELER, 1976, p. 93), que diz serem possíveis duas significações para a mesma designação, como no exemplo: *O vencedor de Jena / O vencido de Waterloo*. Ambas

as significações designam Napoleão, e seria o que Geckeler (1976) chama de designação múltipla: o mesmo objeto pode ser designado com signos diferentes e com distintas significações. Ao fenômeno da designação múltipla de Geckeler, também conhecido como **parassinonímia**, Baldinger (1970) chama de sinônimos por extensão, unidades distintas que designam o mesmo objeto mental. São unidades que têm a mesma referência denotativa (referem o mesmo objeto mental), mas a referência conotativa é diferente.

Para Coseriu (1966, p. 209 apud GECKELER, 1976, p. 92-96), apenas as relações de significação são estruturáveis: “a designação concreta (de um objeto determinado) é um fato do discurso, enquanto a significação é um fato da língua”. As relações de significação são constantes sincronicamente e as de designação concreta são variáveis. Ambas são vistas como funções lingüísticas completamente diferentes: a significação é conceitual e a designação é material (objetiva). A designação é, para este autor, uma possibilidade manifestada pela significação.

O definido-significante remete a um conceito [...] que é analisado em conceitos menos complexos e, depois, estes conceitos são nomeados por meio de vários significantes [definidores]. (MARIE-JOSÉ-REY, 1966, p. 71-72 apud BALDINGER, 1970, p. 95)

Os objetos de estudo desse trabalho são as unidades utilizadas para nomear e/ou qualificar os personagens dos textos jornalísticos. Denominação, de acordo com Barbosa (2001, p. 36), é produto do ato de conceituar, “que toma como ponto de partida os dados da experiência, passa pelo nível noêmico e chega ao nível lexemático, que vai do fato ao nome”. Explica-se, aqui, a utilização de “denominação” e não “designação” no título dessa dissertação. Para Barbosa, denominação é :

o percurso do *fazer persuasivo do sujeito de enunciação de codificação*, desencadeado por quem fala, quem escreve. Esse sujeito de enunciação de codificação, tendo uma intenção de comunicação de determinado esquema lógico-conceptual, pode selecionar diferentes formas lingüísticas, suscetíveis de representá-lo, para engendrar o seu discurso assim

manifestado. Essa escolha integra o processo de modalização do discurso, enquanto competência e desempenho do sujeito enunciador (BARBOSA, 2001, p. 36)

5.6 RELAÇÕES SEMÂNTICAS ENTRE AS PALAVRAS

Esta sessão trata das relações de significação que ocorrem entre as palavras, entre elas a sinonímia, antonímia, ambigüidade, polissemia, hiponímia e hiperonímia.

5.6.1 SINONÍMIA

Como ocorre em qualquer estudo da Semântica Lingüística, a questão da sinonímia também deve partir de um ponto de vista definido. Quando este ponto de vista não é explicitado, pode haver dificuldades de compreensão de suas teorias e afirmações. No estudo da sinonímia há muitos pesquisadores que a consideram impossível, uma vez que partem, em suas análises, do ponto de vista semasiológico, em que as palavras sempre apresentam significações diferentes, mesmo designando um mesmo conceito. É o que afirma, por exemplo, Bloomfield (1933), que condiciona a existência de sinônimos reais à possibilidade total de permutação na língua, algo muito difícil de acontecer, pois supõe que não existem sinônimos reais.. Para ele, cada forma lingüística tem um significado constante específico. “Se as formas são foneticamente diferentes, supomos que os seus significados são também diferentes” (BLOOMFIELD, 1933, p. 145 apud ULLMANN, 1977, p. 291 e 294). Ullmann (1977) afirma que muito poucas palavras são completamente sinônimas, no sentido de serem permutáveis em qualquer contexto, sem a mais leve alteração do significado objetivo, do tom sentimental ou do valor evocativo.

Para Genouvrier e Peytard (1974, p. 319), a sinonímia define-se pela equivalência que o locutor pode estabelecer entre palavras diferentes quanto aos significantes (fonia/grafia); trata-se de um mesmo significado, realizado em significantes diferentes. Estes autores afirmam que a condição de que as palavras sinônimas possam substituir-se umas às outras em qualquer contexto é particularmente rara.

Por as palavras serem comutáveis apenas em níveis de língua diferentes, isso traduz as diferentes atitudes afetivas do locutor. Ele sente uma equivalência realizada com variantes, derivadas quer ao contexto social, quer aos níveis da língua. (GENOUVRIER E PEYTARD, 1974 p. 319)

Geckeler (1976) define a sinonímia como a coincidência de significado entre dois ou mais vocábulos, e lembra que, de modo geral, há um consenso sobre a concepção atual da sinonímia, que refere dois termos que se usam um pelo outro, sem a adição de um adjetivo qualificativo, e admite que, para a maioria dos lingüistas, não existem palavras com mesmo significado no sistema da língua, ou seja, a sinonímia absoluta não existe na língua, somente no uso.

A mesma opinião é partilhada por Lyons (1974), que propõe que a sinonímia seja analisada do ponto de vista conceitual, porque o que ocorre entre as unidades é uma identificação de conceitos, que parte da realidade, e não uma igualdade de significação, que partiria da própria língua. Para ele, como em todas as relações de significado, o estudo da sinonímia deve se restringir ao contexto.

Ullmann (1977) observa que a utilização de uma palavra por outra em determinados contextos é uma opção do enunciador, e que essa comutação gera alteração da significação e, por isso, surgem as variações que levam a acreditar na sinonímia.

Todos nós fazemos uso de sinônimos para evitar a repetição da mesma palavra para a mesma idéia [...]. O uso de outro termo pode facilmente sugerir que o significado também é ligeiramente diferente, e isso pode conduzir à ambigüidade e ao erro” (ULLMANN,1977, p. 314).

Baldinger (1970, p. 211-212) condiciona a existência de sinonímia absoluta à identidade de significado e de semema (observação no nível da língua, semasiológico), mas diz que freqüentemente são consideradas sinônimas as palavras que possuem pelo menos um semema ou uma significação em comum, apesar da presença virtual de sememas não comuns (nível conceitual). “Dois monemas jamais são absolutamente sinônimos porque as outras significações (não comuns) permanecem presentes virtualmente”. Há outros fatores diferenciadores entre sinônimos além da presença virtual de sememas não comuns: o pertencimento à mesma família de palavras (parentesco formal), o pertencimento a famílias de palavras distintas (geram associações diferentes), a motivação de palavras compostas ou derivadas (geram opções de seleção para o falante), a motivação fonética, a sintagmática e o contexto, a entonação e o ritmo, o nível de estilo e os princípios estilísticos de convenção (como a não repetição da mesma palavra). Baldinger, em concordância com Lyons (1974), afirma que, do ponto de vista conceitual, sinônimos são variantes livres, pois contêm os mesmos traços distintivos pertinentes. Do ponto de vista semasiológico, porém, há ausência de sinonímia, uma vez que o emprego das variantes é escolhido pelo falante de acordo com diversos critérios, como posição social, procedência regional, profissão e idade, entre outros. Baldinger afirma, ainda, que o falante também faz suas escolhas conforme suas intenções (decisão estilística), “segundo os meios em que se encontram os efeitos que quer produzir nos interlocutores” (1970, p. 216). Para ele, a sinonímia absoluta só é possível no plano simbólico, ela não existe no plano semasiológico porque o falante agrega elementos diferenciadores aos sinônimos. Ele diz que os sinônimos podem ser por extensão e por intensão, ou somente por extensão, isto é, há casos em que duas unidades só são sinônimas para quem conhece determinada realidade extralingüística. Este autor exemplifica com as unidades: Paris e Capital da França que, por intensão são objetos diferentes, mas extensionalmente são sinônimos porque designam o mesmo objeto mental. No sistema conceitual, a sinonímia por

intensão parte da língua, enquanto a sinonímia por extensão parte da realidade. O que Baldinger chama de sinônimos por extensão é considerado por alguns estudiosos como **parassinônimos** (ou quase sinônimos), unidades diferentes que designam um mesmo objeto. São unidades que têm a mesma referência denotativa (referem o mesmo objeto mental), mas a referência conotativa é diferente. Essa classificação parte das considerações de Lyons (1974) que define os critérios para a sinonímia: 1) capacidade ilimitada de substituição em todos os contextos; 2) coincidência de significado denotativo com o significado conotativo. A partir desses critérios (referência e distribuição), ele conclui que há quatro tipos possíveis de sinonímia: completa e total; completa e não-total; incompleta e total e incompleta e não-total. Daí surge também a relação de **co-hiponímia** (que não se confunde com a parassinonímia por tratar de unidades com referências denotativas diferentes). A co-hiponímia é a relação que ocorre entre hipônimos de um mesmo hiperônimo. Um bom exemplo é relação entre as unidades *animal*, *cavalo*, *cão* e *gato*. *Animal* é o hiperônimo, o arquitelexema ou classema. Em relação a *animal*, *cavalo*, *cão* e *gato* são hipônimos e, entre si, estas unidades são co-hipônimas.

5.6.2 ANTONÍMIA

Ao tratar da antonímia, Geckeler (1976) afirma que ela é vista como polaridade, bilateralidade de traços, e adota como uma de suas definições a idéia de significação contrária de dois vocábulos. Knobloch (1961 apud GECKELER, 1976, p. 293) define como antônima “uma palavra em oposição contraditória, contrária ou correlativa a outra”. Bally (1951) demonstra que há dois tipos de antônimos: 1) oposições de conceitos que excluem uns aos outros (por exemplo, calor e frio); 2) pares de idéias que habitualmente se correspondem, sem

anular-se (por exemplo, direita e esquerda) (BALLY, 1951, p.127 apud GECKELER, 1976, p. 293). Para Lyons (1974), antonímia e sinonímia são relações semânticas de natureza lógica distinta. Para ele, as oposições de significado podem ser de complementaridade (ex.: casado e solteiro), de antonímia, que ocorrem em diversos graus (ex.: grande, médio e pequeno), e de conversabilidade (ex.: marido e mulher). Lyons considera a antonímia uma das relações de significação mais importantes para a Semântica Estrutural que, juntamente com a incompatibilidade e a hiponímia, é considerada como universal e essencial.

5.6.3 AMBIGÜIDADE

Para alguns estudiosos, o léxico é o nível da ambigüidade por excelência. Baldinger (1970) afirma que a língua funciona graças a uma série de estruturas hierarquizadas, que podem apresentar lacunas e deficiências, e que se sobrepõem, se confirmam e se completam mutuamente. É daí que surge a ambigüidade.

Greimas e Courtès (1979, p. 19) definem ambigüidade como a propriedade que alguns enunciados possuem de apresentar simultaneamente várias leituras ou interpretações possíveis “sem predominância de uma sobre a outra”. Quanto à ambigüidade lexical, os autores a exemplificam com os fenômenos da homofonia e da homografia e afirmam ser provocada pelo caráter plurissêmico dos lexemas.

No *Dicionário de Lingüística* (DUBOIS et alii, 2001), a ambigüidade é definida como a propriedade de certas frases realizadas apresentarem vários sentidos. Para os autores, a ambigüidade lexical ocorre quando certos morfemas léxicos têm vários sentidos.

De acordo com Ullmann (1977, p. 323) a ambigüidade é uma situação lingüística que pode surgir das estruturas fonéticas, por fatores gramaticais ou por fatores lexicais. Os fatores

gramaticais são ocasionados por prefixos e sufixos que têm mais de um significado ou por frases equívocas (anfibologia), que possibilitam mais de uma interpretação devido à sua combinatória, o que pode ser desfeito pelo contexto. A ambigüidade lexical é, para o autor, a mais importante, pois demonstra a polivalência das palavras e resulta em homonímia (duas ou mais palavras podem ser idênticas quanto ao som) e em polissemia (uma palavra pode ter dois ou mais significados diferentes). Ullmann afirma que a ambigüidade é um artifício de estilo da língua e se pauta pelo princípio de que, quanto mais freqüente é uma palavra, mais sentidos é possível que ela tenha, o que quer dizer que, quanto mais comum, mais vasto é o campo de significações dessa palavra. Para ele, a ambigüidade pode surgir em três sistemas diferentes: os empréstimos semânticos, o uso técnico e a linguagem vulgar. Este autor analisa os campos associativos das palavras, que permitem o surgimento das interpretações ambíguas.

5.6.4 POLISSEMIA E HOMONÍMIA

A polissemia ocorre quando, a um mesmo significante (expressão) correspondem mais de um significado (conteúdo ou semema), sendo que estes significados possuem, pelo menos, algum traço comum. A existência desse núcleo de significado comum é a principal forma de diferenciação entre a polissemia e a homonímia. Baldinger (1970) diz que há a polissemia quando para um significante (imagem acústica) há uma série de acepções, representações e objetos mentais no campo das significações e somente o contexto pode determinar o significado em uma situação concreta. Para Ullmann (1977), a polissemia existe quando a mesma palavra pode ter dois ou mais significados diferentes. Ele afirma que não há uma linha divisória precisa entre polissemia e homonímia, e que a história e a etimologia da língua

podem ajudar a diagnosticar cada um dos casos. Este autor descreve as fontes geradoras de polissemia na língua (ULLMANN, 1977, p. 323):

- 1) Mudança de aplicação – mudança de empregos das palavras e o uso do sentido figurado. O uso de metáforas (por comparação de sentido) que para o autor, é a mais importante e mais comum, e de metonímia (por relação de contigüidade de sentido);
- 2) Especialização em um meio social – quando uma palavra tem significação geral na linguagem vulgar e sentidos especializados em esferas mais restritas;
- 3) Linguagem figurada – o uso de metáforas e metonímias que irradiam do sentido central da palavra;
- 4) Homônimos reinterpretados (etimologia popular) – duas palavras de som idêntico e pouca diferença de significado sofrem a tendência de serem consideradas como uma mesma palavra com dois sentidos;
- 5) Influência estrangeira – mudança de significado de uma palavra já existente na língua por influência de um sentido importado de outra língua (empréstimo semântico).

Ullmann (1977) considera a polissemia como uma condição essencial para a eficiência lingüística, diz que é um universal semântico inerente à estrutura fundamental da língua, e acredita que seu surgimento esteja relacionado a fatores como a economia e flexibilidade, e também à influência do contexto. Para ele, a polissemia é a ambigüidade genuína da língua e, como artifício de estilo, é mais interessante que a homonímia. Para Geckeler (1976), a homonímia e da polissemia são resultantes da relação dos planos da expressão e do conteúdo. Ele diz que o mesmo significante pode ter diferentes significados, mas que uma unidade de significado só pode ser representada por um significante (GECKELER, 1976, p. 152-153).

Mário Vilela (1994, p. 26) observa que a polissemia ocorre entre significados parcialmente idênticos, quando há diferentes acepções para uma mesma palavra, isto é, quando o significante é diferente, mas os significados são parcialmente iguais. Para este autor,

a polissemia não é uma relação paradigmática como a sinonímia, antonímia e hiponímia, que se estabelecem com base em relações semânticas paradigmáticas entre unidades lexicais. Quanto ao conteúdo, Vilela credita ocorrência da polissemia quando há hiponímia, isto é, uma relação entre o conteúdo dos signos de natureza hierárquica, havendo relação de subordinação entre a unidade subordinada e a superordenada. O autor diz que a polissemia também ocorre quando há inclusão semântica ou se houver transformação semântica (metáfora e metonímia).

Genouvrier e Peytard (1974, p. 320) afirmam que se pode definir o fenômeno da polissemia como o contrário da sinonímia, por se tratar do relacionamento de um só significante a vários significados. Assim, há polissemia quando uma só palavra (sintagma/lexia) está carregada de vários sentidos. Para os autores, essa é uma noção essencialmente sincrônica e corresponde a uma necessidade imprescindível para o bom funcionamento da língua, “uma vez que, se todos os termos fossem monossêmicos, isso incharia infinitamente o léxico e o locutor poderia não guardar na memória as palavras indispensáveis à construção de mensagens”. Para eles, é por meio da polissemia que a língua obedece à lei da economia: “ela sabe reaproveitar várias vezes o mesmo signo fazendo variar seu significado” e, portanto, explora o mais racionalmente possível os recursos da língua.

Uma vez que a homonímia pode ser considerada também como uma forma de polissemia, pois para um mesmo significante correspondem mais de um significado, há muita confusão no emprego desses dois termos. Porém, no caso da polissemia propriamente dita (*stricto sensu*), os significados possuem um núcleo comum de significação, o que não ocorre na homonímia.

Em *Estruturas Lingüísticas do Português*, Pottier (1972) trata da polissemia como uma decorrência da dinâmica da língua, que possibilita que um mesmo significante corresponda a sememas próximos. Ele define quatro formas de polissemia lexical: a) Homônimo, em que os significantes constituem um só signo; b) Polissemia propriamente dita, quando um

significante abrange dois sememas que têm vários semas em comum (touca de praia; touca de chuveiro); c) Casos em que há pontos de contato que variam de acordo com as situações e os indivíduos, com um sema comum (capa de livro; capa de chuva); d) Casos em que, no momento presente, não existe elo entre os sememas, não há semas em comum (macaco – animal e peça mecânica) (POTTIER, 1972, s.p. apud RECTOR e YUNES, 1980, p.63-64).

Rector e Yunes (1980) classificam mais três tipos de polissemia: e) Gramatical (vendas, em que o morfema gramatical “s” pode referir “plural” ou “segunda pessoa do singular”); f) Policategoria, quando a ambigüidade provém de identidade de significantes que pertencem a categorias diferentes (vela – verbo e substantivo); g) Polissintaxia, ambigüidade nas construções sintáticas. Para as autoras, não se deve confundir polissemia e homonímia. “Na homonímia as palavras coincidem foneticamente em sua evolução histórica [...]. Sincronicamente, a homonímia é uma polissemia [...]” (RECTOR e YUNES, 1980, p.64 e 65).

Godel (1948, p. 5-15 apud GECKELER, 1976, p. 150) afirma que a homonímia ocorre quando dois ou mais signos têm o mesmo significante, mas pertencem a famílias diferentes, são “monemas foneticamente semelhantes, mas distintos por seu lugar nas relações associativas” (GODEL, Para Ullmann (1977, p. 364), a homonímia ocorre quando duas ou mais palavras diferentes têm sons idênticos. Ele descreve as fontes geradoras desse fenômeno:

- 1) Convergência fonética – é a perda de consoantes finais e a tendência ao monossilabismo em algumas línguas;
- 2) Divergência Semântica – é o desenvolvimento de sentidos divergentes, quando se passa da polissemia à homonímia;
- 3) Influência estrangeira – quando uma palavra importada de outra língua é adaptada e pode coincidir com outra já existente na língua.

Para Weisgerber (1927, p. 43 apud GECKELER, 1976, p. 159), a homonímia acontece com palavras de conteúdo independente, mas de fonia igual, e não de significados diferentes

para a mesma palavra. Ele vê os homônimos como conglomerados semânticos, como palavras correspondentes que pertencem a campos léxicos diferentes. Há ainda autores que consideram relações mistas de significação, como a multissemia e a diassemia, fenômenos em que, para um mesmo significante ocorrem simultaneamente as relações de polissemia e homonímia, como por exemplo, a palavra *papagaio*, que pode designar um tipo de animal, um tipo de brinquedo (pipa), uma pessoa que fala muito (metáfora) e um tipo de urinol. As três primeiras acepções estão relacionadas entre si pela polissemia, e relacionam-se à quarta por homonímia.

Para Mário Vilela (1994), há homonímia quando dois significantes são idênticos fonologicamente e graficamente, mas os significados divergem e não têm qualquer relação quanto à origem. O autor considera homônimos os diferentes lexemas cujos respectivos suportes léxicos coincidiram na evolução histórica, não constituindo uma relação semântica entre tais unidades. Quanto ao conteúdo, Vilela caracteriza a homonímia pelo pertencimento de termos a campos lexicais diferentes ou a diferentes famílias de formação derivativa. Ele determina como critérios para a distinção entre homonímia e a polissemia a etimologia, a identidade formal e o conteúdo (VILELA, 1994, p. 26 e 27).

Através do estudo da sinonímia e da polissemia, constata-se a importância do contexto no emprego da palavra e para o estabelecimento de seu sentido. Tentando colocar, por substituição, palavras diferentes em contextos idênticos, é que se pode avaliar seu grau de sinonímia; é comparando contextos diferentes onde pode ser inserida a mesma palavra que se podem avaliar os sentidos variáveis de que ela é dotada. São duas operações complementares que apontam à pedagogia os procedimentos a serem utilizados para o estudo dos sentidos das palavras. (GENOUVRIER E PEYTARD, 1974 , p. 322)

5.6.5 HIPONÍMIA E HIPERONÍMIA

Hiponímia e hiperonímia São relações de significação consideradas como tipos de função, de acordo com Hjelmslev (1975), ou seja, relações de dependência entre elementos e

conjuntos do universo léxico de uma língua natural. No *Dicionário de Semiótica* de Greimas e Courtès (1979), os termos designam a relação estabelecida entre a “categoria sêmica” e um de seus “termos constituintes”. Para estes autores, do ponto de vista interpretativo, hipônimo é a “categoria que é manifestada em lugar da categoria sêmica”, e o hiperônimo é a “categoria que é manifestada em lugar de um dos termos sêmicos”. Portanto, é a relação hiponímia/hiperonímia que permite a definição da metonímia. Essa relação é de inclusão: hipônimos são os lexemas de um arquilexema ou hiperônimo. Um exemplo é a relação entre as unidades *humano*, *homem* e *mulher*. *Humano* é o hiperônimo, o arquilexema ou classema. Em relação a *humano*, *homem* e *mulher* são hipônimos e, entre si, estas unidades são co-hipônimas.

Baldinger (1970), ao tratar da sinonímia por extensão e por intensão, afirma que, no sistema conceitual a sinonímia por intensão parte da língua, enquanto a sinonímia por extensão parte da realidade. O que ele chama de sinônimos por extensão é considerado por alguns estudiosos como parassinônimos (quase sinônimos), ou seja, unidades diferentes que designam um mesmo objeto. Estas unidades têm a mesma referência denotativa, isto é, referem um mesmo objeto mental, mas a referência conotativa é diferente (1970, p. 216 et seq.). Para Galisson (1991), parassinônimos “são termos que podem ser tomados como possuidores do mesmo sentido, mas cujas distribuições não são idênticas” (1991, s.p. apud BARBOSA, 1998, p. 31). Barbosa (1998) afirma que os parassinônimos caracterizam-se como lexemas que têm expressões distintas mas que têm “quase o mesmo conteúdo, quase o mesmo recorte conceitual, [...] por serem lexemizações diferentes do mesmo recorte conceptual, por se relacionarem ao mesmo *conceptus*”. (BARBOSA, 1998, p. 35)

Lyons (1974) define como critérios para a sinonímia a referência e a distribuição e trata da relação de **co-hiponímia**, relação que ocorre entre hipônimos de um mesmo hiperônimo. Para Barbosa (1998, p. 21), a co-hiponímia ocorre quando, a dois elementos do

conjunto significante (hiperônimo), em relação de oposição disjuntiva (hipônimos), correspondem dois ou mais elementos do conjunto significado, estes em relação de oposição transitiva. Assim, os co-hipônimos são subordinados a um significado mais extensivo, são termos semanticamente próximos, na medida que têm um hiperônimo comum.

O método para a obtenção do hiperônimo é sugerido por Pottier (1992), que afirma ser possível por meio da análise sêmica, identificar os semas comuns ao conjunto e os semas específicos de cada lexia.

Palmer (1979, p. 91-93) afirma que a hiponímia envolve a noção de inclusão do sentido, ou seja, o termo “superior” (mais geral) é o superordenado, hiperônimo, e o termo “mais baixo” (mais específico), o hipônimo. Para ele, a hiponímia implica uma relação lógica de **consequência**, isto é, a “frase que contém o hipônimo pressupõe a que contém o termo superordenado”.

Os hipônimos pertencentes a um mesmo hiperônimo mantêm entre si a relação de **co-hiponímia**. São unidades semanticamente próximas, mas “o grau de proximidade entre esse tipo de elementos varia de um microssistema a outro, autorizando uma distinção *co-hipônimos próximos* e *co-hipônimos distantes*” (BARBOSA, 1998, p. 33). Os *co-hipônimos próximos* têm um denominador comum amplo e os *co-hipônimos distantes* têm núcleo sêmico reduzido em relação à outra unidade lexical. Galisson (1973, 1991 apud BARBOSA, 1998, p 34) afirma que os *co-hipônimos próximos* são facilmente confundidos com os parassinônimos, e que a principal diferença entre as duas relações de significação está no “paradigma de referencialidade”: parassinônimos possuem a mesma referência cognitiva e referências afetivas distintas, co-hipônimos próximos têm referências cognitivas e afetivas distintas. Para Barbosa (1998), os parassinônimos são comutáveis em muitos contextos, pois têm quase a mesma distribuição, enquanto os co-hipônimos não são comutáveis do ponto de vista semântico. Barbosa afirma, ainda, que entre os co-hipônimos, a proximidade semântica é

decorrente de traços conceituais comuns e estes não podem ser remetidos aos mesmos recortes conceituais: “cada co-hipônimo corresponde e a um *conceptus*” (BARBOSA, 1998, p. 36).

Assim, a diferença entre parassinônimos é de ordem lexicográfica, a diferença entre co-hipônimos é de ordem conceptual e lexicográfica. “Co-hipônimos têm *conceptus* e conceitos diferentes, correspondem, então, a lexes, modelos mentais e recortes culturais diferentes”. Para a autora, a condição da relação de co-hiponímia é sua intersecção sêmica (arquissemema definidor do campo semântico) e, portanto, estes não são intercambiáveis e, quando associados, só podem ser substituídos por seu hiperônimo.

6 IDEOLOGIA

Quando se fala que, em um enunciado, a escolha de uma palavra é feita muitas vezes pela carga emotiva e subjetiva que ela possui, é necessário falar sobre a relação entre linguagem e ideologia, uma vez que é a ideologia que determina as tomadas de decisão, lingüísticas ou não, do enunciador. Para José Luiz Fiorin (1995, p. 33), as visões de mundo não se desvinculam da linguagem, porque a ideologia é algo iminente à realidade e indissociável da linguagem.

[...] a ideologia é “a visão de mundo, a consciência de uma época, a maneira como uma sociedade ou um grupo concebe a si mesmo; ou ainda, o conjunto das representações segundo o qual se identificam”. (MARCONDES, 1992, p. 115)

Para Marcondes, o núcleo do ato da fala é o *ato ilocucionário*, em que se caracteriza a noção de que a linguagem é uma forma de ação. “A força ilocucionária é constituída por *convenções* lingüísticas, sociais, institucionais e pragmáticas” (1992, p. 120-121).

Temos uma interpretação de linguagem como um sistema simbólico permitindo a comunicação humana, e em última análise, a constituição do significado da experiência humana, enquanto social, cultural. Significado este *intersubjetivo*, constituindo-se a partir da interação humana, do mundo da cultura. [...] A consciência humana individual encontra-se sempre diante de um mundo já constituído, já dotado de significado, e constitui-se por sua vez em interação com este mundo. É neste sentido que a linguagem é constitutiva da experiência humana enquanto dotada de significado”. (MARCONDES, 1992, p. 134)

Marilena Chauí (1993, p. 31) afirma que a ideologia não é sinônimo de subjetividade oposta à objetividade, que não é pré-conceito nem pré-noção, mas que é “um ‘fato’ social justamente porque é *produzida* pelas relações sociais, possui razões determinadas para surgir e se conservar [...]”. Para ela, ideologia não é um “amontoado de idéias falsas”, mas uma forma de produção de idéias pela sociedade ou “por formas históricas determinadas das relações sociais”.

Em *Um Mapa da Ideologia* (1996), Slavoj Žižek afirma que o termo ideologia designa muitas coisas, entre elas, “o meio essencial em que os indivíduos vivenciam suas relações com uma estrutura social até as idéias falsas que legitimam um poder dominante”. Para ele, uma ideologia não é necessariamente “falsa”:

[...] quanto ao seu conteúdo positivo, ela pode ser verdadeira, muito precisa, pois o que realmente importa não é o conteúdo afirmado como tal, mas o modo como esse conteúdo se relaciona com a postura subjetiva envolvida em seu próprio processo de enunciação. [...] A ideologia é uma comunicação sistematicamente distorcida [...] em que lidamos com uma tensão não refletida entre o conteúdo enunciado explicitamente no texto e seus pressupostos pragmáticos”. (ŽIŽEK, 1996, p. 9, 13-16)

Este autor explica que há muitas idéias associadas ao termo ideologia que, por isso, pode representar tanto um complexo de idéias (teorias, convicções, crenças, métodos de argumentação), como a materialidade em seu aspecto externo, os Aparelhos Ideológicos do Estado e a realidade social (ou ideologia “espontânea”). Com relação à linguagem, Žižek afirma que não se pode traçar uma clara linha demarcatória entre os níveis descritivos e

argumentativos da linguagem e que, portanto, não existe conteúdo descritivo neutro; “toda descrição (designação) já é um momento de algum esquema argumentativo” (ŽIŽEK, 1996, p. 16).

Por um lado, a ideologia representa a distorção da argumentação e do discernimento racionais, em virtude dos interesses “patológicos” externos, de poder, de exploração etc. Por outro, a ideologia reside na própria noção de um pensamento que não seja permeado por alguma estratégia de poder não transparente, de uma argumentação que não dependa de recursos retóricos não transparentes (ŽIŽEK, 1996, p. 23).

Fiorin (1995) cita a posição de Mikhail Bakhtin em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, de 1979, sobre o caráter ideológico do signo lingüístico, que reflete e refrata a realidade. Para Fiorin, Bakhtin vê no signo um caráter dialético, pois é nele que se confrontam significados de valores contraditórios. Assim, o filósofo vê a consciência como social e não individual, uma vez que esta é constituída pelo discurso. Žižek (1996) cita, ainda, Lacan: “a realidade não é a “própria coisa”, é sempre já simbolizado, constituído e estruturado por mecanismos simbólicos [...]”.

7 CONTEXTO

A concepção de contexto deve ultrapassar os limites da mera lingüística e transportar-se para a análise das condições gerais em que uma língua é falada. O estudo de qualquer língua falada por um povo que vive em condições diferentes das nossas e possui uma cultura diferente, deve ser conduzido simultaneamente com o estudo de sua cultura e do seu meio-ambiente (MALINOWSKI, 1936, p.306 apud ULLMANN, 1977, p. 106).

Contexto pode ser definido como a situação histórico-social de um texto, o que envolve não somente as instituições humanas, como ainda outros textos que sejam produzidos em volta dele e que com ele se relacionem. O contexto envolve elementos tanto da realidade

do autor quanto do receptor, e é a análise destes elementos que ajuda a determinar o sentido empregado na linguagem. É necessário que a análise de um texto considere que há um autor, um sujeito com determinada identidade social e histórica e, a partir disto, situe o discurso em estudo como compartilhando desta identidade.

Para Hjelmslev (1975, p. 50-86), qualquer significação deve ser compreendida como plenamente contextual. “[...] não há significações reconhecíveis que não as significações contextuais”. Ele afirma que todo signo é definido de modo relativo e não absoluto, isto é, pelo lugar que ocupa no contexto, e que as significações manifestam variações. “Toda significação de signo nasce de um contexto, quer entendamos por isso um contexto de situação ou um contexto explícito, o que vem a dar no mesmo.”

Ducrot (1977) confere especial importância ao contexto na significação. Para ele, a variedade de sentidos que aparece em múltiplas ocorrências pode ser engendrada a partir de uma única significação atribuída ao próprio enunciado, considerando as diferenças de situação, isto é, cada ocorrência pode ter vários sentidos, segundo a pessoa: locutor, destinatário, ouvinte que a interpreta. Para ele, a Semântica não tem de prever os significados dos enunciados tomados independentes de sua situação de emprego. Ducrot propõe que Semântica Lingüística seja um estudo estrutural da enunciação, fundada no aspecto ilocucional dos atos que são nela realizados, e advoga em favor da inclusão de uma referência à fala na descrição da enunciação.

[...] A noção de significatividade, tomada fora de contexto, é totalmente absurda (ou tautológica). [...] Cabe à descrição semântica o conjunto de conhecimentos que permitem prever o sentido que recebe efetivamente cada enunciado da língua em cada uma das situações em que é empregado” (DUCROT, 1977, p.116-117).

Para Geckeler (1976, p. 177), a situação e o contexto não correspondem ao significado, mas são fatores importantes para a sua constituição. Ele toma como base as noções de que as

palavras são sinsemânticas e adquirem significado em seu emprego nos contextos; e de que o significado se destila a partir do uso; o conteúdo de uma palavra é apreendido pelo contexto e pela norma de uso. Em sua definição de significado, Geckeler (1976) afirma ser este a soma dos contextos em que uma palavra aparece (suas distribuições lingüísticas), e que todo o contexto lingüístico e o contexto da situação determinam a significação de uma palavra. “As palavras nunca são completamente homogêneas, pois dependem do contexto e da situação. É essa multiplicidade de aspectos que as torna imprecisas e é daí que surgem as ambigüidades” (OKSAAR, 1958, p. 43 apud GECKELER, 1976, p. 53).

Genouvrier e Peytard (1974, p. 312) afirmam que não existem atos de fala interpretáveis fora de um contexto, e que as palavras só adquirem sentido pelo envolvimento das coisas, gestos e demais palavras que as acompanham.

Lyons (1974) evidencia a relevância do contexto para o estudo da significação e o insere na teoria semântica. Para ele, o contexto da situação é fundamental para a determinação semântica e, à situação, deve ser atribuído peso igual ao da forma lingüística. O contexto é importante em todos os níveis de análise semântica e que as relações de significação são estabelecidas para contextos particulares ou conjunto de contextos, e não para a totalidade da língua.

O contexto situacional de uma elocução não pode ser simplesmente identificado como a matriz não verbal do ‘acontecimento de discurso’ [...]. Deve ser adotada uma noção mais ampla e abstrata de contexto, que inclua os ‘componentes’ verbais e não verbais sob um mesmo cabeçalho. O contexto “deve ser considerado como correspondendo todas as convenções e pressuposições aceitas na sociedade na qual os participantes vivem, na medida em que estas são importantes para a compreensão da elocução (LYONS, 1974, p. 138).

Lyons (1974) considera, ainda, que o contexto está em construção constantemente a partir do universo do discurso, pois são “convenções institucionalizadas numa determinada

sociedade e relevantes para uma determinada espécie de atividade lingüística” (URBAN, s.d., p.128 apud LYONS, 1974, p.141).

Ullmann (1977) afirma que influências contextuais afetam qualquer palavra, e destaca mais um ponto sobre a importância da consideração do contexto na análise lingüística: dissipar as ambigüidades.

Palmer (1979) dedica dois capítulos de sua obra *A Semântica* ao contexto, que subdivide em extralingüístico e lingüístico. O contexto extralingüístico se relaciona ao conceito de referência (em sentido lato, não como denotação de palavras), que diz respeito às relações entre a língua e o mundo extralingüístico da experiência. Ele difere referência de sentido, pois este último se ocupa das relações internas da língua. Por isso, Palmer adota os termos contexto e contexto de situação, e lembra que o contexto por muito tempo esteve excluído dos estudos da semântica, que via o significado como independente da situação de produção dos discursos. Para se chegar aos significados, os estudiosos utilizavam a equivalência de significados, opção equivocada na opinião deste autor.

[...] determinar equivalência de significado não é determinar o significado, e não há provas de que o conhecimento do significado de uma frase implique o conhecimento do contexto em que é usada. [...] em essência, as duas são uma e a mesma coisa” (PALMER, 1979, p. 57, 58 e 60).

De acordo com Palmer, contexto de situação é um termo associado aos estudiosos B. Malinowski e a J. R. Firth, que defendiam a opinião de que a descrição de uma língua não seria completa se não se referisse ao contexto da situação em que esta operava. A linguagem é vista com um meio de ação, não apenas uma contrapartida do pensamento, e prova disso é a função *fática* da língua, em que as palavras, sem veicular significado, têm apenas função social, como, por exemplo, o que acontece nos diálogos quotidianos. “[...] o significado das palavras e das frases está relacionado com o mundo da experiência” (PALMER, 1979, p. 61-66). Palmer explicita a visão behaviorista de Bloomfield, que considera o significado dos

elementos lingüísticos como totalmente explicáveis em termos da situação em que são usados, ou seja, significado é situação. O significado de uma forma lingüística é “a situação em que o falante a produz e a resposta que ela vai provocar no interlocutor” (BLOOMFIELD, 1933, s.p. apud PALMER, 1979, p. 66).

Parte da dificuldade que há em relacionar a linguagem com o mundo exterior reside no facto de a maneira como vemos o mundo estar até certo ponto dependente da língua que usamos. [...] Nossa visão do mundo [...] é parcialmente determinada pela língua que falamos. (PALMER, 1979, p. 69)

Quanto ao contexto lingüístico, Palmer afirma existir uma visão que “considera o significado da palavra inteiramente susceptível de ser determinado a partir do contexto em que ela se insere”. Para ele, o estudo do contexto lingüístico é interessante para a semântica porque, por meio dele, pode-se distinguir significados diferentes e também por provar que a tese de que a distribuição de uma palavra é determinada por seu significado não é verdadeira. “As palavras podem ter significados mais específicos como resultado de determinada ocorrência” (PALMER, 1979, p. 107, 110 e 111).

Embora se considere neste trabalho que as unidades lexicais possuam, independentemente dos contextos em que são aplicadas, um núcleo de significado, como tratam Ullmann e Guiraud (ver seção 5. *Reverendo alguns princípios semânticos*), é dada grande importância ao contexto para a análise. Por ter o objetivo de comprovar que a manipulação ideológica exercida pelos meios de comunicação já ocorre na escolha lexical, o papel do contexto situacional na constituição dos enunciados é fundamental, uma vez que o trabalho jornalístico engloba, além da visão do próprio jornalista, os pontos de vista da empresa em que ele trabalha e da sociedade em que vive.

8 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA

Aqui serão apresentadas as teorias que embasam as análises e as conclusões deste trabalho e também a metodologia que foi empregada para a constituição do *corpus* e para a realização da análise dos dados.

8.1 OPÇÃO TEÓRICA

A corrente lingüística adotada neste trabalho é a do Estruturalismo, que entende a língua como um sistema estruturado, cujos elementos constituem relações e exercem funções que possibilitam o seu funcionamento. Ferdinand de Saussure (1857-1913), o precursor dessa corrente teórica, interessou-se pela estrutura da língua, aquilo que é comum a todos os falantes e que funciona em um nível inconsciente. Seu interesse estava nos resultados extraídos da observação direta da língua e em que se poderia apreender dessa observação. Ao lado das idéias de Saussure, os trabalhos do antropólogo Claude Lévi-Strauss especificaram os procedimentos básicos do Estruturalismo, que são: a) a análise estrutural que examina as infra-estruturas inconscientes dos fenômenos culturais; b) análise da relação entre os elementos dessa infra-estrutura; c) busca de uma coerência do sistema. Com base nesses princípios, Saussure definiu a Lingüística Estrutural como a principal metodologia para os estudos de semiologia, a ciência dos sistemas dos sinais, entre eles, o signo.

O Estruturalismo Funcional de Eugênio Coseriu, que estuda a língua sem a isolar dos fatores externos, também norteia este trabalho. Coseriu entende a língua primeiramente como “função”, depois como “sistema”, uma vez que se constitui um sistema a partir de uma função, e essa função se liga a fatores históricos que imprimem marcas na organização

sistêmica da própria língua. Língua, para este autor, é um “sistema de oposições funcionais e realizações normais” (COSERIU, 1973, p. 19). Ele insere nos estudos estruturalistas a dicotomia “sistema” e “norma”, que antes se baseava apenas da distinção “langue/parole”, proposta por Saussure. Como sistema, Coseriu entende o conjunto de possibilidades que se abrem para um falar compreensível em uma comunidade e, como norma, ele define o conjunto de realizações obrigatórias, consagradas e compartilhadas dentro dessa mesma comunidade de falantes.

Dentre os principais lingüistas de orientação estruturalista, foram relevantes para esta análise os trabalhos de Geckeler, Biderman, Vilela, Ullmann, Palmer, Pottier, Baldinger, Lyons, Coseriu, Courtès e Greimas, que desenvolveram estudos nas áreas de Lexicologia e Semântica Lexical.

Vilela (1994, p. 11, 24-25) considera como a melhor proposta para a análise lexical o quadro de análise sêmica derivado dos princípios da Escola de Praga, que reconhece os traços sêmicos como unidades constituídas a partir da comparação de lexemas. O autor afirma que o léxico de qualquer língua apresenta estruturas lexicais e determinadas relações que lhe conferem sistematicidade, e que o essencial dessa sistematicidade provém das relações paradigmáticas e sintagmáticas. Para Vilela, a Semântica Lexical é o estudo do conteúdo dos lexemas e grupos de palavras equivalentes de lexemas, podendo situar-se no nível da “langue”, da “norma” e da “parole”. A ressalva do autor é que apenas no nível da “langue” está situada a sistematicidade das unidades lexicais, pois este é o nível em que as unidades se configuram como unidades funcionais. Neste nível ocorrem as relações e inter-relações léxicas, como campos e classes lexicais, sinonímia, antonímia e hiponímia.

O léxico é o subsistema da língua mais dinâmico, porque é o elemento mais diretamente chamado a configurar lingüisticamente o que há de novo. (VILELA, 1994, p. 14)

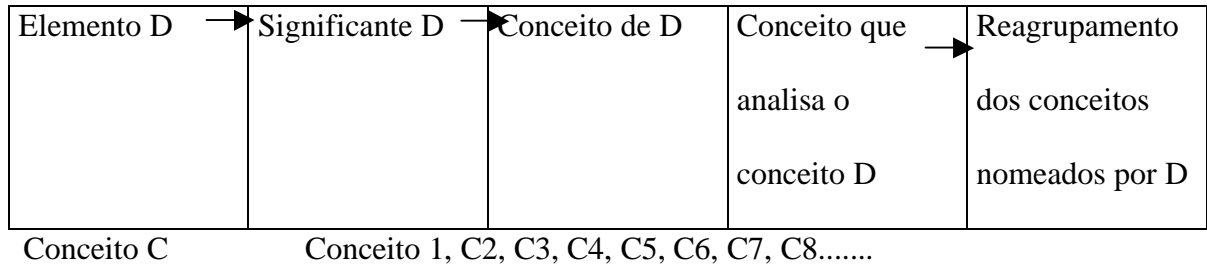
Lyons (1979, p. 436) afirma que a Semântica busca atingir o grau de uniformidade que há no “uso” da língua, que é o que torna possível a comunicação normal, que supõe que todos compreendam as palavras da mesma maneira, ou seja, é a suposição da compreensão.

Algumas palavras, porém, podem ser compreendidas de maneiras variadas, de acordo com as conotações emotivas que podem fazer despertar nos falantes/leitores. De acordo com Biderman (1998, p. 13), a geração do léxico se processa por atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, que se cristaliza sob a forma de signos lingüísticos. Para a autora, “conceitos ou significados são modos de ordenar os dados sensoriais da experiência. Portanto, a concepção de Lexicologia aqui adotada tem como objeto o estudo e a análise da palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico e, por considerar a dimensão significativa, faz fronteira com a Semântica.

Com base nas teorias descritas nas seções anteriores deste trabalho, adota-se a análise da Semântica Estrutural, que concebe o signo como sendo constituído de semas, traços semânticos pertinentes de conteúdo.

A partir da concepção de semema como substância semântica formada por semas (traços de significação), a análise por meio da comparação e intersecção de traços de unidades pertencentes a um mesmo campo parece ser um caminho válido e eficiente. Diversos autores fundamentam essa posição, como Pottier (1965, p. 33-39 apud BALDINGER, 1970, p. 89), para quem “a definição é a soma dos semas e ao mesmo tempo dos traços distintivos”. Baldinger (1970, p. 81 e 93) afirma que cada lexema pode ser descrito como um certo arranjo de semas, e que a definição de uma unidade lexical pode “decompor e recompor o significado de um significante a partir das unidades menores de significação”. Para Coseriu, “os traços distintivos são as oposições de conteúdo em que as unidades funcionam” (1964, p. 157-158 apud GECKELER, 1976, p. 306).

O esquema da definição semântica seria o seguinte:



Significante D = Significante A + Significante B + Significante C + Significante D...

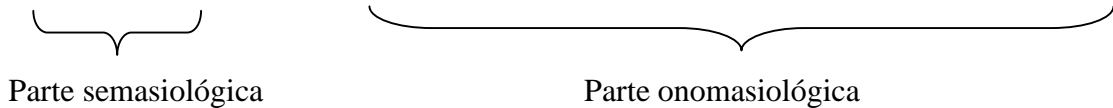


Figura 4: Esquema da definição semântica de Marie-José Rey (1966, p. 71-94 apud BALDINGER, 1970, p. 94)

Baldinger (1970) sugere quatro formas de análise semântica:

- a) Análise Positiva – pelo gênero aproximado e diferença específica
- b) Análise por Negação – definição por antônimos
- c) Definição por Sinônimos – igualdade de semas
- d) Análise por Transformação – definição relacional

A teoria dos campos léxicos também foi relevante para esta análise, uma vez que se fez necessário o estudo das relações de significação, como a polissemia e a hiperonímia. Trabalhos de Trier, Weisgerber, Pottier e Coseriu, que tratam das relações de coordenação e de hierarquia e a articulação entre as unidades possuidoras de, pelo menos, um traço comum de significação (sema), mostram que cada palavra adquire sua determinação conceitual a partir da estrutura do todo, uma vez que está em “coordenação articulada” no campo léxico.

A Prova da Comutação, proposta por Hjelmslev (1975) e utilizada neste trabalho, é um instrumento eficaz para a análise dos lexemas em traços distintivos e deve servir para mostrar se a substituição de um elemento por outro no plano da expressão pode produzir distinção no plano do conteúdo, ou se essa substituição no plano do conteúdo pode produzir uma diferença no plano da expressão. Para Coseriu (1969), a prova da comutação deve ser aplicada às

relações léxicas não para identificar as unidades, mas para estabelecer os traços distintivos que as caracterizam.

Para Pottier (1992, p. 67–75), a percepção e a *conceptualização* são as bases das escolhas semiológicas. Os conceitos e os modelos serão os apoios das “cenas mentais” criadas pelo enunciador e recriadas pelo receptor das unidades lexicais, retornando aos infinitos referentes. Para este autor, qualquer representação visual deve se abstrair das especificidades de cada ocorrência do conjunto e oferecer um compromisso entre o mais geral e o mais específico, o que corresponde, mais ou menos, à idéia banal que se faz da coisa nomeada por tal unidade. Pottier afirma que toda língua lexicaliza as imagens sob uma *forma culturalizada*, que evoca os comportamentos gerais. Para ele, é no virtúema destas palavras que se fixam os valores disponíveis na língua. Um modelo mental pode ser subjacente como, por exemplo, nos casos de metaforização, e a gramática é apenas uma abstração que generaliza a experiência humana. Assim, o enunciador não é um simples descritor do mundo. Ele geralmente manifesta lingüisticamente suas reações pessoais através da formulação dos enunciados.

Para Palmer (1979, p. 48) algumas palavras podem ser escolhidas somente por seus significados emotivos ou avaliativos. O restante de seu significado, o ‘cognitivo’, permanece o mesmo. O autor cita que alguns semanticistas tentaram descobrir a diferença emotiva existente entre palavras inglesas como “politician” e “statesman”, “hide” e “conceal”, “liberty” e “freedom”. Para ele, a função de tais palavras na língua é a de influenciar atitudes. Palmer afirma que há maneiras mais sutis do que simplesmente dizer se algo é bom ou mau. Ele conclui que, principalmente na política, “há determinadas palavras que são muitas vezes escolhidas apenas efeito que irão causar”. Para ele, as palavras podem ter significados emotivos diferentes em sociedades diferentes.

8.2 METODOLOGIA DE ORGANIZAÇÃO DO CORPUS DE REFERÊNCIA E DE ANÁLISE

O *corpus* desse trabalho foi constituído a partir da leitura das matérias jornalísticas, retiradas das revistas *Veja*, *Época*, *Isto É* e do jornal *Folha de S. Paulo*, que tratam do conflito envolvendo Estados Unidos e Iraque, no período entre fevereiro e abril de 2003. Foram considerados todos os tipos de textos, de reportagens locais (produzidas nas redações dos veículos de comunicação) e de enviados ao local do conflito a artigos, editoriais e textos originários de agências de notícia internacionais. Como há, em qualquer cobertura jornalística, um grande número de profissionais envolvidos, não foi viável a análise identificada por autor, sendo considerada a autoria apenas pelo veículo em que foi publicada. Textos provenientes de editorias diversas, como economia, esportes e cultura, por exemplo, também foram considerados, por se entender que o ponto de vista que a publicação tem do tema também está implícito em textos de outras áreas. Foram selecionados todos os textos que mencionavam o assunto “guerra”.

A partir dessa leitura, foram destacadas dos textos as unidades lexicais que pertenciam às classes nominais (substantivos e adjetivos), considerando-se seu contexto (o uso). Ao todo, foram reunidas 914 unidades lexicais, que estão reunidas e podem ser consultadas, no contexto em que apareceram, na seção 11 deste trabalho, intitulada *Anexos*.

Constituído o *corpus*, o próximo passo foi o agrupamento das lexias por semelhanças de significação. Tal agrupamento tomou por base traços subjetivos e/ou emotivos (traços semânticos compartilhados socialmente) encontrados nas unidades. As unidades foram reunidas em 27 grupos distintos. Para a formação de cada grupo não se considerou a classe gramatical das unidades (substantivo ou adjetivo), apenas foi levada em conta a semelhança

de traços de significação e a referência de cada uma delas a um dos lados envolvidos no conflito (Iraque ou Estados Unidos, e seus respectivos aliados).

A análise de cada grupo de unidades lexicais teve início com uma nova leitura dos textos dos quais as mesmas foram retiradas. Nesta leitura, foram revistos os contextos em que cada lexia foi empregada e feita uma análise minuciosa sobre qual lado do conflito ou sobre qual personagem esta tratava.

Em seguida, realizou-se uma leitura das entradas de cada unidade registradas em dois dicionários monolíngües da Língua Portuguesa: *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (versão eletrônica de 2001) e *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio* (2004). Houve grupos em que foi necessária a consulta a obras lexicográficas especializadas, principalmente das áreas de política e ciências sociais, devido à ambigüidade de sua terminologia. Foram consultados o *Dicionário de Política* (1985), de Norberto Bobbio e Nicola Matteucci, o *Dicionário de Ciências Sociais* (1980), editado pela Fundação Getúlio Vargas, e o livro *Curso de Teoria do Estado e Ciência Política* (2004), de Celso Ribeiro Bastos.

Dos dicionários foram extraídas e reproduzidas em cada um dos grupos apenas as acepções que têm alguma relação com o sentido que a unidade apresenta nos contextos retirados dos textos jornalísticos. As entradas extraídas dos dicionários não foram reproduzidas na íntegra, entretanto, optou-se por manter a numeração das acepções da forma em que aparecem nas obras lexicográficas. Tanto as acepções retiradas dos dicionários quanto os trechos extraídos dos textos da imprensa foram grafados em corpo de texto menor, com a intenção de facilitar e agilizar sua leitura.

As acepções encontradas nos dicionários foram confrontadas com os contextos, e os semas que indicavam qualquer relação de significação entre as unidades foram destacados. Para cada sema houve a investigação da existência de uma possível conotação ideológica, emotiva ou subjetiva, tanto da unidade em seus contextos, quanto nas acepções dos

dicionários, que poderia exercer influência na compreensão ou orientar a interpretação do leitor. Em seguida, foi identificada a relação de significação existente entre as lexias e observada as conseqüências das escolhas das mesmas pelos jornalistas.

Partindo do princípio exposto por Baldinger (1970) de que pessoas têm diferentes experiências que se refletem na linguagem, e das possibilidades produtivas da análise das unidades em semas, foi desenvolvida a metodologia empregada nesta análise.

Na seção 6 deste trabalho, quando se tratou da noção de ideologia, foi esclarecida a relação existente entre linguagem e ideologia, considerando-se que é a ideologia que determina as tomadas de decisão, lingüísticas ou não, do enunciador. O autor José Luiz Fiorin (1995) afirma que a ideologia é algo indissociável da linguagem e que, por isso, ela deve ser considerada na análise lingüística. Danilo Marcondes (1992) diz que a linguagem é uma forma de ação e que a enunciação é influenciada por convenções lingüísticas, sociais, institucionais e pragmáticas.

Ao tratar da linguagem, Žižek (1996, p. 16) afirma não existir conteúdo descritivo neutro e que toda descrição (designação) já é um momento de algum esquema argumentativo. É essa influência que surge na escolha lexical no momento da produção do enunciado que se buscou comprovar.

9 ANÁLISE DE DADOS

Do *corpus*, que pode ser consultado no item 11 deste trabalho, *Anexos*, foram selecionadas algumas lexias para a realização da análise. Tal seleção foi realizada considerando-se a referência aos principais personagens das matérias jornalísticas em estudo, o presidente dos Estados Unidos e o chefe político do Iraque, e também a pessoas a eles

ligadas. Esta escolha também levou em consideração os campos semânticos das unidades, que foi determinante para o agrupamento das mesmas e para a análise das relações de significação existentes entre elas.

9.1 GRUPO 1

LEXIAS: TIRANO, AUTOCRATA, DITADOR, SENHORIO, LÍDER

As três primeiras unidades deste grupo são geralmente empregadas pela imprensa para denominar o comandante iraquiano Saddam Hussein, e as duas últimas se aplicam também ao presidente americano, George W. Bush, e a qualquer outro político de grande influência. O uso de cada uma parece estar relacionado a uma idéia subjacente que se pretende informar, uma vez que todas elas refletem características pessoais da forma de governar dos personagens. Abaixo, alguns exemplos retirados dos textos jornalísticos analisados:

“[...] se tende implicitamente a dar como fato que o sanguinário Saddam Hussein é apenas uma vítima – quando na verdade ele é um **tirano** perigoso.” (Revista Veja – 19/03/2003)

“Enquanto boa parte da população comemorava a derrocada do regime destruindo as estátuas do **tirano** e saqueando palácios [...]” (Revista Veja – 30/04/2003)

“Mas a história mostra que muito mais hercúlea do que derrubar um **tirano** é a tarefa de unir povos diversos num Estado democrático unificado.” (Revista Isto É – 16/04/2003)

“Mas também George Bush pai, que, por cálculo geopolítico, decidiu manter no poder o **tirano** de Bagdá em 1991 [...]” (Folha de S. Paulo – 09/03/2003)

“Não é à toa que se fala tanto no exército de sócias com que o **tirano** conta para despistar seus inimigos.” (Folha de S. Paulo – 26/03/2003)

“Palácios que asseguravam o conforto e a vida fácil do **tirano**, dono de uma fortuna de US\$ 2 bilhões, e seus familiares foram visitados por dentro.” (Revista Época – 21/04/2003)

“A primeira coisa que buscam os **autocratas** é a cumplicidade das vítimas” (Folha de S. Paulo – 08/04/2003)

“Hafez Assad, que governou entre 1970 e 2000, quando morreu de ataque cardíaco, foi um **autocrata** ao estilo de Saddam, de quem era inimigo mortal. [...] Hafez Assad tinha a mesma mania de Saddam por impor sua presença com retratos e estátuas gigantescos – mas pessoalmente era mais discreto e melancólico que o **ditador** iraquiano.” (Revista Veja – 23/04/2003)

“Além disso, detonando tão cedo armas de destruição de massa, o **ditador** comprovaria aquilo que os EUA vêm falando há tanto tempo [...]” (Revista Isto É – 26/03/2003)

“[...] em busca de informações, incluindo pistas sobre onde o **ditador** e membros do seu círculo mais próximo estariam [...]. A estratégia americana em Bagdá consiste em tentar separar as forças leais ao **ditador** Saddam Hussein do resto da população.” (Folha de S. Paulo – 08/04/2003)

“Enquanto arrematam a vitória sobre o **ditador** Saddam Hussein com a captura de muitos de seus colaboradores [...]” (Revista Época – 28/04/2003)

“E a vontade dos novos **senhorios** é de administrar a propriedade manu militari por tempo indeterminado, tendo como auxílio um punhado de empresas americanas.” (Revista Isto É – 16/04/2003)

“O **tirano** foge, e seu povo enrola cordas em torno das estátuas do **líder** caído e promove a derrubada simbólica de sua imagem [...]” (Revista Veja – 16/04/2003)

“[...] a CIA mantém em seus arquivos exemplares de DNA do **líder** iraquiano e usará o material para testar quaisquer restos mortais que possam ser encontrados [...]” (Revista Isto É – 16/04/2003)

“O outro seria o bombardeio, na madrugada de ontem, para atingir o local onde estaria escondido Saddam Hussein ou outros **líderes** iraquianos.” (Folha de S. Paulo – 09/04/2003)

“A idéia de deixar os iraquianos escolher seus **líderes**, idealmente através de eleições, tem limites [...]” (Revista Época – 14/04/2003)

Nos dicionários consultados, observam-se os semas distintivos:

Tirano

2.Governante injusto, cruel ou opressor, que abusa de sua autoridade; 3.Indivíduo que abusa de sua autoridade; 4.Indivíduo cruel, impiedoso, tirânico. (Dicionário Aurélio)

1 Aquele que usurpa o poder soberano de um Estado; 2 governante injusto e cruel, que coloca sua vontade e sua autoridade acima das leis e da justiça; 3 aquilo que tortura ou martiriza ; 5 o que é tirânico, cruel, ver sinonímia de malvado e verdugo (Dicionário Houaiss)

Autocrata

Diz-se de, ou soberano absoluto e independente. (Dicionário Aurélio)

1 Diz-se de ou governante cujo poder é absoluto e independente; 2 (Derivação: por extensão de sentido. Uso: pejorativo). que ou quem exerce seu poder sem partilhá-lo com outros, impondo-o de forma arbitrária e tiranicamente; (Dicionário Houaiss)

Ditador

1. Aquele que concentra todos os poderes do Estado; 2. (Fig.) Indivíduo despótico, autoritário.

(Dicionário Aurélio)

2 (Derivação: por extensão de sentido) autoridade máxima de um país que concentra todos os poderes do Estado e exerce poder absoluto, durante uma ditadura; 3 (Derivação: por extensão de sentido)

indivíduo autoritário, despótico; (Dicionário Houaiss)

Senhorio

1. Direito de senhor sobre alguma coisa; domínio, autoridade; 2. Posse, domínio, propriedade.

(Dicionário Aurélio)

1 Domínio ou direito do senhor sobre algo; mando, autoridade; 2 direito de propriedade sobre alguma coisa; domínio, posse, propriedade; 3 detentor do direito de posse, domínio e propriedade; senhor, dono, proprietário (Dicionário Houaiss)

Líder

1. Indivíduo que chefia, comanda e/ou orienta, em qualquer tipo de ação, empresa ou linha de idéias;

2. Guia, chefe ou condutor que representa um grupo, uma corrente de opinião, etc; (Dicionário Aurélio)

1 Indivíduo que tem autoridade para comandar ou coordenar outros; 1.1 pessoa cujas ações e palavras exercem influência sobre o pensamento e comportamento de outras; 2 (Derivação: por extensão de sentido) país, Estado, grupo que exerce sobre os congêneres predomínio, domínio ou tutela nos campos político, social, econômico e cultural; 3 (Derivação: por extensão de sentido) porta-voz, chefe de um partido ou movimento político; 4 (Derivação: por extensão de sentido) pessoa que se encontra à frente de um movimento de caráter religioso, filosófico, artístico, científico etc.; Sinônimos: liderança; ver tb. sinonímia de chefe; (Dicionário Houaiss)

Confrontando-se as definições encontradas nos dicionários com os textos jornalísticos em que as unidades aparecem, destacam-se os semas: 1. crueldade, 2. injustiça, 3. opressão, 4. abuso e concentração de poder, 5. despotismo, 6. imposição da vontade própria, 7. autoritarismo, 8. comando, 9. influência. Os sete primeiros são comuns às lexias *Tirano*, *Autocrata* e *Ditador*; os dois últimos, a *Líder* e *Chefe*.

As cinco unidades em análise mantêm entre si a relação de **co-hiponímia**, pois integram o hiperônimo **poder, chefia**. De acordo com Barbosa (1998, p.21), a co-hiponímia ocorre quando, a dois elementos do conjunto significante (hiperônimo), em relação de oposição disjuntiva (hipônimos), correspondem dois ou mais elementos do conjunto significado, estes em relação de oposição transitiva. Assim, os co-hipônimos são subordinados a um significado mais extensivo, são termos semanticamente próximos, na medida que têm um hiperônimo comum. Para Greimas e Courtès (1979), trata-se da aplicação da metonímia: o hipônimo é a “categoria que é manifestada em lugar da categoria sêmica”, e o hiperônimo é a “categoria que é manifestada em lugar de um dos termos sêmicos”.

Entre as três primeiras unidades, que apresentam maior número de semas em comum, ocorre a **parassinonímia**: elas têm muitos traços em comum, integram um sub-grupo mais restrito no campo lexical em que estão inseridas e, geralmente, podem ser substituídas uma pela outra em grande parte dos contextos. Conforme define Barbosa (1997 p. 32 et seq.), são formas que pertencem ao mesmo microssistema semântico-sintático e mantêm entre si uma relação de oposição transitiva quanto ao significado.

O emprego destas unidades nos textos jornalísticos revela que, para se evitar a repetição, usam-se as unidades *Tirano*, *Autocrata* e *Líder* para denominar o chefe político do Iraque à época, Saddam Hussein. Isso demonstra haver uma intenção de associar este personagem às idéias de abuso de poder, crueldade, injustiça etc. O presidente americano e os

outros políticos citados nas reportagens são tratados de forma menos crítica, são associados às idéias de comando, influência, autoridade e liderança.

9.2 GRUPO 2

LEXIAS: POTÊNCIA, SUPERPOTÊNCIA, HIPERPOTÊNCIA

No grupo formado pelas unidades *Potência*, *Superpotência* e *Hiperpotência* também se estabelece a relação de **parassinonímia**. Por serem unidades formadas pela anexação dos prefixos “super-” e “hiper-” a uma mesma base, têm um amplo núcleo de significado comum. São geralmente empregadas pela imprensa para denominar os Estados Unidos e a opção por uma delas reflete a intenção de demonstrar a superioridade desse país sobre os demais. *Superpotência*, por exemplo, exprime a idéia de que o país possui poderio político, econômico, militar e nuclear perante os outros. A unidade *Hiperpotência*, ainda não dicionarizada, demonstra o desejo de se exprimir que a nação possui um poderio ainda maior sobre os demais. Abaixo estão alguns trechos dos textos jornalísticos em que as lexias aparecem e, em seguida, as definições encontradas nos dicionários, que demonstram haver a intenção de situar os Estados Unidos em posição de superioridade em relação ao Iraque:

“[...] a ONU estará desmoralizada, e a **hiperpotência** americana se sentirá com mais liberdade de ação do que nunca para passar por cima de inimigos[...]” (Revista Veja – 12/02/2003)

“Para os americanos, o ataque a um país-membro da ONU sem autorização formal é um rugido de **superpotência** desmesurado para o tamanho do perigo.” (Revista Veja – 12/03/2003)

“[...] apresenta a atual invasão anglo-americana do Iraque como parte de um assalto brutal de uma **potência** imperialista contra árabes indefesos.” (Revista Veja – 09/04/2003)

“O futuro das Nações Unidas (ONU), da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) e da própria União Européia está dependente da maior **potência** do planeta e de seus desdobramentos nas ofensivas contra o Iraque.” (Revista Isto É – 26/03/2003)

“[...]a única **superpotência** restante não tinha, até agora, enfrentado maiores resistências para aprovar resoluções de seu interesse [...]” (Folha de S. Paulo – 01/03/2003)

“A rejeição à guerra indica que a maioria da opinião pública européia gostaria que a UE atuasse como contrapeso à **superpotência** norte-americana [...]”(Folha de S. Paulo – 19/03/2003)

“[...]se o domínio da **hiperpotência** americana chegou a seu pico; se democracia liberal e mercados livres representam o fim da história; quais são as ameaças à ordem global que os EUA criaram e o que precisa ser feito para evitar sua destruição[...]”(Folha de S. Paulo – 29/04/2003)

“[...]levou o colunista Patrick E. Tyler, do jornal The New York Times, a escrever, na semana passada, que 'existem duas **superpotências** no planeta, os Estados Unidos e a opinião pública mundial'[...]” (Revista Época – 24/02/2003)

No dicionários foram encontradas as seguintes definições:

Potência

9.Nação soberana dotada de poderio. (Dicionário Aurélio)

1 Característica do que é potente, poderoso, forte; poder, força; 2 capacidade de mover (algo); força; 3 direito ou poder de ordenar, de se fazer obedecer; poderio, autoridade, domínio; 4 capacidade para

criar, para produzir, para agir; 5 força, poder misterioso ou sobrenatural;; 7 país forte econômica e militarmente (Dicionário Houaiss)

Superpotência

(Jur.) Potência que se destaca, pelo poder militar, das outras nações também militarmente poderosas.

(Dicionário Aurélio)

País que se destaca das demais potências por seu poderio econômico e militar, em especial no que diz respeito a armas atômicas; (Dicionário Houaiss)

9.3 GRUPO 3

LEXIAS: CHEFÃO, MANDA-CHUVA, FIGURÃO

Não foram encontrados empregos das unidades deste grupo em todos os veículos de comunicação analisados, apenas na revista *Veja* e no jornal *Folha de S. Paulo*, sendo que na primeira, as unidades são usadas para se referir a Saddam Hussein e a outros políticos relacionados a ele. No jornal *Folha de S. Paulo* há o emprego da palavra *Chefão* para tratar de George W. Bush. Percebe-se que as três unidades contêm traços pejorativos, que remetem às idéias de “astúcia” (habilidade em enganar), “negócio escuso”, “malícia” e “artimanha”. Abaixo há a reprodução de alguns trechos das reportagens:

“Aziz Salih Numan, **chefão** do Partido Baath, foi governador do Kuwait ocupado, onde promoveu saques, estupros e a execução em massa de civis.” (Revista *Veja* – 02/04/2003)

“... agora o **chefão**, Bush. Para quem ignora: o presidente é alcoólatra e deixou de beber depois de freqüentar o AA _Alcoólatras Anônimos.” (Folha de S. Paulo – 23/03/2003)

“Na capital, a roubalheira começou pelos prédios estatais e pelas residências abandonadas pelos **manda-chuvas** em fuga – até os cavalos árabes foram levados do palácio de Udai, o primogênito do ditador.” (Revista Veja – 16/04/2003)

“[...] mais conhecido no exterior entre os **chefões** da ditadura de Saddam [...]” (Revista Veja – 30/04/2003)

“[...] Hussein Kamel Hassan, **figurão** de alto coturno do regime de Bagdá [...]” – (Revista Veja – 05/03/2003)

“... dando guarida a **figurões** do governo de Saddam.” (Revista Veja – 23/04/2003)

“... doze dos 55 **figurões** que os Estados Unidos querem levar a julgamento...” (Revista Veja – 30/04/2003)

Foram encontradas nos dicionários as seguintes definições:

Chefão

1.(Bras.) V. manda-chuva. (Dicionário Aurélio)

1 Chefe todo-poderoso; manda-chuva, patrão; 2 indivíduo que chefia negócio escuso ou criminoso de grande vulto; Sinônimos - ver sinonímia de manda-chuva (Dicionário Houaiss)

Manda-chuva

1.Indivíduo importante ou influente; figurão; 2.Chefe, cabeça, líder; 3.Chefe político no interior. [(Sin. ger.): magnata, caudilho e (bras.) manda-tudo, chefão, maioral], (Dicionário Aurélio)

(Regionalismo: Brasil. Uso: informal) 1 indivíduo com importância e influência; magnata; 2 indivíduo que dá ordens, comanda, decide, lidera; chefe, maioral; 3 chefe político, coronel; Sinônimos - autoridade, caudilho, chefão, coronel, figurão, manda-tudo, ver tb. sinonímia de chefe (Dicionário Houaiss)

Figurão

1. Personagem importante; figuro; 2. Ostentação, ato que dá nas vistas; 3. Pessoa manhosa, astuta. (Dicionário Aurélio)

1 Grande ou expressiva figura; 2 (Uso: informal) indivíduo importante e representativo de algum setor da sociedade; figuro; Sinônimos - ver sinonímia de manda-chuva (Dicionário Houaiss)

No grupo há entre as três unidades a relação de **parassinonímia**, pois todas elas têm grande número de traços em comum, sendo apontadas nos dicionários como sinônimas, o que só ocorre em contextos específicos, uma vez que não possuem coincidência total de semas.

Dos textos jornalísticos e das definições dos dicionários apreende-se que as unidades têm uma conotação quase sempre negativa/pejorativa, algo que as afasta da idéia de seriedade e de autoridade. O emprego das mesmas em maior frequência para tratar de Saddam Hussein prova que os veículos de comunicação transmitem uma visão negativa deste personagem, o que ocorre em menor número de vezes nas nomeações usadas para George W. Bush.

9.4 GRUPO 4

LEXIAS: SANGÜINÁRIO, SINISTRO, MACABRO, PERVERSO, PAVOROSO, HOMICIDA

Na maioria das vezes, estas unidades são empregadas pelos veículos da imprensa aqui analisados para tratar de atos e de características pessoais de Saddam Hussein e de outras pessoas ligadas a ele ou que sejam do Oriente, como por exemplo, Osama Bin Laden. Algumas também foram usadas em referência aos atos do presidente americano, como *Sangüinário* e *Macabro*. Isso pode ser observado nos trechos, retirados dos textos jornalísticos:

“[...] e deixou visível a face **sanguinária** do regime.” - (Revista Isto É – 16/04/2003)

“[...] ao se livrar de um ditador **sanguinário** [...]” (Revista Veja – 12/02/2003)

“Também pôs em evidência a dura tarefa de reconstrução de um país dilacerado por um governo corrupto, **sanguinário**, megalomaníaco e por mais de uma década de sanções internacionais.” (Revista Veja – 16/04/2003)

“[...] como Brasil, China, Índia e México, encontrariam espaço para impor seus produtos ao redor do globo, livres que estão da pecha de imperialistas **sanguinários** e insensatos.” (Revista Isto É – 02/04/2003)

“Queda do ditador expõe o lado mais **sinistro** do regime cuja sobrevivência dependia do uso sistemático da tortura [...]” (Revista Veja – 30/04/2003)

“[...] vítimas da ditadura faziam uma peregrinação **macabra** pelos presídios e centros de tortura para mostrar a parentes e jornalistas as entranhas do regime [...]” (Revista Veja – 30/04/2003)

“A lista dos mais **perversos** inclui o próprio Saddam Hussein e seus dois filhos..” (Revista Veja – 02/04/2003)

“[...] algumas das mais **pavorosas** cenas de intolerância perpetradas pelo homem [...]” (Revista Veja – 16/04/03)

“[...] o teatro de operações de Osama bin Laden e sua trupe de fanáticos **homicidas.**” (Revista Veja – 05/02/2003)

“Era um ditador **sanguinário**. Devia ser responsabilizado por seus crimes contra a população iraquiana. Mas não ameaçava a ordem global.” (Revista Época – 21/04/2003)

“[...] também não é possível sacrificar o CS e as indispensáveis cooperação e unidade das democracias do planeta para salvar um tirano **sanguinário** em apuros.” (Folha de S. Paulo – 09/03/2003)

“[...] seja um "serial killer" que ataca nos subúrbios de Seattle, seja um ditador **sanguinário** do naipe de Saddam Hussein.” (Folha de S. Paulo – 24/03/2003)

“Para ajudar a desvendar a trajetória do ditador **sanguinário**, são mostrados fatos importantes em sua infância e adolescência.” (Revista Isto É – 24/03/2003)

“[...] maior é também a perplexidade dos EUA, que, apesar de todo o seu poderio bélico, não conseguiram capturar os autores intelectuais do plano **sinistro.**” (Folha de S. Paulo – 23/03/2003)

“[...] perderam o brilho diante do espetáculo **macabro** dos bombardeios, transmitidos ao vivo e em cores para o planeta.” (Folha de S. Paulo – 22/03/2003)

“A ferro e fogo, Saddam unificou o país, deu-lhe uma identidade _ainda que por caminhos **perversos** _ e associou sua imagem à melhora das condições de vida do povo.” (Folha de S. Paulo – 31/03/2003)

Nos dicionários consultados foram encontradas as seguintes definições:

Sanguinário

1. Que se compraz em ver derramar sangue; sanguinolento, sanguissedento, sanguíneo; 2. (P. ext.)

Feroz, cruel, cruento. (Dicionário Aurélio)

1 Que ou aquele que se deleita em ver ou derramar sangue; sedento de sangue; 2 relativo a sangue; 3

(Derivação: por extensão de sentido). cruel, feroz; Sinônimos - sangüinário; ver tb. sinonímia de malvado. (Dicionário Houaiss)

Sinistro

2. Que é de mau agouro; fúnebre, funesto; 3. De má índole; mau; 4. Que infunde receio; ameaçador, temível. (Dicionário Aurélio)

2 Que pressagia acontecimentos infaustos; agourento, funesto; 3 que é pernicioso; mau; 4 que se deve temer; assustador, temível; 5 que causa o mal; pernicioso, perigoso; 6 trágico, calamitoso; Sinônimos - fatídico, feral, fúnebre,, luctífero/ lutífero, luctífico/ lutífico, lúgubre, nefasto, sepulcral, sombrio, tenebroso, trágico; ver tb. sinonímia de horripilante e triste (Dicionário Houaiss)

Macabro

4. Fúnebre, funéreo, lúgubre, tétrico, medonho; 5. Afeiçoado a coisas tristes, sombrias. (Dicionário Aurélio)

1 Relativo à morte ou aos mortos; 1.1 que tem a morte como tema; que versa sobre a morte e assuntos afins; 1.2 que anuncia ou evoca a idéia de morte ou de mortos; fúnebre, tétrico; 2 (Derivação: por extensão de sentido) que desperta o horror; hediondo, horrendo; 3 ligado a sentimentos relacionados com a morte, a dor; sinistro; 4 qualidade ou caráter do que é macabro; macabrismo; (Dicionário Houaiss)

Perverso

1. Que tem malíssima índole; muito mau; malvado; 2. Que revela perversão. (Dicionário Aurélio)

1 Que revela perversão; 2 que ou aquele que tem má índole, que tem tendência a praticar crueldades; malvado; 3 diz-se de ou indivíduo que tem, desenvolve ou pratica perversões, esp. sexuais; Sinônimos - ver sinonímia de malvado; (Dicionário Houaiss)

Pavoroso

1. Que infunde pavor; 2. Medonho, horrível, horroroso (Dicionário Aurélio)

Que inspira ou provoca pavor; Sinônimos - ver sinonímia de horripilante (Dicionário Houaiss)

Homicida

1. Que pratica homicídio(s); 2. Que ocasiona a morte de alguém; 3. Que leva à prática do homicídio, ou a pensar em praticá-lo; 4. Pessoa que pratica homicídio (Dicionário Aurélio)

1 Que ou aquele que pratica homicídio; 2 que acarreta ou pode acarretar a morte de muitas pessoas; 3 (Derivação: sentido figurado) utilizado para matar ou com intenção de matar; 4 (Derivação: sentido figurado) que leva à morte ou visa à morte; ver sinonímia de assassino; (Dicionário Houaiss)

Observa-se a ocorrência de **co-hiponímia** e de **parassinonímia** entre as unidades. Todas estão entre si em relação de **co-hiponímia distante**, pois possuem em comum os traços “maldade” e “medo”. Entre *Sinistro* e *Macabro* há uma proximidade maior, o que permite considerá-las **parassinônimas**, havendo a coincidência do sema morte, que também aparece em *Homicida*. As unidades *Sanguinário*, *Perverso* e *Pavoroso* estão em relação de **co-hiponímia próxima**, pois têm muitos semas em comum, como “maldade”, “ferocidade”, “crueldade”.

Das seis unidades deste grupo, apenas *Sanguinário* é empregada por todos os veículos de comunicação analisados, sendo que a revista *Isto É* a utiliza em referência aos Estados

Unidos e a seu presidente, e o jornal *Folha de S. Paulo* a emprega para tratar dos bombardeios americanos. Nos demais veículos, esta lexia sempre aparece em referência a Saddam ou ao regime político que ele comandava no Iraque. Apenas este fato comprova que há, na imprensa brasileira, a visão de que o iraquiano é “mais malvado e cruel” que o americano, sendo este ponto de vista explícito nos textos sobre a guerra.

9.5 GRUPO 5

LEXIAS: PRESIDENTE, DITADOR, POLÍTICO

As palavras *Presidente*, *Ditador* e *Político* aparecem no discurso jornalístico de forma semelhante nas quatro publicações analisadas: a unidade *Presidente* é empregada, na maioria das ocorrências, a George W. Bush, mas aparece também para tratar de Saddam Hussein. *Ditador* é utilizada exclusivamente para o iraquiano, e *Político*, em maior número de empregos como adjetivo, é usada como substantivo para ambos os personagens. Além dos dois dicionários da Língua Portuguesa, para este grupo também foram consultados o *Dicionário de Política* (1985), de Norberto Bobbio e Nicola Matteucci, o *Dicionário de Ciências Sociais* (1980), editado pela Fundação Getúlio Vargas, e o livro *Curso de Teoria do Estado e Ciência Política* (2004), de Celso Ribeiro Bastos. Abaixo, algumas das ocorrências destas unidades encontradas nos textos da imprensa brasileira:

“A terceira etapa é o estabelecimento de um governo democrático no país, como prometeu o **presidente** dos Estados Unidos, George W. Bush.” (Revista Veja - 09/04/2003)

“Tomando a bandeira da contra-revolução, das hostes conservadoras – e, na verdade, também de gente liberal –, o **presidente** George W. Bush foi à Sala Roosevelt da Casa Branca [...]” (Revista Isto É – 05/03/2003)

“O **presidente** do Iraque, Saddam Hussein, fez um pronunciamento na TV estatal iraquiana poucas horas depois do início dos ataques americanos à capital, Bagdá.” (Revista Época – 24/03/2003)

“Não era bem esse o tipo de reação que o **presidente** americano esperava daqueles a quem, supostamente, pretende libertar.” (Revista Época – 31/03/2003)

“O próprio **ditador** apareceu na TV na sexta-feira e, para rebater suspeitas de que estaria morto ou havia fugido do país [...]” (Revista Época – 05/04/2003)

“O avanço ocorreu um dia depois de os EUA concluírem o que foi, segundo o Pentágono, seus mais intensos ataques aéreos contra as tropas do **ditador** Saddam Hussein desde o início da guerra.” (Folha de S. Paulo – 01/04/2003)

“[...] usando as armas químicas que os Estados Unidos garantem que ele possui, o **ditador** poderia bombardear os poços dos vizinhos Kuwait e Arábia Saudita.” (Revista Isto É – 12/03/2003)

“Seu erro, dizem, foi apostar que a maioria da população se sentiria representada na figura do **político** xiita exilado Ahmed Chalabi [...]” (Revista Época – 28/04/2003)

“Os Estados Unidos são uma sociedade complexa, com muitos interesses em jogo e com agentes **políticos** influentes e inimagináveis na época de Roma imperial.” (Folha de S. Paulo – 25/03/2003)

“Apesar de ser um **político** de pouca influência no antigo regime, Aziz sempre foi muito leal a Saddam [...]” (Revista Isto É – 30/04/2003)

Nos dicionários e livros consultados, foram extraídas as seguintes definições:

Presidente

1. Pessoa que preside; 3. O presidente da República; (Dicionário Aurélio)

Indivíduo que preside (algo); 2 título oficial do chefe do governo no regime presidencialista; 3 título oficial do chefe da nação nas repúblicas parlamentaristas; 5 que preside, que dirige; Sinônimos - ver sinonímia de chefe (Dicionário Houaiss)

Presidente da República – Responsável por grande parte da função governamental e pela plenitude do Poder Executivo no sistema de governo republicano, que é assentado em rigorosa separação de poderes; [...] Na terminologia política, o significado mais importante de presidência corresponde ao cargo de um chefe de um Estado ou governo que tenha sido eleito; [...] Emprega-se o vocábulo com maior frequência para designar o chefe do Executivo ou o chefe de Estado de uma República constitucional. (Dicionário de Ciências Sociais)

Ditador

1. Aquele que concentra todos os poderes do Estado; 2. (Fig) Indivíduo despótico, autoritário. (Dicionário Aurélio)

2 (Derivação: por extensão de sentido) Autoridade máxima de um país que concentra todos os poderes do Estado e exerce poder absoluto, durante uma ditadura ; 3 (Derivação: por extensão de sentido) indivíduo autoritário, despótico; Sinônimos - tirano (Dicionário Houaiss)

Ditadura – toda classe de regimes não-democráticos modernos, caracterizados pela concentração de poder, pelo caráter ilimitado dos poder e pela precariedade de regras de sucessão; [...] Tem lugar na classificação dos sistemas políticos; [...] O termo tem uma conotação indubitavelmente negativa (Dicionário de Política)

Político

3. Que trata ou se ocupa de política; 6. Aquele que trata ou se ocupa de política; estadista.

(Dicionário Aurélio)

(adjetivo) 1 Relativo ou pertencente à política; 1.1 relativo ou pertencente à política partidária; 2 relativo aos negócios públicos; 3 que exerce ou persegue influência administrativa em níveis federal, estadual, municipal etc.; 4 relativo ou pertinente à cidadania; (adjetivo e substantivo masculino) 6 que ou aquele que trata ou se ocupa da política; 8 que ou aquele que revela sagacidade, discernimento, que sabe conduzir acontecimentos ou pessoas; 9 (Derivação: sentido figurado) que ou aquele que revela esperteza, astúcia; (substantivo masculino) 10 pessoa que exerce cargo público ou atua indiretamente na política; (Dicionário Houaiss)

Pessoa ativamente empenhada na luta pelo poder ou por algum cargo governamental (Dicionário de Ciências Sociais)

Percebe-se que há uma grande dificuldade na nomeação da pessoa que concentra os poderes no sistema político chamado de Ditadura, uma vez que a palavra *Presidente* designa exclusivamente o chefe do Executivo nas democracias republicanas, tanto no regime presidencialista quanto no parlamentarista. De acordo com Celso Bastos (2004, p. 127), os sistemas de governo podem ser divididos em monocracia, oligarquia e democracia; a monocracia é um sistema de governo de uma só pessoa com poderes absolutos, onde se enquadram as monarquias absolutas e as ditaduras; o Presidencialismo está inserido na democracia, ao lado do Parlamentarismo. Por se tratarem de sistemas de governos diferentes, o líder político de uma Ditadura não pode ser chamado de *Presidente*, como ocorre freqüentemente na imprensa brasileira. A unidade *Ditador*, que adquiriu forte conotação negativa, também não seria a melhor forma de designar tal personagem quando se tem a intenção de nomeá-lo de maneira neutra. Não existe, porém, um termo “oficial” que denote o cargo ocupado pelo *Ditador* e seu vice, por exemplo. Uma outra forma de nomeação aceita

para a situação de ditadura também seria *Tirano*, que também possui conotação negativa. Nestes casos, acredita-se que uma opção seja o uso da unidade *Chefe*, que é o termo que “pode se referir a um indivíduo reconhecido como detentor de uma posição única de supremacia numa comunidade política” (*Dicionário de Ciências Sociais*, 1987, p. 174). O mesmo dicionário define a unidade *Chefe Político* como “pessoa que controla uma máquina política”, mas adverte que o termo também traz implícito um “juízo subjetivo”: “somente o líder que não é benquisto é considerado chefe [...]”. No *Dicionário Aurélio*, uma das definições de chefia é “(antrop. etnol.) cargo, eletivo ou hereditário, vitalício ou não, cujo ocupante é investido de autoridade política sobre uma ou mais comunidades”. O uso de *Chefe* talvez não seja adequado em todas as situações, assim como também não o é no exemplo abaixo, retirado do jornal *Folha de S. Paulo* de 31 de março de 2003:

“No sábado, a TV estatal iraquiana havia afirmado que o **presidente** Saddam Hussein homenageara com duas medalhas póstumas o suicida que matou quatro soldados norte-americanos com um carro-bomba no sul do Iraque pouco antes naquele dia”.

Uma solução seria excluir a unidade presidente quando vem acompanhada do nome do líder iraquiano e, nas citações seguintes, para se evitar a repetição do nome, usar líder ou chefe.

As unidades *Presidente* e *Ditador* estão, nos textos analisados, em relação de **co-hiponímia distante**, uma vez que designam os líderes políticos dos dois países envolvidos no conflito. Este é o único núcleo comum entre as duas lexias. A co-hiponímia distante, segundo Galisson (1973; 1991, apud BARBOSA, 1997 p.32 et seq.), ocorre entre unidades lexicais semanticamente próximas, que têm conteúdo parecido, “pertencem a um mesmo microsistema, caracterizado por um hiperônimo comum a todos os hipônimos do sistema, mas que possuem referências cognitivas e afetivas diferentes”. No caso dos co-hipônimos distantes, o autor especifica que as unidades léxicas possuem núcleo sêmico bastante

reduzido. A hiponímia é uma relação de significação em que, para duas expressões diferentes, correspondem dois conteúdos diferentes que pertencem ao mesmo conjunto.

A unidade *Político*, por sua definição nas obras consultadas, foi empregada de maneira adequada nas publicações estudadas, pois se refere a qualquer pessoa envolvida na vida política de uma comunidade. Em relação às outras duas é o **hiperônimo**, já que tanto o presidente quanto o ditador são líderes políticos.

9.6. GRUPO 6

LEXIAS: REGIME, GOVERNO

Nos veículos da imprensa analisados, a unidade *Governo* é empregada para tratar de dos chefes políticos de ambos os países e da atuação de cada um deles. *Regime* é usada sempre em referência a Saddam Hussein e ao Iraque, mas há a ocorrência em *Época*, *Folha de S. Paulo* e *Veja*, da unidade seguida do adjetivo “democrático”, quando é feita menção às mudanças políticas que a guerra poderia levar ao Iraque. Para este grupo também foi necessária a consulta a dicionários e livros especializados da área de Política e de Ciências Sociais. Os usos das unidades feitos pela imprensa são os seguintes:

“[...] para mostrar a parentes e jornalistas estrangeiros as entranhas do **regime** de terror que vigorava no Iraque. [...] Pela primeira vez, repórteres ocidentais puderam entrevistar diretamente as vítimas e ver com os próprios olhos as marcas da brutalidade do **regime** de Saddam.” (Revista *Veja* - 30/04/2003)

“O expurgo de inimigos e a intimidação que fundaram o **regime** iraquiano abriram o caminho para a construção e a consolidação de um “círculo íntimo” que, durante esses anos, permaneceu fiel ao ditador.” (Revista Isto É – 19/03/2003)

“[...] suspeitas de produzirem elementos utilizados na confecção de armas químicas e de mísseis e de abrigarem soldados da Saddam Fedayin, a divisão de mártires do **regime** iraquiano.” (Folha de S. Paulo – 01/04/2003)

“[...] terá a chance singular de provar que só o **regime** democrático manteria sua unidade territorial, por meio de uma federação em que os direitos comunitários de sunitas, xiitas e curdos estariam assegurados.” (Folha de S. Paulo – 03/04/2003)

“[...] campanha política e diplomática empreendida pelo **governo** do presidente George W. Bush [...] produziu exatamente o efeito que o **governo** Bush desejava entre os americanos” (Revista Época – 10/02/2003)

Nas obras consultadas, foram encontradas as seguintes definições:

Regime

1.Regimento; 2.Sistema político pelo qual é regido um país; (Dicionário Aurélio)

(substantivo masculino) 1 Ação ou maneira de reger, de dirigir, de governar; 2 (m.q. regimento ['conjunto de normas']); 3 sistema político que orienta os destinos de um país; forma de governo; (Dicionário Houaiss)

Conjunto de controles formalmente organizados e estabelecidos pelas classes dominantes para ordenar o poder político e a convivência social de uma comunidade em função de um sistema ideológico; [...] O poder político é organizado de acordo com uma faceta ideológica fundamental, i. e., mediante o reconhecimento prévio das dificuldades, o que faz pressupor uma fórmula generalizadora a um

fenômeno sócio-político extremo e difuso [...]; o regime procura dar uma resposta às provocações do meio sócio-político conforme um critério dominante. (Dicionário de Ciências Sociais)

Governo

1.Ato ou efeito de governar(-se); governação; 2.Administração, gestão, direção; 3.Domínio, controle; 4.A administração superior; o ministério; o poder executivo; 5.Sistema político pelo qual se rege um Estado; regime; 6.Modo por que está administrado um Estado;; 8.Espaço de tempo durante o qual alguém governa ou governou; (Dicionário Aurélio)

1 Ação ou efeito de governar(-se); governação, governança; 2 ato ou efeito de dirigir; administração, chefia, direção; 4 o poder executivo; o presidente junto com seu ministério; 4.1 (Derivação: por metonímia.) o chefe do governo (presidente ou governador); 5 sistema ou modo pelo qual se rege um Estado; 7 atuação de um determinado governo (da República ou de um Estado); 8 (Rubrica: termo jurídico) complexo de órgãos responsáveis pela realização da administração pública, através do exercício dos poderes delegados pelo povo, sem perder de vista a soberania deste; (Dicionário Houaiss)

A atividade ou o processo de governar, i. e., o controle sobre os outros, o condicionamento a certos comportamentos específicos, predeterminados; [...] pode designar a situação presente dessa atividade ou processo, i. e., a ordem estabelecida; é o “processo ou atividade de estabelecer regras e de torná-las obrigatórias para um grupo específico de pessoas”; [...] pode designar o grupo daqueles que governam, o poder executivo [...] ou um determinado sistema ou forma de governo [...] e classifica as formas pelas quais um governo é exercido (gov. parlamentarista, gov. presidencial); Governo é o mecanismo através do qual agem os Estados. (Dicionário de Ciências Sociais)

Confrontando-se as definições dos Dicionários da Língua Portuguesa com as do *Dicionário de Ciências Sociais*, percebe-se que não há problemas quanto ao uso da lexia *Governo*, o que não ocorre com *Regime*, que é até indicado como sinônimo da anterior pelo *Dicionário Aurélio*, definição incorreta como pode ser compreendido pela acepção encontrada

na obra lexicográfica especializada. Nenhum dos dicionários de língua faz menção à conotação ideológica da unidade *Regime*, explícita na definição especializada e também no contexto jornalístico.

As unidades estão em relação de **co-hiponímia próxima**, pois ambas se referem ao hiperônimo “estrutura de poder que rege uma comunidade”. De acordo com a definição de Galisson (1973, sp apud BARBOSA, 1997 p. 32 et seq.), co-hipônimos próximos possuem “conjunto intersecção com denominador semântico comum amplo”. O principal traço diferenciador é que, em regime, também há uma concepção ideológica, enquanto governo tem apenas a conotação político-administrativa. Quando se emprega *Regime*, a idéia transmitida vai além da estrutura do governo, trata dos meios de coerção e de imposição dessa estrutura e a unidade poderia ser utilizada para tratar de qualquer regime político, tanto das democracias quanto das ditaduras. A preferência pelo emprego sempre em referência ao governo que Saddam Hussein comandava no Iraque explicita a visão de que era “mais que um governo”, era uma forma mais grave de manipulação, de dominação, o que seria adequado em alguns contextos, mas não em todas as menções a Saddam Hussein. Nestes outros exemplos, transcritos abaixo, em todas as ocorrências o uso de *Regime* demonstra essa visão:

“A área onde o **regime** prepara sua resistência final inclui Tikrit, a cidade natal de Saddam.” (Revista Época – 24/03/2003)

“Blix reafirmou ontem que a ordem dada ao **regime** do ditador Saddam Hussein de destruir seus mísseis Al Samoud 2 não está sujeita a novas negociações.” (FSP – 26/02/2003)

“Uma estratégia que visava obliterar seus recursos militares, demolindo alvos escolhidos e que são preciosos para os membros do **regime** de Bagdá.” (Revista Isto É – 26/03/2003)

“Segundo um levantamento, o **regime** de Saddam Hussein torturou e matou cerca de 200.000 iraquianos.” (Revista Veja – 19/03/2003)

9.7. GRUPO 7

LEXIAS: ALUCINADO, ESQUISITICE, PARANÓIA, MALUCO, OBCECADO, OBSTINADO, MEGALOMANIACO, DESATINO, FANATICO, FRENETICO, ENERGÚMENO

Este grupo é formado por substantivos e adjetivos que têm em comum a idéia de “anormalidade”. A maioria das unidades foi empregada pela imprensa para tratar dos atos realizados por Saddam Hussein. A lexia *Alucinado* foi empregada tanto pela revista *Veja* quanto pela *Isto É* para tratar de Saddam Hussein. A mesma revista utiliza, ainda, *Esquisitice*, *Paranóia*, *Megalomaniaco* e *Fanático* também foram usadas para tratar do chefe político iraquiano.

Megalomaniaco foi empregada pela revista *Isto É* para tratar tanto de Saddam quanto de Bush. A mesma revista usa *Esquisitice* para tratar dos Estados Unidos, e *Paranóia* aparece na *Folha de S. Paulo* para falar dos cidadãos americanos. O jornal também emprega *Fanático* para os seguidores de Saddam. A unidade *Obcecado* aparece em três dos veículos analisados: em *Veja*, denota os militares americanos e também Saddam, na *Isto É*, trata de Saddam, e, na *Folha de S. Paulo*, é usada para o presidente americano. A lexia *Frenético* foi usada para falar sobre os esforços americanos para convencer os outros países a aceitarem a guerra. A seguir, algumas das ocorrências destas unidades:

“[...] que, numa **alucinada** experiência de reengenharia social, trucidou um quarto da população [...]”
(Revista Veja – 16/04/2003)

“Somente os mais **alucinados** acólitos de Saddam Hussein [...]” (Revista Isto É – 12/03/2003)

“Apesar das **esquisitices**, o ditador sabe muito bem o que quer e é obstinado em perseguir seus objetivos.” (Revista Veja – 05/02/2003)

“Sua preocupação [de Saddam] com a segurança beira a **paranóia** [...]” (Revista Veja – 05/02/2003)

“**Paranóia** - O governo americano lançou um manual de sobrevivência contra o terrorismo em seu site oficial” (Revista Isto É – 02/04/2003 – subtítulo)

“Não só a violência, mas a idéia de que há sempre "**malucos** soltos lá fora" _seja um "serial killer" que ataca nos subúrbios de Seattle, seja um ditador sanguinário do naipe de Saddam Hussein”. (Folha de S. Paulo – 24/03/2003)

“[...] não é **maluco**, nem energúmeno...” (Revista Veja – 26/02/2003)

“**Obcecado** pela guerra e megalomaníaco, Saddam Hussein forjou um país.” (Revista Isto É – 16/04/2003)

“[...] os sonhos de dominação do mundo do **obcecado** presidente dos Estados Unidos [...]” (Folha de S. Paulo – 09/04/2003)

“[...] os militares americanos estão **obcecados** pela idéia de que é possível entrar em batalha e vencê-la sem a perda de um único combatente.” (Revista Veja – 26/03/2003)

“Apesar das esquisitices, o ditador sabe muito bem o que quer e é **obstinado** em perseguir seus objetivos.” (Revista Veja – 05/02/2003)

“Também pôs em evidência a dura tarefa de reconstrução de um país dilacerado por um governo corrupto, sanguinário, **megalomaniaco** e por mais de uma década de sanções internacionais.” (Revista Veja – 16/04/2003)

“Obcecado pela guerra e **megalomaniaco**, Saddam Hussein forjou um país.” (Revista Isto É – 16/04/2003)

“É o sonho **megalomaniaco** de Bush que assusta até americanos.” (Revista Isto É – 26/03/2003)

“[...] que incluíram entre seus **desatinos** duas tentativas de conquistas territórios vizinhos...” (Revista Veja – 16/04/2003)

“[...] fraqueza americana no terreno pode encorajar os mais **fanáticos** partidários de Saddam a manter alguma resistência.” (Folha de S. Paulo - 11/04/2003)

“[...] ou de atentados terroristas realizados por **fanáticos** islâmicos instrumentados por dinheiro e artefatos de destruição em massa fornecidos por ele.” (Revista Veja – 19/03/2003)

“[...] ocorre aos neoconservadores dos EUA que os **fanáticos** islâmicos jogam bombas em recintos públicos...” (Revista Veja – 19/03/2003)

“Os argumentos sobre ligações entre Saddam e os **fanáticos** terroristas da Al Qaeda...” (Revista Veja – 12/02/2003)

“Todas as atenções e os **frenéticos** esforços diplomáticos estão voltados [...]” - (Folha de S. Paulo – 28/02/2003)

“[...] não é maluco, nem **energúmeno** [...]” (Revista Veja – 26/02/2003)

Nos dicionários consultados foram encontradas as seguintes informações:

Alucinado

1.Fora de si, por efeito de alucinação; 2.Louco; desvairado; 3.(Fig.) Irritado em grau extremo; fora de si; louco;; 4.Indivíduo alucinado. (Dicionário Aurélio)

1 que se alucinou; 2 (Rubrica: psicopatologia) que ou aquele que sofre de perturbações da mente e dos sentidos, que tem alucinações, visões fantásticas; 3 (Derivação: por extensão de sentido) que ou aquele que está ou se tornou desvairado, ensandecido, louco; 4 (Derivação: sentido figurado) que ou aquele que perdeu a razão, o equilíbrio mental, por causa de paixões; cego, desvairado; 5 (Derivação: sentido figurado). que ou aquele que está ou ficou fascinado, deslumbrado; (adjetivo) 6 em que há alucinações; alucinatório; 7 (Derivação: sentido figurado) caracterizado por desvario, irreflexão ou aberto destemor; Sinônimos - ver sinonímia de maluco (Dicionário Houaiss)

Esquisito / Esquisitice

1.Não usual; fora do comum; raro, 5.Excêntrico, estranho, extravagante; (Dicionário Aurélio)
2 (Derivação: por extensão de sentido) desconhecido, estranho, exótico; 3 (Derivação: por extensão de sentido [da acp. 1]). que não é igual à maioria; diferente, anormal, excêntrico; 4 difícil de explicar; estranho, inexplicável; 6 (Regionalismo: Brasil) que tem um aspecto feio ou desagradável; Sinônimos - ver sinonímia de excêntrico (Dicionário Houaiss)

Paranóia

1.(Psiq.) Psicopatia, de que há várias formas clínicas, caracterizada pelo aparecimento de ambições e de suspeitas que se acentuam, evoluindo para delírios persecutório e de grandeza estruturados sobre bases lógicas; não há, aparentemente, interferência sobre outros aspectos do pensamento e da personalidade do indivíduo (Dicionário Aurélio)

(Rubrica: psiquiatria) termo introduzido na psiquiatria para designar os problemas psíquicos que tomam a forma de um delírio sistematizado (Dicionário Houaiss)

Maluco

1. Diz-se de alienado mental; doido, louco; idiota; 2. Que age como se fosse doido; tonto, zozzo, gira; 3. V. tolo (1 a 3). 4. Diz-se de indivíduo doidivanas, estouvado; 5. Extravagante, excêntrico, esquisito; 6. Absurdo, desarrazoado; 7. Indivíduo maluco. (Dicionário Aurélio)

1 que ou aquele que sofre de distúrbios mentais; doido, louco, alienado; 2 (Derivação: por extensão de sentido) que ou aquele que procede como um alienado mental sem o ser; tonto, gira; 3 (Derivação: por extensão de sentido [da acp. 1]) que ou aquele que é dado a esquisitices, a extravagâncias; excêntrico, esquisito; 4 (Derivação: por extensão de sentido [da acp. 1]); que ou aquele que age levemente, sem juízo ou seriedade; imprudente, leviano, inconseqüente; 5 (Derivação: por extensão de sentido [da acp. 1]) que ou aquele que pratica tolices; tolo, simplório; 6 fora dos padrões considerados normais; não razoável; absurdo, extravagante, desarrazoado; (Dicionário Houaiss)

Obcecado

1. Que tem a inteligência obscurecida; 2. Contumaz no erro; 3. Teimoso, obstinado.

(Dicionário Aurélio)

1 que se obcecou; cego; 2 que está com a razão obscurecida; 3 insistente no erro; 4 que é irracionalmente inflexível; obstinado, teimoso; Sinônimos - ver sinonímia de obstinado (Dicionário Houaiss)

Obstinado

1. Pertinaz, firme, relutante; 2. Teimoso, birrento; 3. Inflexível, irredutível. (Dicionário Aurélio)

1 que persiste; firme, pertinaz; 2 que não se deixa convencer; inflexível, irredutível; 3 teimosamente defensor de uma opinião ou de um propósito, mesmo contrário à razão ou às ponderações; teimoso, casmurro; (Dicionário Houaiss)

Megalomaniáco

(Rubrica: psicopatologia) 1 que ou aquele que sofre de megalomania; macromaníaco, megalômano; 2 (Derivação: por extensão de sentido. Uso: informal) que ou aquele que demonstra ambição demasiada, orgulho desmedido e/ou gosto excessivo pelo grandioso, majestático; megalômano; (Dicionário Houaiss)

1.Relativo a megalomania [.Psiqu. Mania de grandeza; superestima patológica de si mesmo, das próprias qualidades; macromania]; 2.Que tem megalomania; megalômano, macrômano.

3.Próprio de indivíduo megalômano; 4.Aquele que tem megalomania; megalômano, macrômano (Dicionário Aurélio)

Desatino

1 Ausência de tino, de bom senso, de juízo; desvario, loucura; 2 ato ou dito próprio de desatinado; contra-senso, disparate; Sinônimos - aberração, absurdo, contra-senso, desacerto, despropósito, destempero, desvario, disparate, doidice, erro, extravagância, , insensatez, louquice, maluquice; ver tb. sinonímia de alucinação (Dicionário Houaiss)

1.Falta de tino, de juízo; loucura; 2.Ato ou palavras de desatinado (Dicionário Aurélio)

Fanático

1.Que se considera inspirado por uma divindade, pelo espírito divino; iluminado; 2.Que tem zelo religioso cego, excessivo; intolerante; 3.Que adere cegamente a uma doutrina, a um partido; que é partidário exaltado; faccioso; 4.Que tem dedicação, admiração ou amor exaltado a alguém ou algo; entusiasmado, apaixonado; 5.Indivíduo fanático (Dicionário Aurélio)

1 Que se acredita inspirado pelo espírito divino, por uma divindade; iluminado; 2 que tem zelo excessivo pela religião; intolerante; 3 que se mostra excessivamente entusiástico, exaltado, de uma devoção quase sempre cega; apreciador apaixonado; 4 indivíduo fanático; Sinônimos - como adj. e/ou subst.: ver sinonímia de admirador e obstinado; (Dicionário Houaiss)

Frenético

1. Que tem frenesi; delirante, desvairado, furioso; 2. Arrebatado, veemente, exaltado; 3. Impaciente, inquieto; rabugento; 4. Convulso, agitado (Dicionário Aurélio)

1 (Rubrica: patologia. Diacronismo: obsoleto) tomado de frenesi, em completo delírio; louco, delirante; 2 que atinge o estado supremo de exaltação, de arroubo; exaltado; 3 em grande agitação; convulso, agitado; 4 impaciente, rabugento; (Dicionário Houaiss)

Energúmeno

1. Endemoninhado; fanático; possesso (Aurélio)

1 (Diacronismo: obsoleto) possuído pelo demônio; possesso; 2 (Derivação: por extensão de sentido) indivíduo que, exaltado, grita e gesticula excessivamente; 3 (Derivação: sentido figurado) indivíduo desprezível, que não merece confiança; boçal, ignorante; (Dicionário Houaiss)

Todas as unidades deste grupo mantêm entre si a relação de **co-hiponímia**, pois possuem em comum o sema “fora do normal/anormalidade”. As unidades *Paranóia*, *Desatino*, *Maluco*, *Energúmeno* e *Alucinado* mantêm relação mais próxima, pois têm vários semas em comum, todos pejorativos e que denotam algum tipo de perturbação, desvio mental, obscurecimento da capacidade mental, e neste contexto, podem ser consideradas entre si como **parassinônimas**. *Energúmeno* também se aproxima de *Esquisito*, na medida em que possuem em comum os traços “anormal”, “exaltado”, “excêntrico”.

A opção pela utilização destas lexias, com forte carga valorativa e emotiva, demonstra a intenção de se fazer um julgamento desfavorável e negativo dos personagens por elas qualificados, em grande parte das ocorrências, Saddam Hussein. Fica clara, ao se utilizar palavras como *Alucinado*, *Esquisitice*, *Paranóia*, *Maluco*, *Megalomaniaco* e *Fanático*, a intenção de demonstrar que tal personagem não se enquadra na definição de alguém “normal”. As unidades empregadas para tratar dos Estados Unidos e de seu presidente (*Esquisitice*,

Paranóia, Obcecado, Megalomaníaco), mesmo tendo traços pejorativos são mais “leves” que *Alucinado, Maluco e Desatino*, que aparecem apenas em referência a Saddam. Desta forma, fica explícito que a imprensa brasileira defendia o ponto de vista de que a opção pela guerra era algo desnecessário ou sem justificativa e que Saddam Hussein é considerado “mais louco” que George W. Bush.

9.8. GRUPO 8

LEXIAS: REACIONÁRIO, CANINO

Este grupo é formado por unidades lexicais que contêm a idéia de “violência”. Como pode ser observado nos contextos de onde foram retiradas, ambas qualificam pessoas ligadas a Saddam Hussein, seja por convicção política ou religiosa. Abaixo, encontram-se alguns exemplos:

“Saddam contou com a **canina** fidelidade dos homens de sua terra natal...” (Revista Isto É – 16/04/2003)

“Círculo íntimo do poder em Bagdá tem revelado até agora **canina** lealdade política ao ditador” (Revista Isto É – 19/03/2003)

“... países que fazem uma leitura **reacionária** do livro sagrado...” (Revista Veja – 26/02/2003)

Nos dicionários consultados, encontram-se as seguintes definições:

Reacionário

1 Relativo, pertencente ou favorável à reação, ou caracterizado pela mesma; reacionarista, reacionista;
 2 (Rubrica: termo jurídico) contrário, hostil à democracia; antidemocrático; 3 (Rubrica: termo jurídico) que se opõe às idéias voltadas para a transformação da sociedade; (Rubrica: política) 4 que ou aquele que defende princípios ultraconservadores, contrários à evolução política ou social; reacionarista, reacionista; Sinônimos - ver sinonímia de retrógrado (Dicionário Houaiss)

1.Relativo à, ou próprio da reação; 2.Que é sectário dela; 3.Aferrado à autoridade constituída; contrário à liberdade; tirano, despótico; (substantivo masculino) 4.Indivíduo reacionário. (Dicionário Aurélio)

Canino

1 Relativo a cão; 2 próprio de cão (Dicionário Houaiss)

1.Referente a, ou próprio de cão (Dicionário Aurélio)

As duas unidades podem ser consideradas, neste contexto da guerra, **co-hipônimos distantes**, apesar de as definições encontradas nos dicionários não fazerem menção à idéia de “fidelidade incondicional”, própria dos cães, à lexia *Canino*, como dão a entender as matérias jornalísticas. Além da noção de “fidelidade”, esta unidade evoca também a de “violência”, pois muitos dos cães são usados como animais de caça e de defesa, como os cães de guarda, por exemplo. *Reacionário* contém conceitos como “hostilidade”, “antidemocrático”, “ultraconservador”, “contrário à liberdade”, “tirano”, “despótico”, sendo encontrada nestes três últimos a idéia de “violência”. A unidade *Reacionário* foi empregada apenas pela revista *Veja*, e *Canino*, pela *Isto É*. Apesar de não terem sido encontradas muitas ocorrências destas lexias, tal análise se justifica por se tratar de uma clara ilustração da visão dos meios de comunicação nacionais sobre os partidários do ex-líder iraquiano e sobre os seguidores mais tradicionalistas do islamismo.

9.9. GRUPO 9

LEXIAS: ACACHAPANTE, ARRASADOR, AVASSALADOR, DEVASTADOR, FULMINANTE

As cinco unidades reunidas neste grupo são usadas pela imprensa brasileira para falar sobre a vitória americana na guerra no Iraque, sobre a ocupação americana daquele país ou sobre o exército dos Estados Unidos e os bombardeios que este realizou no Iraque. Todos os veículos da imprensa analisados usam alguma destas palavras em seus textos, como pode ser visto a seguir:

“... a Casa Branca conta com o chamado ‘efeito demonstração` da vitória **acachapante**...” (Revista Veja – 16/04/2003)

“... perante os **arrasadores** bombardeios e a **fulminante** ocupação do país...” - (Revista Época – 24/03/2003)

“Como a Casa Branca previa, a vitória **fulminante** valeu mais que qualquer resolução das Nações Unidas para dar legitimidade à guerra.” (Revista Veja – 16/04/2003)

“o governo dos Estados Unidos apostou na mesma fórmula utilizada, com sucesso, no confronto com os talebans, no Afeganistão - ataques aéreos **devastadores**, de alta precisão, e a conquista **fulminante** do país por tropas terrestres, com a colaboração de aliados nativos.” (Revista Época – 31/03/2003)

“Foram ações rápidas e **devastadoras**, que impediram boa parte dos sobreviventes dos regimentos em debandada de juntar-se a seus companheiros.” (Revista Isto É – 09/04/2003)

“O ataque aéreo americano "choque e pavor" sobre Bagdá não é o mais **devastador** da história em termos de tonelagem de explosivos, mas certamente é um dos mais eficazes” (Folha de S. Paulo – 22/03/2003)

“O ato não tem precedente histórico. Jamais uma agressão tão **devastadora** ficou anônima por tanto tempo.” (Folha de S. Paulo – 23/03/2003)

“Bagdá começou a sofrer novo ataque no início da noite de ontem, enquanto ainda tentava contabilizar os efeitos **devastadores** do ataque da véspera.” (Folha de S. Paulo – 23/03/2003)

“...sofria seu terceiro - e, até então, o mais **devastador** - bombardeio desde o início da ofensiva lançada pelo presidente dos Estados Unidos... “ (Revista Época – 24/03/2003)

“Após uma arrancada **devastadora** rumo à capital do Iraque, os americanos encaram a etapa decisiva da guerra” (Revista Época – 05/04/2003)

“No auge do prestígio pela vitória **fulminante**, o secretário da Defesa americano, Donald Rumsfeld, minimizou o problema com uma resposta infeliz.” (Revista Época – 21/04/2003)

“Com a vitória **fulminante** dos americanos e seus aliados, a temida crise não ocorreu - e sobrou petróleo nos estoques brasileiros.” (Revista Época – 10/02/2003)

“... prometeu um ataque **avassalador** contra o Iraque, algo nunca antes visto e que criaria "choque e pavor"” (Folha de S. Paulo – 21/03/2003)

“...jogando uma quantidade **avassaladora** de bombas que inevitavelmente atingirão a população civil, matando inocentes, ajudará a fundar um Iraque democrático.” (Folha de S. Paulo – 21/03/2003)

“A doutrina atual -e tradicional- das Forças Armadas é a da "força decisiva", cuja base é um poder **avassalador** ao qual o inimigo não teria como resistir.” (Folha de S. Paulo – 23/03/2003)

“...os EUA deveriam enviar uma força **avassaladora** para vencer rapidamente...” (Folha de S. Paulo – 31/03/2003)

“...com base na **avassaladora** desproporção de recursos, sobretudo tecnológicos, em favor das forças americanas e seus aliados...” (Revista Época – 10/02/2003)

“Por mais **avassaladora** que seja a supremacia bélica dos Estados Unidos...” (Revista Época – 10/03/2003)

“O ataque pela manhã antecipou, portanto, o ataque **arrasador** prometido para o início da guerra, de milhares de bombas "inteligentes". (Folha de S. Paulo – 20/03/2003)

“Depois da **arrasadora** vitória no Iraque, os EUA refazem o “eixo do mal” e ameaçam a Síria, acusada de ter armas químicas e de abrigar ex-cúpula dirigente de Saddam.” (Revista Isto É – 23/04/2003)

As seguintes acepções foram encontradas nos dicionários consultados:

Acachapante

1. Irrecusável, irretorquível; esmagador (Dicionário Aurélio)

Que é esmagador; acaçapante, irrefutável, indiscutível (Dicionário Houaiss)

Arrasador

(adjetivo) 1. Que arrasa; arrasante; (substantivo masculino) 2. Aquele que arrasa; Arrasar - 3. Lançar por terra; demolir, derrubar, destroçar; 4. Destruir, devastar, arruinar, talar; 5. Humilhar, vexar, mortificar; 6. Abater, moral ou fisicamente, em excesso; prostrar, aniquilar (Dicionário Aurélio)

1 Que ou o que arrasa; 4 deitar abaixo; desmoronar, 5 causar estrago considerável em; danificar muito; 8 agir destrutivamente, acabar. 9 arruinar-se (Dicionário Houaiss)

Avassalador

1.(adj.) Que avassala; avassalante; (Subst. Masc.) 2. Aquele que avassala. / Avassalar - 1. Tornar vassalo (Subordinado, submisso); 2. Imperar em; dominar; 3. Oprimir, vexar; 4. dominar; 5. Causar destruição a; arrasar; (Dicionário Aurélio)

(Adj. e subst. Masc.) Que ou o que avassala; Avassalar - 1 subjugar(-se); 2 causar devastação a; arrasar, destruir; 3 (Derivação: sentido figurado) ter domínio sobre; tomar conta de; dominar, subjugar; Sinônimos - ver sinonímia de conquistar. (Dicionário Houaiss)

Devastador

1. Que ou aquele que devasta. Devastar: 1. Destruir, assolar, talar, 2. Danificar, arruinar; 3. Tornar deserto; despovoar. (Dicionário Aurélio)

Que ou o que devasta. Devastar: 1 destruir de forma arrasadora; talar, assolar; 2 despojar com violência; saquear, pilhar, esbulhar; 3 causar dano a; arruinar; 4 tornar deserto; despovoar; Sinônimos ver sinonímia de assolar (Dicionário Houaiss)

Fulminante

2 que liquida, destrói; 3 que mata rápida ou instantaneamente; 5 que põe fim a; 6 terrível; (Dicionário Houaiss)

1. Que fulmina fulminador, fulminatório; 2. Que assombra ou mata repentinamente; 3. Cruel, terrível, atroz. (Dicionário Aurélio)

Por possuírem em comum os conceitos “destruir”, “danificar”, “dominar”, “liquidar” e “assolar”, as unidades deste grupo podem ser consideradas **parassinônimas** no contexto da guerra, uma vez que até as definições dos dicionários as citam como sinônimas. É o que Geckeler (1976) chama de fenômeno da designação múltipla e Baldinger (1970) trata como sinônimos por extensão. São unidades distintas que designam o mesmo objeto mental, que têm a mesma referência denotativa. Algumas das lexias, como *Arrasador* e *Avassalador*, contêm ainda, de acordo com os dicionários, a idéia de “humilhação”, que está implícita nas outras unidades do grupo.

Como se referem sempre ao mesmo personagem, os Estados Unidos, e aos efeitos de seu ataque ao Iraque, fica explícita a intenção da imprensa de mencionar a superioridade militar americana, além da impossibilidade de defesa do Iraque no conflito.

9.10. GRUPO 10

LEXIAS: ASSOMBROSO; FENOMENAL; FORMIDÁVEL

As três unidades deste grupo possuem em comum a idéia de algo “admirável” e “impressionante”, e também de algo “espantoso”. As lexias *Assombroso* e *Formidável* possuem também a conotação de “sentimento de terror”, “pavor”, “grande medo”, “temor” e “perigo”. Nos textos jornalísticos, cujos trechos podem ser lidos abaixo, a maioria das ocorrências das três unidades fazem referência ao exército americano e à sua tecnologia militar, mas há uma ocorrência de *Formidável*, na revista *Época*, que trata do suposto arsenal do Iraque com um certo tom de ironia.

“A disparidade do confronto entre a **assombrosa** tecnologia bélica da superpotência...” (Revista Veja – 16/04/2003)

“... ainda sob o impacto **fenomenal** da presença de quase 200 000 militares...” (Revista Veja – 16/04/2003)

“Clarke qualificou a atual campanha no Iraque como "**fenomenal**" para um prazo de seis dias.” (Folha de S. Paulo – 27/03/2003)

: “...sua **formidável** máquina bélica...” (Revista Veja – 26/02/2003)

“Durante os primeiros oito anos após a Guerra do Golfo, a equipe da ONU retirada de lá há quatro se mostrou muito eficaz em localizar e destruir o **formidável** arsenal iraquiano.” (Revista Época – 10/02/2003)

“Nenhum Exército atualmente pode competir com a **formidável** máquina de guerra norte-americana...” (Folha de S. Paulo – 18/03/2003)

Dos dicionários consultados, considerando-se o contexto da guerra, foram extraídas as seguintes acepções para as unidades:

Assombroso

(adjetivo) 1. Que produz assombro; Assombro - 1. Sentimento ou reação de espanto, maravilha, terror; 2. Pessoa ou coisa que produz espanto, admiração ou terror, etc (Dicionário Aurélio)

Que causa assombro; espantoso, impressionante; Sinônimos - ver sinonímia de admirável e horripilante; Assombro - 1 grande espanto ou admiração; 2 pessoa ou coisa que infunde ou causa terror; 3 pessoa ou coisa que causa admiração. (Dicionário Houaiss)

Fenomenal

1 Que tem a natureza ou a qualidade de fenômeno; 3 relativo, pertencente ou concernente a fenômeno; fenomênico; 4 extremamente notável ou singular; extraordinário, excepcional, admirável; (Dicionário Houaiss)

1. Que tem o caráter de fenômeno (algo excepcional por alguma particularidade); 2. Que é raro e surpreendente; espantoso, admirável, singular. (Dicionário Aurélio)

Formidável

1 Que ultrapassa as dimensões usuais; colossal, gigantesco; 2 (Diacronismo: antigo) que inspira grande medo, pavor; assustador, aterrador; 3 que suscita admiração; 3.1 (Regionalismo: Brasil. Uso: informal) ótimo, excelente, fantástico; (Dicionário Houaiss)

1.(Obsol) Que inspira grande temor; que é perigoso; que tem aspecto terrificante; 2. Que é acima do comum pela força, pelo tamanho, pela intensidade; descomunal, colossal; 4. Que desperta respeito, admiração ou entusiasmo; 5.(Bras.) admirável. (Dicionário Aurélio)

As unidades deste grupo possuem muitos traços de significação em comum, o que demonstra haver entre elas a relação de **co-hiponímia**, sendo esta relação mais próxima entre *Assombroso* e *Formidável*, que também possuem os traços negativos “terror”, “pavor”, “grande medo”, “temor” e “perigo”. A opção pelo uso destas unidades, além de transmitir a idéia de que o exército retratado é “admirável” (conceito presente também em *Fenomenal*), indicam que o mesmo deve ser temido, pois representa perigo. As três lexias possuem traços positivos e indicam algo “notável”. O emprego delas feito pela imprensa comprova a intenção de deixar clara a superioridade dos Estados Unidos em relação ao Iraque, não só no que diz respeito à guerra, mas também quanto à sua tecnologia.

9.11. GRUPO 11

LEXIAS: INVENCÍVEL, IMPLACÁVEL, INABALÁVEL, INDEVASSÁVEL

Todas as unidades lexicais deste grupo são formadas pelo prefixo “in-”, que indica, de acordo com o *Dicionário Aurélio*, “negação” e “privação”, e pelo prefixo nominal “-vel”, que é indicado pelo mesmo dicionário como formador de adjetivos, acrescentando à palavra o sentido de: “digno de”; “passível de praticar ou sofrer determinada ação”.

A unidade *Invencível* foi empregada pela revista *Isto É* e pelo jornal *Folha de S. Paulo* para tratar dos Estados Unidos. *Implacável*, foi encontrada na revista *Época* como qualificadora dos perseguidores americanos de Saddam, e também para tratar das ações do ex-líder do Iraque contra seus opositores. As demais unidades fazem referência ao poder de Saddam Hussein em seu país e a seus palácios (*Indevassável*). A lexia *Inabalável* também foi usada para falar da posição do primeiro-ministro britânico Tony Blair perante as críticas que recebeu da população. Abaixo são reproduzidos trechos dos textos jornalísticos que registram as unidades deste grupo.

“Tecnologia bélica faz dos EUA um gigante **invencível**” - (Revista Isto É – 16/04/2003)

“Os Estados Unidos, a nação cujo poderio bélico é hoje em dia avassalador e **invencível**, pretendem-se igualitários e democráticos...” (Folha de S. Paulo – 18/04/2003)

“É uma boa coisa que essa grande superpotência mundial seja radicalmente questionada por algo que a atinja realmente, que a deslegitimize, que seja provado que ela não é **invencível**.” (Folha de S. Paulo – 28/04/2003)

“Saddam é **implacável** com os desafetos.” (Revista Veja – 05/02/2003)

“... e vive até agora escondido de seus **implacáveis** perseguidores.” – (Revista Época – 24/03/2003)

: “... continua com um poder **inabalável** em casa.” (Revista Veja – 05/02/2003)

“Apelidado de 'poodle de Bush' e ridicularizado por manifestantes, Blair se mantém, mesmo assim, **inabalável**.” (Revista Época – 24/02/2003)

“Seus palácios são fortalezas **indevassáveis**, protegidas por muros, cães, dezenas de guardas e vigilância eletrônica.” (Revista Veja – 05/02/2003)

Nos dicionários da língua portuguesa consultados foram encontradas as seguintes definições para as unidades deste grupo:

Invencível

Que não pode ser vencido; 1 impossível de se conquistar ou dobrar; inconquistável, insuperável; 2 que não se pode atingir ou transpor; inatingível; intransponível; 6 impossível de se levar a cabo; 7 que não se pode remediar ou reparar; irremediável, irreparável; (Dicionário Houaiss)

1. Que não pode ser vencido; irresistível, invicto. (Dicionário Aurélio)

Implacável

1 Impossível de aplacar, de mitigar; que não cede; inexorável; 2 incapaz de perdoar; inflexível; Sinônimos - como adj.: ver sinonímia de rigoroso; e de malvado e obstinado; (Dicionário Houaiss)

1. Que não se pode aplacar ou abrandar; 2. Que não perdoa; inexorável, insensível (Dicionário Aurélio)

Inabalável

Que não se pode abalar; 1 fortemente apoiado; firme, fixo; 3 Inflexível; 4 (Derivação: sentido figurado) que não cede; implacável, inexorável; Sinônimos - ver sinonímia de permanente (Dicionário Houaiss)

1. Que não pode ser abalado; 2. Firme, fixo, arraigado, constante; 3. (Fig.) Inquebrantável, inflexível; 4. Inexorável, implacável; 5. Intrépido, audaz (Dicionário Aurélio)

Indevassável

1. Que não pode ser devassado 3. Que foi objeto de devassa; investigado, sindicado; não devassável; Devassar - 1. Invadir e pôr a descoberto; 3. Penetrar na essência de; descobrir; 4. Submeter a devassa 9. Fazer-se conhecer; publicar-se; divulgar-se. (Dicionário Aurélio)

Que não se pode devassar, observar; privado. (Dicionário Houaiss)

Neste grupo, somente os traços de significação “negação” e “passível de”, presentes nos prefixos e sufixos que compõem as unidades, já são suficientes para afirmar que as quatro lexias estão em relação de **co-hiponímia**. *Invencível*, *Implacável*, *Inabalável* e *Indevassável* são lexias qualificadoras que explicitam que algo “não é passível de”. No caso da cobertura jornalística da guerra, tais unidades recebem a conotação de “força” e “resistência” que, como artifício de estilo, dá ao texto o “tom” de batalha. Além disso, ao usar os adjetivos *Implacável* e *Inabalável* para Saddam Hussein, os veículos de comunicação transmitem a idéia de uma pessoa “malvada” e “rigorosa”. O emprego de *Invencível* exclusivamente em menção aos Estados Unidos demonstra, mais uma vez, a opinião da imprensa sobre a superioridade deste país no conflito em questão.

9.12. GRUPO 12

LEXIAS: COLOSSAL, GIGANTE, HOLLYWOODIANO, PESO-PESADO, SUPERGLADIADOR, VOLUMOSO

Todas as unidades deste grupo trazem a idéia de “grandeza” e são usadas pela imprensa, na grande maioria das ocorrências, para tratar do poder dos Estados Unidos, como é o caso de *Colossal*, *Gigante* e *Supergladiador*, este último em referência aos soldados americanos que foram combater em solo iraquiano. Estes empregos estão presentes no jornal *Folha de S. Paulo* e na revista *Isto É*. A unidade *Colossal* também aparece na revista citada em referência ao nacionalismo exagerado dos americanos. *Volumoso* é empregada pela revista *Veja* para qualificar o suposto arsenal de Saddam Hussein. A unidade *Peso-pesado*, proveniente do vocabulário dos esportes, especificamente do boxe, foi empregada para tratar de políticos de grande influência, tanto americanos quanto iraquianos. O estrangeirismo *Hollywoodiano*, que se refere à maior indústria cinematográfica mundial, teve ocorrências na revista *Isto É* e na *Folha de S. Paulo*, sempre qualificando a guerra como um todo. A seguir, as unidades são reproduzidas do contexto em que apareceram na imprensa brasileira. O neologismo *Supergladiador*, encontrado na revista *Época*, refere-se aos soldados norte-americanos enviados para o Iraque.

“Além de ser uma permanente ameaça às liberdades civis, o jingoísmo, às vezes, revela também uma **colossal** estreiteza mercadológica.” (Revista *Isto É* – 12/03/2003)

“O poder norte-americano é inegavelmente **colossal**.” (Folha de S. Paulo – 20/03/2003)

“Tecnologia bélica faz dos EUA um **gigante** invencível” - (Revista *Isto É* – 16/04/2003)

“... se George W. Bush vencer, o resto do mundo terá que se render ao unilateralismo do **gigante**.”
(Revista Isto É – 26/03/2003)

“Um roteiro **hollywoodiano**, filmado por centenas de câmeras de tevê.” (Revista Isto É – 26/03/2003)

“O estágio tecnológico dos Estados Unidos, acredito, tem condições de promover um show de destruição e de morte apocalíptico, no estilo **hollywoodiano**...” (Folha de S. Paulo – 23/03/2003)

“Basta lembrar essas palavras na atual conjuntura, entretanto, para que pareçam falsas, como um cenário **hollywoodiano**.” (Folha de S. Paulo – 26/03/2003)

“Essa não é, para início de conversa, uma narrativa que segue modelos **hollywoodianos**. A arquitetura é esfacelada, não há um herói a acompanhar, o desfecho trágico não é redentor.” (Folha de S. Paulo – 12/04/2003)

“Outro **peso-pesado** do regime, Ali Químico [...] teria morrido num bombardeio.” (Revista Veja – 30/04/2003)

“**Peso-pesado** da política de Washington há décadas, Perle comanda o Comitê de Política de Defesa, consultoria semi-oficial do Pentágono que estimulou e deu voz [...] para que os Estados Unidos começassem pelo Iraque a atual política de ataques preventivos.” (Folha de S. Paulo – 26/03/2003)

“... uma arte militar capaz de extrair a vitória com apenas um reduzido número de **supergladiadores**, munidos de alta tecnologia e de apoio aéreo...” (Revista Isto É – 26/03/2003)

“...tinha montado um **volumoso** arsenal de armas de destruição...” (Revista Veja – 05/02/2003)

Constam, nos dicionários consultados, as seguintes acepções para as unidades lexicais deste grupo:

Colossal

1 Que tem proporções de colosso ('estátua'); 2 (Derivação: por extensão de sentido) grande como um colosso; gigantesco, descomunal. 3 (Derivação: sentido figurado) espantoso, extraordinário; Sinônimos – descomunal. (Dicionário Houaiss)

1. Que tem proporções de colosso; 2. Enorme, agigantado; 3. (Fig.) Imensurável, incomensurável; vastíssimo; 4. (Fig.) Extraordinário, prodigioso (Dicionário Aurélio)

Volunoso

Que tem grandes proporções em todos os sentidos; avultado, corpulento; 1 que tem grande volume (Dicionário Houaiss)

1. Que tem grande volume; 2. Que tem grandes proporções em todos os sentidos; 3. Intenso, forte. (Dicionário Aurélio)

Supergladiador

(Gladiador) 1 na Roma antiga, lutador que combatia em arena contra outros lutadores ou com feras, para divertimento público; 2 (Derivação: por extensão de sentido) quem se envolve numa briga ou controvérsia pública; 3 lutador profissional, esp. o boxeador; Sinônimos - ver sinonímia de guerreiro (Dicionário Houaiss)

1. Indivíduo que nos circos romanos combatia com outros homens ou com feras, para divertimento público (Dicionário Aurélio)

Gigante

10 excessivamente grande; colossal, enorme, gigantesco; 11 superior aos demais; eminente, prodigioso, extraordinário; ver sinonímia de descomunal. (Dicionário Houaiss)

5. Aquilo que é ou se tornou extraordinariamente grande e poderoso; 6. Muito grande; enorme, gigantesco (Dicionário Aurélio)

Peso-pesado

(Rubrica: pugilismo) 1 Categoria de boxe (acima de 86,180 kg); 2 (Derivação: por metonímia) lutador dessa categoria (Dicionário Houaiss)

16. Cada uma das categorias do boxe: peso pesado (acima de 79,378kg). (Dicionário Aurélio)

Hollywoodiano

1 Relativo a Hollywood (Los Angeles, E.U.A.); 2 próprio da indústria cinematográfica ou característico de suas produções, modo de vida etc.; (Dicionário Houaiss)

O traço de significação “grandeza” confere às lexias deste grupo a relação de **co-hiponímia**. *Colossal* e *Gigante*, porém, possuem maior número de semas em comum, são indicadas pelos dicionários consultados como sinônimas e, no contexto do qual foram retiradas, estão em relação de **parassinonímia**.

As unidades *Supergladiador* e *Peso-pesado* que ainda não aparecem nos dicionários com a conotação deduzida pelo contexto da guerra, podem ser consideradas **co-hipônimas próximas**, pois trazem a idéia de “luta”, “lutador”, embora nos textos, a última tenha sido usada para nomear políticos influentes de ambos os lados do conflito. Caso interessante é *Hollywoodiano*, que foi usada pela imprensa em sentido figurado para tratar da guerra, certamente por sua grande repercussão e pelas dimensões de suas conseqüências. Outro traço desta unidade é “ficção”, uma vez que se refere a uma poderosa indústria de dramaturgia. Esta unidade, embora apresente uso bastante freqüente na imprensa, nas mais diversas áreas, encontra nos dicionários apenas seu sentido de base, relativo à indústria do cinema norte-

americana. *Peso-pesado* também não possui, nas obras lexicográficas consultadas, registro de seu uso em sentido figurado.

A idéia de “grandeza” presente em todas as unidades deste grupo revela que as empresas jornalísticas trataram do assunto guerra como algo de grande importância, e isso se reflete nos textos. A palavra “grande”, da qual se origina “grandeza”, possui, entre suas acepções, o conceito de “gravidade”, o que também explica o uso destas lexias, que contêm esta conotação por tratarem de uma guerra nas reportagens estudadas.

9.13. GRUPO 13

LEXIAS: OPULÊNCIA; SUNTUOSO

As duas lexias deste grupo são usadas pela imprensa para mostrar o contraste entre a riqueza dos palácios construídos por Saddam Hussein para si no Iraque e a pobreza da população daquele país. Qualificadoras, as unidades têm em comum as idéias de “luxo” e “riqueza”. Abaixo, as ocorrências encontradas nos textos da imprensa:

“... são os beneficiários de uma **opulência** que agride os brios dos países retardatários.” (Revista Veja – 26/02/2003)

“Os **suntuosos** palácios, construídos pelo ditador...” (Revista Isto É – 16/04/2003)

“Os saques se multiplicam de norte a sul do país e não se restringem aos **suntuosos** palácios de Saddam e sua laia, mas acontecem até nos mais necessitados hospitais.” ...” (Revista Isto É – 16/04/2003)

“...e a riqueza dos diversos prédios governamentais e dos **suntuosos** palácios presidenciais, todos fechados.” (Folha de S. Paulo – 21/03/2003)

Nos dicionários foram encontradas as definições transcritas abaixo:

Suntuoso

1 Que exige muito dispêndio de dinheiro; 2 (Derivação: por extensão de sentido) em que há grande luxo; (Dicionário Houaiss)

1.Com que se fez grande despesa; 2.Em que há grande luxo; pomposo, magnificente, aparatoso, suntuário (Dicionário Aurélio)

Opulência

1 Grande quantidade de bens; riqueza; 2 qualidade do que é rico, luxuoso, magnífico ou magnificente; 3 grande pompa; luxo, fausto, magnificência; 4 (Derivação: por metáfora) imponência por grandiosidade, esplendor e beleza; esplendor, suntuosidade; (Dicionário Houaiss)

1.Abundância de riquezas; grande riqueza; 2.Luxo, magnificência, fausto; (Dicionário Aurélio)

Apesar de ser um grupo formado por um substantivo e um adjetivo, pode-se afirmar que, com relação ao sentido, as unidades mantêm entre si a relação de **co-hiponímia**, pois ambas possuem os semas “luxo” e “riqueza”. As unidades *Opulência* e *Suntuoso* são menos freqüentes no vocabulário cotidiano da maioria dos brasileiros que as palavras “luxo” e “riqueza”, e transmitem também a idéia de “excesso” de requinte e de esbanjamento de recursos financeiros. A opção pelo uso destas lexias, que poderiam ser substituídas nos contextos por luxo e riqueza, demonstra que há uma análise crítica dos jornalistas sobre a desigualdade social existente no Iraque, algo que não está diretamente relacionado com a situação da guerra, mas que legitimaria, justificaria e até autorizaria a invasão americana.

8.14. GRUPO 14

LEXIAS: BÉLICO; BELICISTA; BELICOSO

As três unidades são variações de uma mesma base, “beli-”, e se referem a comportamentos relacionados à guerra e ao combate. O *Dicionário Aurélio*, indica “beli-” como elemento de composição originário do latim “bellum”, que possui o sentido de guerra. Abaixo são reproduzidas as ocorrências destas lexias nos textos jornalísticos analisados:

“...Tony Blair atua na campanha **belicista** como fiel escudeiro...” - (Revista Época – 10/02/2003)

“... às ações **belicistas** da coalizão anglo-americana no Iraque parece estar com os dias contados.”
(Folha de S. Paulo – 10/04/2003)

“Mas a obsessão **belicosa** e o erro de cálculo do ditador...” - (Revista Isto É – 16/04/2003)

“... para não constranger o discurso **belicoso** do secretário de Estado americano...” (Revista Isto É – 12/02/2003)

“... criaram a moderna democracia ocidental foram capazes de alegar razões morais para propósitos **belicosos** ilegais...” (Folha de S. Paulo – 01/04/2003)

“... acontecimento para demonstrar que o comportamento que hoje mais se aproxima do velho nacionalismo **belicoso** dos europeus é justamente o dos Estados Unidos.” (Folha de S. Paulo – 17/04/2003)

“Tecnologia **bélica** faz dos EUA um gigante invencível” - (Revista Isto É – 16/04/2003)

“...em que a verborragia valentona de Bush quase levou o incidente a níveis de enfrentamento **bélico**.”

(Revista Isto É – 26/03/2003)

“Se Saddam Hussein estivesse na África, longe do petróleo do Oriente Médio, e tivesse o mesmo potencial **bélico** de que dispõe atualmente...” (Folha de S. Paulo – 09/03/2003)

“...Espanha, Itália e Reino Unido, países cujo governo apóia os objetivos **bélicos** dos EUA.” (Revista Época – 24/02/2003)

“Ao despachar mais de 250.000 soldados e cinco porta-aviões do poderio **bélico** mais moderno do planeta para a região do Golfo Pérsico...” (Revista Veja – 12/03/2003)

Abaixo estão as acepções das unidades lexicais deste grupo encontradas nos dicionários consultados:

Bélico

Concernente à guerra ou ao belicismo; belicoso; Sinônimos - ver sinonímia de belicoso; (Dicionário Houaiss)

1. Relativo ou pertencente à, ou próprio da guerra (Dicionário Aurélio)

Belicista

1. Partidário da guerra e/ou do armamentismo (Dicionário Aurélio)

Belicoso

1 Que tem inclinação para a guerra, para o combate; que faz guerra por vocação e vezo; belígero; 2 (Derivação: por extensão de sentido) que apresenta comportamento agressivo; 3 m.q. bélico; 4 que

incita à guerra; Sinônimos - aguerrido, animoso, armífero, armígero, armipotente, bélico, beligerante, belígero, combatente, combativo, guerreador, guerreiro, lutador, marcial, márcio, mavórcio, mavórtico, militante, militar, pelejador, pugnace, pugnaz; (Dicionário Houaiss)

1. Que tem ânimo aguerrido; guerreiro; 2. Habitado à guerra; 3. Que incita à guerra; 4. Preparado para a guerra; 5. Revolto, agitado (Dicionário Aurélio)

As três unidades deste grupo são empregadas pela imprensa como adjetivos, apesar de *Belicista* também ter a função de substantivo de dois gêneros. Em todas as ocorrências, estas lexias são usadas para qualificar ações e eventos ligados à guerra. É interessante notar que *Bélico* e *Belicista* se aplicam com maior frequência a substantivos concretos, como tecnologia e poderio, enquanto *Belicoso* é mais usado para substantivos abstratos, como obsessão, propósito e nacionalismo.

A unidade *Bélico* foi encontrada em todos os veículos de comunicação em análise, na maioria das vezes em referência aos Estados Unidos e a seu poderio militar. Há apenas uma ocorrência desta lexia no jornal *Folha de S. Paulo*, que trata do poder de combate de Saddam Hussein na guerra. Foram registradas ocorrências de *Belicoso* no jornal *Folha de S. Paulo* e na revista *Isto É*, em ambas as publicações para tratar dos Estados Unidos, mas a revista também emprega a unidade para falar da “obsessão de Saddam”. *Belicista* foi encontrada apenas em referência aos Estados Unidos e a seus aliados, na revista *Época* e no jornal *Folha de S. Paulo*, uma vez que trata de “partidários” da guerra, conforme as definições dos dicionários. Não foram encontradas “incorrekções” nos usos de tais unidades, apenas a intenção de qualificar a superioridade do poder do exército americano.

9.15. GRUPO 15

LEXIAS: AUDAZ, AGRESSIVO, ARROGANTE, ABRASIVO, TIRÂNICO, AFOITEZA

Das matérias jornalísticas estudadas foram retirados os seguintes exemplos, que contêm as unidades deste grupo:

“... o **abrasivo** secretário de Defesa, deu uma amostra...” (Revista Veja – 12/02/2003)

“...protestaram contra a **afoiteza** do presidente americano...” (Revista Veja – 26/02/2003)

“Isso tudo eclipsa mas não dilui o aspecto **agressivo** e **arrogante** com que americanos e ingleses resolveram invadir...” (Revista Veja – 16/04/2003)

“Rumsfeld, esse sim o tipo clássico do falcão dos anos 60. Mostra prazer no comportamento **agressivo**, quando o vemos na TV...” (Folha de S. Paulo - 26/03/2003)

“O comportamento **agressivo** e **arrogante** de Bush ampliou o leque dos opositores da guerra...” (Revista Época – 24/02/2003)

“... aliado à atitude belicosa e **arrogante** de Bush, provocou um aumento do sentimento antiamericano...” (Folha de S. Paulo – 02/03/2003)

“Mas existirá menos ainda se o mundo ficar sob a permanente e **arrogante** ameaça de uma única grande potência.” - [declaração do presidente Lula em 26.1.91, em artigo na Folha] (Folha de S. Paulo – 30/03/2003)

“**Audaz**, ele [Saddam] conseguiu fugir para a Síria...” - (Revista Isto É – 16/04/2003)

“... expansão nuclear de um regime **tirânico**.” (Revista Isto É – 12/02/2003)

É provável também que uma população aterrorizada por um regime **tirânico** receba as tropas aliadas como libertadoras.” (Folha de S. Paulo – 22/03/2003)

A seguir, algumas das acepções encontradas nos dicionários:

Audaz

m.q. Audacioso; ousado, resoluto, atrevido, temerário. (Dicionário Houaiss)

1. Que tem audácia; ousado, corajoso, temerário; 2. Em que há audácia; arriscado, temerário (Dicionário Aurélio)

Agressivo

1 Que agride, 2 que hostiliza ou provoca; 3 voltado para o ataque; aguerrido, lutador; (Rubrica: psicologia) 4 que ou aquele que revela predisposição para um comportamento hostil ou destrutivo; Sinônimos - ver sinonímia de insultuoso e malcriado. (Dicionário Houaiss)

1. Que agride ou denota agressão; 2. (Psic.) Diz-se de indivíduo em cuja personalidade prevalece como componente a disposição para condutas destrutivas, hostis; 3. Psic. Indivíduo agressivo (Dicionário Aurélio)

Arrogante

1 Que ou o que arroga; 2 que demonstra arrogância; soberbo, presunçoso; 3 que é insolente, mal-educado, atrevido; Sinônimos - ver sinonímia de presumido e petulante (Dicionário Houaiss)

1. Que tem ou revela arrogância [1. Orgulho que se manifesta por atitudes altivas e desdenhosas; soberba; 2. Insolência, atrevimento] (Dicionário Aurélio)

Abrasivo

1 Que ou o que causa abrasão, desgaste por raspagem; 2 que ou o que apresenta grande dureza ou capacidade para desagregar, por fricção, partículas de outros corpos. (Dicionário Houaiss)

1. Que ou o que produz abrasão; 2. Diz-se de, ou substância muito dura, como diamante, esmeril, etc., capaz de arrancar, por atrito, partículas de outros corpos (Dicionário Aurélio)

Tirânico

1. Relativo a tirano ou à tirania; 2. Próprio de tirano ou da tirania; 3. Que tiraniza; 4. Opressivo, injusto, cruel, tirano (Dicionário Aurélio)

1 Relativo a ou próprio de tirano ou tirania; 2 que age ou se manifesta de maneira opressiva, imperiosa, violenta; Sinônimos - ver sinonímia de arbitrário e malvado. (Dicionário Houaiss)

Afoiteza

1. Qualidade de afoito [1. Sem medo; corajoso, ousado, destemido, audaz; 2. V. valentão; 3. Apressado; precipitado; ansioso]; coragem, ânimo, arrojo, audácia. (Dicionário Aurélio)

Qualidade de afoito; coragem, atrevimento, afoitamento; Afoito: (adjetivo) 1 que tem coragem, ousadia; destemido; 1.1 que é muito valente; valentão; 2 que tem muita pressa, que se precipita; ansioso; Ver sinonímia de valentão (Dicionário Houaiss)

Neste grupo há uma proximidade maior entre as lexias *Audaz* e *Afoiteza* e entre *Agressivo* e *Tirânico*. As duas primeiras, em relação de **co-hiponímia próxima**, têm em comum os semas “coragem” e “ousadia”, e foram usadas pela imprensa para tratar de Saddam (*Audaz*) e de Bush (*Afoiteza*), ambas na revista *Veja*. O emprego da primeira, que contém a conotação de “atrevimento”, revela que a revista vê Saddam como um homem corajoso e ousado. No segundo caso, *Afoiteza* possui também um traço negativo que remete à idéia de “precipitação”, o que demonstra um julgamento da atitude do presidente americano de entrar

em guerra. Esta unidade, porém, possui traços positivos de “valentia” e “coragem”, que não desqualificam o personagem.

Agressivo e *Tirânico* possuem em comum os traços “agressividade” e “injustiça”, e são utilizadas pela imprensa da seguinte forma: *Agressivo*: em todas as ocorrências é usada em menção ao presidente americano (revistas *Veja* e *Época* e jornal *Folha de S. Paulo*); *Tirânico*: o jornal e a revista *Isto É* empregam esta lexia para tratar exclusivamente de Saddam Hussein, o que está de acordo com a postura de tal personagem, uma vez que, no *Dicionário de Ciências Sociais* (1987) há a seguinte definição: “tirania é a maneira de se exercer autoridade mediante recurso freqüente a punições da máxima severidade”. O uso de *Agressivo*, que também possui o traço negativo “destruição”, sugere uma conotação diferenciada, de “luta”, “coragem” e “hostilidade”, como pode ser depreendido pelo contexto. Essa dupla de unidades está em relação de **co-hiponímia próxima**.

Foram registradas duas ocorrências para a lexia *Arrogante* e, em ambos os casos (*Folha de S. Paulo* e *Veja*), ela aparece acompanhada por *Agressivo* e denota o comportamento do presidente americano e de seus aliados. Neste caso, reforça-se a idéia de “hostilidade” contida na unidade anterior e acrescenta-se a ela as de “orgulho” e “petulância”, também como uma crítica às decisões e aos atos praticados por este personagem.

Abrasivo teve apenas uma ocorrência, na revista *Veja*, para tratar do Secretário de Defesa dos EUA, Donald Rumsfeld. Como nas definições dos dicionários de língua não foi encontrado registro do uso metafórico desta lexia, entende-se, pelo contexto, as idéias de “dureza”, “firmeza de convicção” e “inflexibilidade de opinião”.

9.16. GRUPO 16

LEXIAS: ATROCIDADE, BARBARIDADE, BIZARRO, BRUTAL, BRUTALIDADE, TRUCULÊNCIA, INIQUIDADE

Em quatro das sete unidades deste grupo nota-se a presença do sufixo “-(i)dade”, formador de substantivos a partir de adjetivos. Este sufixo acrescenta às bases, de acordo com o *Dicionário Aurélio*, as idéias de “qualidade”, “caráter”, “atributo”, “o que é próprio de”, “modo de ser”, “estado”, “admiração”. Além desta característica, as unidades *Atrocidade*, *Barbaridade*, *Brutal*, *Truculência* e *Iniquidade* contêm as idéias de “crueldade”, “maldade”, “desumanidade”, que não está presente apenas em *Bizarro*. Abaixo, alguns exemplos dos usos destas lexias nos textos da imprensa brasileira:

“... execução e outras **atrocidades** do regime...” (Revista Veja – 05/02/2003)

“...se tornou símbolo das **atrocidades** que vêm sendo cometidas contra a população iraquiana nesta guerra.” (Revista Isto É – 16/04/2003)

“... desmentindo todas as **atrocidades** atribuídas a ele, ou, simplesmente, não havia nenhuma arma de destruição em massa.” (Folha de S. Paulo – 10/04/2003)

“Qualquer revés militar ou **atrocidade** cometida contra civis iraquianos poderá reabilitar a oposição.” (Folha de S. Paulo – 03/03/2003)

“Sua última **barbaridade**, no ano passado, revela o grau de violência...” (Revista Veja – 05/02/2003)

“... também a **bizarra** influência da direita cristã fundamentalista.” (Revista Veja – 26/02/2003)

“No Iraque de Saddam, mesmo com a **brutal** repressão aos dissidentes, as mulheres freqüentavam universidades” - (Revista Isto É – 16/04/2003)

“...invasão anglo-americana do Iraque como parte de um assalto **brutal** de uma potência imperialista contra árabes...” (Revista Veja – 09/04/2003)

“...ver com os próprios olhos as marcas da **brutalidade** do regime de Saddam.” (Revista Veja – 30/04/2003)

““Estamos comprometidos em garantir que os iraquianos, que sofreram sob um tirano **brutal**, recebam a comida e os remédios que necessitam o mais breve possível”, disse Bush.” (Folha de S. Paulo – 26/03/2003)

“Isto significa que a **brutalidade** de Bush e de Blair não deixará de ter conseqüências políticas...” (Folha de S. Paulo – 30/03/2003)

“Valores como o patriarcalismo, a **truculência** e a devoção à família...” (Revista Veja – 05/02/2003)

“... herdou da família a **truculência**, mas é mais discreto.” (Revista Veja – 05/02/2003)

“...está se agrupando num manifesto a favor da paz, ameaçada pela **truculência** dos setores majoritários da política norte-americana.” (Folha de S. Paulo – 15/03/2003)

As falas dos políticos, sindicalistas e militantes foram contra a guerra, sem poupar a **truculência** do ditador Saddam Hussein.” (Folha de S. Paulo – 31/03/2003)

“...na longa história de **iniquidades** políticas de nosso tempo...” (Revista Veja – 16/04/03)

Dos dicionários consultados, foram retiradas as seguintes acepções para as lexias em análise:

Atrocidade

1 Qualidade do que é atroz; crueldade, truculência; 2 ato cruento, desumano; barbaridade; (Dicionário Houaiss)

1.Qualidade de atroz;; 2.Ação atroz; crueldade, barbaridade (Dicionário Aurélio)

Barbaridade

1 Ato próprio de bárbaro; barbaria, crueldade, desumanidade; 2 estado de povo incivilizado; atraso, barbaria; 3 ato ou dito em extremo desacordo com a lógica, com o bem, com as normas etc.; inépcia; (Dicionário Houaiss)

1.V. barbaria[1.Ato próprio de bárbaros; barbaridade; 2.Selvageria, crueldade, atrocidade, barbaridade, barbarismo]; 2.Bras. S. Exprime espanto, surpresa, estupefação (Dicionário Aurélio)

Bizarro

1 Que se destaca pela boa aparência ou expressão pessoal; bem-apessoado; 1.1 que tem bom porte ou boa postura corporal; garboso; 1.2 elegante nos gestos e nos trajes; 2 que se faz notar pelo refinamento das maneiras ou pela pureza do caráter; 2.1 primoroso no comportamento; gentil; 2.2 dotado de magnanimidade; nobre, generoso, liberal; 3 que demonstra seu valor pessoal em grandes feitos; 3.1 dotado de valentia; brioso; 4 (Derivação: por extensão de sentido) digno de admiração ou louvor; magnífico, esplêndido; 5 que se impõe ou tenta se impor perante os demais; 5.1 que demonstra insolência; arrogante; 7 (Uso: informal) que é esquisito, estranho, excêntrico; (Dicionário Houaiss)

1.Gentil, nobre, generoso; 2.Bem-apessoado, bem-parecido; garboso; 3.Vestido com elegância; bem vestido; 4.Fanfarrão, jactancioso; 5.Extravagante, esquisito (Dicionário Aurélio)

Brutal

1 Próprio da natureza ou dos instintos do bruto, do irracional; bestial; 2 que encerra barbarismo; cruel, feroz, desumano; 3 de excessiva rudeza; incivil; 4 falta de controle, moderação; imoderado, violento; 5 que impressiona, choca; medonho, horrível; 6 (Uso: informal) excessivo, colossal; extraordinário. (Dicionário Houaiss)

1.Próprio de bruto; da natureza do bruto; animal, bestial; 2.Cruel, desumano, perverso, bárbaro; 3.Impetuoso, bravo, violento, rude, irrefreável; 4.Violento, medonho, terrível; 5.Grosseiro, rude, chocante; 6.Bruto (Dicionário Aurélio)

Brutalidade

1.Qualidade de brutal; 2.Ação brutal; selvageria, violência; 3.Grosseria, incivilidade (Dicionário Aurélio)

Atributo do que é bruto ou brutal; 1 estado ou qualidade do que está como existe na natureza, da matéria em bruto; 2 característica, estado ou condição do que é irracional; animalidade, bestialidade; 3 (Derivação: por extensão de sentido) crueldade, desumanidade; 4 (Derivação: por extensão de sentido) ignorância, estupidez, primarismo; 5 (Derivação: por extensão de sentido) impetuosidade, violência; 6 (Derivação: por extensão de sentido) ato, dito ou procedimento de bruto; grosseria, falta de educação, incivilidade; 7 qualidade do que choca pelo excesso, pela crueza; 8 (Uso: informal) grande quantidade, exagero (Dicionário Houaiss)

Truculência

1.Qualidade ou ação de truculento; ferocidade, crueldade. (Dicionário Aurélio)

1 Qualidade do que é brutal, grosseiro, do que não tem finura; grosseria; 2 ato de crueldade, de violência; (Dicionário Houaiss)

Iniquidade

Falta de equidade; 2.Qualidade de iníquo; 3.Ação ou coisa iníqua. Iníquo: 1.Contrário à equidade; 2.Perverso, malévolo; extremamente injusto; Equidade: Disposição de reconhecer igualmente o direito de cada um; 2.Conjunto de princípios imutáveis de justiça que induzem o juiz a um critério de moderação e de igualdade, ainda que em detrimento do direito objetivo; 3.Sentimento de justiça avesso a um critério de julgamento ou tratamento rigoroso e estritamente legal; 4.Igualdade, retidão, equanimidade. (Dicionário Aurélio)

Equidade: 1 apreciação, julgamento justo; 1.1 respeito à igualdade de direito de cada um, que independe da lei positiva, mas de um sentimento do que se considera justo, tendo em vista as causas e as intenções; 2 virtude de quem ou do que (atitude, comportamento, fato etc.) manifesta senso de justiça, imparcialidade, respeito à igualdade de direitos; 3 correção, lisura na maneira de proceder, julgar, opinar etc.; retidão, equanimidade, igualdade, imparcialidade (Dicionário Houaiss)

Percebe-se que há uma proximidade maior entre as unidades *Atrocidade*, *Barbaridade*, *Brutal*, *Brutalidade*, *Truculência* e *Iniquidade*, que possuem os traços “crueldade”, “maldade” e “desumanidade”, e podem ser consideradas **co-hipônimas próximas**. Os veículos da imprensa analisados empregam estas lexias em maior número de ocorrências para tratar de atos praticados por Saddam Hussein durante seu governo no Iraque, mas algumas também designam ações de George W. Bush, principalmente depois de declarada a guerra. Apenas *Iniquidade* foi empregada de maneira mais ampla, em uma única ocorrência, para tratar de atos políticos ao longo da História. Na versão do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* utilizada neste trabalho, não foi encontrada a entrada *Iniquidade*, embora ela seja citada nesta obra lexicográfica como antônimo de equidade, cujas acepções foram transcritas acima.

A unidade *Bizarro* também foi registrada em uma única ocorrência, na revista *Veja*, para tratar da justificativa religiosa que Saddam usava para seus atos. Neste contexto, a lexia deixa de lado sua conotação de base e assume o papel mais usado popularmente hoje, como já

registra o *Dicionário de Usos do Português* (2002), de Francisco Borba, com as idéias de “esquisitice”, “extravagância” e “estranheza”. Entre *Brutal* e *Brutalidade* há uma proximidade maior, uma vez que são variações de uma mesma base, sendo a primeira adjetivo e a segunda, substantivo.

O maior número de ocorrências destas unidades em referência às ações de Saddam Hussein comprova estar explícita nas informações publicadas pela imprensa a noção de que este personagem é mais “cruel”, “mau” e “desumano” que o líder do outro lado do conflito. O uso de *Bizarro* também demonstra que há a visão de que Saddam é alguém “estranho”.

9.17. GRUPO 17

LEXIAS: PRIMOR, PRODIGIOSO, BADALADO

As três unidades deste grupo possuem conotações positivas. As duas primeiras, *Primor* e *Prodigioso*, contêm as idéias de algo feito com “perfeição” e “excelência”, de algo “admirável”. *Badalado* possui os conceitos de “sucesso”, “fama” e “popularidade. Abaixo são reproduzidas as ocorrências destas lexias nos textos das publicações estudadas:

“... Bush foi um **primor** de habilidade diplomática ao conquistar apoio...” – (Revista Veja – 05/03/2003)

“... com a sempre **prodigiosa** ajuda americana.” (Revista Veja – 12/02/2003)

“Contaminou até a mais **badaladas** das festas americanas...” (Revista Isto É – 26/03/2003)

“... no mais **badalado** programa de entrevistas da tevê americana...” (Revista Isto É – 26/03/2003)

Aqui se encontram as acepções extraídas dos dicionários de língua portuguesa para as unidades deste grupo:

Primor

1 Qualidade superior; perfeição, excelência, delicadeza; 2 perfeição na execução, excelência do trabalho; 3 obra perfeita e excelente; 5 alguém ou algo que apresenta em alto grau uma ou várias qualidades positivas; 5.1 alguém ou algo que se destaca pela delicadeza, beleza, perfeição; 5.2 indivíduo que se destaca pela boa educação, simpatia, amabilidade. (Dicionário Houaiss)

1.Qualidade superior; 2.Perfeição, excelência; 3.Delicadeza, beleza, encanto (Dicionário Aurélio)

Prodigioso

1 Relativo a prodígio (subst.); 2 em que há prodígio; maravilhoso, assombroso, fantástico; 3 da natureza do prodígio; miraculoso, sobrenatural; 4 extraordinariamente grande; descomunal, imenso; Sinônimos - ver sinonímia de admirável e divino (Dicionário Houaiss)

1.Em que há prodígio; maravilhoso, miraculoso, sobrenatural; 2.Admirável, extraordinário. (Dicionário Aurélio)

Badalado

(regionalismo: Brasil. Uso: informal) Que badalou; 2 (uso: informal) muito falado ou comentado por sua fama, elegância, sucesso etc.; (Dicionário Houaiss)

1.(Bras. Pop.) Muito falado; comentadíssimo (Dicionário Aurélio)

As unidades *Primor* e *Prodigioso*, que possuem os traços positivos “perfeição” e “excelência”, aparecem nos textos jornalísticos de maneira irônica, satirizando algumas das atitudes do presidente americano George W. Bush, o que demonstra um tom de crítica na imprensa. A lexia *Badalado* é empregada para tratar de locais que não se relacionam

diretamente com a guerra, como bares, programas de TV e festas, mas onde o conflito teve reflexos. A acepção desta unidade apreendida pelos contextos em que ela aparece é a citada como popular nos dicionários: algo “muito comentado”, de “muito sucesso”.

9.18. GRUPO 18

LEXIAS: FALANGE, FALCÃO, FALCONARIA, GARRA, ÁGUIA

Este grupo é formado por unidades que contêm referências a animais de grande porte e a aves de caça, como as águias e os falcões, e foram empregadas em sentido figurado pela imprensa, como pode ser conferido nos trechos a seguir:

“... a **falange** de **falcões** de que se cercou...” (Revista Veja – 26/02/2003)

“... o pai de todos os **falcões** da Casa Branca...” – (Revista Isto É – 16/04/2003)

“... muitos **falcões** e influência da direita cristã.” (Revista Veja - 26/02/2003)

“Num lance de ousadia típico dos **falcões** vitoriosos...” (Revista Veja – 16/04/2003)

“Para o cientista social americano, **falcões** de Bush acreditam que a guerra seja o meio de o país se fazer reconhecer” (Folha de S. Paulo – 09/03/2003)

“... grupo que promove a **falconaria** de guerra do governo de Washington.” (Revista Isto É – 16/04/2003)

“... equipamentos que deixam as **garras** da **águia** americana mais afiadas.” – (Revista Isto É – 16/04/2003)

“Tudo indica que forças especiais estejam agora em Bagdá, sabotando, definindo alvos e negociando com oficiais militares iraquianos. Bombas, dinheiro e promessas. A **garra** do leão e a astúcia da raposa.” (Folha de S. Paulo – 24/03/2003)

“muitos desses países não escondem o incômodo de ver os **falcões** colocarem suas **garras** no Oriente Médio.” (Revista Isto É – 23/04/2003)

“... equipamentos que deixam as **garras** da águia americana mais afiadas.” – (Revista Isto É – 16/04/2003)

“O **VÔO DA ÁGUIA** - Fim do impasse sobre o Iraque restabelece otimismo dos consumidores, e índice registra alta de 20 pontos” (Folha de S. Paulo – 30/04/2003)

Nos dicionários consultados foram encontradas as seguintes definições:

Falange

1 Na Grécia antiga, corpo de infantaria espartano e macedônio; 2 (Derivação: por extensão de sentido) qualquer corpo de tropas; 3 (Derivação: por extensão de sentido) agrupamento maciço de pessoas; legião, multidão; 5 (Rubrica: política) organização política espanhola inspirada no fascismo italiano; (Dicionário Houaiss)

1.Unidade de infantaria grega formada por 64 sintagmas ou 16.384 homens; 2.Corpo de tropas.; 3.(Fig.) Multidão, legião; 6.(Hist). Grupo político e paramilitar, ger. de caráter fascista. (Dicionário Aurélio)

Falcão

(Rubrica: ornitologia); design. comum a várias aves falconiformes da fam. dos acipitrídeos, pandionídeos e falconídeos, consideradas como aves de rapina; 2 (Rubrica: armamento) tipo antigo de boca-de-fogo, de cano longo e pequeno calibre; (Dicionário Houaiss)

1.(Zool.) Qualquer das aves de rapina diurnas, falconídeas, 2.(Zool). Qualquer das aves de rapina falconídeas conhecidas, no Brasil, como gavião; 3.Ant. Peça de artilharia comprida, que atirava projetis de ferro de cinco a dez libras de peso; sagre (Dicionário Aurélio)

Falconaria / Falcoaria

(Rubrica: arte venatória) 1 Arte de treinar falcões para caçar; 2 caçada com falcões; 3 local em que se criam falcões; (Dicionário Houaiss)

1.Arte de adestrar falcões para a caça; 2.Caçada com falcões; 3.Lugar onde se criam falcões (Dicionário Aurélio)

Garra

1 (Rubrica: anatomia zoológica) unha comprida, recurva e pontiaguda de alguns animais, como as aves de rapina e os felinos; 2 (Rubrica: anatomia zoológica) nos insetos, processo curvo e afilado da extremidade de um membro; 3 (Derivação: por extensão de sentido) a mão humana, esp. quando movida por uma certa violência (mais us. no pl.); 4 (Derivação: por extensão de sentido) qualquer objeto semelhante a uma garra ou que tem a função de prender, de agarrar algo; 5 (Derivação: sentido figurado) força de vontade, disposição; persistência na consecução de um objetivo, determinação; 6 (Derivação: sentido figurado, por extensão de sentido) grande vigor ou entusiasmo; 7 (Derivação: sentido figurado) poder intransigente; tirania, domínio; 8 ambição, avidez de lucro; cobiça, rapacidade; (Dicionário Houaiss)

1.Unha aguçada e curva de feras e aves de rapina; gafa; 2.(P. ext.) Unhas, dedos, mãos; 3.Pêlo comprido ao redor das juntas dos pés dos cavalos; 4.(Fig.) Tirania, opressão; 5. (Fig.). Forte interesse,

disposição e persistência na execução de qualquer ato; entusiasmo; 6. (Fig.) Força, intensidade, vigor; (Dicionário Aurélio)

Águia

(Rubrica: ornitologia) design. comum a diversas aves falconiformes da fam. dos acipitrídeos, esp. aquelas de grande porte, predadoras, dotadas de bico e garras de considerável robustez; cordugal; 2 (Derivação: por metonímia) insígnia, estandarte, bandeira etc. que traz uma águia desenhada; 3 (Derivação: sentido figurado) pessoa notável, que sobrepuja as demais pela excelência de seus dotes intelectuais, de seu talento ou de sua perspicácia; 3.1 indivíduo renomado (com indicação do lugar onde nasceu ou adquiriu celebridade); 4 (Derivação: sentido figurado) indivíduo que exerce a liderança; governante, chefe; 8 pessoa perspicaz, sabedora; 9 (Regionalismo: Brasil. Uso: pejorativo) pessoa velhaca, espertalhona; (Dicionário Houaiss)

1.(Zool.) Qualquer das aves de rapina falconiformes, acipitrídeas, do gênero *Aquila* (v. águila), notáveis pelo tamanho, vigor, acuidade de visão, e capacidade de vôo; não ocorrem na América do Sul; 2.(P. ext.) Insígnia ou símbolo representado pela figura estilizada deste animal; 3.(Fig.) Pessoa de grande talento e perspicácia; 4.Designação de pessoa notável, por antonomásia, com indicação da terra de sua naturalidade ou do lugar onde se tornou célebre; 5. Chefe, governante, 8.Bras. Velhaco, tratante, espertalhão (Dicionário Aurélio)

Percebe-se, pelas definições encontradas nos dicionários, que as cinco unidades deste grupo são, originalmente, usadas em contextos que tratam de aves caçadoras de grande porte, como a águia e o falcão, e de seu adestramento e suas habilidades. Em alguns casos, como *Falange*, *Garra* e *Águia*, já há nestas obras lexicográficas o registro de conotações de referência política, como “poder”, “tirania”, “liderança”, “governo” e, até, “inclinação ao fascismo.” Portanto, podem ser consideradas **co-hipônimas**, uma vez que possuem traços de significação coincidentes. Além disso, a espécie animal águia americana é um dos símbolos

que constam no emblema do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos, representando serviço para o país. Abaixo segue a reprodução do mesmo:

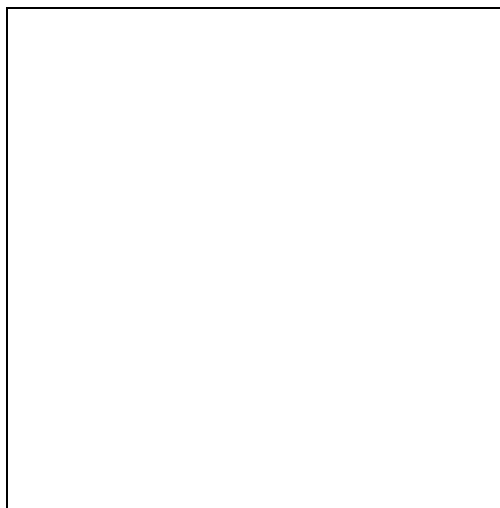


Figura. 5: Emblema do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos, reproduzido do site www.wikipédia.com.br

Por isso, entende-se que ocorre extensão de sentido quando se nomeia o exército e os soldados americanos de “águias”. Esta unidade também possui como semas, por derivação de sentido figurado, conforme indicam os dicionários, as conotações “grande predador”, “notável”, “liderança” e “chefia”, que também a credencia, em determinados contextos, a tratar dos combatentes americanos. Nos textos analisados há a ocorrência desta lexia na revista *Isto É* e no jornal *Folha de S. Paulo*, em referência aos Estados Unidos. Fato interessante é que o jornal emprega a unidade apenas na parte do texto conhecida no vocabulário jornalístico como “chapéu”, um título secundário, impresso em letras menores, que fica na abertura da reportagem e que introduz o assunto que será lido posteriormente.

As unidades *Falange* e *Falconaria* aparecem uma única vez nos veículos da imprensa analisados: a primeira foi utilizada pela revista *Veja* para tratar dos políticos que apóiam e até influenciam o presidente americano; a segunda lexia foi usada pela revista *Isto É* da seguinte forma: “a falconaria de guerra”. Este emprego não foge da concepção original da lexia, que

remete a “treino, caça ou adestramento de falcões”, que retratariam, em sentido figurado, os políticos e soldados que preparavam a guerra.

Há ocorrências de *Falcão* tanto na *Folha de S. Paulo* quanto em *Isto É*, sempre em referência aos políticos que apoiavam a guerra e também o presidente George W. Bush. Apesar de esta unidade, nos dicionários, ainda não apresentar tal sentido, o mesmo pode ser apreendido de *Falange*, já que esta lexia denota “infantaria”, “tropa” e “políticos”. Estes usos, no contexto da guerra, mostram o ponto de vista da imprensa sobre a guerra, de “violência”, que a unidade “rapina” (designação de ambos os tipos de aves – falcão e águia) contém.

9.19. GRUPO 19

LEXIAS: DECAPITADO, DECAPITAR, DERROCADA, DESMANCHADO, DESTROÇADO, FRANGALHO, OBLITERADO, PULVERIZAR, PULVERIZADO, SUCATEADO

Das lexias deste grupo, duas são formadas pelo prefixo “des-”, e outras três pelo prefixo “de-”. Nestes casos, estes morfemas imprimem as conotações: “transformação”, “privação”, “movimento de cima para baixo”, “extração”. As lexias encontradas nas reportagens publicadas pela imprensa transmitem a idéia de “mudança para pior” e de “declínio”, que é reforçada, em alguns casos, como em *Decapitado*, *Derrocada*, *Desmanchado*, *Destroçado*, *Obliterado*, *Pulverizado* e *Sucateado*, pelo sufixo nominal “-ado”/-ada”, formador de adjetivos a partir de verbos, com o sentido de “qualidade”, “resultado de ação ou movimento”. A seguir são reproduzidas algumas das ocorrências destas unidades na imprensa durante a cobertura da guerra contra o Iraque:

“O regime **decapitado**” (título – Revista Veja – 16/04/2003)

“...tentativa de **decapitar** o regime iraquiano...” - (Revista Época – 24/03/2003)

“... devem torcer para a **derrocada** do fanatismo...” (Revista Veja – 26/02/2003)

“... deu uma amostra do inferno que aguarda os iraquianos até a **derrocada** do agonizante regime de Saddam.” (Revista Época – 24/03/2003)

“A menos que alguma reviravolta dramática precipite a **derrocada** de Saddam, a guerra caminha para um impasse às portas de Bagdá.” (Revista Época – 31/03/2003)

“...a operação liderada pelos EUA tem como objetivo a **derrocada** de todo o regime.” (Folha de S. Paulo – 23/03/2003)

“Há quem aposte num novo rumo da globalização a partir da **derrocada** da imagem dos EUA.” (Revista Isto É – 02/04/2003)

“O que se viu com a **derrocada** das divisões Medina e Bagdá ...” (Revista Isto É – 09/04/2003)

“Enquanto boa parte da população comemorava a **derrocada** do regime destruindo as estátuas do tirano e saqueando palácios ...” (Revista Veja – 30/04/2003)

“...seu regime **desmanchado** e multidões de iraquianos saudando os libertadores.” (Revista Veja – 12/02/2003)

“... num clima de otimismo e esperança hoje **destruçado** pelo estado de mútua e constante violência.” – (Revista Veja – 05/03/2003)

“Na cobertura da TV oriental independente Al Jazeera, aparece algum detalhe da violência da guerra, corpos **destroçados**.” (Folha de S. Paulo – 31/03/2003)

“Há, por certo, muitos dramas semelhantes ao de Ali no Iraque **destroçado**.” (Folha de S. Paulo – 15/04/2003)

“Agora, os EUA têm a tarefa de reconstruir um país **destroçado**” (Revista Isto É – 16/04/2003)

“... a credibilidade dos mecanismos de segurança da ONU está em **frangalhos**.” (Folha de S. Paulo – 12/03/2003)

“ONU EM **FRANGALHOS**” (Folha de S. Paulo - 12/03/2003 – título do editorial do dia)

“... nos escombros da casa **obliterada** por bombas...” (Revista Isto É – 16/04/2003)

“Ao ligar a eventual **pulverização** de Saddam à solução da eterna questão palestina...” – (Revista Veja – 05/03/2003)

“Nas duas ocasiões em que se arriscaram em batalhas de tanques com americanos e ingleses, os iraquianos foram **pulverizados**.” (Revista Veja – 02/04/2003)

“Divisões inteiras foram dizimadas pelos bombardeiros americanos, e os corpos de muitos soldados foram de tal forma **pulverizados** que tornam impossível a contagem.” (Revista Veja - 16/04/2003)

“...contra-ataques terroristas numerosos e **pulverizados** nos próximos meses e anos, seja qual for a duração da operação militar no Iraque.” (Folha de S. Paulo – 30/03/2003)

“...em grande parte **sucateado** pela falta de peças de reposição...” - (Revista Época – 24/03/2003)

“A indústria petrolífera do Iraque está **sucateada**.” (Revista Veja – 12/02/2003)

Nos dicionários de língua foram encontradas as seguintes definições:

Decapitar / Decapitado

Cortar fora a cabeça de (esp. como pena de morte); degolar, descabeçar; 2 (Derivação: por extensão de sentido) cortar a extremidade ou parte de; decepar; 3 (Derivação: por metáfora) eliminar o cabeça de; anular a ação ou poder de um chefe, instituição de governo etc.; Sinônimos - ver sinonímia de matar (Dicionário Houaiss)

1.Cortar a cabeça de; degolar; 2.Fig. Tornar acéfalo; privar de chefe, de direção; 3.P. ext. Cortar (parte de um todo); decepar (Dicionário Aurélio)

Derrocada

Ato ou efeito de derrocar(-se); 1 demolição (de construção humana ou natural); destruição, desmoronamento, desabamento; 2 (Derivação: sentido figurado) mudança brutal que leva a um estado de colapso, de ruína; queda acompanhada de decadência, degradação; ver sinonímia de declínio; (Dicionário Houaiss)

1.Desmoronamento; ruína (Dicionário Aurélio)

Desmanchado

1 Que se desmanchou ou foi desfeito; 1.1 fora de ordem; desalinhado, desarrumado; 1.2 que se desfez, que se desmontou; desmontado, desmantelado, desestruturado; 1.3 reduzido a fragmentos, feito em pedaços; destroçado, fragmentado, despedaçado; 1.6 que se separou; dissolvido, desunido; 1.7 que se tornou nulo; cancelado, anulado, revogado; 1.8 que se dispersou; espalhado, desvanecido; 1.9 que desapareceu ou acabou; extinto, eliminado; (Dicionário Houaiss)

1. Que se desmanchou. Desmanchar: 1. Desfazer; 2. Tornar sem efeito; anular, desfazer; revogar, rescindir; 3. Destruir, demolir; 4. Frustrar, baldar; 5. (Bras.) Reduzir (a mandioca) a farinha; (Dicionário Aurélio)

Destroçado

(destroçar) - 2 causar a destruição de; arruinar, despedaçar; 3 fazer em pedaços; quebrar; 4 dar cabo de; esbanjar; ver tb. sinonímia de assolar e rechaçar (Dicionário Houaiss)

1. Pôr em debandada; debandar, dispersar; 2. Derrotar, destruindo; desbaratar; 3. Quebrar, despedaçar; 4. Arruinar, assolar, devastar; 5. Esbanjar, dissipar, (Dicionário Aurélio)

Frangalho

1 Farrapo, trapo, andrajo; 2 (Derivação: por extensão de sentido) pessoa ou coisa que se mostra gasta, acabada; caco, farrapo; (Dicionário Houaiss)

1. Farrapo, trapo; 2. Fig. Coisa imprestável; caco; 3. (Fig). Pessoa arruinada ou desprezível (Dicionário Aurélio)

Obliterado

Que se obliterou (obliterar) - 1 fazer desaparecer ou desaparecer pouco a pouco; apagar(-se); 2 fazer sair ou fazer deixar de existir; destruir, eliminar, suprimir; 3 fazer esquecer ou ficar esquecido; 5 carimbar (selo, bilhete) para que não possa ser utilizado outra vez; Sinônimos - ver sinonímia de eliminar (Dicionário Houaiss)

1. Em que houve obliteração; 2. Extinto, apagado; 3. Olvidado, esquecido (Dicionário Aurélio)

Pulverizado

Que se pulverizou; 2 reduzido a pó; 3 que recebeu pulverização; borrifado, nebulizado; 4 (Derivação: por metáfora) destruído, arrasado, aniquilado; (Dicionário Houaiss)

1.Em que se fez pulverização. Pulverizar: 1.Reduzir a pó; 2.Quebrar, converter em pequenos fragmentos; esmigalhar; 3.Cobrir de pó; polvilhar; 4.(Fig). Desbaratar, destroçar, rechaçar; 5.Refutar com plena eficácia, inteiramente; rechaçar; 7.Converter-se em pó (Dicionário Aurélio)

Sucateado

1 Que se sucateou; tornado sucata; 2 (Derivação: sentido figurado) que atingiu por abandono, estado deplorável, arruinado; (Dicionário Houaiss)

Sucatar: 1.Transformar em sucata; 2.Vender como sucata; 3.Fig. Deixar que (algo) sofra destruição, ou desvalorização, ou depreciação (Dicionário Aurélio)

Além dos traços morfológicos, as unidades deste grupo possuem em comum traços semânticos como “destruição”, “ruína”, “derrota”, algo que foi “reduzido a pó” e “feito em pedaços”, e estão em relação de **co-hiponímia próxima**. Grande número das ocorrências registradas referem-se à queda de Saddam Hussein do governo do Iraque, tendo sido usadas para isso principalmente as lexias *Decapitado*, *Desmanchado* e *Derrocada*. O uso destas unidades, de grande força expressiva, causam maior impacto no leitor que a palavra “queda”, por exemplo, pois contêm também as idéias de “decadência”, “derrota” e “eliminação”. *Derrocada* teve uma ocorrência em *Isto É* para tratar da imagem dos Estados Unidos perante o mundo após a guerra.

A lexia *Obliterado* apareceu em apenas uma ocorrência, na revista *Isto É*, ao tratar de uma casa atingida pelos bombardeios. *Frangalho* foi usada pelo jornal *Folha de S. Paulo* em duas ocorrências, sendo uma delas em título de matéria opinativa, referindo-se à credibilidade da ONU após a decisão dos Estados Unidos de iniciarem a guerra, mesmo sem a aprovação desta entidade. As unidades *Pulverizar*, *Pulverizado* e *Sucateado* somente foram usadas para tratar de situações ligadas ao Iraque e ao próprio Saddam (*Pulverizar*), o exército daquele país e novas chances de ataques terroristas (*Pulverizado*), o arsenal e a indústria petrolífera

iraquiana (*Sucateado*). Estas lexias têm em comum os semas “destruído”, “arruinado” e “depreciado”, são **co-hipônimas** também entre si, e demonstram a visão de destruição total que a imprensa tinha dos objetos por elas nomeados.

9.20. GRUPO 20

LEXIAS: MUNIÇÃO, FUZILARIA

Nos textos analisados, as duas unidades são usadas em sentido figurado, a primeira para qualificar a argumentação favorável à guerra, e a segunda, para tratar de conversas sobre outros possíveis alvos americanos, além do Iraque. Seu emprego é um recurso estilístico que está claramente ligado ao tema dos textos, uma guerra, como pode ser comprovado pelas ocorrências:

“...era a intensa **fuzilaria** verbal na direção de Damasco, capital da Síria.” (Revista Veja – 23/04/2003)

“...poderá servir de **munição** para os EUA e o Reino Unido”. (Folha de São Paulo – 28/02/2003)

Nos dicionários consultados foram encontradas as seguintes definições:

Munição

1 (Rubrica: termo militar) fortificação construída para defesa; 2 (Rubrica: termo militar) qualquer objeto ou apetrecho us. para defesa em empresas de guerra; provisão de guerra; 3 (Rubrica: armamento, termo militar) conjunto de balas, projéteis, cartuchos etc. us. nos armamentos de guerra ou em ações armadas; 6 (Derivação: por metáfora (da acp. 2). conjunto de apetrechos necessários à realização de algum trabalho, ofício etc.; (Dicionário Houaiss)

1.Fortificação de uma praça; 2.Fig. Aquilo que serve para defender; defesa; 3.Designação comum a todo material de guerra ou de outra espécie com que se devem prover tropas, navios de guerra, etc; 4.Designação comum a projeteis, pólvoras e demais artefatos explosivos com que se carregam armas de fogo; (Dicionário Aurélio)

Fuzilaria

Grande quantidade de tiros simultâneos de fuzil ou de qualquer arma de fogo; fuzilada; 2 (Derivação: por extensão de sentido) qualquer tiroteio entre inimigos; 3 (Derivação: sentido figurado) grande quantidade; abundância; (Dicionário Houaiss)

1.Tiros simultâneos de fuzil ou de qualquer arma de fogo; 2.Tiroteio entre inimigos; 3.Fig. Grande abundância (Dicionário Aurélio)

9.21. GRUPO 21

LEXIAS: MEANDRO, CORRUPTO, TRAPAÇA

As três unidades têm conotação de “desonestidade”, no caso de *Meandro*, em sentido figurado, da mesma forma em que é empregada no contexto da guerra. Portanto, podem ser consideradas em relação de **co-hiponímia**. Em todas as ocorrências as três lexias fazem referência a Saddam Hussein e a seu modo de governar, demonstrando que a imprensa ressalta a idéia de “ilegalidade” das ações deste personagem. Apenas na única ocorrência do grupo no jornal *Folha de S. Paulo*, a lexia *Corrupto* qualifica o possível sucessor de Saddam, que poderia ser indicado pelos Estados Unidos na época. Nos textos jornalísticos as unidades deste grupo foram empregadas da seguinte forma:

“... espalhar o vírus da democracia numa região dominada por tiranias **corruptas**.” (Revista Veja – 05/02/2003)

“Segundo ela, o fato de a escolha de quem irá governar o Iraque estar entre um "general reformado americano", Jay Garner, e um "iraquiano **corrupto**", Ahmed Chalabi _ "nenhum dos dois bem-vindo pelos iraquianos"" (Folha de S. Paulo – 11/04/2003)

“...Destacam-se aí o apoio a Israel e o suporte dado a alguns regimes **corruptos**.” (Folha de S. Paulo – 30/03/2003)

“...a dura tarefa de reconstrução de um país dilacerado por um governo **corrupto**, sanguinário, megalomaniaco... “ (Revista Veja – 16/04/2003)

“... participou clandestinamente dos **meandros** políticos do Iraque...” - (Revista Isto É – 16/04/2003)

“Denúncia de **trapaças** e ultimato da ONU a Saddam...” (Revista Época – 10/02/2003)

“... Não encontraram as armas, mas desconfiam de **trapaça** iraquiana.”(Revista Veja – 05/02/2003)

“...Colin Powell, em expor as mentiras e **trapaças** de Saddam Hussein seja bem-sucedido... “ (Revista Época – 10/02/2003)

“...conta as agruras do travesso menino Saddam e a de um ex-oficial do partido Baath (o mesmo do ditador iraquiano), que relata detalhes das **trapaças** sujas, como assassinatos, repressões, intimidações na escalada política dele até a presidência.” (Revista Isto É – 23/04/2003)

A seguir, as definições dos dicionários:

Meandro

1 caminho tortuoso de um curso de água; 2 (Derivação: por extensão de sentido) série de curvas no traçado de um percurso qualquer; 3 (Derivação: sentido figurado) aquilo que procede por vias sinuosas; volteio, desvio; emaranhamento, complexidade; (Dicionário Houaiss)

1.Sinuosidade, rodeio, volteio de curso de água, de caminho, etc; 2.Fig. Emaranhamento, complicação, dificuldade;. 3.Fig. Enredo, intriga, confusão (Dicionário Aurélio)

Corrupto

1.Que sofreu corrupção; podre, estragado, infectado; 2.Devasso, depravado; 3.V. corruptível;4.Errado, viciado (Dicionário Aurélio)

Que se corrompeu; corrompido, 1 em que houve adulteração; que sofreu alteração; 3 (Derivação: sentido figurado) que age depravadamente; devasso, depravado; 5. que ou aquele que age desonestamente, em benefício próprio ou de outrem, esp. nas instituições públicas, lesando a nação, o patrimônio público etc; 6 (Derivação: por extensão de sentido) que ou aquele que age de maneira indefensável. (Dicionário Houaiss)

Trapaça

1. Contrato fraudulento; dolo; 2.V. logro (Dicionário Aurélio)

1 Contrato fraudulento feito com quem empresta dinheiro; 2 qualquer ação artilosa, de má-fé; fraude, logro. (Dicionário Houaiss)

9.22. GRUPO 22

LEXIAS: CACIQUE, CALIFADO, TRUPE

Nos textos analisados, as três unidades são empregadas para tratar dos políticos ligados a Saddam Hussein. Apenas *Trupe*, de conotação pejorativa mais forte, foi usada para falar de

Osama Bin Laden, com quem, supostamente, Saddam teria ligações. A lexia *Cacique*, como pode se depreender dos contextos, também foi empregada com intenção depreciativa, significando o mesmo que *Manda-chuva*, que possui os traços “chefe”, “cabeça” e “líder”. Na revista *Isto É* não foi registrada ocorrência de nenhuma das unidades, que são transcritas a seguir nos contextos em que apareceram:

“Ainda que os **caciques** mais próximos a Saddam resolvam acompanhar...” - (Revista *Época* – 24/03/2003)

“Já no Iraque não há nem sombra de autoridade em condições de substituir os **caciques** depositos.” (Revista *Época* – 21/04/2003)

“...as pressões políticas sejam suficientes para obrigar os **caciques** do Oriente Médio a pesar com cuidado cada um de seus passos.” (Revista *Veja* – 16/04/2003)

“...Aziz já ocupou vários cargos no governo. É o **cacique** iraquiano mais conhecido no exterior...” (Revista *Veja* – 02/04/2003)

“O **califado** do medo” (Revista *Veja* – 05/02/2003)

“...foi a capital de um **califado** que se estendia até a Espanha.” (Revista *Veja* – 23/04/2003)

“...O nacionalismo é essencialmente uma idéia britânica para minar a idéia pan-islâmica do **califado**.” (Folha de S. Paulo – 15/04/2003)

“...Osama Bin Laden e sua **trupe** de fanáticos homicidas.” (Revista *Veja* – 26/02/2003)

Abaixo se encontram as definições dos dicionários para cada uma das unidades:

Cacique

1 m.q. morubixaba ('chefe indígena'); 2 (Derivação: sentido figurado. Uso: pejorativo) aquele que dita as regras ou impõe sua vontade num lugar ou sobre um grupo de indivíduos; manda-chuva; 3 (Derivação: sentido figurado) indivíduo de muita influência política, eleitoral ou administrativa; Sinônimos - ver sinonímia de manda-chuva (Dicionário Houaiss)

1.V. morubixaba (Chefe temporal das tribos indígenas brasileiras); 2.V. manda-chuva; 3.Pop. Chefe, patrão; 2.Fig. Pej. V. manda-chuva (Dicionário Aurélio)

Califado

1 (Rubrica: termo jurídico) no direito muçulmano, conjunto de princípios seguidos por chefes políticos e religiosos após a morte de Maomé (c570-632); 2 dignidade ou jurisdição ('poder') de califa; 3 (Derivação: por metonímia) área ou território governado por um califa; 3.1 (Derivação: por extensão de sentido); governo de um califa; 3.2 Derivação: por extensão de sentido; tempo de duração do governo de um califa (Dicionário Houaiss)

1.Tempo durante o qual um califa governa; 2.Dignidade ou jurisdição de califa; 3.Território governado por califa. Califa: 1.Título de soberano muçulmano. (Dicionário Aurélio)

Trupe

1 conjunto de artistas, comediantes, de pessoas que atuam em conjunto; 2 (Derivação: por extensão de sentido) companhia de teatro; 3 (Uso: pejorativo) grupo de sequazes (bando, partido) ; (Dicionário Houaiss)

1.Grupo de artistas ou comediantes; 2.Companhia teatral; 3.Fig. Deprec. Grupo de áulicos (cortesão, palaciano), de sequazes (Dicionário Aurélio)

De acordo com o *Dicionário Brasileiro Francês/Português, Português/Francês* (1998), de Rena Signer, a palavra francesa troupe pode ser traduzida para o português como “tropa”, “bando”, “trupe” e “companhia teatral”. Embora admita a tradução ampla, no português, esta palavra deu origem a duas unidades distintas: tropa e trupe, a segunda ligada ao teatro e à comédia. Os dicionários indicam para *Trupe* o uso depreciativo com o sentido de “seguidor”.

A unidade *Califado* denomina, segundo os dicionários consultados, os governos liderados por califas, chefes políticos e religiosos muçulmanos. O uso da mesma nos textos da imprensa são inadequados e também exprimem a visão de que as pessoas ligadas ao Iraque e a Saddam Hussein são “conservadoras” e “ultrapassadas”, pois tal lexia denomina uma forma de controle político extinta. Na enciclopédia virtual *Wikipedia* (que pode ser acessada pelo endereço na internet - www.wikipedia.org), há a informação que o califado deixou de existir em 1924, quando a República da Turquia aboliu o Império Otomano.

9.23. GRUPO 23

LEXIAS: JOGADA, CARTADA

As duas lexias remetem à idéia de jogos de azar, consagrada pelo uso popular, e contêm tal conotação, mesmo quando empregadas em outros contextos, provavelmente por conterem os semas “jogo”, “risco”, “esquema”, “manobra” e “ousadia”. Estas unidades são empregadas pela imprensa prioritariamente para tratar das negociações da fase que antecedeu a guerra, como pode ser visto nos exemplos abaixo, retirados das matérias jornalísticas em estudo:

“A **cartada** falhou. Pouco depois dos bombardeios, Saddam apareceu na televisão iraquiana...” -
(Revista Época – 24/03/2003)

“...é a última **cartada** do campo pró-guerra para tentar resolver a crise diplomática.” (Folha de S. Paulo – 13/03/2003)

“É a pressão e o blefe vencendo **cartadas** mais elaboradas.” (Revista Isto É – 23/04/2003)

“... foi uma **jogada** destinada a criar um fato consumado e contra-balançar o campo dos moderados...”
(Revista Veja – 16/04/2003)

“Para eles, trata-se de mais uma **jogada** de Saddam para enganar os inspetores e ganhar tempo na crise.” (Folha de S. Paulo – 01/03/2003)

Nos dicionários consultados foram encontradas as acepções:

Jogada

Ato ou efeito de jogar; 1 (Rubrica: esportes, ludologia) determinado ato ou manobra num jogo, de que depende o seu resultado; lance; 3 (Derivação: sentido figurado) lance; 4 (Derivação: sentido figurado) em negócios, esquema cuidadosamente elaborado e que comporta certa margem de risco, com vistas a obter lucro ou vantagem; 5 (Derivação: por extensão de sentido) qualquer ação que usa de recursos arditos e que envolve riscos, que pode trazer ganhos ao seu autor. (Dicionário Houaiss)

1.Ato ou efeito de jogar; 2.Lanço; 3.V. jogo; 4.(Bras.) Esquema de negócio, prévia e engenhosamente arquitetado, com vista a determinado fim, em geral lucrativo ou vantajoso; 5.(P. ext.) Qualquer negócio tramado, e elaborado por meio de ardis, maquiavelicamente (Dicionário Aurélio)

Cartada

1 (Rubrica: ludologia) ato de jogar uma carta, em jogos de baralho; 2 (Derivação: sentido figurado) empreendimento decisivo e ousado; Locuções –“jogar a última c.” - fazer a última tentativa para obter algo. (Dicionário Houaiss)

1.Lance no jogo de cartas; 2.(Fig.) Ação ou empreendimento decisivo ou arriscado; Jogar a última cartada. 1.Queimar o último cartucho. (Dicionário Aurélio)

As unidades deste grupo estão em relação de **co-hiponímia**, pois mantêm entre si relação semântica em mesmo nível hierárquico. *Cartada* teve ocorrências nas revistas *Época* e *Isto É* e no jornal *Folha de S. Paulo*, sempre tratando de ações dos Estados Unidos, tanto para convencer outros países e a ONU sobre a necessidade da guerra, quanto sobre sua ação militar no Iraque. *Jogada* aparece em *Veja* com a mesma conotação, referente também ao presidente americano e, na *Folha de S. Paulo*, trata de uma declaração de Saddam, que o jornal sugere que teria sido feita para driblar a fiscalização da ONU. Neste último contexto, fica clara a idéia de “desonestidade”, que ambas as palavras podem conotar. Nas outras ocorrências, as lexias têm sentido de “estratégia”, mostrando a intenção americana de entrar na guerra como em um jogo.

9.24. GRUPO 24

LEXIAS: IMBRÓGLIO, DESASTRADO, MEDIEVAL, ERRANTE, ERRÁTICO

A lexia *Imbróglio*, de origem italiana, é comumente usada no português, por empréstimo, e remete a algum tipo de “confusão” ou de “trapalhada”. Esta unidade foi encontrada na revista *Isto É* em duas ocorrências, ambas para tratar da guerra. A *Folha de S. Paulo* utilizou a palavra para descrever uma determinada situação nos Estados Unidos no

período do conflito. *Desastrado*, *Medieval*, *Errante* e *Errático* foram usadas apenas pela revista *Veja* para falar sobre Saddam Hussein e seus partidários. São unidades que possuem os traços “desajeitado”, “falta de habilidade”, “erro” e de algo “ultrapassado”, de caráter pejorativo, que mostram, mais uma vez, a visão que a imprensa transmite sobre este personagem. Abaixo estão alguns dos exemplos retirados dos veículos da imprensa:

“...diga-se, mudou de mala e cuia e ficará morando na região do Golfo Pérsico até o **imbróglio** terminar.” (Revista Isto É – 05/03/2003)

“Entrevista com Saddam gera **imbróglio** nos EUA” (Folha de S.Paulo - 27/02/2003)

“Dissolver o **imbróglio** pode ajudar ou prejudicar a política americana na região.” (Revista Isto É – 23/04/2003)

“...para apupar chefes militares **desastrados**.” (Revista Veja – 26/02/2003)

“... dominada por tiranias **medievais**.” (Revista Veja – 26/02/2003)

“...talvez tenham moldado a **errante** personalidade do futuro ditador.” (Revista Isto É – 16/04/2003)

“E tinham medo de que um míssil **errante** derrubasse a casa.” (Folha de S.Paulo – 21/03/2003)

“... por causa de seu comportamento **errático**.” (Revista Veja – 05/02/2003)

As definições abaixo foram encontradas nos dicionários:

Imbróglio

1 Estado de grande confusão; situação difícil; mal-entendido; 2 (Rubrica: teatro. Uso: pejorativo) enredo confuso e intrincado de uma peça teatral; (Dicionário Houaiss)

1. Trapalhada, confusão, mixórdia, embrulhada; 2. (teatr. deprec.) Dramalhão de enredo confuso, complicado e mal elaborado (Dicionário Aurélio)

Desastrado

1. Que redundou em desastre [Acontecimento calamitoso, esp. o que ocorre de súbito e ocasionando grande dano ou prejuízo; 2. Acidente; 3. Mau êxito; fracasso]; 2. Proveniente de desastre; funesto, desgraçado; 3. Sem jeito para nada; desajeitado; 4. Sem graça; desgracioso, desairoso; 5. Inoportuno, inconveniente (Dicionário Aurélio)

1 Que ou o que revela inabilidade, falta de destreza, de jeito; desajeitado, inábil; (adjetivo) 2 que constitui um desastre; catastrófico, desastroso, infeliz; 3 que resulta de um desastre; 4 desditoso, desventurado (Dicionário Houaiss)

Medieval

1. Da Idade Média, a ela referente, ou próprio dela; mediévico, medievo, médio. (Dicionário Aurélio)

1 Relativo, pertencente a ou próprio da Idade Média; 2 cujo caráter evoca o pensamento, os costumes da Idade Média; (Dicionário Houaiss)

Errante

1. Que erra, que vagueia; vagabundo; erradio; errabundo, nômade, vagante (Dicionário Aurélio)

1 que erra; erradio, vagabundo, errabundo, multívago; 2 que não tem residência fixa, que vive como nômade; (Dicionário Houaiss)

Errático

1. V. errante (Dicionário Aurélio)

Que erra ou vagueia; errante; (Dicionário Houaiss)

As unidades *Errante* e *Errático*, ambas adjetivos, possuem praticamente os mesmos traços de significação e são indicadas como sinônimas pelos dicionários consultados. Estão em relação de **parassinonímia**, e se referem a algo que “vagueia”, que é “nômade” e a “erro”, “engano”, algo que “não deu certo”. As lexias *Desastrado* e *Imbróglia* possuem poucos traços em comum, como “mal feito” e “mal entendido” e, por isso, encontram-se em relação de **cohiponímia distante**. *Medieval* não possui relação de significação com as demais, há apenas a relação contextual, pois é usada para qualificar o tipo de governo chamado de tirania, com a idéia de que se trata de algo “ultrapassado”.

9.25. GRUPO 25

LEXIAS: TIPOS DE ARMAS (BACTERIOLÓGICA, BIOLÓGICA, QUÍMICA, QUÍMICO-BIOLÓGICA, NUCLEAR, DE DESTRUIÇÃO EM MASSA, DE CONTROLE SOCIAL, DE GENOCÍDIO, GUIADA POR SATÉLITE, NÃO CONVENCIONAL, SECRETA, PADRÃO, PROIBIDA, BIOARMA), TIPOS DE ATAQUES (BIOTERRORISTA, INAUGURAL, PREVENTIVO, SELETIVO, ATAQUE TERRESTRE), TIPOS DE GUERRA (POR MEIO DE EFEITOS, BIOLÓGICA, CIVIL, CONTRA O TERROR, DE CONQUISTA, ELETRÔNICA, PSICOLÓGICA, TOTAL), TIPOS DE MÍSSIL (DO TIPO CRUISE, SCUD, INTELIGENTE, QUÍMICO E BIOLÓGICO, AR-TERRA, DE LONGO ALCANCE, TERRA-TERRA), TIPOS DE BOMBAS (DE MICROONDAS, DE FRAGMENTAÇÃO, INCENDIÁRIA, MINIBOMBA)

Foram reunidas neste grupo as unidades da terminologia militar encontradas nos textos jornalísticos que nomeiam os tipos de armas, de ataques, de guerras, de bombas e de mísseis. Algumas das ocorrências podem ser vistas nos exemplos abaixo:

“...parte do arsenal de **armas químicas e bacteriológicas** do ditador.” (Revista Veja – 05/02/2003)

“...conteriam laboratórios de **armas biológicas**.” - (Revista Época – 10/02/2003)

“... até a delação de vizinhos vira uma **arma de controle social**.” (Revista Veja – 16/04/2003)

“... testa a ‘mãe de todas as bombas’, **arma guiada por satélite** com alto poder destrutivo.” (Revista Isto É – 19/03/2003)

“... para mostrar suas **armas proibidas**...” (Folha de São Paulo – 28/02/2003)

“... talvez até, com o uso de **armas químicas**...” – (Revista Época – 24/03/2003)

“...o ditador usou e abusou das **armas químicas**...” - (Revista Isto É – 16/04/2003)

“... e usou **armas químicas** para massacrar os curdos...” (Revista Veja – 05/02/2003)

“... total desarmamento de suas **armas químico-biológicas** e dos meios de transportá-las.” (Revista Isto É – 05/03/2003)

“... deverá usar suas **armas secretas**...” (Revista Veja – 05/02/2003)

“...usados hoje em **ataques bioterroristas**...” (Revista Isto É – 02/04/2003)

“Nesse **ataque inaugural** foram lançados 40 mísseis...” - (Revista Época – 24/03/2003)

“A política de **ataque preventivo**, de golpear antes que o adversário aumente sua capacidade de causar estragos...” (Revista Veja – 26/02/2003)

“... realizou o que chama de ‘**ataque preventivo**` contra Saddam Hussein...” (Revista Veja – 16/04/2003)

“O **ataque seletivo** a Bagdá – logo seguido de um segundo bombardeio...” - (Revista Época – 24/03/2003)

“Em lugar de ultrapassar as cidades sob o controle de Saddam, guardando todos os recursos para o combate decisivo em Bagdá, agora tratam de eliminar os focos inimigos nas cidades sitiadas, em **ataques seletivos** com forte apoio aéreo.” (Revista Época – 31/03/2003)

“...resolveu antecipar o **ataque terrestre**...” - (Revista Época – 24/03/2003)

“**Bomba de microondas** poderá ser usada pela primeira vez.” (Revista Isto É – 12/03/2003)

“... queimada por **bombas incendiárias**, simbolizou os horrores...” (Revista Veja – 16/04/2003)

“... atacaram os árabes do pântano com **bombas incendiárias**.” (Revista Veja – 16/04/2003)

“Os aviões despejaram **bombas de fragmentação**, uma das armas mais letais do arsenal moderno.”
(Revista Época - 05/04/2003)

“É a teoria da ‘**guerra por meio de efeitos**`...” - (Revista Época – 24/03/2003)

“...como os estoques iraquianos de anthrax, elemento mais comum dos arsenais de **guerra biológica...**” (Revista Veja – 12/02/2003)

“...uma outra **guerra civil** se desenrola ao Norte.” (Revista Isto É – 12/03/2003)

“... mostraram que temos a capacidade e a vontade de vencer a **guerra contra o terror.**” – (Revista Isto É – 16/04/2003)

“...uma **guerra de conquista** numa região conturbada e instável.” (Revista Veja – 26/02/2003)

“A **guerra eletrônica** já começou, mas deve se intensificar...” (Revista Isto É – 05/03/2003)

“Numa operação banal de **guerra psicológica**, a aviação aliada despejou...” - (Revista Época – 24/03/2003)

“...a Coreia do Norte ameaçava ‘**guerra total**’ caso fosse atacada...” (Revista Isto É – 12/02/2003)

Na **guerra urbana**, a vantagem tecnológica dos ocidentais...” - (Revista Época – 24/03/2003)

“... com três dúzias de **mísseis do tipo cruise** (de cruzeiro) e mais um punhado de petardos ...” (Revista Isto É – 26/03/2003)

“Com os **mísseis inteligentes**, quatro dariam conta do recado.” (Revista Isto É – 19/03/2003)

“... o grupo xiita radical libanês Hizbolá com **mísseis químicos e biológicos.**” (Revista Isto É – 16/04/2003)

“... até duas dúzias de **mísseis Scud**, eles são pouco precisos e ineficientes para espalhar agentes químicos/biológicos. [...] “Na Guerra do Golfo (1991), Israel foi alvejada por **Scuds**, mas sem ogivas químicas/biológicas.” (Folha de S. Paulo – 16/03/2003)

“... mais sofisticada da série de **mísseis ar-terra**..” (Revista Isto É – 19/03/2003)

“...programa do **míssil de longo alcance** do Iraque...” (Revista Isto É – 26/03/2003)

“... a destruição do **míssil terra-terra** mais avançado...” (Folha de S.Paulo – 03/03/2003)

“... usar o vírus da varíola como **bioarma**...” (Revista Época – 31/03/2003)

“Cada **minibomba**, por sua vez, espalha centenas de fragmentos...” (Revista Época – 05/04/2003)

A seguir, as acepções encontradas nos dicionários para as especificações das unidades estudadas:

Bacteriológico

Referente à bacteriologia [1.Ciência que trata das bactérias - microorganismo unicelular, desprovido de núcleo individualizado. / Guerra bacteriológica: 1.Guerra biológica; [1.Guerra em que se empregam microrganismos vivos ou suas toxinas prejudiciais ou letais aos seres humanos ou às plantações, rebanhos, etc.; guerra bacteriológica].(Dicionário Aurélio)

Relativo ou pertencente à bacteriologia [Obs.: cf. guerra bacteriológica]. Guerra bacteriológica: (Rubrica: bacteriologia, termo militar) m.q. guerra biológica [guerra em que se empregam microrganismos patogênicos vivos, ou substâncias tóxicas derivadas deles, como armas para destruição de seres humanos, plantações ou rebanhos; guerra bacteriológica] (Dicionário Houaiss)

Biológico

1. Relativo à biologia [1. Estudo dos seres vivos e das leis da vida]. (Dicionário Aurélio)

3.4 (Rubrica: armamento) que emprega organismos vivos (vírus, bactérias) para disseminar doenças ou matar; 3.5 (Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: termo militar) que utiliza tais armas. / Guerra biológica (Rubrica: bacteriologia, termo militar) guerra em que se empregam microrganismos patogênicos vivos, ou substâncias tóxicas derivadas deles, como armas para destruição de seres humanos, plantações ou rebanhos; guerra bacteriológica. / Arma biológica: (Rubrica: biologia, termo militar) aquela que utiliza seres vivos ou substâncias derivadas de seres vivos para promover a morte de seres humanos ou a destruição de rebanhos ou lavouras. (Dicionário Houaiss)

Químico

1. Referente à química; 2. Que se obtém por meio de química [1. ciência em que se estuda a estrutura das substâncias, correlacionando-a com as propriedades macroscópicas, e se investigam as transformações dessas substâncias]. / Bomba química: (Tec. Mec.) A que é projetada para impelir fluidos de processos químicos e fabricada em material resistente à corrosão e ao ataque químico. / Guerra química:

1. Aquela em que se empregam substâncias químicas prejudiciais à vida. (Dicionário Aurélio)

1 Relativo a química; que se faz conforme as leis da química. / Guerra química: a que envolve o uso de substâncias químicas incendiárias, asfixiantes ou de qualquer outro modo nocivas à vida. / Bomba química: (Rubrica: armamento) artefato bélico que, ao detonar, libera agentes químicos nocivos. (Dicionário Houaiss)

Nuclear

2. Diz-se do fenômeno, aparelho, engenho, etc., em que se processam reações de cisão ou fissão nuclear, controladas ou não. Bomba nuclear: 1. Designação comum às bombas atômicas e às termonucleares. (Dicionário Aurélio)

1.2 (Rubrica: física, química) concernente ou pertencente ao núcleo do átomo. / Guerra nuclear: conflito armado entre nações, no qual seriam usadas armas nucleares; guerra atômica. / Arma nuclear:

arma que possui poder de destruição devastador por utilizar a energia liberada na fissão ou fusão do núcleo do átomo. / Bomba nuclear: (Rubrica: armamento) design. genérica para as bombas A (atômica) e H (de hidrogênio). (Dicionário Houaiss)

Guiado por satélite

Satélite bélico. 1.Astron. Satélite artificial para fins bélicos; satélite estratégico. / Satélite nuclear.

1.Astron. Satélite bélico que encerra em sua ogiva uma carga explosiva nuclear. (Dicionário Aurélio)

Guiado: 2 que obedece a controles ou comandos imediatos ou remotos (diz-se de míssil) (Dicionário Houaiss)

Destruição em massa

Destruição: 1.Demolir, arruinar, aniquilar; 3.Assolar, arrasar, devastar, destroçar; 4.Matar, exterminar; 6. reduzir a nada.

Massa: 9.Número considerável de pessoas que mantêm entre si uma certa coesão de caráter social, cultural, econômico, etc; 10.Turba, multidão; .11.Aquilo que nossos sentidos apreendem como um todo; 13.(Fig.) Quantidade, volume. (Dicionário Aurélio)

Destruição: Ação ou efeito de destruir; 2 ação ou efeito de tirar a vida; eliminação, extermínio, morte; 3 ação ou efeito de destroçar, esp. unidade militar; desbaratamento; 4 ação ou efeito de assolar, devastar; estrago, perda, ruína; 5 (Derivação: por metáfora) extinção total; aniquilamento, fim.

Massa: 11 (Derivação: sentido figurado) o conjunto das camadas mais numerosas da população; o povo; 12 (Derivação: sentido figurado) a totalidade ou a grande maioria; 13 (Derivação: sentido figurado) multidão ou conjunto numeroso de pessoas. (Dicionário Houaiss)

Controle Social

Controle: 1.Ato, efeito ou poder de controlar; domínio, governo; 2.Fiscalização exercida sobre as atividades de pessoas. Social: 1. Da sociedade, ou relativo a ela; 3.Que interessa à sociedade. (Dicionário Aurélio)

Ato ou efeito de controlar; 1 monitoração, fiscalização. Social: 1 concernente à sociedade. (Dicionário Houaiss)

Genocídio

1. Crime contra a humanidade, que consiste em, com o intuito de destruir, total ou parcialmente, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso, cometer contra ele qualquer dos atos seguintes: matar membros seus; causar-lhes grave lesão à integridade física ou mental; submeter o grupo a condições de vida capazes de o destruir fisicamente, no todo ou em parte; adotar medidas que visem a evitar nascimentos no seio do grupo; realizar a transferência forçada de crianças dum grupo para outro.

(Dicionário Aurélio)

1 Extermínio deliberado, parcial ou total, de uma comunidade, grupo étnico, racial ou religioso; 2 (Derivação: por extensão de sentido) destruição de populações ou povos; 3 aniquilamento de grupos humanos, o qual, sem chegar ao assassinio em massa, inclui outras formas de extermínio, como a prevenção de nascimentos, o seqüestro sistemático de crianças dentro de um determinado grupo étnico, a submissão a condições insuportáveis de vida etc. (Dicionário Houaiss)

Não-convencional

Convencional: 1. Relativo a, ou resultante de convenção; 2. Conforme às convenções sociais; 4. Consagrado ou aprovado pelo uso, pela experiência. / Guerra convencional. 1. Guerra que é levada a efeito com forças armadas regulares e emprego de armas convencionais (sobretudo armas de fogo).

(Dicionário Aurélio)

1 relativo a convenção ou que dela resulta; 2 que é de uso ou de praxe; consolidado pelo uso ou pela prática; 3 que obedece a padrões aceitos; não original, comum; 6 que não utiliza energia nuclear; não atômico [Ex.: armas convencionais]. (Dicionário Houaiss)

Secreto

1. Que não se pode, ou só a custo se pode descobrir, encontrar ou localizar; escondido, ignorado, oculto; 2. Que deve ser conhecido apenas de um número limitado de pessoas; confidencial; 3. Restrito a um domínio reservado; impenetrável em virtude do mistério que o cerca; 4. Íntimo, interior, particular (Dicionário Aurélio)

1 Que se conserva oculto, que está em segredo; ignorado, incógnito; não divulgado; escondido, encoberto; não revelado; 2 não aparente, não visível; colocado de maneira que não seja visto; 3 que se oculta, que se dissimula, que se impede de se manifestar; íntimo, particular; 4 que se limita a um conhecimento reservado em virtude do mistério que o envolve. (Dicionário Houaiss)

Padrão

2. Aquilo que serve de base ou norma para a avaliação de qualidade ou quantidade; medida, estalão, craveira; 3. (P. ext.) Qualquer objeto que serve de modelo à feitura de outro; 6. (Fig.) Modelo, exemplo, protótipo, arquétipo. (Dicionário Aurélio)

1 Base de comparação, algo que o consenso geral ou um determinado órgão oficial consagrou como um modelo aprovado; 2 objeto que possui o tamanho e a forma mais comuns e usuais, em seu gênero; modelo, tipo; 7 coisa estabelecida por autoridade como regra. (Dicionário Houaiss)

Proibido

1. Cujas utilizações não são permitidas pela lei; ilegal, ilícito; 2. Defeso; interdito. / Proibir: 1. Impedir que se faça; ordenar que não se faça; 2. Tornar defeso ou interdito; interdizer; 3. Não permitir; impedir, vedar; 4. Impedir que faça; não permitir; 5. Prescrever a abstenção de; tornar defeso; vedar; 6. Não permitir; impedir. (Dicionário Aurélio)

1 Que não é permitido; 2 que a lei não permite; ilegal, ilícito. / Proibir: 1 Ordenar que não se faça (algo); não permitir; impedir, obstar, desautorizar; 2 tornar ilegal (uma coisa ou uma prática); interditar, banir, vedar. (Dicionário Houaiss)

Bioarma

Bio- : 1.= vida. biológico. (Dicionário Aurélio)

Bio: elemento de composição - pospositivo, do gr. bíos,ou 'vida', em uns poucos voc. da terminologia científica. / Bio-: elemento de composição - antepositivo, do gr. bíos,ou 'vida' (Dicionário Houaiss)

Bioterrorista

Bioterrorismo: .Modalidade de terrorismo em que se faz uso de arma biológica (Dicionário Aurélio)

Inaugural

1.Referente a inauguração; 2.Que inaugura ou inicia; inicial./ Inaugurar: 1.Expor pela primeira vez à vista ou ao uso do público; 2.Introduzir o uso de; estabelecer pela primeira vez; começar, principiar, encetar; 3.Iniciar o funcionamento de. (Dicionário Aurélio)

1 Relativo a ou que assinala uma inauguração; 2 que dá início a; inicial. / Inaugurar: 1 Entregar oficialmente ao público, consagrar solenemente; 2 fazer uso de uma coisa pela primeira vez, estrear; 3 dar início a ou ter início; estabelecer(-se), encetar(-se). (Dicionário Houaiss)

Preventivo

1.Que previne; próprio para prevenir ou evitar; 2.Em que há prevenção; 3.Aquilo que previne, que evita (Dicionário Aurélio)

1 Que previne; 2 que serve ou é próprio para prevenir; 3 executado por medida de segurança; profilático; 4 aquilo que previne, que evita. (Dicionário Houaiss)

Seletivo

1.Relativo a seleção; 2.Próprio para selecionar. / Selecionar: 1.Fazer seleção de; escolher. (Dicionário Aurélio)

1 Relativo a seleção; 2 o que faz seleção. / Seleção: 1 ato ou efeito de selecionar; 1.1 escolha a partir de critérios e objetivos bem definidos; predileção; 1.2 (Derivação: por extensão de sentido) escolha,

seja ela entendida como procedimento temporário ou como resultado de procedimento não deliberado.
 Selecionar: 1 fazer seleção ou escolha de; 2 escolher e separar (um ou alguns), dentre vários ou muitos.
 (Dicionário Houaiss)

Terrestre

2.Proveniente da terra, ou que nasce nela; 3.Pertencente ou relativo à terra. (Dicionário Aurélio)

2 Que provém da terra ou que nela nasce; 3 que vive sobre a parte sólida do globo; 5 mundano, terreno, térreo. (Dicionário Houaiss)

Efeito

Efeito: 8.Impressão, sensação; 10.Dano, prejuízo; 15.(Fís.) Resultado de um conjunto de ações de natureza física ou físico-química. (Dicionário Aurélio)

Efeito: 7 resultado ruim; perda, dano; 14 (Rubrica: física, fisicoquímica) fenômeno ou conjunto de fenômenos característicos de certos processos físicos ou físico-químicos. (Dicionário Houaiss)

Civil

1.Cível (1); 2.Relativo às relações dos cidadãos entre si, reguladas por normas do Direito Civil;
 3.Relativo ao cidadão considerado em suas circunstâncias particulares dentro da sociedade; 4.Que não tem caráter militar nem eclesiástico. Guerra civil. 1.A que se faz entre partidos ou grupos de um mesmo povo; guerra intestina. (Dicionário Aurélio)

1 M.q. cível; 2 relativo ao cidadão, considerado em seu caráter, condições e relações particulares; 3 que não é militar nem eclesiástico ou religioso; 4 que não tem caráter político; 5 que se dá ou se passa entre cidadãos do mesmo país. Guerra. Civil: conflito travado entre cidadãos de um mesmo país; guerra intestina (Dicionário Houaiss)

Terror

1.Qualidade de terrível; 2.Estado de grande pavor ou apreensão; 3.Grande medo ou susto; pavor; 4.Época da Revolução Francesa, da queda dos girondinos (31 de maio de 1793) até à queda de Robespierre (27 de julho de 1794); 5.Pessoa ou coisa que espanta, amedronta, aterroriza. (Dicionário Aurélio)

1 Qualidade do que é terrível; 2 estado de pavor; 3 pessoa ou coisa que amedronta, aterroriza; 7 (Derivação: por extensão de sentido) qualquer época de perseguições por motivos políticos. (Dicionário Houaiss)

Conquista

1.Ato ou efeito de conquistar. (Dicionário Aurélio)

1 Ato ou efeito de conquistar; 2 processo de conquistar; 3 guerra de conquista; 4 (Derivação: por metonímia) a coisa conquistada; território conquistado, freq. pelas armas (Dicionário Houaiss)

Eletrônico

1.Parte da física dedicada ao estudo do comportamento de circuitos elétricos que contenham válvulas, semicondutores, transdutores, etc., ou à fabricação de tais circuitos. (Dicionário Aurélio)

Referente, pertencente ou próprio da eletrônica. Eletrônica: (Rubrica: eletrônica) Estudo das propriedades e aplicações de dispositivos que dependem do movimento de elétrons em semicondutores, gases ou no vácuo. (Dicionário Houaiss)

Psicológico

1.Relativo ou pertencente à psicologia; 2.Concernente aos fatos psíquicos, à mente. Psicologia: 1.A ciência dos fenômenos psíquicos e do comportamento; 2.Conjunto de estados e disposições psíquicas de idéias de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos; 5.Conhecimento intuitivo e/ou empírico dos sentimentos de outrem; aptidão para prever ou compreender comportamentos alheios. Guerra

psicológica: 1. Guerra (6) que é levada a efeito mediante ações de natureza psicológica (propaganda, intimidação, etc.). (Dicionário Aurélio)

Guerra psicológica: uso de propaganda, ameaças e outras estratégias psicológicas (através da mídia, agentes secretos etc.) a fim de enfraquecer o espírito de luta de uma população ou de um exército inimigo. Psicológico: 3 que faz uso da psicologia para atingir um fim (Ex.: guerra p.) (Dicionário Houaiss)

Total

1. Que constitui ou abrange um todo; completo. Guerra total. 1. Aquela em que os Estados envolvidos lançam mão de todos os seus recursos materiais e humanos mobilizáveis. 2. V. guerra de extermínio. [Cf. guerra global.]. (Dicionário Aurélio)

Guerra total: 1 aquela que mobiliza todos os recursos materiais e humanos de uma nação; 2 m.q. guerra de extermínio [a que tem por objetivo matar toda a população inimiga; guerra de morte, guerra sem cartel, guerra total]. (Dicionário Houaiss)

Inteligente

1. Que tem ou revela inteligência. / Inteligência (artificial): 1. (Inform.) Ramo da ciência da computação dedicado a desenvolver equivalentes computacionais de processos peculiares à cognição humana, como, p. ex., a produção de inferências lógicas, o aprendizado, a compreensão de linguagem natural e reconhecimento de padrões. (Dicionário Aurélio)

Bomba inteligente (Rubrica: armamento) artefato bélico de destruição lançado de aeronave, guiado por equipamento de raio laser. (Dicionário Houaiss)

Longo alcance

Alcance: 5. Distância horizontal entre a boca da arma de fogo (origem) e o ponto de queda do projétil; 7. Distância máxima em que dado tipo de alvo pode ser detectado por determinado equipamento eletrônico. (Dicionário Aurélio)

Arma de alcance: arma que atira projéteis a longas distâncias. Alcance: 8 (Rubrica: balística) distância horizontal compreendida entre a origem do tiro (boca da arma de fogo) e o ponto de queda do projétil; 9 (Rubrica: física) distância máxima para a qual um sistema físico é capaz de sentir os efeitos de uma força [Segundo o alcance, as forças podem ser classificadas como de curto ou longo alcance.]; 10 (Rubrica: física nuclear) espessura mínima de um meio capaz de absorver totalmente um feixe de partículas de uma dada energia; 11 (Rubrica: tecnologia) ponto máximo em que determinado tipo de alvo é capaz de ser detectado por um equipamento eletrônico. (Dicionário Houaiss)

Microonda

1.(Fís.) Onda eletromagnética com frequência compreendida entre 500MHz e 300GHz. (Dicionário Aurélio)

(Rubrica: física) Radiação eletromagnética de altíssima frequência, em geral superior a 300 megahertz; onda ultracurta. (Dicionário Houaiss)

Fragmentação

1.Ato ou efeito de fragmentar(-se). (Dicionário Aurélio)

1 Ato ou efeito de fragmentar(-se) [reduzir a ou fazer-se em fragmentos; fracionar]. (Dicionário Houaiss)

Incendiário

1.Que comunica fogo a alguma coisa; 2.Que é próprio para incêndio; 4.Aquele que incendeia. Bomba Incendiária: 1.Bomba que, ao detonar, liberta matérias incendiárias (fósforo branco, gasolina gelatinosa, etc.). (Dicionário Aurélio)

1 Que provoca incêndio; próprio para atear fogo; 2 cuja compulsão é atear incêndios. (Dicionário Houaiss)

Minibomba

Mini-: .:= ‘mínimo’, ‘muito pequeno’. / Bomba: 1.Projetil que provoca destruição e/ou danos por detonação de uma carga explosiva e arremesso de fragmentos, por dispersão de uma mistura incendiária; 2.Artefato explosivo que provoca danos ou destruição. (Dicionário Aurélio)

Observa-se, neste grupo, diferentes relações de **hiperonímia** e **co-hiponímia**, uma vez que ele trata de tipologias e de campos léxico-semânticos distintos. São cinco os campos estudados neste grupo e, conseqüentemente, há cinco hiperônimos: *Arma*, *Ataque*, *Guerra*, *Míssil* e *Bomba*. A primeira unidade, *Arma*, é o hiperônimo do grupo formado por *Arma bacteriológica*, *Arma biológica*, *Arma química*, *Arma químico-física*, *Arma de destruição em massa*, *Arma de controle social*, *Arma de genocídio*, *Arma não-convencional*, *Arma secreta*, *Arma padrão*, *Arma proibida* e *Bioarma*. Todas estas unidades são, entre si, **co-hipônimas**.

O campo léxico-semântico de *Arma* aproxima-se ao de *Bomba* quanto ao sentido, uma vez que *Bomba* é um tipo de *Arma* e, nos textos jornalísticos, na maioria das vezes em que é usada a unidade *Arma*, designa-se algum tipo de *Bomba*, que é uma das armas mais utilizadas em conflitos de grande dimensão, como uma guerra. Outro campo bastante próximo é o de *Míssil*, que também é um tipo de *Arma*. As lexias *Bomba* e *Míssil* estão em relação de **co-hiponímia** no campo do hiperônimo *Arma*, e os campos destas duas unidades são sub-campos deste hiperônimo.

Algumas dessas unidades, que se enquadram na tipologia proposta por Pottier (1992) como lexias complexas, já estão dicionarizadas nas obras consultadas, como: *Arma biológica / bacteriológica*, *Arma nuclear*, *Arma de alcance*, *Arma convencional*, *Bomba química*, *Bomba nuclear*, *Bomba inteligente* e *Bomba incendiária*. Por as unidades *Arma* e *Bomba* estarem em relação de significação de hierarquia, considera-se que as tipologias aplicam-se a ambas a unidades, isto é, o conceito de *Arma nuclear* não sofre alterações se aplicado para *Bomba nuclear*.

Desta forma e também pelos conceitos depreendidos das definições dos dicionários e dos contextos em que as unidades foram usadas no discurso jornalístico, as definições das mesmas são os seguintes:

Arma biológica / bacteriológica / Bioarma: aquela que utiliza seres vivos ou substâncias derivadas de seres vivos (como vírus de doenças) para promover a morte de seres humanos ou a destruição de rebanhos ou lavouras.

Arma química: A que é projetada para impelir fluidos de processos químicos que, ao detonar, libera agentes químicos nocivos. É o termo utilizado para denominar armas fabricadas através de processos químicos que sintetizam moléculas que causam dano à seres vivos, como o gás mostarda, gás cloro (CL₂), gás cianídrico (HCN), gás sarim, agente laranja ou Napalm³.

Arma nuclear: bombas atômicas ou termonucleares, que possuem poder de destruição devastador por utilizar a energia liberada na fissão ou fusão do núcleo do átomo. É a designação genérica para as bombas A (atômica) e H (de hidrogênio) e para qualquer tipo de arma que utilize materiais radioativos, como urânio ou plutônio. Existem quatro tipos de armas nucleares: Bombas de fissão nuclear, Bombas de fusão nuclear; Bombas "sujas" e Bombas de nêutrons. A primeira a ser criada foi a bomba de hidrogênio, termonuclear, que explodiu durante uma experiência feita pelos Estados Unidos em 1952, com uma força de dez megatoneladas⁴.

Arma não-convencional: é a que utiliza energia nuclear; atômica.. Também são classificadas como não-convencionais as armas guiadas, como os mísseis. As armas convencionais também são chamadas de armas burras na terminologia militar, em oposição às armas inteligentes⁵

³ Informações obtidas da enciclopédia eletrônica Wikipedia (www.wikipedia.org, em 05.fev.2003, às 6h)

⁵ Informações obtidas pelo site Sistemas de Armas (<http://sistemadearmas.sites.uol.com.br>), em 05.fev.06, às 6h40

Arma químico-biológica: a que utiliza, ao mesmo tempo, seres vivos ou substâncias derivadas de seres vivos (como vírus de doenças) e agentes químicos nocivos.

Arma de destruição em massa / destruição massiva ou arma de destruição maciça: armas químicas ou biológicas (que possuem, por exemplo, o agente nervoso VX, o gás mostarda e o antraz) capazes de matar rapidamente muitas pessoas de uma única vez. É uma arma capaz de causar um número elevado de mortos numa única utilização. Esta designação é atribuída a armas nucleares, a armas químicas e a armas biológicas. São exemplos de armas de destruição em massa a bomba atômica, a bomba de hidrogênio, entre outras

Arma de controle social: (sentido figurado) meio / forma de controle da sociedade.:

Arma guiada por satélite: armamento praticamente autônomo, cuja rota é controlada/orientada por satélite artificial de finalidade bélica; satélite estratégico. Dentre as armas guiadas existem as guiadas por sensor, por laser, por TV, por fibra ótica e por GPS (satélite).

Arma de genocídio: mesmo que arma de destruição em massa,

Arma secreta: a lexia possui conteúdo em sentido figurado de “trunfo” (vantagem que propicia ou permite a vitória em luta, discussão, negócio). No contexto da guerra, refere-se às armas de destruição em massa que o Iraque supostamente possuiria e que estaria escondendo dos inspetores da ONU.

Arma padrão: No contexto em que foi empregada, refere-se ao tipo de armamento usado mais frequentemente pelas nações do Oriente, o fuzil russo.

Arma proibida : no contexto possui a mesma conotação de arma secreta

Para as lexias relacionadas ao hiperônimo *Bomba*, foram deduzidas as seguintes definições:

Bomba: Projétil que provoca destruição e/ou danos por detonação de uma carga explosiva e arremesso de fragmentos, por dispersão de uma mistura incendiária (Dicionário Aurélio)

Bomba incendiária: armamento que, ao detonar, liberta matérias incendiárias (fósforo branco, gasolina gelatinosa, etc.). Enquadra-se entre as bombas convencionais (burras)

Bomba de microondas: Tradução do inglês "microwave bomb", também conhecida como "e-bomb", é uma nova arma, que foi divulgada pelos Estados Unidos no período da guerra contra o Iraque. Os alvos são os circuitos eletrônicos dos computadores, que têm todas as atividades paralisadas. Não mata seres humanos. Trata-se de um artefato, a ser operado de aviões, mísseis cruzeiro, navios, satélites, etc., que emite um potente pulso eletromagnético orientado que, em princípio, interfere e destrói todo tipo de equipamento eletrônico em foguetes, radares, aviões, navios, satélites, etc. para o qual é apontado. Destrói equipamentos de comunicação e computadores num raio de 300 metros por meio da emissão de pulsos de energia eletromagnética. O raio de energia eletromagnética liberado pela arma causa o colapso instantâneo dos sistemas eletrônicos: radares, linhas telefônicas e até a ignição dos tanques inimigos deixam de funcionar⁶.

Bomba de fragmentação: Tipo de armamento moderno que, ao ser detonada, libera grande quantidade de minibombas

Minibomba: De acordo com a explicação contida na reportagem em que esta lexia aparece (revista *Época* de 05/04/2003), as minibombas possuem o tamanho de uma bola de bilhar e são usadas em bombas de fragmentação, que carregam entre 40 e 300 minibombas. Quando é detonada, a bomba de

⁶ Informação retirada do site Sistema de Armas (<http://sistemadearmas.sites.uol.com.br>), em 05.fev.06, às 6h40

fragmentação libera as minibombas, que espalham centenas de fragmentos de metal por uma área equivalente a um campo de futebol.

Para as lexias relacionadas ao hiperônimo *Míssil*, foram obtidas as seguintes definições:

Míssil: 2.Engenho com propulsão própria lançado com o objetivo de atingir um alvo, percorrendo uma trajetória entre dois pontos. [Cf. projétil (2).]; 3.(Mil.) Míssil guiado [cuja trajetória pode ser alterada por um mecanismo contido no próprio engenho. 2.Mil. Veículo não tripulado, que descreve uma trajetória acima da superfície da Terra, dotado de dispositivos (sistema de controle e sistema de direção) capazes de controlar e dirigir durante o vôo essa trajetória, e destinado a causar danos ao inimigo.] (Dicionário Aurélio)

Existem diversos tipos de mísseis, que são classificados de acordo com o local de lançamento, o local do alvo a ser atingido, o tipo de trajetória e o tipo de material que carrega, conforme a lista abaixo: Míssil ar-ar (AAM); Míssil ar-terra (ASM); Míssil terra-ar (SAM); Míssil terra-terra (SAM); Míssil cruzado; Míssil anti-navio (AShM); Míssil anti-tanque (ATGM); Míssil balístico; Míssil balístico intercontinental (ICBM); Míssil balístico naval (SLBM); Míssil anti-balístico (ABM); Arma anti-satélite. Algumas das abreviações que estão entre parênteses, referem-se às designações da OTAN para cada míssil: AA = Ar-Ar, do inglês Air-to-Air; SA = Terra-Ar, do inglês Surface-to-Air(p.ex., SAMs); SS = Terra-Terra, do inglês Surface-to-Surface; SA-N = Terra-Ar, Naval, do inglês Surface-to-Air, Naval; SS-N = Terra-Terra, Naval do inglês Surface-to-Surface, Naval (p.ex., mísseis lançados de navios ou submarinos)⁷

Míssil inteligente: artefato bélico de destruição lançado de aeronave, guiado por equipamento de raio laser.

⁷ Informações retiradas da enciclopédia virtual Wikipedia (www.wikipédia.org), em 05.fev.06, às 7h

Míssil de longo alcance: arma que atira projéteis a longas distâncias; míssil cujo alcance é superior a 900 km.

Míssil químico e biológico: o que utiliza, ao mesmo tempo seres vivos ou substâncias derivadas de seres vivos (como vírus de doenças) e agentes químicos nocivos

Míssil do tipo cruise: versão do termo inglês “cruise missile”, cuja tradução seria míssil de cruzeiro. É um tipo de míssil terra-terra, com alcance de 2500 km ⁸.

Míssil Scud: Fabricado pela Rússia, o míssil Scud ficou famoso na guerra do Golfo, onde foi lançado pelos iraquianos contra Israel. Pode atingir a uma distância superior a 600 a mil quilômetros e tem comprimento entre 10 e 13 metros. Não pode ser interceptado nem pelos mísseis norte-americanos Patriot, nem pelos mísseis defensivos Arrow, de Israel. Há vários tipos de míssil Scud, como o míssil Scud B, com um raio de ação de 300 quilômetros, e o Scud D, com 700 km ⁹.

Míssil ar-terra. É um tipo de míssil disparado de uma aeronave contra um alvo na superfície. Ele é projetado para ser lançado por um avião militar e o seu objetivo é atingir um alvo na terra ou no mar (há a divisão em míssil Anti-tanque, míssil Anti-navio e míssil Anti-radiação). Existe também o Míssil terra-ar (SAM), que é lançado da superfície contra um alvo aéreo ; é um míssil que foi projetado para ser lançado da terra para destruir o avião. É um tipo de sistema anti-avião, que pode ser lançado de instalações fixas ou de móveis e pode ser carregado e lançar por uma única pessoa ¹⁰.

Míssil terra-terra (SSM) é um míssil projetado para ser lançado por um veículo militar, instalações fixas ou navio e o seu objetivo é atingir um alvo na terra ou mar. Tipos de Míssil terra-terra: Míssil Balístico, Míssil Balístico de médio alcance [(MRBMs), tem um alcance de 1000 a 3000 km], Míssil

⁸ Informação obtida pelo site Wikipedia (www.wikipedia.org) , em 05.fev.06, às 7h

⁹ :Informação obtida via internet (www.noticias.correioweb.com.br/ultimas2005/materias.php?id=2641387&sub=Mundo), em 05.fev.06, às 7h15

¹⁰ Informação obtida pelo site Wikipedia (www.wikipedia.org) , em 05.fev.06, às 7h

Balístico de intermédio alcance [(IRBMs), tem um alcance de 3000 a 4800 km], Míssil Balístico de longo alcance [(LRBMs), tem um alcance de 3000 e 5000 km], Míssil Balístico de intercontinental [(ICBMs), tem um alcance de mais de 8000 km]; Míssil de Cruzeiro [tem um alcance de 2500 km], Míssil de anti-tanque [tem um alcance de 5 km]; Míssil de anti-navio [tem um alcance de 130 km]¹¹.

Quanto à tipologia de *Guerras* e de *Ataques*, os campos léxico-semânticos também se mostram bastante amplos e as relações de significação são de **hiperonímia**, **hiponímia** e **co-hiponímia**. A lexia *Guerra* é o hiperônimo do grupo formado por *Guerra por meio de efeitos*, *Guerra biológica*, *Guerra Civil*, *Guerra contra o terror*, *Guerra de conquista*, *Guerra eletrônica*, *Guerra psicológica* e *Guerra total*. Estas lexias complexas são hipônimas de *Guerra*, e co-hipônimas entre si. As mesmas relações ocorrem entre *Ataque* e *Ataque bioterrorista*, *Ataque inaugural*, *Ataque preventivo*, *Ataque terrestre* e *Ataque seletivo*. Com base nas definições dos dicionários e nos contextos estudados, pode-se deduzir as seguintes definições para estas unidades lexicais:

Guerra por meio de efeitos: de acordo com o contexto (revista *Época* de 24/03/2003), a teoria da “guerra por meio de efeitos” é a idéia de que se pode atingir objetivos militares escolhendo cuidadosamente grupos críticos de alvos, cuja destruição pode desorientar o regime inimigo, provocando sua queda.

Guerra biológica: A guerra biológica, sabida também como a guerra de germe, é o uso de todo o organismo (bactérias, vírus ou o outro organismo causador de doença) como uma arma da guerra para incapacitar ou matar um adversário. A Convenção de Armas Biológicas, de 1972, proíbe somente a criação e o armazenamento, mas não o uso, destas armas. Entretanto, o consenso entre analistas militares é que, exceto no contexto do bioterrorismo, a guerra biológica é militar¹².

¹¹ Informação obtida pelo site Wikipedia (www.wikipedia.org), em 05.fev.06, às 7h

¹² Informações retiradas da enciclopédia virtual Wikipedia (www.wikipedia.org), em 05.fev.06, às 7h

Guerra biológica: (Rubrica: bacteriologia, termo militar) guerra em que se empregam microrganismos patogênicos vivos, ou substâncias tóxicas derivadas deles, como armas para destruição de seres humanos, plantações ou rebanhos; guerra bacteriológica (Dicionário Houaiss)

Guerra Civil: conflito travado entre cidadãos de um mesmo país; guerra intestina (Dicionário Houaiss); A que se faz entre partidos ou grupos de um mesmo povo; guerra intestina. (Dicionário Aurélio)

Guerra psicológica: uso de propaganda, ameaças e outras estratégias psicológicas (através da mídia, agentes secretos etc.) a fim de enfraquecer o espírito de luta de uma população ou de um exército inimigo (Dicionário Houaiss); 1.Guerra (6) que é levada a efeito mediante ações de natureza psicológica (propaganda, intimidação, etc.). (Dicionário Aurélio)

Guerra total: 1 aquela que mobiliza todos os recursos materiais e humanos de uma nação; 2 m.q. guerra de extermínio (Dicionário Houaiss); Guerra total. 1.Aquela em que os Estados envolvidos lançam mão de todos os seus recursos materiais e humanos mobilizáveis. 2.V. guerra de extermínio. [Cf. guerra global.]. (Dicionário Aurélio)

Guerra contra o terror: conflito armado que visa derrubar regimes políticos ditatoriais, que se utilizam do terrorismo. Os dicionários não registram o uso de “terror” como uma redução de terrorismo, como é empregado nos textos jornalísticos.

Guerra de conquista – de acordo com o contexto em que aparece, trata-se de um conflito militar que tem por objetivo derrubar o líder do oponente e exercer controle sobre o rival.

Guerra eletrônica: Na terminologia militar, este tipo de guerra seria a que usa armas eletrônicas, como a bomba de microondas ("microwave bomb" ou "e-bomb"), que têm como alvo circuitos eletrônicos e destrói equipamentos desta natureza, como computadores, linhas telefônicas e ignição dos tanques inimigos. No contexto da qual foi extraída, a unidade é usada em sentido figurado, tratando de mídias eletrônicas, como a televisão e a Internet, e da disputa destas pela audiência.

Ataque: 1 Ato ou efeito de atacar; acometimento, assalto, investida. (Dicionário Aurélio)

Ataque bioterrorista: trata-se de uma investida realizada por meio do terrorismo biológico, isto é, com o emprego de armas biológicas.

Ataque inaugural: é o primeiro ataque de uma guerra, a primeira ofensiva

Ataque preventivo: Pela ocorrência (revista *Veja* de 26/02/2003) deduz-se que é um ataque realizado por precaução, para evitar que o adversário tenha condições de surpreender com outra ofensiva.

Ataque terrestre: Ofensiva realizada por terra, sem o uso de armas aéreas ou navais.

Ataque seletivo: confronto militar em que se escolhe alvos mais fracos, que são mais fáceis de derrotar, ou em há a pré-determinação de alvos estratégicos que, por algum motivo, acelerarão a vitória.

9.26. GRUPO 26

LEXIAS: MÁQUINA DE GUERRA, MÁQUINA BÉLICA, MÁQUINA DE TERROR, MÁQUINA MILITAR

A unidade *Máquina* é empregada pela imprensa em sentido figurado, com o conceito de “utensílio, instrumento”. Para esta acepção, o “Dicionário Aurélio” dá como exemplo a lexia complexa *Máquina de guerra*. Também em sentido figurado, esta unidade tem as conotações “entidade ou organismo complexo” e “multiplicidade de coisas que se relacionam entre si; complexidade, enredamento”, que podem ser encontradas em *Máquina de terror* e em *Máquina militar*. Nos dicionários consultados foram encontradas as seguintes definições:

Guerra

1.Luta armada entre nações ou partidos; conflito; 2.Expedição militar; campanha; 3.Combate, peleja, luta, conflito; 4.(P. ext.) A arte militar; 5.A administração, os negócios militares. (Dicionário Aurélio)

1 Luta armada entre nações, ou entre partidos de uma mesma nacionalidade ou de etnias diferentes, com o fim de impor supremacia ou salvaguardar interesses materiais ou ideológicos; 2 qualquer combate com ou sem armas; combate, peleja, conflito. (Dicionário Houaiss)

Terror

1.Qualidade de terrível; 2.Estado de grande pavor ou apreensão; 3.Grande medo ou susto; pavor; 5.Pessoa ou coisa que espanta, amedronta, aterroriza; / Terrorismo: 1.Modos de coagir, ameaçar ou influenciar outras pessoas, ou de impor-lhes a vontade pelo uso sistemático do terror; 2.Forma de ação política que combate o poder estabelecido mediante o emprego da violência. (Dicionário Aurélio)

Terror: 1 Qualidade do que é terrível; 2 estado de pavor; 3 pessoa ou coisa que amedronta, aterroriza; 4 (Derivação: sentido figurado) perigo, dificuldade extrema; 5 objeto de espanto; 7 (Derivação: por extensão de sentido) qualquer época de perseguições por motivos políticos. / Terrorismo: Modo de

impor a vontade pelo uso sistemático do terror; 2 emprego sistemático da violência para fins políticos, esp. a prática de atentados e destruições por grupos cujo objetivo é a desorganização da sociedade existente e a tomada do poder; 3 regime de violência instituído por um governo; 4 (Derivação: por extensão de sentido) atitude de intolerância e de intimidação adotada pelos defensores de uma ideologia, sobretudo nos campos literário e artístico, em relação àqueles que não participam de suas convicções. (Dicionário Houaiss)

Do contexto em que aparece no discurso jornalístico, a unidade nomeia o aparato de segurança e de inteligência do regime iraquiano, que exercia terror nos habitantes daquele país.

Bélico

Concernente à guerra ou ao belicismo; belicoso; Sinônimos - ver sinonímia de belicoso; (Dicionário Houaiss)

1.Relativo ou pertencente à, ou próprio da guerra (Dicionário Aurélio)

Militar

1.Relativo à guerra, às milícias, aos soldados; 2.Relativo às três forças armadas (marinha, exército e aeronáutica); 3.(Restr.) Relativo ao exército. (Dicionário Aurélio)

1 Relativo a guerra, a soldado e a Exército; 2 relativo às forças armadas (Marinha, Exército e Aeronáutica), à sua organização, às suas atividades. (Dicionário Houaiss)

As unidades *Máquina de guerra*, *Máquina de terror*, *Máquina bélica* e *Máquina militar* mantêm entre si a relação de **co-hiponímia**, pois são hipônimas e estão no mesmo nível hierárquico no campo léxico-semântico do hiperônimo *Máquina*. Abaixo encontram-se alguns dos trechos em que estas unidades ocorrem, retirados dos textos jornalísticos:

“...sua formidável **máquina bélica**...” (Revista Veja – 26/02/2003)

“...para definir o efeito que a **máquina de guerra** dos EUA causaria...” (Revista *Época* – 24/03/2003)

“... a Casa Branca começou a despachar sua **máquina de guerra** para o Golfo.” (Revista *Veja* – 05/02/2003)

“...Saddam foi incumbido da criação e do desenvolvimento do aparato de segurança e inteligência do novo regime, o que mais tarde se tornaria a **máquina de terror** de seu futuro governo.” - (Revista *Isto É* – 16/04/2003)

“... colide com a idéia de que a **máquina militar** iraquiana entrará em colapso”. – (Revista *Época* – 24/03/2003)

O uso figurado da lexia *Máquina* demonstra que há a intenção de tratar dos combates e da guerra com o sentido de algo que está em “ação”, em “funcionamento”. A maioria das ocorrências de *Máquina de guerra*, por exemplo, trata do exército dos Estados Unidos. Para falar do poderio do Iraque no conflito foi usada a unidade *Máquina militar*, que possui valor significativo mais leve que *Máquina de guerra*. Além disso, quando trata da *Máquina militar* iraquiana, a revista *Época* fala da possibilidade do mesmo entrar em colapso, provavelmente por ser mais fraca e não tão moderna quanto a *Máquina de guerra* americana. A lexia *Máquina de terror* é aplicada a Saddam Hussein e nomeia o aparato de segurança e de inteligência iraquiano, que ele usava para impor o terror entre os habitantes daquele país.

9.27. GRUPO 27

LEXIAS: TERRORISMO ANTIISRAELENSE, TERRORISMO FUNDAMENTALISTA, TERRORISMO INTERNACIONAL, TERRORISMO ISLÂMICO, TERRORISMO

PALESTINO, TERRORISMO RELIGIOSO, TERRORISMO GLOBAL, TERRORISMO SUICIDA, BIOTERRORISMO

As unidades deste grupo qualificam as formas de terrorismo de diferentes maneiras, porém, a maioria delas se refere à idéia de ato terrorista praticado por Saddam Hussein e por pessoas do Oriente Médio. Apenas a unidade *Terrorismo internacional* é usada em sentido figurado, apenas com o sentido de “coação”. Seguem abaixo alguns exemplos retirados das publicações estudadas:

“Podem convencê-lo de que seria um erro meter-se no Iraque pós-Saddam e que é hora de rever as relações com o **terrorismo antiisraelense**. Os Estados Unidos estão decididos a dar solução ao conflito na Palestina...” (Revista Veja – 23/04/2003)

“O sinistro chefe do **terrorismo fundamentalista**...” (Revista Veja – 26/02/2003)

“Vítimas civis e militares seriam evitadas, haveria um apoio internacional quase unânime e os EUA poderiam recuperar sua liderança em combater a real ameaça, o **terrorismo internacional**.” - (Revista Época – 10/02/2003)

“A terra da liberdade está sob ataque do **Terrorismo Internacional**, o novo Comunismo Internacional.” (Folha de S. Paulo – 21/03/2003)

“... a raiz da crise dos mísseis era o **terrorismo internacional** para promover uma "mudança de regime", dois conceitos que estão nos pensamentos de todos hoje em dia.” (Folha de S. Paulo – 26/03/2003)

“... o governo desculpou-se por ter divulgado como "indício" do envolvimento do Iraque com o **terrorismo islâmico** um documento que não passava de redação escolar, feita há dez anos por um norte-americano” (Folha de S. Paulo – 23/03/2003)

“... sede do **terrorismo islâmico** patrocinado pelo Estado...” (Revista Veja – 26/02/2003)

“Os EUA querem manter uma presença forte no Iraque, de onde podem conter com mais facilidade a Síria e o Irã e vigiar mais de perto o incômodo aliado, a Arábia Saudita, países suspeitos de fomentar ou não combater o **terrorismo islâmico**.” (Revista Época – 14/04/2003)

“Nem o fundamentalismo islâmico, nem o **terrorismo suicida**, nem o conflito palestino-israelense desapareceram ou se atenuaram.” (Folha de S. Paulo – 30/03/2003)

“Falta coordenação contra o **bioterrorismo**” – (Folha de S. Paulo - 18/03/2003)

“Dias após esses ataques, o presidente George W. Bush declara que os EUA iriam buscar os terroristas onde eles estivessem, dando início à sua guerra ao **terrorismo global**.” (Folha de S. Paulo - 18/03/2003)

“Saddam Hussein é somente uma ameaça a mais para Israel, que já sofre o **terrorismo palestino** e outras ameaças árabes.” (Folha de S. Paulo – 21/03/2003)

“...diretor do programa de Estudos Globais e Internacionais da Universidade da Califórnia, especialista em **terrorismo religioso**.” (Folha de S. Paulo – 04/04/2003)

Dos dicionários consultados foram extraídas as seguintes definições:

Antiisraelense

Anti: 1.Com o significado de: ‘ação contrária’, ‘oposição’, ‘contrariedade’, ‘contra’; / Israelense: 1.De, ou pertencente ou relativo ao Estado de Israel; 2.O natural ou habitante do Estado de Israel. (Dicionário Aurélio)

Anti-: (prefixo) = contra, em oposição a.... / Israelense: relativo ao Estado de Israel ou o que é seu natural ou habitante; israeliano. / Israelita: 1 relativo a ou descendente do patriarca bíblico Jacó (Israel); 5 (Rubrica: religião) relativo à religião monoteísta do povo hebreu e dos seus descendentes; judeu, judaico (Obs.: cf. israelense). (Dicionário Houaiss)

Fundamentalista

1.Referente ao fundamentalismo, ou próprio dele; 2.Adepto do fundamentalismo. / Fundamentalismo: 1.Observância rigorosa à ortodoxia de doutrinas religiosas antigas, esp. do islamismo; 2.Observância rigorosa às crenças religiosas tradicionais. / Fundamentalismo islâmico. 1.(Rel.) Crença em que a revivescência do mundo islâmico virá apenas através da volta aos costumes tradicionais e à prática religiosa do antigo Islã, esp. a volta a uma sociedade nos moldes da comunidade do séc. VII, estabelecida por Maomé em Medina [...] e, sobretudo, dando ênfase à interpretação literal do Alcorão para a conservação da identidade cultural e como reação à ocidentalização do povo islâmico. (Dicionário Aurélio)

1 Relativo a fundamentalismo ou aquele que milita nesse movimento religioso. / Fundamentalismo: 1 (Rubrica: religião) movimento religioso e conservador, 2 (Derivação: por extensão de sentido) qualquer corrente, movimento ou atitude, de cunho conservador e integrista, que enfatiza a obediência rigorosa e literal a um conjunto de princípios básicos; integrismo. (Dicionário Houaiss)

Internacional

2.Relativo às relações entre nações; 3.Que se espalha por diversas nações. (Dicionário Aurélio)

2 que se promove entre nações; exterior; 3 realizado entre duas ou mais nações; 5 que congrega certo número de nações; 6 que envolve pessoas, grupos pertencentes a várias nações; 7 com repercussão em vários países. (Dicionário Houaiss)

Islâmico

1. Islamítico [1. Relativo aos islamitas ou ao islamismo; islâmico]. / Islamismo: 1. A religião maometana; / Islã: 1. O mundo do muçulmano; o conjunto dos povos de civilização islâmica, que professam o islamismo; islã, islão. (Dicionário Aurélio)

M.q. islamítico; relativo a islamita e a islamismo; islâmico. / Islamismo: (Rubrica: religião) religião caracterizada por monoteísmo estrito e síntese entre fé religiosa e organização sociopolítica, fundada pelo profeta árabe Maomé (570 ou 580 - 632), que codificou sua doutrina em um livro sagrado, o Corão, que se tornou o fundamento escrito da fé muçulmana; maometanismo, maometismo, muçulmanismo. / Islã: 1 a civilização que se ergueu sobre a base da fé islâmica; 2 o grupo das nações modernas que têm o islamismo como religião dominante; 3 (Rubrica: religião) o islamismo. / Islamita: seguidor do islamismo; maometano, muçulmano. (Dicionário Houaiss)

Global

2. Relativo ou pertencente ao globo terrestre. (Dicionário Aurélio)

1 Relativo ao globo terrestre; mundial (Dicionário Houaiss)

Palestino

1. Da, ou pertencente ou relativo à Palestina (Ásia). (Dicionário Aurélio)

Relativo à Palestina, região do Oriente próximo, entre o deserto da Síria, o Líbano e o Mediterrâneo, ou o seu natural ou habitante; palestino (Dicionário Houaiss)

Religioso

1. Relativo ou conforme à religião, ou próprio dela. (Dicionário Aurélio)

1 Relativo a ou próprio da religião; 2 que vive segundo as regras de uma religião; que tem religião (Dicionário Houaiss)

Bioterrorismo

1.Modalidade de terrorismo em que se faz uso de arma biológica. (Dicionário Aurélio)

Suicida

1.Pessoa que se matou a si própria, que se suicidou; 3.De que se participa com a certeza de morrer, ou como que com essa certeza. (Dicionário Aurélio)

1 Relativo a ou que envolve suicídio; 2 que serviu de instrumento de suicídio. (Dicionário Houaiss)

De acordo com os contextos analisados, as lexias *Terrorismo internacional* e *Terrorismo global* podem ser consideradas **parassinônimas**, assim como *Terrorismo fundamentalista* e *Terrorismo religioso*. As unidades *Terrorismo palestino* e *Terrorismo islâmico*, que denominam a origem dos atos terroristas (Islã e Palestina), estão em relação de **co-hiponímia próxima**. *Terrorismo intiisraelense*, trata de atos praticados contra Israel, e *Terrorismo suicida* aborda a forma como o ato terrorista é praticado, ou seja, com a consequência da morte de quem o praticou. Como ocorre com os grupos analisados nas duas seções anteriores deste trabalho, as unidades deste grupo são **hipônimas** em relação ao **hiperônimo** *Terrorismo*. Entre si, mantêm a relação de **co-hiponímia**. A qualificação da lexia *Terrorismo* não é feita em todas as suas ocorrências nos textos da imprensa, o que demonstra que a opção por ela tem a intenção de ratificar a origem de tais atos.

10 CONCLUSÃO

A análise sêmica, a partir da identificação dos semas comuns e específicos de cada lexia, e a identificação das relações de significação existentes entre as mesmas, tornou possível a compreensão de alguns dos critérios usados pelos jornalistas na escolha das unidades que empregam em seus textos. Por se tratarem de enunciados que têm como tema uma guerra, grande parte das lexias utilizadas remete a conceitos que fazem alusão aos combates e às suas lamentáveis conseqüências. Este recurso estilístico confere legitimidade às reportagens que assumem expressão de seriedade e até de formalidade.

Pela análise dos 27 grupos estudados, nota-se a ocorrência de um número maior de relações de co-hiponímia em comparação com o de parassinonímia. Este fato mostra que foram selecionadas unidades que, embora tenham traços sêmicos comuns, possuem referências cognitivas e afetivas distintas. Nestes casos, a proximidade semântica é decorrente de traços conceituais comuns e as unidades não podem ser remetidas aos mesmos recortes conceituais, o que não ocorre nos casos de parassinonímia, em que as lexias possuem a mesma referência cognitiva. Das relações de co-hiponímia, é mais freqüente a chamada co-hiponímia próxima, cujas unidades apresentam denominador comum amplo (maior número de semas em comum). Isso ocorre por haver um assunto principal, a guerra, e por existir um vocabulário em torno deste tema, que motiva essa proximidade de sentido. Outro fato interessante é o emprego recorrente de unidades em sentido figurado, o que demonstra a transferência das unidades de áreas específicas para a linguagem geral.

Dentre as conotações que cada lexia adquiriu no contexto jornalístico, são mais freqüentes as que contêm idéias de *maldade, crueldade, força, grandeza, superioridade, poder, agressividade, ilegalidade e destruição*. Unidades lexicais que possuem os dois primeiros traços são mais usadas em referência a Saddam Hussein e as que contêm os quatro

traços seguintes (*força, grandeza, superioridade, poder*), são mais utilizadas para fazer menção aos Estados Unidos e a seu presidente. Lexias que possuem os semas *agressividade* e *ilegalidade* são aplicadas tanto para Saddam quanto para Bush e, as que contêm o conceito de *destruição*, para o resultado da guerra e suas conseqüências, principalmente para o Iraque. Desta forma, observou-se que os semas que possuem traços positivos foram relacionados aos Estados Unidos, sobrando para o Iraque as idéias depreciativas, negativas e pejorativas, o que comprova a tese proposta por esta dissertação.

Outra prova da diferenciação feita pela imprensa é que, para tratar de Saddam Hussein, de seus partidários e do Iraque, foram encontrados também os traços *abuso de poder, falta de seriedade, manipulação, dominação, perturbação mental, anormalidade, violência, perigo, injustiça, desumanidade, esbanjamento, derrota, ruína, desonestidade, decadência e falta de jeito*. Para Bush, os Estados Unidos, seus aliados e seu exército foram empregadas lexias com os traços *liderança, comando, notabilidade, admirabilidade, força, resistência, grandeza, superioridade*, e também *hostilidade* e *arrogância*. Tais traços provam que a visão do jornalista sobre o conflito ocorrido em 2003 e sobre os personagens envolvidos nele está explícita em seu discurso.

A tendenciosidade da imprensa pode ser explicada pela noção de referente, abordada por Blikstein (1985). Ele afirma que o referente condiciona o evento semântico e que a realidade é transformada em referente pela percepção/cognição. Esse processo de transformação da realidade ocorre por meio da prática social e do conhecimento. Para os jornalistas, quando o referente é o Iraque ou Saddam Hussein, são evocadas idéias negativas, o que não ocorre em referência aos Estados Unidos e a Bush. Blikstein afirma que nas significações sempre há traços com carga valorativa, que são discriminatórios, seletivos e ideológicos, e que podem remeter a aspectos positivos e meliorativos ou negativos e

pejorativos. “O referente é fabricado pelos estereótipos [...], se interpõe entre nós e a realidade.” (BLIKSTEIN, 1985, p. 42).

A questão do referente também explica a maior frequência da relação de co-hiponímia, pois quando mantêm esta relação de significação, as unidades possuem referências cognitivas e afetivas distintas, o que não acontece na parassinonímia, quando as lexias possuem o mesmo referente (mesma referência cognitiva). Como são as referências afetivas as responsáveis pelos traços valorativos, a ocorrência da co-hiponímia permite que diferentes conceitos subjetivos sejam empregados às unidades. Isso seria mais limitado se houvesse uma maioria de relações de parassinonímia, pois esta designa um mesmo objeto por meio de unidades diferentes. Nos dois exemplos abaixo, retirados do corpus, fica clara essa diferença das nomeações para referentes distintos:

“... as marcas da brutalidade do **regime** de Saddam.” (Revista Veja - 30/04/2003)

“... diplomática empreendida pelo **governo** do presidente George W. Bush ...” (Revista Época – 10/02/2003)

Como foi mencionado nesta análise, as unidades *Regime* e *Governo* são co-hipônimas, e a primeira apareceu em todas as ocorrências em referência ao governo de Saddam Hussein. Além de tratar da estrutura de um governo, a lexia *Regime* trata dos meios de coerção e de imposição dessa estrutura. Poderia ter sido usada para tratar de qualquer regime político, tanto das democracias quanto das ditaduras, mas a preferência do emprego em referência ao governo de Saddam Hussein explicita a visão de que se trata de uma forma mais grave de *manipulação* e de *dominação*.

A co-hiponímia é uma relação de natureza hierárquica, de subordinação entre a unidade subordinada e a superordenada, e ocasiona o aparecimento de polissemia, quando há inclusão semântica (metonímia) ou transformação semântica (metáfora). O aparecimento da hiperonímia implica também, como mencionou Palmer (1979, p. 93), uma relação lógica de consequência: “a frase que contém o hipónimo pressupõe a que contém o termo

superordenado”. Quanto à ocorrência da polissemia, ocasionada pela relação de co-hiponímia, podem ser considerados os exemplos:

“... a **falange** de **falcões** de que se cercou...” (Revista Veja – 26/02/2003)

“... o pai de todos os **falcões** da Casa Branca...” – (Revista Isto É – 16/04/2003)

“... que deixam as garras da **águia** americana mais afiadas.” (Revista Isto É – 16/04/2003)

As unidades *Falcão*, *Falange*, *Garra* e *Águia*, usadas geralmente em contextos que tratam de aves caçadoras de grande porte, como a águia e o falcão, ganham conotações de referência política, como *poder*, *tiranía*, *liderança*, *governo* e *inclinação ao fascismo*.

Para a apreensão das conotações de todas as unidades analisadas, a consideração do contexto foi fundamental, uma vez que este envolve elementos da realidade do autor, o que contribuiu para a determinação do sentido empregado na linguagem. Para Ducrot (1977), a variedade de sentidos que aparece em múltiplas ocorrências pode ser compreendida a partir de uma única significação atribuída ao próprio enunciado, considerando as diferenças de situação, o que permite afirmar que cada unidade pode adquirir vários sentidos. Foi o que ocorreu, por exemplo, com *Primor*, que possui traços de significação positivos, mas foi empregada de maneira irônica pela imprensa, como pode ser conferido pelo trecho: “... Bush foi um primor de habilidade diplomática ...” – (Revista Veja – 05/03/2003)

Na análise da escolha das lexias, a noção de ideologia também contribuiu, já que esta é iminente à realidade e indissociável da linguagem. Mikhail Bakhtin (1979) trata do caráter ideológico do signo lingüístico, afirma que este reflete e refrata a realidade e vê a consciência como fato social e não individual, uma vez que é constituída pelo discurso.

Outra observação que se considera relevante é a presença maior de unidades retiradas dos veículos *Veja* e *Folha de S. Paulo* no corpus e nos exemplos citados na análise. No caso de *Veja*, que tem como proposta oferecer aos leitores coberturas exclusivas e interpretação dos fatos, a maior ocorrência de lexias com conotações emotivas se justifica, pois o objetivo desta revista é dar uma visão dos fatos que descreve, ou seja, a sua interpretação de tais

acontecimentos. O jornal *Folha de S. Paulo*, que circula diariamente, além de publicar as reportagens produzidas por profissionais enviados ao local da guerra, também estampou em suas páginas textos traduzidos de agências de notícias internacionais, principalmente americanas e inglesas, originárias de países favoráveis ao conflito. Outro fato que explica o emprego de grande número de palavras possuidoras de traços de significação valorativos por este jornal é a publicação de muitos textos opinativos, como artigos e editoriais, que não têm o compromisso de serem isentos. Dentre as publicações estudadas, a que menos apresentou unidades com traços afetivos foi a revista *Época*, a de criação mais recente, que pretende conquistar os leitores insatisfeitos com os demais veículos de informação.

Das publicações que compõem a base desta dissertação, *Época* é a que possui menor porcentagem de leitores pertencentes às classes sociais A e B (52,8%), mas é a que tem mais leitores representantes da classe C (35,5%). Uma das hipóteses é que a postura de maior isenção e o menor favorecimento ao lado do conflito representado pelos Estados Unidos revelam uma adequação ao modo de pensar, à ideologia comum à classe média, mais crítica quanto às ações imperialistas americanas. Nos outros veículos de imprensa, cujo número de leitores das classes A e B é mais representativo (acima de 67%), a expressão de apoio às ações americanas é concordante com o posicionamento de seus leitores.

Os resultados deste trabalho mostram que a isenção de opinião nos textos em geral, inclusive nos jornalísticos, é uma utopia, pois é praticamente inevitável a transferência de impressões e de pontos de vista pessoais aos textos e enunciados produzidos por qualquer pessoa. No momento da fala ou da escrita, ao se realizar a seleção das unidades lexicais, são evocadas as imagens e os sentimentos que a própria pessoa tem sobre o referente que será tratado. Na redação jornalística, além da ideologia do jornalista, entram em jogo também os interesses do veículo de comunicação que publicará as informações e estes exercem influência direta e indireta sobre o conteúdo das notícias. Ao profissional da imprensa resta sua própria

consciência e a preocupação em reduzir as marcas pessoais que surgem no momento da escolha das unidades que empregará em seus textos.

11 BIBLIOGRAFIA

OBRAS DE REFERÊNCIA

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem – Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem**. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

BALDINGER, Kurt. **Teoria Semántica: Hacia uma semántica moderna**. Madrid: Alcalá, 1970.

BARBOSA, M. A. **A construção do conceito nos discursos técnico-científicos, nos discursos literários e nos discursos não-literários**. In: Revista Brasileira de Lingüística. Vol. 11. São Paulo: Plêiade/Terceira Margem, 2001.

_____. **Relações de Significação nas Unidades Lexicais**. In: Anais do 1º Encontro Nacional do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 1998.

BASTOS, Celso Ribeiro. **Curso de Teoria do Estado e Ciência Política**. 6 ed. São Paulo: Celso Bastos Editora, 2004.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria Lingüística: lingüística quantitativa e computacional**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1978.

_____. *Dimensões da Palavra*. In: **Filologia e Lingüística Portuguesa**. 1998. n. 2, p. 81-118.

BLIKSTEIN, Isidoro. **Kaspar Hauser ou a Fabricação da Realidade**. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola. **Dicionário de Política**. Siglo Veintiuno Editores, 1985.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. 36 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CORREIOWEB. **Míssil Scud**. <www.noticias.correioweb.com.br/ultimas2005/materias.php?id=2641387&sub=Mundo>. Acesso em 05.fev.06, 7:15

COSERIU, E. **Teoría del Lenguaje y Lingüística General**. Madrid: Gredos, 1969.

_____. **Lições de Lingüística Geral**. Trad. de Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

_____. **Princípios de Semántica Estructural**. Madrid: Gredos, 1977.

DUBOIS, J. GIACOMO, M. **Dicionário de Lingüística**. 8 ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

DUCROT, Oswald. **Princípios de Semântica Lingüística: dizer e não dizer**. São Paulo: Cultrix, 1977.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda (Ed.). **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0**. Positivo Informática, 2004. CD-ROM.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1995.

FOLHA DE S. PAULO. **História; Perfil do leitor**.

<http://www.publicidade.folha.com.br/script_inic.jsp>. Acesso em 29 nov. 2005, 2:06;

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/conheca/linha_editorial.shtml>. Acesso em: 29 nov. 2005, 2:04.

GECKELER, H. **Semántica Estructural y Teoría del Campo Léxico**. Versão espanhola de Marcos Martínez Hernández. Madrid: Editorial Gredos, 1976.

GENOUVIER, E., PEYTARD, J. **Lingüística e ensino de português**. Tradução Rodolfo Ilari. Coimbra: Almedina, 1974.

GUIRAUD, P. **A Semântica**. Tradução: Maria Elisa Mascarenhas. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Análise do Discurso em Ciências Sociais**. São Paulo: Global, 1986.

_____. **Semântica Estrutural**. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

_____, COURTÈS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1979.

HARDT, M., NEGRI, A. **Império**. 3 ed. Tradução: Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1975. Tradução de J. Teixeira Coelho Neto.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2001.

_____. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. (Versão eletrônica em CD-ROM). 2001.

ISTO É on line. **Perfil do leitor**.

<http://editora3.terra.com.br/publicidade_portugues/istoe/apresentacao.htm>; Acesso em: 29 nov. 2005, 1:05.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. 5 ed. Tradução de Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, 1971.

LEECH, Geoffrey. **Semântica**. 2 ed. Madrid: Alianza Editorial, 1985.

LYONS, J. **Introdução à Linguística Teórica**. São Paulo: Editora Nacional; Edusp, 1979.

_____. **Semântica Estrutural**. Tradução de Antônio Pescada. Lisboa: Editorial Presença, São Paulo: Martins Fontes, 1974.

MAGNOLI, D. **Neocons, o novo establishment americano**. Curso ministrado no auditório do jornal Folha de S. Paulo nos dias 6, 7 e 8 de dezembro de 2005.

MARCONDES, Danilo. **Filosofia, linguagem e comunicação**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1992.

MOTA, M.; BRAICK, P. **História das Cavernas ao Terceiro Milênio**. São Paulo: Editora Moderna, 1999.

PAIS, Cidmar Teodoro. **Conceptualização, Interdiscursividade, Arquitexto, Arquidiscorso**. In: Revista Philologus, ano 8, nº 23. Rio de Janeiro, 2002.

PALMER, F. R. **A Semântica**. Lisboa: Edições 70, 1979.

PIRES, O. ISQUERDO, A. **As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001.

POTTIER, B. **Sémantique Générale**. Paris: P.U.F., 1992

_____. **Théorie et Analyse en Linguistique**. Paris: Hachette, 1991.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma Lingüística Crítica: Linguagem, Identidade e a Questão Ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RECTOR, M., YUNES, E. **Manual de Semântica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

SADER, E. **Perspectivas**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Lingüística Geral**. 4 ed. Org. por Charles Bally e Albert Sechehaye. São Paulo: Cultrix, 1972.

SISTEMA DE ARMAS. **Tipos de armas**. <<http://sistemadearmas.sites.uol.com.br>>. Acesso em 05.fev.06, 6:40

ULLMANN, S. **Semântica: Uma introdução à ciência do significado**. 4 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.

_____. **Language y Estilo**. Madrid: Aguilar, 1968.

VEJA on line. **Perfil dos leitores**. <<http://publicidade.abril.com.br/homes.php?MARCA=47>>. Acesso em: 15 dez. 2005, 23:05.

VICENTINO, C.; DORIGO, G. **História para o Ensino Médio**. São Paulo: Scipione, 2001.

VILELA, Mário. **Estudos de Lexicologia do Português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

_____. **Estruturas Léxicas do Português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

WIKIPEDIA (Enciclopédia). <www.wikipedia.org>. Acesso em 20 jan. 2006, 9:00 e em 05.fev.06, 6:00.

ŽIŽEK, Slavoj (org.). **Um Mapa da Ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 1996.

OBRAS DE CONSULTA:

BARBOSA, M. A. Da neologia à neologia na literatura. *In*: _____. **As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia**. Campo Grande: Inep; UFMS, 2001.

_____. **Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação**. *In*: II Simpósio Latino-Americano de Terminologia. I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-Científica. Anais. (União Latina, CNPq, IBICT). Brasília, 1992.

_____. **Léxico, Produção e Criatividade: Processos do Neologismo**. São Paulo: Global Editora, 1981.

BASÍLIO, M. **Teoria Lexical**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1989.

_____. **Estruturas léxicas do português: uma abordagem generativa**. Petrópolis: Vozes, 1980.

BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos Estudos Lingüísticos**. 11 ed. Campinas: Pontes, 1991.

_____. **Organização de Dicionários: uma introdução à lexicografia**. São Paulo: Editora da Unesp, 2003.

DUBOIS, D. **Sémantique et Cognition: Catégories, Prototypes, Typicalité**. Paris: CNRS, 1991.

GALISSON, R. **Pour une metodologia de l'enseignement du sens étranger**. In: *Études de linguistique appliquée*, n° 11. Paris: Didier, 1973.

_____. **Entrer en langage/culture par les mots. Esquisse d'un modèle d'organisation et de description des contenus lexico-culturels d'enseignement/-apprentissage**. In: *Colóquio de Lexicologia e Lexicografia*. Actas. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1991.

_____. Culture et lexiculture. Pour une approche dictionnaire de la culture partagée. In: **Hommage à Bernard Pottier**. Vol. 1. Paris: Klincksieck, 1988.

GUILBERT, L. **La Créativité Lexicale**. Paris: Librairie Larousse, 1975

HAENSCH, G. et al. **La Lexicografia: De la lingüística teorica a la lexicografia practica**. Madrid: Gredos.

ILARI, R. **Introdução ao estudo do Léxico: Brincando com as palavras**. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **Introdução à Semântica: Brincando com a Gramática**. São Paulo: Cultrix, 2003.

_____.; GERALDI, W. **Semântica**. 10 ed. São Paulo: Ática, 2004.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à Lingüística: Domínios e Fronteiras**. vol. 2. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Guia de Usos do Português: Confrontando regras e usos**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

PAIS, Cidmar Teodoro. **Conceptualização, denominação, designação: relações**. In: *Revista Brasileira de Lingüística*. Vol. 9, São Paulo: Plêiade, 1997, p. 221 a 240.

_____. **O percurso gerativo da enunciação: produtividade léxica e discursiva**. In: *Conferência – Revista do Departamento de Lingüística da Unesp/Assis*. Vol. 3, Assis, 1995, p. 162 a 181.

ZAPPAROLI, Z.; CAMLOG, A. **Do Léxico ao Discurso pela Informática**. São Paulo: Edusp, 2002.

DICIONÁRIOS:

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola. **Dicionário de Política**. Siglo Veintiuno Editores, 1985.

BORBA, Francisco S. **Dicionário de Usos do Português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

Dicionário de Ciências Sociais. 2 ed. Coord Benedicto Silva. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1987.

Dicionário UOL/Michaelis – CD-ROM, 1998.

Dicionário Michaelis - Italiano / Francês / Português – versão on-line disponível em : <<http://www1.uol.com.br/bibliot/>>. Acesso em: 15 de out. 2004, 15:05.

DUBOIS, J. GIACOMO, M. **Dicionário de Lingüística**. 8 ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

ENCICLOPÉDIA Larousse Cultural. **Grande Dicionário da Língua Portuguesa Larousse Cultural**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda (Ed.). **Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1999.

_____. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0** Positivo Informática, 2004. CD-ROM.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÈS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1979.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2001.

_____. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** (Versão eletrônica), 2001. 1 CD-ROM.

IAKOVLEV, A. N.; ZAMIÁTIM, L. M. **Dicionário de Política Internacional: Problemas do Mundo Contemporâneo.** Lisboa: Edições Avante, 1988.

SÉGUIER, Jaime. **Dicionário Prático Ilustrado.** – Tomo III Geografia e História. Porto: Lello e Irmãos Editores, 1966.

SIGNER, Rena. **Dicionário Brasileiro Francês/Português, Português/Francês.** 2 ed. São Paulo: Oficina de Textos, 1999.

SOUZA, José Pedro Galvão et al. **Dicionário de Política.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1998.

12 ANEXOS

CORPUS

A

1. *Á moda de*: “... à moda dos franco-atiradores com disparos...” (Revista Isto É – 26/2003/2003)
2. *Abrasivo*: “... o abrasivo secretário de Defesa, deu uma amostra...” (Revista Veja – 12/02/2003)
3. *Abrigo subterrâneo*: “...e destruir abrigos subterrâneos.” - (Revista Época – 24/2003/202003)
4. *Acachapante*: “... a Casa Branca conta com o chamado ‘efeito demonstração’ da vitória acachapante...” (Revista Veja – 16/04/2003)
5. *Acalorado*: “...fez um discurso acalorado contra a guerra.” (Revista Isto É – 12/02/2003)
6. *Ação bélica*: “...deve se intensificar quando começarem as ações bélicas.” (Revista Isto É – 05/2003/2003)
7. *Ação militar*: “...em caso de uma ação militar contra o Iraque.” (Folha de São Paulo – 28/02/) / “O endosso dos americanos a uma ação militar...” - (Revista Época – 10/02/202003)
8. *Ação terrorista*: “... dos serviços de espionagem é com a possibilidade de hackers promoverem ações terroristas...” (Revista Isto É – 05/2003/2003) / “...no financiamento de ações terroristas de 11 de setembro...” (Revista Isto É – 12/2003/2003)
9. *Acerto de conta*: “Em qualquer circunstância, o súbito colapso do regime do terror mantido por Saddam pode escancarar as portas para um brutal acerto de contas entre grupos étnicos e clãs oprimidos e seus antigos algozes” (Revista Veja – 05/02/2003)
10. *Acólito*: “Somente os mais alucinados acólitos de Saddam Hussein...” (Revista Isto É – 12/2003/2003)
11. *Adesão espontânea*: “Elas receberam a adesão espontânea das multidões...” (Revista Veja – 26/02/)
12. *Aeronave não tripulada*: “... com ajuda de satélites e aeronaves não tripuladas que funcionarão como guerreiros virtuais.” – (Revista Isto É – 16/04/2003)
13. *Aeronave-espiã*: “...alimentada por satélites e aeronaves-espiãs...” (Revista Isto É – 19/2003/2003)
14. *Aerotransportado*: “...da 101ª Divisão Aerotransportada.” (Revista Veja – 12/02/2003) / “... no mesmo dia em que despachou a divisão aerotransportada.” (Revista Veja – 12/02/2003)
15. *Afoiteza*: “...protestaram contra a afoiteza do presidente americano...” (Revista Veja – 26/02/2003)
16. *Afro-islâmico*: “... enorme população afro-islâmica...” (Folha de S.Paulo – 11/2003/2003)
17. *Afronta*: “...pode aumentar o sentimento de afronta...” (Revista Veja – 26/02/)
18. *Agência de inteligência*: “Mantinha agências de inteligência paralelas...” (Revista Veja – 23/04/2003)
19. *Agenda de negociações*: “...e também a agenda de negociações entre os dois países...” (Revista Isto É – 26/03/2003)
20. *Agente nocivo*: “...destruiriam quaisquer agentes nocivos dos arsenais de Saddam.” (Revista Isto É – 12/03/2003)
21. *Agente químico e biológico*: “... de fábricas de armas e as empresas de fachada que importavam os agentes químicos e biológicos.” – (Revista Veja – 05/2003/) / “...por gente vestindo equipamentos contra agentes químicos e bacteriológicos...” (Revista Isto É – 12/03/2003)

22. *Agir sob pressão*: “...mostra que só age sob pressão...”. (Folha de São Paulo – 28/02/2003)
23. *Aglomerado Caótico*: “... ‘Cidade Saddam’, o aglomerado caótico de casas e vielas na parte Leste de Bagdá.” – (Revista Isto É – 16/04/2003)
24. *Agremiação*: “... compartilha o nome e a ideologia com a agremiação de Saddam.” (Revista Veja – 23/04/2003)
25. *Agressivo*: “Isso tudo eclipsa mas não dilui o aspecto agressivo e arrogante com que americanos e ingleses resolveram invadir...” (Revista Veja – 16/04/) / “Rumsfeld, esse sim o tipo clássico do falcão dos anos 60. Mostra prazer no comportamento agressivo, quando o vemos na TV...” (Folha de S. Paulo - 26/03/2003) / “O comportamento agressivo e arrogante de Bush ampliou o leque dos opositores da guerra...” (Revista Época – 24/02/2003)
26. *Águia*: “... equipamentos que deixam as garras da águia americana mais afiadas.” – (Revista Isto É – 16/04/2003) / “O VÔO DA ÁGUIA - Fim do impasse sobre o Iraque restabelece otimismo dos consumidores, e índice registra alta de 20 pontos” (FSP – 30/04/2003)
27. *Aiatolá*: “... os aiatolás continuam a dispor de um aparato controlador medieval.” – (Revista Veja – 05/03/2003) / “...ao poder dos aiatolás de Teerã...” (Revista Veja – 05/02/2003)
28. *Aliado de sangue*: “Se um aliado de sangue decepciona, é colocado de lado...” (Revista Veja – 05/02/2003)
29. *Aliado-chave*: “O Paquistão, um aliado-chave dos EUA...” (Folha de S. Paulo – 11/2003/2003)
30. *Algoz*: “Em qualquer circunstância, o súbito colapso do regime do terror mantido por Saddam pode escancarar as portas para um brutal acerto de contas entre grupos étnicos e clãs oprimidos e seus antigos algozes” (Revista Veja – 05/02/2003)
31. *Alta Precisão*: “Para ele, as armas e equipamentos de alta precisão justificam o envio...” – (Revista Isto É – 16/04/2003)
32. *Alto Coturno*: “...Hussein Kamel Hassan, figurão de alto coturno do regime de Bagdá...” – (Revista Veja – 05/03/2003)
33. *Alto escalão*: “...vários integrantes do alto escalão da Casa Branca...” (Revista Veja – 12/02/2003) / “... o projeto guerra na Síria acabou torpedeado pelos altos escalões.” (Revista Veja – 23/04/2003)
34. *Alucinado*: “...que, numa alucinada experiência de reengenharia social, trucidou um quarto da população...” (Revista Veja – 16/04/2003) / “Somente os mais alucinados acólitos de Saddam Hussein...” (Revista Isto É – 12/03/2003)
35. *Alvo de oportunidade*: “... na linguagem militar se conhece como ‘alvo de oportunidade’.” - (Revista Época – 24/03/2003)
36. *Amantíssimo*: “... como se ele fosse o amantíssimo pai da pátria.” (Revista Veja – 16/04/2003)
37. *Americano-britânico*: “... depois que o último esforço americano-britânico junto à ONU...” (Revista Isto É – 05/03/2003)
38. *Anão*: “... assustados e impotentes anões do Conselho...” (Revista Veja – 19/03/2003)
39. *Anêmico*: “Se os níveis econômicos de agora continuarem anêmicos ou piorarem...” (Revista Isto É – 05/03/2003)
40. *Anfitrião Britânico*: “...soou claramente como uma deferência ao anfitrião britânico, que vem insistindo nesta opção...” - (Revista Isto É – 16/04/2003)
41. *Anglo-americano*: “... o que faria da operação anglo-americana a guerra mais curta...” - (Revista Época – 24/03/2003)

42. *Anglo-saxão*: "... de que o mundo anglo-saxão, apesar dos retrocessos recentes..." (Revista Isto É – 12/03/2003)
43. *Animosidade*: "...se reflete agora na animosidade despertada pelo governo..." (Revista Veja – 26/02/2003)
44. *Aniquilador*: "... conhecido como 'aniquiladores de bunkers'." (Revista Isto É – 26/03/2003)
45. *Anthrax*: "...como os estoques iraquianos de anthrax, elemento mais comum dos arsenais de guerra biológica..." (Revista Veja – 12/02/2003)
46. *Antiamericano*: "... as passeatas foram apenas orquestrações anticapitalistas, antiglobalização e antiamericanas..." (Revista Veja – 26/02/2003) / "A resistência antiamericana agora é diferente da onda que se seguiu ao ataque..." (Revista Veja – 26/02/2003)
47. *Antiamericanismo*: "... nas ruas o antiamericanismo que faz dos EUA o vilão do planeta." (Revista Veja – 26/02/2003 - capa) / "... o antiamericanismo ressurgiu na semana passada..." (Revista Veja – 26/02/2003)
48. *Antibalístico*: "...rompeu unilateralmente com o Tratado de Mísseis Antibalísticos (ABM)..." (Revista Isto É – 26/03/2003)
49. *Anti-Belfast*: "Num encontro apelidado de anti-Belfast, o presidente..." (Revista Época – 14/04/2003)
50. *Antibelicista*: "A curadoria internacional monta uma cesta básica antibelicista dos anos de 1960 a 1980, com um pelotão de elite que ombreia..." (Folha de S. Paulo – 28/03/2003)
51. *Antibioataque*: "... trajes especiais antibioataque são quentes..." (Revista Época – 31/03/2003)
52. *Anticapitalista*: "... as passeatas foram apenas orquestrações anticapitalistas, antiglobalização e antiamericanas..." (Revista Veja – 26/02/2003)
53. *Anticastro*: "Exilados cubanos anticastro, apoiados..." (Revista Época – 31/03/2003)
54. *Anticristo*: "... aguarda a chegada do Anticristo..." (Revista Veja – 26/02/2003)
55. *Anti-Estados Unidos*: "...não é uma declaração anti-Estados Unidos ou pró-Saddam Hussein." (Folha de S. Paulo – 14/03/2003)
56. *Antieuropeísmo*: "... não ajudam a criar um sentimento antieuropeísmo..." (Folha de S. Paulo – 02/03/2003)
57. *Antifrancês*: "... no sentimento antifrancês..." (Folha de S. Paulo – 14/03/2003)
58. *Antigás*: "Ele inclui a proteção antigás apropriada..." (Folha de S. Paulo – 23/02/2003)
59. *Antiglobalização*: "... as passeatas foram apenas orquestrações anticapitalistas, antiglobalização e antiamericanas..." (Revista Veja – 26/02/2003)
60. *Antiguerra*: "... sob o fogo do movimento antiguerra, tanto Bush quanto Blair..." (Revista Veja – 26/02/2003)
61. *Antiinvasão*: "... à tese da antiinvasão imediata." (Folha de S. Paulo – 09/03/2003)
62. *Antiisraelense*: "... que tem um viés antiisraelense, quando não infiltrações anti-semitas." (Revista Veja – 26/02/2003) / "... rever as relações com o terrorismo antiisraelense." (Revista Veja – 23/04/2003)
63. *Antimísseis*: "... foram destruídos pelo sistema de defesa antimísseis." - (Revista Época – 24/03/2003)
64. *Antimotim*: "...32 000 agentes, entre guarda-costas, milícias antimotim e soldados..." (Revista Veja – 05/02/2003)
65. *Antiocidental*: "...onde tinha sido instaurado um regime islâmico antiocidental." - (Revista Isto É – 16/04/2003)
66. *Anti-Saddam*: "...contam que a guerra será rápida e "limpa". É possível até que os soldados da coalizão anti-Saddam sejam recebidos pela população iraquiana como libertadores e não como invasores..." - (Folha de S. Paulo - 03/03/2003) / "...Líder

- islâmico anti-Saddam diz que houve "distúrbios" (Folha de S. Paulo - 27/03/2003) / "O líder opositor defende uma atuação maior de grupos anti-Saddam na ofensiva anglo-americana." (Folha de S. Paulo - 08/04/2003)
67. *Anti-semita*: "... que tem um viés antiisraelense, quando não infiltrações anti-semitas." (Revista Veja – 26/02/2003)
68. *Anti-sionismo*: "Assim, o anti-sionismo serve para massacrar..." (Folha de S. Paulo – 06/03/2003)
69. *Antiterrorista*: "... premissa de guerra antiterrorista, não extingue o neomedo americano." (Folha de S. Paulo – 11/03/2003)
70. *Antraz*: "... são varíola, antraz e tularemia, nessa ordem." (Revista Isto É – 02/04/2003)
71. *Anuência*: "...para conseguir a anuência da ONU à guerra..." - (Folha de São Paulo – 28/02/2003)
72. *Aparato Controlador*: "... os aiatolás continuam a dispor de um aparato controlador medieval." – (Revista Veja – 05/03/2003)
73. *Aparato de Segurança*: "... desenvolvimento do aparato de segurança e inteligência do novo regime..." - (Revista Isto É – 16/04/2003)
74. *Aparato Repressivo*: "Para manter essa máquina de horror azeitada, o regime conta com o aparato repressivo mais sofisticado do planeta." (Revista Veja – 05/02/2003) / "... o aparato repressivo envolve hoje 500 000 pessoas..." (Revista Veja – 05/02/2003)
75. *Aparelho repressivo*: "... da elite do exército, bem como o aparelho repressivo..." (Revista Isto É – 19/03/2003)
76. *Apocalíptico*: "Só falta agora o material realmente apocalíptico estar mesmo na Síria..." (Revista Isto É – 16/04/2003)
77. *Apoio doméstico*: "... começa a ver se esvaziar o apoio doméstico a seus desejos guerreiros." (Revista Isto É – 05/03/2003)
78. *Árabe-israelense*: "... havia muitos árabes-israelenses." (Folha de S. Paulo – 06/03/2003)
79. *Arabismo*: "... o arabismo, a identidade árabe acima das fronteiras nacionais." (Revista Veja – 23/04/2003)
80. *Arabização*: "Para seu projeto de 'arabização' do Iraque..." (Revista Veja – 16/04/2003)
81. *Arma Bacteriológica*: "...parte do arsenal de armas químicas e bacteriológicas do ditador." (Revista Veja – 05/02/2003)
82. *Arma biológica*: "...conteriam laboratórios de armas biológicas." - (Revista Época – 10/02/2003)
83. *Arma de controle social*: "... até a delação de vizinhos vira uma arma de controle social." (Revista Veja – 16/04/2003)
84. *Arma guiada por satélite*: "... testa a 'mãe de todas as bombas', arma guiada por satélite com alto poder destrutivo." (Revista Isto É – 19/03/2003)
85. *Arma proibida*: "para mostrar suas armas proibidas..." (Folha de São Paulo – 28/02/2003)
86. *Arma química*: "... talvez até, com o uso de armas químicas..." – (Revista Época – 24/03/2003) / "...o ditador usou e abusou das armas químicas..." - (Revista Isto É – 16/04/2003) / "... e usou armas químicas para massacrar os curdos..." (Revista Veja – 05/02/2003)
87. *Arma químico-biológica*: "... total desarmamento de suas armas químico-biológicas e dos meios de transportá-las." (Revista Isto É – 05/03/2003)
88. *Arma secreta*: "... deverá usar suas armas secretas..." (Revista Veja – 05/02/2003)
89. *Armagedon*: "O armagedon – nele, Saddam se vendo perdido, resolve perpetrar a derradeira vingança." (Revista Isto É – 12/03/2003)
90. *Armamento*: "Ele não usou esse tipo de armamento na Guerra do Golfo." (Revista Veja – 05/02/2003)

91. *Arma-padrão*: “... o fuzil russo, que é a arma-padrão no Oriente.” (Revista Veja – 09/04/2003)
92. *Armas de destruição em massa / Arma de destruição maciça*: “... não havia sinais do suposto arsenal de armas de destruição em massa de Saddam – pretexto para a invasão.” – (Revista Isto É – 16/04/2003) / “...irresponsáveis que detêm armas de destruição em massa...” – (Revista Isto É – 16/04/2003); “...armas de destruição maciça que está proibido de possuir.” - (Revista Época – 10/02/2003)
93. *Arma de genocídio*: “...persistente esforço da ditadura de Saddam em adquirir armas de genocídio.” - (Revista Época – 10/02/2003)
94. *Arma não convencional*: “... programa iraquiano de armas não convencionais durante dez anos.” – (Revista Veja – 05/03/2003)
95. *Arma nuclear*: “...estaria de posse de armas nucleares.” - (Revista Época – 10/02/2003) / “A Coréia do Norte tem armas nucleares e isso pode causar um grande estrago...” (Revista Isto É – 16/04/2003)
96. *Arquiinimigo*: “...com o governo do vizinho Irã, seu arquiinimigo.” (Revista Veja – 05/02/2003)
97. *Arrabalde*: “... na praça e chovia também nos arrabaldes.” – (Revista Isto É – 16/04/2003)
98. *Arrasador*: “... perante os arrasadores bombardeios e a fulminante ocupação do país...” - (Revista Época – 24/03/2003) / “A guerra começou menos arrasadora do que se previa, ao menos em seus momentos iniciais.” (Folha de S. Paulo – 20/03/2003) / “O ataque pela manhã antecipou, portanto, o ataque arrasador prometido para o início da guerra, de milhares de bombas "inteligentes". (Folha de S. Paulo – 20/03/2003) / “Depois da arrasadora vitória no Iraque, os EUA refazem o “eixo do mal” e ameaçam a Síria, acusada de ter armas químicas e de abrigar ex-cúpula dirigente de Saddam.” (Revista Isto É – 23/04/2003)
99. *Arrogante*: “Isso tudo eclipsa mas não dilui o aspecto agressivo e arrogante com que americanos e ingleses resolveram invadir...” (Revista Veja – 16/04/2003) / “... aliado à atitude belicosa e arrogante de Bush, provocou um aumento do sentimento antiamericano...” (Folha de S. Paulo – 02/03/2003) / “Mas existirá menos ainda se o mundo ficar sob a permanente e arrogante ameaça de uma única grande potência.” - Lula em 26.1.91, em artigo na Folha” (Folha de S. Paulo – 30/03/2003)
100. *Arsenal proibido*: “... em torno da existência ou não desse arsenal proibido.” (Revista Veja – 05/02/2003)
101. *Ásia-Pacífico*: “... na Ásia Central ou na Ásia-Pacífico.” (Folha de S.Paulo – 09/03/2003)
102. *Assalto aéreo*: “... a única de assalto aéreo do exército americano...” (Revista Veja – 12/02/2003)
103. *Assenhoreamento*: “... geopolítica do assenhoreamento do petróleo...” (Folha de S.Paulo – 11/03/2003)
104. *Assombroso*: “A disparidade do confronto entre a assombrosa tecnologia bélica da superpotência...” (Revista Veja – 16/04/2003)
105. *Ataque bioterrorista*: “...usados hoje em ataques bioterroristas...” (Revista Isto É – 02/04/2003)
106. *Ataque inaugural*: “Nesse ataque inaugural foram lançados 40 mísseis...”- (Revista Época – 24/03/2003)
107. *Ataque preventivo*: “A política de ataque preventivo, de golpear antes que o adversário aumente sua capacidade de causar estragos...” (Revista Veja – 26/02/2003) / “... realizou o que chama de ‘ataque preventivo’ contra Saddam Hussein...” (Revista Veja – 16/04/2003)
108. *Ataque seletivo*: “O ataque seletivo a Bagdá – logo seguido de um segundo bombardeio...” - (Revista Época – 24/03/2003) / “Em lugar de ultrapassar as cidades sob o

- controle de Saddam, guardando todos os recursos para o combate decisivo em Bagdá, agora tratam de eliminar os focos inimigos nas cidades sitiadas, em ataques seletivos com forte apoio aéreo.” (revista Época – 31/03/2003)
109. *Ataque terrestre*: “...resolveu antecipar o ataque terrestre...” - (Revista Época – 24/03/2003)
110. *Atentado bioterrorista*: “...preparados para atentados bioterroristas.” (Revista Isto É – 02/04/2003)
111. *Atentado suicida*: “No mesmo dia, um atentado suicida contra um posto de controle matou vários marines.” (Revista Isto É – 16/04/2003) / “... cortejo aterrador de atentados suicidas.” (Revista Veja – 16/04/2003)
112. *Atentado terrorista*: “... auxiliar um atentado terrorista conta os Estados Unidos...” (Revista Veja – 26/02/2003)
113. *Ato beligerante*: “...qualquer ato beligerante de Saddam...” - (Revista Época – 10/02/2003)
114. *Atrocidade*: “... execução e outras atrocidades do regime...” (Revista Veja – 05/02/2003) / “...se tornou símbolo das atrocidades que vêm sendo cometidas contra a população iraquiana nesta guerra.” (Revista Isto É – 16/04/2003) / “... desmentindo todas as atrocidades atribuídas a ele, ou, simplesmente, não havia nenhuma arma de destruição em massa.” (Folha de S. Paulo – 10/04/2003) / “Qualquer revés militar ou atrocidade cometida contra civis iraquianos poderá reabilitar a oposição.” (Folha de S. Paulo – 03/03/2003)
115. *Audaz*: “Audaz, ele [Saddam] conseguiu fugir para a Síria...” - (Revista Isto É – 16/04/2003)
116. *Autocrata*: “...que governou entre 1970 e 2000, quando morreu de ataque cardíaco, foi um autocrata ao estilo de Saddam, de quem era inimigo mortal.” (Revista Veja – 23/04/2003)
117. *Autodefesa*: “...nosso direito de autodefesa com intervenções...” (Revista Isto É – 26/03/2003)
118. *Auto-excluído*: “... auto-excluída havia 25 anos do comando...” (Folha de S. Paulo – 12/03/2003)
119. *Autoflagelação*: “... marcada por cenas de autoflagelação dos fiéis...” (Revista Veja – 30/04/2003)
120. *Autoproclamado*: “... autoproclamado chefe do comitê militar da Al-Qaeda...” (Revista Isto É – 12/03/2003) / “...e não permitir a ascensão de líderes não-alinhados, como Mohammed Mohsen Zubaidi, que no início de abril se autoproclamou prefeito de Bagdá...” (Folha de S. Paulo - 28/04/2003)
121. *Autor intelectual*: “... suspeita de ter sido autor intelectual dos ataques...” (Revista Isto É – 12/03/2003)
122. *Autoridade no assunto*: “O genro era uma autoridade no assunto, pois tinha dirigido o programa...” - (Revista Veja – 05/03/2003)
123. *Avassalador*: “... prometeu um ataque avassalador contra o Iraque, algo nunca antes visto e que criaria "choque e pavor"” (FSP – 21/03/2003) / “...jogando uma quantidade avassaladora de bombas que inevitavelmente atingirão a população civil, matando inocentes, ajudará a fundar um Iraque democrático.” (FSP – 21/03/2003) / “A doutrina atual -e tradicional- das Forças Armadas é a da "força decisiva", cuja base é um poder avassalador ao qual o inimigo não teria como resistir.” (FSP – 23/03/2003) / “...os EUA deveriam enviar uma força avassaladora para vencer rapidamente...” (FSP – 31/03/2003) / “...com base na avassaladora desproporção de recursos, sobretudo tecnológicos, em favor das forças americanas e seus aliados...” (Revista Época – 10/02/2003) / “. Por mais

- avassaladora que seja a supremacia bélica dos Estados Unidos, advertiu Nye, o país não garantirá sua segurança apenas com o uso da força.” (Revista Época – 10/03/2003)
124. *Avião-espião*: “...definido por satélites e aviões-espiões.” (Revista Isto É – 19/03/2003)
125. *Azeitado*: “Para manter essa máquina de horror azeitada, o regime conta com o aparato repressivo mais sofisticado do planeta.” (Revista Veja – 05/02/2003)

B

126. *Bacteriológico*: “A suspeita é de que alguns possam esconder parte do arsenal de armas químicas e bacteriológicas do ditador” (Revista Veja – 05/02/2003)
127. *Badalado*: “Contaminou até a mais badalada das festas americanas...” (Revista Isto É – 26/03/2003) / “... no mais badalado programa de entrevistas da tevê americana...” (Revista Isto É – 26/03/2003)
128. *Bandeira pacifista*: “A bandeira pacifista levantada pelo Brasil tem duas faces distintas...” (Revista Isto É – 12/03/2003)
129. *Barbaridade*: “Sua última barbaridade, no ano passado, revela o grau de violência...” (Revista Veja – 05/02/2003)
130. *Barganha*: “... assim, ter poder de barganha na cotação mundial do preço do óleo.” (Revista Veja – 05/02/2003)
131. *Bélico*: “Tecnologia bélica faz dos EUA um gigante invencível” - (Revista Isto É – 16/04/2003) / “...em que a verbosidade valentona de Bush quase levou o incidente a níveis de enfrentamento bélico.” (Revista Isto É – 26/03/2003) / “Se Saddam Hussein estivesse na África, longe do petróleo do Oriente Médio, e tivesse o mesmo potencial bélico de que dispõe atualmente...” (Folha de S. Paulo – 09/03/2003) / “...Espanha, Itália e Reino Unido, países cujo governo apóia os objetivos bélicos dos EUA.” (Revista Época – 24/02/2003) / “Ao despachar mais de 250.000 soldados e cinco porta-aviões do poderio bélico mais moderno do planeta para a região do Golfo Pérsico...” (Revista Veja – 12/03/2003)
132. *Belicista*: “...Tony Blair atua na campanha belicista como fiel escudeiro...” - (Revista Época – 10/02/2003) / “... às ações belicistas da coalizão anglo-americana no Iraque parece estar com os dias contados.” (Folha de S. Paulo – 10/04/2003)
133. *Belicoso*: “Mas a obsessão belicosa e o erro de cálculo do ditador...” - (Revista Isto É – 16/04/2003) / “..., para não constranger o discurso belicoso do secretário de Estado americano...” (Revista Isto É – 12/02/2003) / “... criaram a moderna democracia ocidental foram capazes de alegar razões morais para propósitos belicosos ilegais...” (Folha de S. Paulo – 01/04/2003) / “... acontecimento para demonstrar que o comportamento que hoje mais se aproxima do velho nacionalismo belicoso dos europeus é justamente o dos Estados Unidos.” (Folha de S. Paulo – 17/04/2003)
134. *Beneplácito*: “Saddam ainda contou com o beneplácito americano para reprimir...” - (Revista Isto É – 16/04/2003)
135. *Bin Ladens*: “‘A guerra vai produzir uma centena de Bin Ladens’, disse o mandatário do Egito...” (Revista Veja – 05/02/2003)
136. *Bioarma*: “... usar o vírus da varíola como bioarma...” (Revista Época – 31/03/2003)
137. *Bioterrorismo*: “bioterrorismo” (título - Revista Isto É – 02/04/2003) / “Falta coordenação contra o bioterrorismo” - (Folha de S. Paulo - 18/03/2003)
138. *Bioterrorista*: “...preparados para atentados bioterroristas.” (Revista Isto É – 02/04/2003)

139. *Bizarro*: "... também a bizarra influência da direita cristã fundamentalista." (Revista Veja – 26/02/2003)
140. *Blindado Americano*: "...foi derrubada (...) com a ajuda de um blindado americano." – (Revista Isto É – 16/04/2003)
141. *Blindado*: "Dentre elas há blindados mais potentes, bombas que corrigem suas rotas..." – (Revista Isto É – 16/04/2003)
142. *Boa definição*: "... nem 50% da boa definição das imagens trazidas..." (Revista Isto É – 12/02/2003)
143. *Boa nova*: "... espalhar a boa nova democrática e pró-americana entre os nativos..." (Revista Veja – 16/04/2003)
144. *Bola da vez*: "... para que o mundo pense que a bola da vez é a Síria." (Revista Veja – 23/04/2003)
145. *Bom tom*: "... quando o 'bom tom` dos diplomatas da casa fez com que fosse encoberta..." (Revista Isto É – 12/02/2003)
146. *Bomba de fragmentação*: "Os aviões despejaram bombas de fragmentação, uma das armas mais letais do arsenal moderno." (Revista Época - 05/04/2003)
147. *Bomba de microondas*: "Bomba de microondas poderá ser usada pela primeira vez." (Revista Isto É – 12/03/2003)
148. *Bomba incendiária*: "... queimada por bombas incendiárias, simbolizou os horrores..." (Revista Veja – 16/04/2003) / "... atacaram os árabes do pântano com bombas incendiárias." (Revista Veja – 16/04/2003)
149. *Bombardeio-monstro*: "... ao anunciar o bombardeio-monstro da sexta-feira." - (Revista Época – 24/03/2003)
150. *Bombardeio Aéreo*: "... que demandou 39 dias de bombardeios aéreos..." - (Revista Época – 24/03/2003)
151. *Brado*: "... o preparo do pós-guerra já era anunciado com o brado de quem toma posse de um latifúndio." (Revista Isto É – 16/04/2003)
152. *Brecha*: "A brecha no processo diplomático foi facilitada pela apresentação..." (Revista Veja – 05/02/2003)
153. *Brevidade*: "... e à própria brevidade do conflito, o número de baixas civis..." (Revista Veja – 16/04/2003)
154. *Briefings*: "... e nos briefings de comandantes..." (Revista Isto É – 02/04/2003)
155. *Brio*: "... são os beneficiários de uma opulência que agride os brios dos países retardatários." (Revista Veja – 26/02/2003)
156. *Brutal*: "No Iraque de Saddam, mesmo com a brutal repressão aos dissidentes, as mulheres freqüentavam universidades" - (Revista Isto É – 16/04/2003) / "...invasão anglo-americana do Iraque como parte de um assalto brutal de uma potência imperialista contra árabes..." (Revista Veja – 09/04/2003) / "...ver com os próprios olhos as marcas da brutalidade do regime de Saddam." (Revista Veja – 30/04/2003) / "'Estamos comprometidos em garantir que os iraquianos, que sofreram sob um tirano brutal, recebam a comida e os remédios que necessitam o mais breve possível", disse Bush." (Folha de S. Paulo – 26/03/2003) / "Isto significa que a brutalidade de Bush e de Blair não deixará de ter conseqüências políticas..." (Folha de S. Paulo – 30/03/2003)
157. *Bunker*: "... Adolf Hitler, que cometeu suicídio em seu bunker de Berlim..." – (Revista Época – 24/03/2003) / "...estavam às portas de seu bunker, depois de ter destruído Berlim..." (Revista Veja – 16/04/2003) / "...escondidos em bunkers no deserto..." (Revista Veja – 30/04/2003) / "... conhecido como 'aniquiladores de bunkers`." (Revista Isto É – 26/03/2003)
158. *Buraco Negro*: "...jogando, desse modo, num buraco negro eleitoral seus aliados europeus..." (Revista Isto É – 05/03/2003)

159. *Busheano*: “...juram que são busheanos desde criancinhas.” (Revista Isto É – 05/03/2003)
160. *Bushies*: “Os bushies (gente do governo Bush) sabem muito bem que a popularidade...” (Revista Isto É – 05/03/2003)

C

161. *Cabal*: “...Mas faltavam aos Estados Unidos apoio interno e externo e motivos cabais que justificassem uma escalada militar...” (Revista Veja – 05/02/2003)
162. *Cabeça-de-ponte*: “A cabeça-de-ponte compensará um dos maiores problemas...” (Revista Época – 31/03/2003)
163. *Cabo eleitoral*: “...usar os resultados como cabo eleitoral em 2004.” (Revista Isto É – 12/03/2003)
164. *Caça*: “Caça F-18 decola do porta-aviões USS Abraham Lincoln...” (Revista Veja – 05/02/2003)
165. *Cacique*: “Ainda que os caciques mais próximos a Saddam resolvam acompanhar...” - (Revista Época – 24/03/2003) / “Já no Iraque não há nem sombra de autoridade em condições de substituir os caciques depostos.” (Revista Época – 21/04/2003) / “...as pressões políticas sejam suficientes para obrigar os caciques do Oriente Médio a pesar com cuidado cada um de seus passos.” (Revista Veja – 16/04/2003) / “...Aziz já ocupou vários cargos no governo. É o cacique iraquiano mais conhecido no exterior...” (Revista Veja – 02/04/2003)
166. *Cadáver*: “...a história está repleta de cadáveres políticos de presidentes que perderam as graças do povo americano...” (Revista Isto É – 05/03/2003)
167. *Café com Internet*: “... para ver quem possui os melhores serviços de estradas, telecomunicações, cafés com Internet.” (Folha de S. Paulo – 09/03/2003)
168. *Cair fora*: “... para empacotar malas e cuias e cair fora de Bagdá em ritmo de fuga desesperada.” (Revista Isto É – 12/03/2003)
169. *Caixão lacrado*: “O corpo é entregue ao chefe da família num caixão lacrado.” (Revista Veja – 05/02/2003)
170. *Calabouço*: “...também vão para o calabouço aprender os caminhos do martírio.” (Revista Veja – 26/02/2003)
171. *Caldo de cultura*: “... criação de um caldo de cultura para a multiplicação do radicalismo no Islã.” (Revista Veja – 26/02/2003)
172. *Calibrado*: “... deu declarações diplomaticamente calibradas...” (Folha de São Paulo – 28/02/2003)
173. *Califado*: “O califado do medo” (Revista Veja – 05/02/2003) / “...foi a capital de um califado que se estendia até a Espanha.” (Revista Veja – 23/04/2003) / “...O nacionalismo é essencialmente uma idéia britânica para minar a idéia pan-islâmica do califado.” (FSP – 15/04/2003)
174. *Caminho da força*: “... tentou abocanhar novos territórios pelo caminho da força.” (Revista Veja – 05/02/2003)
175. *Campanha bélica*: “...onde as passeatas pacifistas tornaram a campanha bélica politicamente insustentável na frente interna.” (Revista Veja – 26/02/2003)
176. *Campanha Iraquiana*: “... antes do pontapé inicial na campanha iraquiana...” (Revista Isto É – 16/04/2003)
177. *Campanha*: “... quando Bush apresentou a campanha contra Saddam Hussein...” – (Revista Veja – 05/03/2003).

178. *Campo Petrolífero*: “... para se apossar dos campos petrolíferos do Iraque...” (Revista Veja – 26/02/2003)
179. *Canal de frequência*: “um planador explosivo, que sai das pranchetas com GPS operando em sete canais de frequência...” (Revista Isto É – 19/03/2003)
180. *Canino*: “... Saddam contou com a canina fidelidade dos homens de sua terra natal...” (Revista Isto É – 16/04/2003) / “... tem revelado até agora canina lealdade política ao ditador” (Revista Isto É – 19/03/2003)
181. *Capitulação*: “... com o anúncio da capitulação do comandante da 51ª Divisão do Exército do Iraque...” - (Revista Época – 24/03/202003)
182. *Carrão esportivo*: “... ao estatelar seu carrão esportivo contra uma árvore.” (Revista Veja – 23/04/2003)
183. *Carro-bomba*: “...feito antes da guerra – e dos primeiros carros-bombas.” (Revista Veja – 16/04/2003)
184. *Carro-chefe*: “... uma campanha de vendas que abafou o carro-chefe Big Mac.” (Folha de S. Paulo – 23/03/2003)
185. *Carro-patrolha*: “Salvo alguns poucos soldados nas ruas e um carro-patrolha da polícia, seria possível pensar que é uma noite quase quente de feriado.” (Folha de S. Paulo – 05/04/2003)
186. *Cartada*: “A cartada falhou. Pouco depois dos bombardeios, Saddam apareceu na televisão iraquiana...” - (Revista Época – 24/03/2003) / “...é a última cartada do campo pró-guerra para tentar resolver a crise diplomática.” (FSP – 13/03/2003) / “É a pressão e o blefe vencendo cartadas mais elaboradas.” (Revista Isto É – 23/04/2003)
187. *Corta-margaridas*: “O dispositivo foi apelidado de ‘corta-margaridas’...” (Folha de S. Paulo – 12/03/2003)
188. *Casa Branca*: “...devem ser levados em conta pelos guerreiros da Casa Branca.” (Revista Veja – 05/02/2003) / “... a Casa Branca começou a despachar sua máquina de guerra para o Golfo.” (Revista Veja – 05/02/2003)
189. *Centro-direita*: “... o presidente, que é de centro-direita.” (Folha de S. Paulo – 12/03/2003)
190. *Centro de tortura*: “... os centros de tortura funcionam no subsolo de prédios públicos...” (Revista Veja – 05/02/2003) / “... vítimas da ditadura faziam uma peregrinação macabra pelos presídios e centros de tortura para mostrar a parentes e jornalistas as entranhas do regime...” (Revista Veja – 30/04/2003)
191. *Cerne*: “Mas o cerne da política externa de corte imperial vem sendo definido por um punhado de intelectuais sofisticados...” (Revista Veja – 26/02/2003)
192. *Chavão*: “... adaptaram o chavão preferido de Saddam às novas circunstâncias.” (Revista Veja – 16/04/2003)
193. *Chave*: “Os moderados são a chave da paz” (título - Revista Veja – 16/04/2003) / “A história deste vasto reino é a chave para entender os enigmas...” (Revista Veja – 16/04/2003)
194. *Chefão*: “... mais conhecido no exterior entre os chefões da ditadura de Saddam...” (Revista Veja – 30/04/2003)
195. *Chefe*: “Ele depende muito mais das milícias paramilitares do Partido Baath, dos fedains e dos exércitos privados dos chefes tribais. Nos últimos meses, todos foram mobilizados e armados para a guerra.” (Revista Veja – 02/04/2003) / “Ali mostrou sua fidelidade ao chefe em 1996, quando os dois genros de Saddam o traíram...” (Revista Isto É – 19/03/2003)
196. *Chefe Militar*: “...em torno dos familiares de Saddam e dos principais chefes militares...” - (Revista Época – 24/03/2003)

197. *Chefe tribal*: “O ditador governa o país como se fosse um chefe tribal.” (Revista Veja – 05/02/2003)
198. *Chifre satânico*: “...com dentes de vampiro ou chifres satânicos...” (Revista Veja – 26/02/2003)
199. *Chinelada*: “... e deu chineladas na cara de Saddam.” (Revista Veja – 16/04/2003)
200. *Choque de interesse*: “... esse choque de interesses poderia desembocar em confrontos...” (Revista Veja – 16/04/2003)
201. *Chumbo Grosso*: “... o ouro dos palácios (...) ficará mesmo com quem despejou chumbo grosso no local.” - (Revista Isto É – 16/04/2003)
202. *Chumbo*: “O chumbo caía com festividades na praça...” – (Revista Isto É – 16/04/2003) / “... general da reserva que levou chumbo no Vietnã...” (Revista Veja – 26/02/2003)
203. *Chute na canela*: “Esse chute na canela dos Estados Unidos dado pelo Itamaraty pode trazer...” (Revista Isto É – 12/03/2003)
204. *Chuva de fogo*: “uma chuva de fogo desabou sobre a cidade.” - (Revista Época – 24/03/2003)
205. *Cibercafé*: “...no primeiro cibercafé de Teerã.” (Revista Veja – 16/04/2003)
206. *Cirúrgico*: “... guerra pós-moderna, cirúrgica, altamente tecnológica e, por isso, precisa...” (Revista Veja – 26/03/2003)
207. *Clã*: “...Do clã Bejat, da tribo Albu Nassir, ele não conheceu...” (Revista Isto É – 16/04/2003)
208. *Clima*: “... num clima de otimismo e esperança hoje destruído...” – (Revista Veja – 05/03/2003) / “... no prejuízo que o clima de guerra acarreta.” (Revista Veja – 26/02/2003) / “... quando se retira a tampa da repressão, a sociedade muitas vezes é tomada pelo clima de bagunça...” (Revista Veja – 16/04/2003) / “... agindo num clima de tensão, entre bombas e beijos...” (Revista Veja – 16/04/2003) / “...porque o clima político do país mudara desde então.” (Revista Isto É – 12/03/2003)
209. *Coalizão*: “...deve ser feito por uma ampla coalizão.” (Folha de São Paulo – 28/02/2003) / “Os Estados Unidos e a nossa coalizão mostraram que...” – (Revista Isto É – 16/04/2003)
210. *Cogumelo de fumaça*: “...bolas de fogo, seguidas de cogumelos de fumaça...” - (Revista Época – 24/03/2003)
211. *Colapso*: “... colide com a idéia de que a máquina militar iraquiana entrará em colapso”. – (Revista Época – 24/03/2003) / “Colapso do regime de Saddam Hussein deixa rastro de caos...” – (Revista Isto É – 16/04/2003) / “... protagonizou um verdadeiro colapso diplomático.” (Revista Veja – 26/02/2003)
212. *Colcha de retalhos*: “... esta colcha de retalhos políticos...” (Revista Isto É – 12/03/2003)
213. *Colega*: “O presidente dos EUA e seu colega russo, Vladimir Putin...” - (Folha de São Paulo – 28/02/2003)
214. *Colete à prova de bala*: “... anda sempre com um colete à prova de balas e um revólver...” (Revista Veja – 05/02/2003)
215. *Colossal*: : “Além de ser uma permanente ameaça às liberdades civis, o jingoísmo, às vezes, revela também uma colossal estreiteza mercadológica.” (Revista Isto É – 12/03/2003) / “O poder norte-americano é inegavelmente colossal.” (Folha de S. Paulo – 20/03/2003)
216. *Coluna*: “As primeiras colunas de soldados iraquianos de braços para cima...” - (Revista Época – 24/03/2003)
217. *Com os dentes à mostra*: “... os EUA de agora, com os dentes à mostra...” (Revista Veja – 26/02/2003)

218. *Com todas as letras*: “... Bush não disse isso com todas as letras.” (Revista Veja 05/02/2003)
219. *Combate ao terror*: “A prioridade do combate ao terror ficou atenuada...”- (Revista Época – 10/02/2003)
220. *Combate Urbano*: “A natureza do combate urbano, em que um pequeno número de combatentes...” – (Revista Época – 24/03/2003)
221. *Compassivo*: “... pela fina flor das consciências compassivas...” (Revista Veja – 26/02/2003)
222. *Compatriota*: “... seus próprios compatriotas...” (Revista Veja – 26/02/2003)
223. *Complexo industrial-militar*: “... e um complexo industrial-militar funcionando a todo vapor.” (Revista Veja – 05/02/2003)
224. *Complô*: “...convocou uma reunião do governo e denunciou um complô.” (Revista Veja – 05/02/2003)
225. *Comportamento-padrão*: “... mostram a existência de um comportamento-padrão...” (Revista Veja – 05/02/2003)
226. *Computador de bordo*: “...têm antena para receber sinais do GPS, computador de bordo...” (Revista Isto É – 19/03/2003)
227. *Comunidade Internacional*: “... com o endosso da comunidade internacional.” - (Revista Veja – 05/03/2003)
228. *Concertação*: “... do sistema de concertação política internacional que as Nações unidas representam.” (Revista Isto É – 26/03/2003)
229. *Concidadão*: “...causaram a morte de meio milhão de concidadãos...” (Revista Veja – 05/02/2003)
230. *Conferência de cúpula*: “...para uma conferência de cúpula.” (Revista Isto É – 26/03/2003)
231. *Conflito Interno*: “... um dos mais horrendos conflitos internos dos últimos tempos.” – (Revista Veja – 05/03/2003)
232. *Conflito*: “... futuros administradores do Iraque depois do conflito...” – (Revista Isto É – 16/04/2003)
233. *Confuso*: “A situação (...) é mais confusa.” (Revista Veja – 26/02/2003)
234. *Conselho Consultivo*: “...preside um conselho consultivo do Pentágono...” (Revista Veja – 26/02/2003)
235. *Contagem regressiva*: “...a contagem regressiva para a queda de Saddam...” (Revista Veja – 05/02/2003)
236. *Contra-balançar*: “foi uma jogada destinada a criar um fato consumado e contra-balançar o campo dos moderados...” (Revista Veja – 16/04/2003)
237. *Contrachoque*: “Quanto mais longa for uma guerra no Oriente Médio _com seus possíveis contrachoches terroristas_, mais forte será o impacto na economia mundial (...)” (Folha de S. Paulo – 09/03/2003)
238. *Contra-gosto*: “... a contra-gosto do presidente americano...” (Revista Isto É – 05/03/2003) / “O livro acabou publicado, a contragosto da editora...” (Revista Isto É – 12/03/2003)
239. *Contra-vestida*: “... antes de a Guarda Republicana das o troco numa contra-vestida.” – (Revista Isto É – 16/04/2003)
240. *Contra-senso*: “... seria um contra-senso de Bush...” (Revista Veja – 26/02/2003)
241. *Conturbado*: “...uma guerra de conquista numa região conturbada e instável.” (Revista Veja – 26/02/2003)
242. *Copom*: “A ata da última reunião do Copom (Comitê de Política Monetária) será divulgada na sexta-feira.” (Folha de S. Paulo – 28/04/2003)

243. *Co-presidente*: “... na medida em que os dois países são os co-presidentes do processo negociador do bloco.” (Folha de S. Paulo – 14/04/2003) / “Para mim, co-presidente do grupo autor principal do livro que primeiro propôs a doutrina do ‘choque e pavor’, esta guerra possui significado especial.” (Folha de S. Paulo – 25/03/2003)
244. *Corpo consultivo*: “... têm o poder de veto no mesmo corpo consultivo...” (Revista Isto É – 12/02/2003)
245. *Correligionário*: “...cortar fitas em inaugurações e abraçar correligionários.” (Revista Veja – 05/02/2003)
246. *Corrupto*: “... espalhar o vírus da democracia numa região dominada por tiranias corruptas.” (Revista Veja – 05/02/2003) / “Segundo ela, o fato de a escolha de quem irá governar o Iraque estar entre um “general reformado americano”, Jay Garner, e um “iraquiano corrupto”, Ahmed Chalabi _ “nenhum dos dois bem-vindo pelos iraquianos”” (FSP – 11/04/2003) / “...Destacam-se aí o apoio a Israel e o suporte dado a alguns regimes corruptos.” (FSP – 30/03/2003) / “...a dura tarefa de reconstrução de um país dilacerado por um governo corrupto, sanguinário, megalomaniaco... “ (Revista Veja – 16/04/2003)
247. *Coup de maître*: “... as fotos de satélite apenas foram o coup de maître de uma tática.” (Revista Isto É – 12/02/2003)
248. *Cowboy*: “A visão de Bush como o cowboy simplório com uma abordagem maniqueísta de um mundo dividido...” (Revista Veja – 26/02/2003)
249. *Credencial*: “...foi um político com impecáveis credenciais de direita...” (Revista Veja – 26/02/2003)
250. *Crédito*: “... conquistando com os americanos um crédito que o filho Bashar jogou pela janela ao ficar desta vez com Saddam...” (Revista Veja – 23/04/2003)
251. *Crime ecológico*: “...um dos maiores crimes ecológicos do mundo em todos os tempos.” (Revista Veja – 16/04/2003)
252. *Cúmulo da Ironia*: “Seria o cúmulo da ironia se a guerra ao Iraque...” – (Revista Veja – 05/03/2003)
253. *CS*: “... já que os membros-chave do CS têm falado abertamente...” (Folha de S. Paulo – 09/03/2003)
254. *Curto e grosso*: “A idéia é que o governo provisório (...) no Iraque pós-Saddam, seja curto e grosso.” (Revista Veja – 16/04/2003)

D

255. *Dar a corda para X se enforcar* : “Ele deu a corda para que (...) se enforcasse.” (Revista Isto É – 12/02/2003)
256. *(se) Dar bem*: “Em termos de prostituição de convicções, a Bulgária se deu muito bem.” (Revista Isto É – 05/03/2003)
257. *Dar conta do recado*: “...quatro já dariam conta do recado.” (Revista Isto É – 19/03/2003)
258. *Dar um empurrãozinho*: “A guerra, neste caso, daria um empurrãozinho.” (Revista Isto É – 12/03/2003)
259. *Dar uma mão*: “... que abertamente dá uma mão a grupos terroristas do Líbano...” (Revista Veja – 23/04/2003)

260. *Data-limite*: “... estabeleça uma data-limite para que o regime...” (Folha de S.Paulo – 09/03/2003)
261. *De tirar o fôlego*: “... são de uma vastidão de tirar o fôlego.” (Revista Veja – 16/04/2003)
262. *Decapitado*: “O regime decapitado”(título – Revista Veja – 16/04/2003)
263. *Decapitar*: “...tentativa de decapitar o regime iraquiano...” - (Revista Época – 24/03/2003)
264. *Dedo-duro*: “... rendiam recompensas extras aos dedos-duros...” (Revista Veja – 30/04/2003)
265. *Deferência*: “...soou claramente como uma deferência ao anfitrião britânico, que vem insistindo nesta opção...” - (Revista Isto É – 16/04/2003)
266. *Déficit*: “...certeza de que o déficit resultante da política econômica do governo está prometendo se repetir, ou ultrapassar, o gigantismo brutal...” (Revista Isto É – 05/03/2003)
267. *Deflagração*: “...passagem de veículos militares em caso de deflagração da guerra.” (Folha de São Paulo – 08/03/2003)
268. *Degola*: “... os ministros que escaparam da degola...” (Revista Veja – 05/02/2003)
269. *Democracia-modelo*: “... transformando-o numa democracia-modelo...” (Revista Veja – 16/04/2003)
270. *Democratização*: “... o presidente americano diz que a democratização do Iraque...” (Revista Veja – 05/03/2003)
271. *Dente de vampiro*: “...com dentes de vampiro ou chifres satânicos...” (Revista Veja – 26/02/2003)
272. *Derrocada*: “... devem torcer para a derrocada do fanatismo...” (Revista Veja – 26/02/2003) / “... deu uma amostra do inferno que aguarda os iraquianos até a derrocada do agonizante regime de Saddam.” (Revista Época – 24/03/2003) / “A menos que alguma reviravolta dramática precipite a derrocada de Saddam, a guerra caminha para um impasse às portas de Bagdá.” (Revista Época – 31/03/2003) / “...a operação liderada pelos EUA tem como objetivo a derrocada de todo o regime.” (FSP – 23/03/2003) / “Há quem aposte num novo rumo da globalização a partir da derrocada da imagem dos EUA.” (Revista Isto É – 02/04/2003) / “O que se viu com a derrocada das divisões Medina e Bagdá ...” (Revista Isto É – 09/04/2003) / “Enquanto boa parte da população comemorava a derrocada do regime destruindo as estátuas do tirano e saqueando palácios ...” (revista Veja – 30/04/2003)
273. *Desafeto*: “... abuso de poder e perseguições a desafetos.” (Revista Veja – 05/02/2003)
274. *Desarmamento*: “...medidas capazes de ajudar em seu desarmamento...” (Folha de São Paulo – 28/02/2003)
275. *Desastrado*: “...para apupar chefes militares desastrados.” (Revista Veja – 26/02/2003)
276. *Desatino*: “... que incluíram entre seus desatinos duas tentativas de conquistas territórios vizinhos...” (Revista Veja – 16/04/2003)
277. *Descontaminação*: “...supostamente usado para descontaminação.”- (Revista Época – 10/02/2003)
278. *Desejável*: “... primeiro, se é factível; segundo, se é desejável.” – (Revista Veja – 05/03/2003)
279. *Deslocamento*: “Os deslocamentos exigem uma operação de guerra.” (Revista Veja – 05/02/2003)
280. *Desmanchado*: “...seu regime desmanchado e multidões de iraquianos saudando os libertadores.” (Revista Veja – 12/02/2003)
281. *Desmilitarizado*: “EUA violam zona desmilitarizada, suspeita ONU”. (Folha de São Paulo – 08/03/2003)

282. *Destacamento*: “...os dois destacamentos tidos como os mais leais ao ditador.” - (Revista Época – 24/03/2003)
283. *Destroçado*: “... num clima de otimismo e esperança hoje destroçado pelo estado de mútua e constante violência.” – (Revista Veja – 05/03/2003) / “Na cobertura da TV oriental independente Al Jazeera, aparece algum detalhe da violência da guerra, corpos destroçados.” (FSP – 31/03/2003) / “Há, por certo, muitos dramas semelhantes ao de Ali no Iraque destroçado.” (FSP – 15/04/2003) / “Agora, os EUA têm a tarefa de reconstruir um país destroçado” (Revista Isto É – 16/04/2003)
284. *Detergente*: “... a democracia é o único detergente eficaz contra os abusos...” (Revista Veja – 16/04/2003)
285. *Devastador*: “- ataques aéreos devastadores, de alta precisão, e a conquista fulminante do país por tropas terrestres, com a colaboração de aliados nativos.” (Revista Época – 31/03/2003) / “Foram ações rápidas e devastadoras, que impediram boa parte dos sobreviventes dos regimentos em debandada de juntar-se a seus companheiros.” (Revista Isto É – 09/04/2003) / “envolve tanto o confronto com forças clandestinas espalhadas pelo mundo quanto um esconde-esconde de armas devastadoras e, por outro, eleva, com a importância crescente de armas precisas...” (Folha de S. Paulo – 22/03/2003) / “O ataque aéreo americano “choque e pavor” sobre Bagdá não é o mais devastador da história em termos de tonelagem de explosivos, mas certamente é um dos mais eficazes” (Folha de S. Paulo – 22/03/2003) / “O ato não tem precedente histórico. Jamais uma agressão tão devastadora ficou anônima por tanto tempo.” (Folha de S. Paulo – 23/03/2003) / “Bagdá começou a sofrer novo ataque no início da noite de ontem, enquanto ainda tentava contabilizar os efeitos devastadores do ataque da véspera.” (Folha de S. Paulo – 23/03/2003) / “Após a devastadora ofensiva aérea contra Bagdá, forças americanas e britânicas tomaram os acessos à cidade de Basra...” (Folha de S. Paulo – 23/03/2003) / “...sofria seu terceiro - e, até então, o mais devastador - bombardeio desde o início da ofensiva lançada pelo presidente dos Estados Unidos...” (Revista Época – 24/03/2003) / “Após uma arrancada devastadora rumo à capital do Iraque, os americanos encaram a etapa decisiva da guerra” (Revista Época – 05/04/2003)
286. *Difícil de engolir*: “... um dos aspectos mais difíceis de engolir da atual doutrina Bush.” (Revista Veja – 26/02/2003)
287. *Diplomático-militar*: “... o apoio diplomático-militar do governo inglês...” (Revista Veja – 19/03/2003)
288. *Diretor-artístico*: “O diretor-artístico do festival...” (Folha de S. Paulo – 12/03/2003)
289. *Diretor-gerente*: “... disse o diretor-gerente do Fundo...” (Folha de S. Paulo – 12/03/2003)
290. *Diretor-interino*: “... diretor-interino de Assuntos Políticos...” (Folha de S. Paulo – 02/03/2003)
291. *Discutível*: “... o que é discutível...” (Revista Veja – 26/02/2003)
292. *Dissidente*: “... os dissidentes são alojados num canil.” (Revista Veja – 05/02/2003)
293. *Distorção*: “Esse antiamericanismo é uma distorção...” (Revista Veja – 26/02/2003)
294. *Ditador*: “... derrubada de uma gigantesca estátua do ditador na praça...” – (Revista Isto É – 16/04/2003) / “Os suntuosos palácios, construídos pelo ditador durante seus 23 anos de poder...” (Revista Isto É – 16/04/2003) / “O ditador já pode se candidatar ao livro dos recordes...” (Revista Isto É – 16/04/2003) / “O ditador iraquiano diz que sim.” – (Revista Veja – 05/03/2003)
295. *Ditador-rico-de-país-miserável*: “No melhor estilo ‘ditador-rico-de-país-miserável’, os donos da casa deixaram as etiquetas...” (Revista Veja – 16/04/2003)
296. *Ditadura*: “À euforia popular com a queda da ditadura seguiram-se o caos e a desordem...” – (Revista Isto É – 16/04/2003)

297. *DNA*: “...exemplares de DNA do líder iraquiano...” (Revista Isto É – 16/04/2003)
298. *Doloroso*: “... a dolorosa foto do menino mutilado numa cama...” (Revista Veja – 16/04/2003)
299. *Doméstico*: “... engolido por seus inimigos domésticos.” (Revista Veja – 05/02/2003) / “...pretexto para adiar o processo democrático doméstico.” (Revista Veja – 16/04/2003) / “... começa a ver se esvaziar o apoio doméstico a seus desejos guerreiros.” (Revista Isto É – 05/03/2003)
300. *Dor de cabeça*: “... outra fonte potencial de dor de cabeça para o governo Bush.” (Revista Veja – 30/04/2003)
301. *Dossiê americano*: “...pediu que o dossiê americano fosse entregue...” - (Revista Época – 10/02/2003) / “De acordo com um dossiê divulgado no ano passado...” (Revista Veja – 05/02/2003)
302. *Doutrina Bush*: “... um dos aspectos mais difíceis de engolir da atual doutrina Bush.” (Revista Veja – 26/02/2003)
303. *Doutrina Militar*: “...o sucesso de uma nova doutrina militar americana...” - (Revista Época – 24/03/2003)

E

304. *E-bomb*: “Tome-se o caso da e-bomb, que ao explodir destrói prédios.” (Revista Veja – 19/03/2003)
305. *Eclipsar*: “Isso tudo eclipsa mas não dilui o aspecto agressivo e arrogante com que americanos e ingleses resolveram invadir...” (Revista Veja – 16/04/2003)
306. *Economista-chefe*: “...economista-chefe da divisão de investimentos...” (Folha de S.Paulo – 04/03/2003)
307. *Editor-chefe*: “... Tariq Aziz foi editor-chefe do jornal do partido e em 1979, foi nomeado vice-primeiro-ministro.” (Revista Isto É – 19/03/2003)
308. *Efeito demonstração*: “... a Casa Branca conta com o chamado ‘efeito demonstração’ da vitória acachapante...” (Revista Veja – 16/04/2003) / “... é aproveitar ao máximo o ‘efeito demonstrativo’ da vitória...” (Revista Veja – 23/04/2003)
309. *Efeito especial*: “... e fruto de ‘efeitos especiais’.” (Revista Isto É – 12/02/2003)
310. *Égide*: “reunidos sob a égide de Rumsfeld, aqueles têm um aliado...” (Revista Veja – 16/04/2003)
311. *Eleição geral*: “...convocou eleições gerais em que, pela primeira vez, as mulheres também puderam votar...” (Revista Veja – 16/04/2003)
312. *Eleição livre*: “... promoveu as primeiras eleições livres de sua história.” (Revista Veja – 16/04/2003)
313. *Elite intelectual*: “... sedimentado em parcela da elite intelectual européia...” (Revista Veja – 26/02/2003) / “A elite intelectual nos países árabes não vê diferença entre os valores...” (Revista Veja – 16/04/2003)
314. *E-mail*: “...a ONG americana Ganhe sem Guerra comandou um protesto eletrônico em que solicitava que se bombardeasse de e-mails, faxes e telefonemas...” (Revista Isto É – 05/03/2003)
315. *Eminência*: “... de quem se tornou uma verdadeira eminência parda.” - (Revista Isto É – 16/04/2003)
316. *Empate técnico*: “... saiu no máximo com um empate técnico.” (Revista Isto É – 12/02/2003)

317. *Empresa de fachada*: “... de fábricas de armas e as empresas de fachada que importavam os agentes químicos e biológicos.” – (Revista Veja – 05/03/2003)
318. *Empuxo*: “... pesa também o manto do empuxo histórico negativo.” (Revista Veja – 16/04/2003)
319. *Encarniçado*: “...pedindo luta encarniçada na frente de um cenário de mães chorosas...” (Revista Isto É – 12/02/2003)
320. *Enclave*: “Os curdos estão hoje protegidos num enclave autônomo no norte do Iraque...” (Revista Veja – 05/02/2003)
321. *Energúmeno*: “...não é maluco, nem energúmeno...” (Revista Veja – 26/02/2003)
322. *Enfurecido*: “... opinião pública mundial, poderosa e enfurecida, contra a guerra...” (Revista Veja – 26/02/2003)
323. *Engessado*: “O Iraque era um país engessado por uma das ditaduras mais perversas...” (Revista Veja – 16/04/2003)
324. *Engolfado*: “... Forças Armadas americanas engolfadas numa ocupação sem fim à vista...” (Revista Veja – 16/04/2003)
325. *Ensaísta*: “...escreveu o ensaísta alemão...” (Revista Veja – 26/02/2003)
326. *Entidade do mal*: “Sendo Saddam uma entidade do mal, o mundo deveria estar nos apoiando...” (Revista Veja – 26/02/2003)
327. *Entranha do Regime*: “...o que realmente acontecia nas entranhas do regime – (Revista Época – 24/03/2003) / “... vítimas da ditadura faziam uma peregrinação macabra pelos presídios e centros de tortura para mostrar a parentes e jornalistas as entranhas do regime...” (Revista Veja – 30/04/2003)
328. *Entrar em parafuso*: “...o mundo entrará em parafuso se o barril passar do US\$ 50.” (Revista Isto É – 12/03/2003)
329. *Entrincheirado*: “Lá estão entrincheirados, num raio de 100 quilômetros...” - (Revista Época – 24/03/2003)
330. *Entroncamento-chave*: “... um entroncamento-chave às margens do rio Eufrates...” - (Revista Época – 24/03/2003)
331. *Envenenamento*: “O envenenamento com tálio ou chumbo foi comprovado...” (Revista Veja – 05/02/2003)
332. *Equipamento de visão noturna*: “não têm sistema de mira à laser nem equipamentos de visão noturna.” - (Revista Época – 24/03/2003)
333. *Errante*: “...talvez tenham moldado a errante personalidade do futuro ditador.” (Revista Isto É – 16/04/2003) / “E tinham medo de que um míssil errante derrubasse a casa.” (FSP – 21/03/2003)
334. *Errático*: “... por causa de seu comportamento errático.” (Revista Veja – 05/02/2003)
335. *Erro de Cálculo*: “Mas a obsessão belicosa e o erro de cálculo do ditador...” - (Revista Isto É – 16/04/2003)
336. *Escalada militar*: “...Mas faltavam aos Estados Unidos apoio interno e externo e motivos cabais que justificassem uma escalada militar...” (Revista Veja – 05/02/2003)
337. *Escamoteamento*: “...combinam estratégias de escamoteamento de material comprometedor...” (Revista Isto É – 12/02/2003)
338. *Esclarecido*: “Só uma classe média esclarecida pode tirar os ditadores do poder.” (Revista Veja – 16/04/2003)
339. *Escolha de Ungidos*: “... o que vemos no Iraque é uma escolha de ungidos que vão ser impostos como mandantes iraquianos...” - (Revista Isto É – 16/04/2003)
340. *Esfera do poder*: “...diferentes dos que circulam nas esferas do poder por todo mundo.” (Revista Veja – 26/02/2003)
341. *Esfinge*: “... uma guerra que não termina apenas com deposições de esfinges.” – (Revista Isto É – 16/04/2003)

342. *Esforço Político*: “...o esforço político de convencimento dos relutantes ganhou novo impulso...” - (Revista Veja – 05/03/2003)
343. *Esgrima diplomático*: “... participou de um esgrima diplomático inteligente e altamente elaborado.” (Revista Isto É – 12/02/2003)
344. *Esmagadoramente*: “... são esmagadoramente contra o conflito...” (Folha de S.Paulo – 03/03/2003)
345. *Espetáculo de multimídia*: “Numa mescla de discurso e espetáculo de multimídia...” - (Revista Época – 10/02/2003)
346. *Espinha dorsal*: “... fez uma reforma agrária e quebrou a espinha dorsal da autocracia que era dona do país.” - (Revista Isto É – 16/04/2003)
347. *Espinhoso*: “Mais espinhoso ainda do que imaginar como esses países poderiam se transformar em paraísos democráticos...” – (Revista Veja – 05/03/2003)
348. *Espionagem*: “... dos serviços de espionagem é com a possibilidade de hackers promoverem ações terroristas...” (Revista Isto É – 05/03/2003)
349. *Esquisitice*: “Apesar das esquisitices, o ditador sabe muito bem o que quer e é obstinado em perseguir seus objetivos.” (Revista Veja – 05/02/2003)
350. *Estabanado*: “... dos perigos de uma transição estabanada...” (Revista Veja – 16/04/2003)
351. *Establishment*: “...impiedosas sátiras ao establishment da direita cristã...” (Revista Isto É – 12/03/2003)
352. *Estado de alerta*: “...uma clara resposta ao estado de alerta dos bombardeiros americanos...” (Revista Isto É – 12/02/2003)
353. *Estado de direito*: “...se torne um país responsável, respeitoso do estado de direito...” (Revista Veja – 16/04/2003)
354. *Estado fora-da-lei*: “Terroristas gostam de se esconder por trás de Estados fora-da-lei...” – (Revista Isto É – 16/04/2003)
355. *Estado policial*: “O Estado policial criado por Saddam Hussein...” (Revista Veja – 05/02/2003) / “... ainda não se transformou num estado policial empresarial, como temia Moore.” (Revista Isto É – 12/03/2003)
356. *Estar fora de sintonia*: “...estava ´fora de sintonia com o povo americano`.” (Revista Isto É – 12/03/2003)
357. *Estiloso*: “...capacetes estilosos e óculos escuros...” (Revista Isto É – 02/04/2003)
358. *Estocada Final*: “... mesmo depois de caído, até receber a estocada final.” – (Revista Época – 24/03/2003)
359. *Estratosférico*: “... o custo da guerra chegaria a estratosférico 1,6 trilhão de dólares em uma década.” (Revista Veja – 05/02/2003)
360. *Estrutura Democrática*: “Ressalta que a criação de estruturas democráticas foi fundamental para o êxito.” - (Revista Isto É – 16/04/2003)
361. *Estuprador*: “... queimaduras e todo tipo de intimidação sexual – esta, conduzida por estupradores profissionais, cujo cargo oficial se chama ‘violador da honra’.” (Revista Veja – 05/02/2003)
362. *Euro*: “... abandone o padrão dólar e adote o euro em suas transações...” (Revista Isto É – 26/03/2003) / “...seria corroída pela desvalorização diante do euro.” (Revista Isto É – 26/03/2003)
363. *Eurolândia*: “... na construção da Eurolândia é, guardadas as proporções...” (Folha de S.Paulo – 09/03/2003)
364. *Ex-analista*: “Ex-analista dos EUA defende...” (Folha de S.Paulo – 09/03/2003)
365. *Ex-assessor*: “... diz o ex-assessor de comunicação do ex-presidente Bill Clinton...” (Revista Isto É – 12/03/2003)

366. *Ex-comunista*: “...ficar mais isolados que os ex-comunistas...” (Folha de S.Paulo – 02/03/2003)
367. *Ex-diretor*: “... ex-diretor para questões globais...” (Folha de S.Paulo – 06/03/2003)
368. *Ex-ditador*: “... detenção do ex-ditador chileno...” (Folha de S.Paulo – 12/03/2003)
369. *Ex-embaixador*: “O especialista em Oriente Médio e ex-embaixador dos EUA...” (Folha de S.Paulo – 11/03/2003)
370. *Ex-fuzileiro naval*: “Ex-fuzileiro naval, esse americano conheceu...” (Revista Época – 03/03/2003)
371. *Ex-Iogoslávia*: “... no Afeganistão e na ex-Iogoslávia.” (Revista Veja – 26/02/2003)
372. *Ex-James Bond*: “... afirmou o ex-James Bond em visita ao Panamá.” (Folha de S.Paulo – 12/03/2003)
373. *Ex-Pacto de Varsóvia*: “...o ex-Pacto de Varsóvia agora está na esfera de influência dos EUA...” (Revista Isto É – 05/03/2003)
374. *Expedição invasora*: “A expedição invasora equivale, em tamanho, à metade dos 300 mil combatentes...” - (Revista Época – 24/03/2003)
375. *Expert*: “... na opinião de experts da região...” (Revista Isto É – 12/03/2003)
376. *Explosivo nuclear*: “...em direção a um explosivo nuclear...” - (Revista Época – 10/02/2003)
377. *Exponencialmente*: “... a força dos EUA cresceu exponencialmente.” (Folha de S.Paulo – 01/03/2003)
378. *Ex-potência*: “O equilíbrio difícil da ex-potência”. (Revista Época – 03/03/2003)
379. *Ex-premiê*: “Até o ex-premiê Lionel Jospin...” (Folha de S.Paulo – 11/03/2003)
380. *Ex-presidente*: “... diz o ex-assessor de comunicação do ex-presidente Bill Clinton...” (Revista Isto É – 12/03/2003)
381. *Ex-assessor*: “... diz o ex-assessor de comunicação do ex-presidente Bill Clinton...” (Revista Isto É – 12/03/2003)
382. *Ex-primeira-dama*: “... e a ex-primeira-dama Ruth Cardoso...” (Folha de S.Paulo – 14/03/2003)
383. *Expurgo preventivo*: “... o ditador iraquiano costuma promover expurgos preventivos no governo...” (Revista Veja – 05/02/2003)
384. *Ex-rei*: “...o ex-rei Simeão II, foi recebido na Casa Branca com pompa...” (Revista Isto É – 05/03/2003)
385. *Ex-satélite*: “Os ex-satélites soviéticos, diga-se, aderiram com gosto ao american way of life.” (Revista Isto É – 05/03/2003) * (Países que formavam a União Soviética)
386. *Extermínio em massa*: “Já praticou extermínios em massa de grupos dentro do próprio Iraque...” (Revista Veja – 26/02/2003)

F

387. *Face*: “A Face do Terror” (Revista Isto É – 16/04/2003) / “... e deixou visível a face sanguinária do regime.” - (Revista Isto É – 16/04/2003)
388. *Fachada*: “...de fábricas de armas e as empresas de fachada que importavam os agentes químicos e biológicos.” – (Revista Veja – 05/03/2003)
389. *Factível*: “... primeiro, se é factível; segundo, se é desejável.” – (Revista Veja – 05/03/2003)
390. *Falange*: “... a falange de falcões de que se cercou...” (Revista Veja – 26/02/2003)
391. *Falcão*: “... o pai de todos os falcões da Casa Branca...” – (Revista Isto É – 16/04/2003) / “...muitos falcões e influência da direita cristã.” (Revista Veja – 26/02/2003) / “... a falange de falcões de que se cercou...” (Revista Veja – 26/02/2003) / “Num lance de

- ousadia típico dos falcões vitoriosos...” (Revista Veja – 16/04/2003) / “Para o cientista social americano, falcões de Bush acreditam que a guerra seja o meio de o país se fazer reconhecer” (FSP – 09/03/2003)
392. *Falconaria*: “... grupo que promove a falconaria de guerra do governo de Washington.” (Revista Isto É – 16/04/2003)
393. *Fanático*: “... e os fanáticos suicidas palestinos do Hamas...” (Revista Veja – 23/04/2003) / “...vitória dos fanáticos do turbante nas urnas.” – (Revista Veja – 05/03/2003) / “... a fraqueza americana no terreno pode encorajar os mais fanáticos partidários de Saddam a manter alguma resistência.” (FSP – 11/04/2003) / “... ou de atentados terroristas realizados por fanáticos islâmicos instrumentados por dinheiro e artefatos de destruição em massa fornecidos por ele.” (Revista Veja – 19/03/2003) “...ocorre aos neoconservadores dos EUA que os fanáticos islâmicos jogam bombas em recintos públicos...” (Revista Veja – 19/03/2003) / “Os argumentos sobre ligações entre Saddam e os fanáticos terroristas da Al Qaeda...” (Revista Veja – 12/02/2003)
394. *Fato consumado*: “foi uma jogada destinada a criar um fato consumado e contrabalançar o campo dos moderados...” (Revista Veja – 16/04/2003)
395. *Faxina*: “...ninguém sabe como vai terminar a faxina americana no Oriente Médio.” (Revista Veja – 05/02/2003)
396. *Fedayin*: “... favorece o trabalho dos fedayin, os paramilitares que ainda resistem no país.” – (Revista Isto É – 16/04/2003)
397. *Fenomenal*: “... ainda sob o impacto fenomenal da presença de quase 200 000 militares...” (Revista Veja – 16/04/2003) / “Clarke qualificou a atual campanha no Iraque como "fenomenal" para um prazo de seis dias.” (Folha de S. Paulo – 27/03/2003)
398. *Ferida aberta*: “Não será fácil apagar as feridas abertas pelo legado de perseguições e massacres ocorridos ao longo de 23 anos de ditadura.” (Revista Veja – 05/02/2003)
399. *Fiel escudeiro*: “...como fiel escudeiro de Bush...” - (Revista Época – 10/02/2003)
400. *Figurão*: “...Hussein Kamel Hassan, figurão de alto coturno do regime de Bagdá...” – (Revista Veja – 05/03/2003) / “... dando guarida a figurões do governo de Saddam.” (Revista Veja – 23/04/2003) / “... doze dos 55 figurões que os Estados Unidos querem levar a julgamento...” (Revista Veja – 30/04/2003)
401. *Fina flor*: “... pela fina flor das consciências compassivas...” (Revista Veja – 26/02/2003)
402. *Foco Armado*: “...a persistência de focos armados leais a Saddam e prontos para atacar...” (Revista Veja – 16/04/2003)
403. *Foco de Oposição*: “O poderio aéreo americano não terá condições de aniquilar esses focos de oposição sem causar devastação na população.” (Revista Isto É – 16/04/2003)
404. *Foco de Resistência*: “... rastro de caos, saques e focos de resistência.” – (Revista Isto É – 16/04/2003) / “... estavam às voltas com persistentes focos de resistência em Bagdá.” – (Revista Isto É – 16/04/2003) / “...procurou neutralizar dois focos de resistência à guerra.” – (Revista Veja – 05/03/2003)
405. *Fogo*: “...conhecem há milênios o fogo da opinião pública.” (Revista Veja – 26/02/2003)
406. *Fogueira de vaidade*: “... apagando fogos de poços de petróleo e fogueiras de vaidades.” (Revista Isto É – 12/03/2003)
407. *Fôlego de gato*: “O fôlego de gato do homem, porém, começava a enfraquecer.” (Revista Isto É – 26/03/2003)
408. *Fora-da-lei*: “Um país fora-da-lei, na definição do porta-voz...” (Revista Veja – 23/04/2003)
409. *Força política*: “... como uma força política global.” (Revista Veja – 26/02/2003)

410. *Força americana*: “... em favor das forças americanas e seus aliados.” (Revista Época – 10/02/2003)
411. *Força anglo-americana*: “As forças anglo-americanas correm para impedir...” – (Revista Época – 24/03/2003)
412. *Força da reação*: “...os EUA estão em guerra contra as forças da reação.” - (Revista Época – 10/02/2003)
413. *Força Especial*: “... Hoje um oficial das forças especiais equivale a 650 combatentes...” (Revista Isto É – 16/04/2003)
414. *Força*: “... continuarão a realizar operações bélicas contra as forças remanescentes do regime...” (Revista Veja – 16/04/2003)
415. *Formidável*: “...sua formidável máquina bélica...” (Revista Veja – 26/02/2003); “Durante os primeiros oito anos após a Guerra do Golfo, a equipe da ONU retirada de lá há quatro se mostrou muito eficaz em localizar e destruir o formidável arsenal iraquiano.” (Revista Época – 10/02/2003) / “Os EUA, na semana passada, utilizavam sobre esses países todo o seu formidável poder de pressão.” (Revista Época – 10/03/2003) / “... a Inglaterra gostaria que um formidável abalo sísmico deslocasse a ilha da incômoda vizinhança da Europa continental...” (Folha de S. Paulo – 16/03/2003) / “Nenhum Exército atualmente pode competir com a formidável máquina de guerra norte-americana...” (Folha de S. Paulo – 18/03/2003)
416. *Fornalha anglo-americana*: “Os moldes para o Iraque estão sendo forjados nas fornalhas anglo-americanas.” - (Revista Isto É – 16/04/2003)
417. *Franco-alemão*: “... a aliança franco-alemã...” (Revista Isto É – 26/03/2003)
418. *Franco-americano*: “As relações franco-americanas não estão em jogo.” (Folha de S. Paulo – 11/03/2003)
419. *Franco-atirador*: “... numa emboscada no lugar, sob fogo de franco-atirador.” (Revista Isto É – 16/04/2003)
420. *Franco-israelense-britânico*: “a coalizão franco-israelense-britânica a retirar-se do canal” (Revista Época – 31/03/2003)
421. *Franco-russo-germânico*: “... a importância do anúncio franco-russo-germânico.” (Folha de S. Paulo – 06/03/2003)
422. *Frangalho*: “... a credibilidade dos mecanismos de segurança da ONU está em frangalhos.” (Folha de S. Paulo – 12/03/2003) / “ONU EM FRANGALHOS” (FSP - 12/03/2003 – título do editorial do dia)
423. *Frenético esforço diplomático*: “Todas as atenções e os frenéticos esforços diplomáticos estão voltados...” - (Folha de São Paulo – 28/02/2003)
424. *Frente de negócios*: “... abertura de novas frentes de negócios na região conflituosa.” (Revista Isto É – 12/03/2003)
425. *Frente interna*: “...onde as passeatas pacifistas tornaram a campanha bélica politicamente insustentável na frente interna.” (Revista Veja – 26/02/2003)
426. *Frieza*: “... age com frieza burocrática ao executar um dissidente.” (Revista Veja – 05/02/2003) / “Muitos dos que pensam com frieza a respeito desse tema...” (Revista Veja – 26/02/2003)
427. *Front doméstico*: “... problemas no front doméstico explicam pressa de Bush...” (Revista Isto É – 05/03/2003)
428. *Fulminante*: “... perante os arrasadores bombardeios e a fulminante ocupação do país...” - (Revista Época – 24/03/2003) / “Como a Casa Branca previa, a vitória fulminante valeu mais que qualquer resolução das Nações Unidas para dar legitimidade à guerra.” (Revista Veja – 16/04/2003) / “... o governo dos Estados Unidos apostou na mesma fórmula utilizada, com sucesso, no confronto com os talebans, no Afeganistão - ataques aéreos devastadores, de alta precisão, e a conquista fulminante do país por tropas terrestres,

- com a colaboração de aliados nativos.” (Revista *Época* – 31/03/2003) / “No auge do prestígio pela vitória fulminante, o secretário da Defesa americano, Donald Rumsfeld, minimizou o problema com uma resposta infeliz.” (Revista *Época* – 21/04/2003) / “Com a vitória fulminante dos americanos e seus aliados, a temida crise não ocorreu - e sobrou petróleo nos estoques brasileiros.” (Revista *Época* – 10/02/2003)
429. *Fundamentalista*: “... o partido dos fundamentalistas muçulmanos ganhou.” – (Revista *Veja* – 05/03/2003) / “... feita em última instância para combater o terror fundamentalista...” – (Revista *Veja* – 05/03/2003) / “... também a bizarra influência da direita cristã fundamentalista.” (Revista *Veja* – 26/02/2003) / “O sinistro chefe do terrorismo fundamentalista...” (Revista *Veja* – 26/02/2003)
430. *Fuzilaria*: “...era a intensa fuzilaria verbal na direção de Damasco, capital da Síria.” (Revista *Veja* – 23/04/2003)

G

431. *Garra*: “... equipamentos que deixam as garras da águia americana mais afiadas.” – (Revista *Isto É* – 16/04/2003) / “Tudo indica que forças especiais estejam agora em Bagdá, sabotando, definindo alvos e negociando com oficiais militares iraquianos. Bombas, dinheiro e promessas. A garra do leão e a astúcia da raposa.” (FSP – 24/03/2003) / “muitos desses países não escondem o incômodo de ver os falcões colocarem suas garras no Oriente Médio.” (Revista *Isto É* – 23/04/2003)
432. *Gás mostarda*: “...responsável por jogar o gás mostarda contra os curdos...” (Revista *Isto É* – 19/03/2003)
433. *General de pijama*: “Generais de pijama, contratados como comentaristas de televisão...” (Revista *Veja* – 09/04/2003)
434. *Geocultura*: “... de geopolítica e geocultura.” (Folha de S.Paulo – 09/03/2003)
435. *Geopolítica*: “... não se enquadre na geopolítica neoconservadora do governo Bush.” (Revista *Isto É* – 16/04/2003)
436. *Gigante*: “Tecnologia bélica faz dos EUA um gigante invencível” - (Revista *Isto É* – 16/04/2003) / “... se George W. Bush vencer, o resto do mundo terá que se render ao unilateralismo do gigante.” (Revista *Isto É* – 26/03/2003)
437. *Gigantesco*: “Um gigantesco Saddam Hussein feito de bronze...” (Revista *Veja* – 16/04/2003) / “... têm como gigantesco desafio político impedir que a previsão...” (Revista *Veja* – 16/04/2003) / “... exigirá um esforço gigantesco...” (Revista *Veja* – 16/04/2003)
438. *Gigantismo*: “...certeza de que o déficit resultante da política econômica do governo está prometendo se repetir, ou ultrapassar, o gigantismo brutal...” (Revista *Isto É* – 05/03/2003)
439. *Globalizado*: “... para a reunião de líderes globalizados...” (Revista *Isto É* – 05/03/2003)
440. *Golpe preventivo*: “... os militares deram um golpe preventivo assim que as pesquisas...” (Revista *Veja* – 16/04/2003)
441. *Gota*: “...são gotas de esperança no deserto de insatisfação...” (Revista *Veja* – 16/04/2003)
442. *Governo*: “... campanha política e diplomática empreendida pelo governo do presidente George W. Bush...” (Revista *Época* – 10/02/2003) / “...produziu exatamente o efeito que o governo Bush desejava entre os americanos.” (Revista *Época* – 10/02/2003)
443. *Governo interino*: “...ordem de assumir o governo interino...” (Revista *Veja* – 16/04/2003)

444. *Governo provisório*: “A idéia é que o governo provisório (...) no Iraque pós-Saddam, seja curto e grosso.” (Revista Veja – 16/04/2003)
445. *Governo Laico*: “... governos laicos regidos por partido único ou ditaduras personalistas.” – (Revista Veja – 05/2003/202003)
446. *GPS*: “...toneladas de TNT equipado com um sistema de navegação por satélite (GPS) que permite corrigir a sua rota após o lançamento.” (Revista Isto É – 19/03/2003) / “...têm antena para receber sinais do GPS, computador de bordo...” (Revista Isto É – 19/03/2003) / “um planador explosivo, que sai das pranchetas com GPS operando em sete canais de frequência...” (Revista Isto É – 19/03/2003)
447. *Grand finale*: “...antes mesmo do grand finale em Bagdá.” (Revista Isto É – 02/04/2003)
448. *Grupelho*: “Outros grupelhos radicais, que odeiam com o mesmo furor Israel...” (Revista Veja – 23/04/2003)
449. *Grupo crítico de alvo*: “... a idéia de que se pode atingir objetivos militares escolhendo cuidadosamente grupos críticos de alvos...” - (Revista Época – 24/03/2003)
450. *Grupo terrorista*: “... que abertamente dá uma mão a grupos terroristas do Líbano...” (Revista Veja – 23/04/2003)
451. *Guarda-costa*: “...32 000 agentes, entre guarda-costas, milícias antimotim e soldados...” (Revista Veja – 05/02/2003)
452. *Guerra “por meio de efeitos”*: “É a teoria da ‘guerra por meio de efeitos`...” - (Revista Época – 24/03/2003)
453. *Guerra biológica*: “...como os estoques iraquianos de anthrax, elemento mais comum dos arsenais de guerra biológica...” (Revista Veja – 12/02/2003)
454. *Guerra civil*: “..uma outra guerra civil se desenrola ao Norte.” (Revista Isto É – 12/03/2003)
455. *Guerra contra o terror*: “... mostraram que temos a capacidade e a vontade de vencer a guerra contra o terror.” – (Revista Isto É – 16/04/2003)
456. *Guerra de conquista*: “...uma guerra de conquista numa região conturbada e instável.” (Revista Veja – 26/02/2003)
457. *Guerra eletrônica*: “A guerra eletrônica já começou, mas deve se intensificar...” (Revista Isto É – 05/03/2003) *sobre mídias eletrônicas (TV, internet)
458. *Guerra psicológica*: “Numa operação banal de guerra psicológica, a aviação aliada despejou...” - (Revista Época – 24/03/2003)
459. *Guerra total*: “...a Coréia do Norte ameaçava ‘guerra total` caso fosse atacada...” (Revista Isto É – 12/02/2003)
460. *Guerra Urbana*: “Na guerra urbana, a vantagem tecnológica dos ocidentais...” - (Revista Época – 24/03/2003)
461. *Guerreiro Virtual*: “... com ajuda de satélites e aeronaves não tripuladas que funcionarão como guerreiros virtuais.” – (Revista Isto É – 16/04/2003)
462. *Guerrilha Urbana*: “... atacar de surpresa no formato de guerrilha urbana.” (Revista Veja – 16/04/2003)
463. *Guiado por satélite*: “A Moab é guiada por satélite...” (Folha de S.Paulo – 12/03/2003)
464. *Guinada*: “A guinada foi acompanhada por muitos políticos...” - (Revista Época – 10/02/2003)
465. *Gulag*: “...os gulags, as residências forçadas, a Inquisição...” (Revista Veja – 16/04/2003)

H

466. *Hacker*: “... dos serviços de espionagem é com a possibilidade de hackers promoverem ações terroristas...” (Revista Isto É – 05/03/2003) / “...foi tirado do ar pela ação de ‘hackers’.” (Revista Isto É – 02/04/2003)
467. *Hamletiano*: “Eis a questão hamletiana de um possível novo dilema...” (Folha de S.Paulo – 11/03/2003)
468. *Hard Landing*: “... sobre um ‘hard’ ou um ‘soft’ landing (pouso suave).” (Folha de S.Paulo – 14/03/2003)
469. *Herança cultural*: “... acreditam que a herança cultural predominante...” (Revista Veja – 16/04/2003)
470. *Hiperpotência*: “... e a hiperpotência americana se sentirá com mais liberdade...” (Revista Veja – 12/02/2003)
471. *Hollywoodiano*: “Uma parada militar que teria em seu final uma difícil, mas gloriosa, batalha em frente aos palácios do ditador. Um roteiro hollywoodiano, filmado por centenas de câmeras de tevê.” (Revista Isto É – 26/03/2003) / “O estágio tecnológico dos Estados Unidos, acredito, tem condições de promover um show de destruição e de morte apocalíptico, no estilo hollywoodiano...” (Folha de S. Paulo – 23/03/2003) / “Basta lembrar essas palavras na atual conjuntura, entretanto, para que pareçam falsas, como um cenário hollywoodiano.” (Folha de S. Paulo – 26/03/2003) / “Essa não é, para início de conversa, uma narrativa que segue modelos hollywoodianos. A arquitetura é esfacelada, não há um herói a acompanhar, o desfecho trágico não é redentor.” (Folha de S. Paulo – 12/04/2003)
472. *Holocausto*: “... resolvam acompanhar o líder no holocausto, ...” (Revista Época – 24/03/2003)
473. *Homicida*: “... o teatro de operações de Osama bin Laden e sua trupe de fanáticos homicidas” (Revista Veja – 05/02/2003)
474. *Horrendo*: “... um número tão horrendo de vítimas civis...” - (Revista Época – 24/2003/202003) / “... um dos mais horrendos conflitos internos dos últimos tempos.” - (Revista Veja – 05/03/2003)
475. *Horror*: “O horror da guerra no Iraque...” - (Revista Época – 24/03/2003)
476. *Hospitality Centers*: “... pode instalar ‘hospitality centers’ e levar convidados...” (Folha de S.Paulo – 09/03/03)
477. *Hunos*: “... que Átila , com seus hunos, já experimentara há um tempão...” (Revista Isto É – 16/04/2003)

I

478. *Ianque*: “... quase como uma vítima do imperialismo ianque.” (Revista Veja – 26/02/2003)
479. *Igualitarismo*: “... primava pela democracia e pelo igualitarismo.” (Revista Veja – 16/04/2003)
480. *Imbróglio*: “...diga-se, mudou de mala e cuia e ficará morando na região do Golfo Pérsico até o imbróglio terminar.” (Revista Isto É – 05/03/2003) / “Entrevista com Saddam gera imbróglio nos EUA” (FSP - 27/02/2003) / “Dissolver o imbróglio pode ajudar ou prejudicar a política americana na região.” (Revista Isto É – 23/04/2003)
481. *Iminente*: “...preparar os americanos para o conflito iminente.” (Revista Veja – 05/02/2003)

482. *Impasse Militar*: “... a última coisa que o Pentágono deseja é um impasse militar às portas de Bagdá.” - (Revista Época – 24/03/2003)
483. *Impensável*: “A parafernália tecnológica permite aos recrutas realizar feitos impensáveis...” (Revista Isto É – 16/04/2003)
484. *Imperialismo*: “... quase como uma vítima do imperialismo ianque.” (Revista Veja – 26/02/2003)
485. *Império petrolífero*: “... sede de expandir seu império petrolífero.” (Revista Veja – 26/02/2003)
486. *Império*: “Armas do Império” - (Revista Isto É – 16/04/2003)
487. *Implacável Perseguidor*: “... e vive até agora escondido de seus implacáveis perseguidores.” - (Revista Época – 24/03/2003)
488. *Implacável*: “Saddam é implacável com os desafetos.” (Revista Veja – 05/02/2003) / “... e vive até agora escondido de seus implacáveis perseguidores.” - (Revista Época – 24/03/2003)
489. *Impopularidade*: “...não deixa dúvidas quanto à impopularidade do homem...” (Revista Veja – 16/04/2003)
490. *Inabalável*: “... continua com um poder inabalável em casa.” (Revista Veja – 05/02/2003) / “Apelidado de 'poodle de Bush' e ridicularizado por manifestantes, Blair se mantém, mesmo assim, inabalável.” (Revista Época – 24/02/2003)
491. *Inabilidade*: “... é fruto da inabilidade política e da radicalização...” (Revista Veja – 26/02/2003)
492. *Incoercivelmente*: “... de que parece incoercivelmente revestido.” (Folha de S.Paulo – 11/03/2003)
493. *Indevassável*: “Seus palácios são fortalezas indevassáveis, protegidas por muros, cães, dezenas de guardas e vigilância eletrônica.” (Revista Veja – 05/02/2003)
494. *Indústria Petrolífera*: “... nacionalizou a indústria petrolífera...” - (Revista Isto É – 16/04/2003)
495. *Infiltração*: “... que tem um viés antiisraelense, quando não infiltrações anti-semistas.” (Revista Veja – 26/02/2003)
496. *Informante*: “... atuando como informantes remunerados.” (Revista Veja – 05/02/2003)
497. *Iniquidade*: “...na longa história de iniquidades políticas de nosso tempo...” (Revista Veja – 16/04/2003)
498. *Inspetor da ONU*: “...vem escondendo dos inspetores da ONU...” - (Revista Época – 10/02/2003) / “... os inspetores da ONU não encontraram as armas...” - (Revista Veja – 05/03/2003)
499. *Inspetor de armas da ONU*: “...aos inspetores de armas da ONU, que na sexta-feira 7 voltaram a pedir mais tempo para concluir seu trabalho...” (Revista Isto É – 12/03/2003)
500. *Inspetor-chefe*: “...a comunicação de Hans Blix, o inspetor-chefe de armas no Iraque, ao Conselho de Segurança (CS).” (Folha de São Paulo – 08/03/2003) / “Amanhã, o sueco Hans Blix, inspetor-chefe de armas da ONU, apresentará ao CS...” (Folha de São Paulo – 17/03/2003)
501. *Instável*: “...uma guerra de conquista numa região conturbada e instável.” (Revista Veja – 26/02/2003)
502. *Instrumento de propaganda*: “... a internet virou um poderoso instrumento de propaganda de guerra e contra a guerra.” (Revista Isto É – 05/03/2003)
503. *Intangível*: “Foram esses fatores intangíveis que tornaram impossível...” (Revista Veja – 26/02/2003)
504. *Interesse-chave*: “...que o interesse-chave da política externa de seu país é manter boas relações com o vizinho.” - (Folha de São Paulo – 28/02/2003)

505. *Interlocutor*: “Para espanto de alguns de seus interlocutores, o brasileiro disse que seu colega...” (Revista Isto É – 05/03/2003)
506. *Internet*: “...navegam pela internet no primeiro cibercafé...” (Revista Veja – 16/04/2003) / “... a internet virou um poderoso instrumento de propaganda de guerra e contra a guerra.” (Revista Isto É – 05/03/2003)
507. *Intervenção Militar*: “...com a intervenção militar, os EUA deixaram claro...” (Revista Isto É – 16/04/2003) / “Houve intervenção militar, com discreto ou declarado apoio...” – (Revista Veja – 05/03/2003)
508. *Intervenção*: “... pode até piorar depois da intervenção.” – (Revista Veja – 05/03/2003)
509. *Intimidação sexual*: “... queimaduras e todo tipo de intimidação sexual – esta, conduzida por estupradores profissionais, cujo cargo oficial se chama ‘violador da honra.’” (Revista Veja – 05/02/2003)
510. *Intolerância*: “... algumas das mais pavorosas cenas de intolerância perpetradas pelo homem...” (Revista Veja – 16/04/2003) / “A praga da intolerância só atinge esse patamar de perversidade...” (Revista Veja – 16/04/2003)
511. *Invencível*: “Tecnologia bélica faz dos EUA um gigante invencível” - (Revista Isto É – 16/04/2003) / “Os Estados Unidos, a nação cujo poderio bélico é hoje em dia avassalador e invencível, pretendem-se igualitários e democráticos...” (Folha de S. Paulo – 18/04/2003) / “É uma boa coisa que essa grande superpotência mundial seja radicalmente questionada por algo que a atinja realmente, que a deslegitimize, que seja provado que ela não é invencível.” (Folha de S. Paulo – 28/04/2003)
512. *Irado*: “... cobrando em entrevista irada à rede CNN...” (Revista Veja – 16/04/2003)
513. *Irrefutável*: “...mostrou ‘provas irrefutáveis’ das principais acusações...” (Revista Veja – 12/02/2003)
514. *Ismo*: “Fascismo, comunismo, nazismo e todos os outros ismos totalitários produziram...” (Revista Veja – 16/04/2003)
515. *Israelo-palestino*: “... um plano que sirva de base para a retomada do processo de paz israelo-palestino.” (Folha de S. Paulo – 28/04/2003)

J

516. *Janela de oportunidade*: “...pode representar uma janela de oportunidades ao Brasil...” (Revista Isto É – 12/03/2003)
517. *Jeep*: “Centenas de militares americanos começaram ontem a descarregar caminhões e jeeps carregados com armamentos no sudeste turco” (Folha de S. Paulo – 10/03/2003)
518. *Jingoísmo*: “Além de ser uma permanente ameaça às liberdades civis, o jingoísmo, às vezes, revela também uma colossal estreiteza mercadológica.” (Revista Isto É – 12/03/2003)
519. *Jogada*: “foi uma jogada destinada a criar um fato consumado e contra-balançar o campo dos moderados...” (Revista Veja – 16/04/2003) / “Para eles, trata-se de mais uma jogada de Saddam para enganar os inspetores e ganhar tempo na crise.” (FSP – 01/03/2003)
520. *Jogar pela janela*: “... conquistando com os americanos um crédito que o filho Bashar jogou pela janela ao ficar desta vez com Saddam...” (Revista Veja – 23/04/2003)
521. *Jogo de gato e rato*: “... mais uma vez ganhando no jogo de gato e rato, com o qual esconde seu arsenal de armas de destruição em massa.” (Revista Isto É – 12/02/2003)
522. *Jogo Político*: “... não teve dificuldades para lidar com a parte suja do jogo político de um país instável...” - (Revista Isto É – 16/04/2003)

523. *Judaico-palestino*: “... questão do conflito judaico-palestino...” (Revista Isto É – 26/03/2003)
524. *Justeza*: “...discussões sobre a justeza ou a oportunidade da guerra...” (Revista Veja – 12/02/2003) / “... convencido (...) da justeza da causa.” (Revista Veja – 26/02/2003)

L

525. *Labirinto do Poder*: “...aqueles que ocupam os labirintos do poder no Pentágono...” - (Revista Isto É – 16/04/2003)
526. *Laço Diplomático*: “... a fim de tentar remendar os laços diplomáticos esfarrapados no pré-guerra.” - (Revista Isto É – 16/04/2003)
527. *Lança-foguete*: “... velhíssimos lança-foguetes portáteis soviéticos...” (Revista Veja – 02/04/2003) / “Saddam testa lança-foguetes nos anos 80: duas tentativas fracassadas de conquistar países vizinhos.” (Revista Veja – 05/02/2003)
528. *Lançar ofensiva*: “... uma justificativa para lançar ofensiva.” (Folha de São Paulo – 28/02/2003)
529. *Lance inicial*: “... a partir do lance inicial no Iraque.” (Revista Veja – 23/04/2003)
530. *Lance tragicômico*: “Num lance tragicômico, o ministro da informação...” - (Revista Época – 24/03/2003)
531. *Lance*: “Num lance de ousadia típico dos falcões vitoriosos...” (Revista Veja – 16/04/2003) / “...teve lances de filme de ação”. (Revista Isto É – 12/03/2003)
532. *Lei internacional*: “...Iraque está desafiando a lei internacional e desafiando a ONU...” - (Revista Época – 10/02/2003)
533. *Líder*: “... resolvam acompanhar o líder no holocausto, ...” - (Revista Época – 24/03/2003) / “...exemplares de DNA do líder iraquiano...” (Revista Isto É – 16/04/2003)
534. *Light*: “Este cenário é uma versão mais light do imaginado anteriormente.” (Revista Isto É – 12/03/2003)
535. *Limpeza étnica*: “Ele tentou mudar essa realidade com uma limpeza étnica na região curda...” (Revista Veja – 05/02/2003)
536. *Linha de frente*: “... não tinha estado na linha de frente.” (Revista Veja – 12/02/2003)
537. *Linha de Tiro*: “...entre os países na linha de tiro dos americanos...” (Revista Isto É – 16/04/2003)
538. *Linha dura*: “Outro revés sofrido pela linha dura (...) foi o pavoroso assassinato...” (Revista Veja – 16/04/2003) / “... a turma linha-dura do governo americano...” (Revista Veja – 23/04/2003)
539. *Logística*: “O problema é que a logística para se apagar incêndios em poços de petróleo...” (Revista Isto É – 12/03/2003)

M

540. *Macabro*: “... vítimas da ditadura faziam uma peregrinação macabra pelos presídios e centros de tortura para mostrar a parentes e jornalistas as entranhas do regime...” (Revista Veja – 30/04/2003)
541. *Mãe de todas as bombas*: “... testa a ‘mãe de todas as bombas’, arma guiada por satélite com alto poder destrutivo.” (Revista Isto É – 19/03/2003) / “Trata-se da Moab (Massive Ordnance Air Blast – Bomba de explosão massiva) ou ‘mãe de todas as bombas’

- (mother of all bombs, Moab, numa ironia à 'mãe de todas as batalhas' prometida por Saddam." (Revista Isto É – 19/03/2003)
542. *Má-fé*: "... traduz má-fé ou ignorância." (Revista Veja – 26/02/2003)
543. *Mais Cedo ou mais tarde*: "... viria a patrocinar mais cedo ou mais tarde..." (Revista Veja – 16/04/2003)
544. *Mala e cuia*: "... para empacotar malas e cuias e cair fora de Bagdá em ritmo de fuga desesperada." (Revista Isto É – 12/03/2003)
545. *Mal-entendido*: "Que não haja mal-entendido: se Saddam Hussein não se desarmar..." (Revista Veja – 05/02/2003)
546. *Malsucedido*: "... que voltava humilhado de uma campanha malsucedida." (Revista Veja – 26/02/2003) / "...em guerras malsucedidas." (Revista Veja – 16/04/2003)
547. *Maluco*: "Não só a violência, mas a idéia de que há sempre "malucos soltos lá fora" _seja um "serial killer" que ataca nos subúrbios de Seattle, seja um ditador sanguinário do naipe de Saddam Hussein". (Folha de S. Paulo – 24/03/2003) / : "...não é maluco, nem energúmeno..." (Revista Veja – 26/02/2003)
548. *Manda-chuva*: "... residências abandonadas pelos manda-chuvas em fuga..." (Revista Veja – 16/04/2003)
549. *Mandante*: "... o que vemos no Iraque é uma escolha de ungidos que vão ser impostos como mandantes iraquianos..." - (Revista Isto É – 16/04/2003)
550. *Mandar às favas*: "...este governo mandou às favas quatro tratados.." (Revista Isto É – 26/03/2003)
551. *Manilha*: "... aos vencedores, as manilhas de ouro pertencem." – (Revista Isto É – 16/04/2003)
552. *Maniqueísta*: "A visão de Bush como o cowboy simplório com uma abordagem maniqueísta de um mundo dividido..." (Revista Veja – 26/02/2003)
553. *Manto*: "... pesa também o manto do empuxo histórico negativo." (Revista Veja – 16/04/2003)
554. *Manu Militari*: "E a vontade dos novos senhorios é de administrar a propriedade manu militari por tempo indeterminado..." - (Revista Isto É – 16/04/2003)
555. *Mão de ferro*: "... homem que durante mais de duas décadas impôs com mão de ferro sua vontade..." (Revista Veja – 16/04/2003)
556. *Mão pesada*: "... deu uma amostra dessa mão pesada ao humilhar..." (Revista Veja – 12/02/2003)
557. *Máquina de guerra*: "...para definir o efeito que a máquina de guerra dos EUA causaria..." - (Revista Época – 24/03/2003) / "... a Casa Branca começou a despachar sua máquina de guerra para o Golfo." (Revista Veja – 05/02/2003)
558. *Máquina de Terror*: "... se tornaria a máquina de terror de seu futuro governo." - (Revista Isto É – 16/04/2003)
559. *Máquina Militar*: "... colide com a idéia de que a máquina militar iraquiana entrará em colapso". - (Revista Época – 24/03/2003)
560. *Marcha virtual*: "...uma nova modalidade de protesto, a marcha virtual." (Revista Isto É – 05/03/2003)
561. *Marechal-de-campo*: "... todas inventadas por ele – entre elas a de marechal-de-campo." (Revista Veja – 05/02/2003)
562. *Maremoto pacifista*: "... que ameaça se tornar um maremoto pacifista..." (Revista Isto É – 05/03/2003)
563. *Margem de erro*: "... atingem alvos com uma margem de erro de apenas 13 metros." (Revista Isto É – 19/03/2003)
564. *Marine americano*: "... mostra marines americanos refestelados nos sofás..." – (Revista Isto É – 16/04/2003)

565. *Marionete*: “... seria marionete do governo americano...” (Revista Veja – 12/02/2003)
566. *Marketeiro*: “...marketeiro do Partido Democrata em Nova York.” (Revista Isto É – 05/03/2003)
567. *Meandro*: “... participou clandestinamente dos meandros políticos do Iraque...” - (Revista Isto É – 16/04/2003)
568. *Mecanismo de dominação*: “... foi o mecanismo de dominação imaginado pelo sultão...” (Revista Veja – 16/04/2003)
569. *Medieval*: “... dominada por tiranias medievais.” (Revista Veja – 26/02/2003)
570. *Megacrise*: “... a destruição de poços de petróleo do Iraque e uma megacrise econômica mundial...” (Revista Veja – 05/02/2003)
571. *Megalomaniaco*: “Obcecado pela guerra e megalomaniaco, Saddam Hussein forjou um país.” (Revista Isto É – 16/04/2003) / “... de um país dilacerado por um governo corrupto, sanguinário, megalomaniaco e por mais de uma década de sanções internacionais.” (Revista Veja – 16/04/2003) / “É o sonho megalomaniaco de Bush que assusta até americanos.” (revista Isto É – 26/03/2003)
572. *Membro-chave*: “... já que os membros-chave do CS têm falado abertamente...” (Folha de S.Paulo – 09/03/2003)
573. *Mensagem eletrônica*: “Foi através de mensagens eletrônicas que se organizaram as marchas pela paz...” (Revista Isto É – 05/03/2003)
574. *Metalurgia Política*: “E o pessoal encarregado desta metalurgia política poderia tirar um grande proveito...” - (Revista Isto É – 16/04/2003)
575. *Método da tentativa e erro*: “... é preciso ir pelo método da tentativa e erro...” (Revista Veja – 16/04/2003)
576. *Microbiologista*: “...para o microbiologista alemão...” (Revista Isto É – 02/04/2003)
577. *Microcosmo*: “A Palestina é um microcosmo de todas as injustiças das quais os árabes se sentem vítimas.” (Revista Veja – 16/04/2003)
578. *Microcrédito*: “... para o desenvolvimento do microcrédito...” (Revista Época – 28/04/2003)
579. *Milícia Curda*: “Apenas no norte, onde as milícias curdas, apoiadas por tropas americanas...” - (Revista Isto É – 16/04/2003)
580. *Minibomba*: “Cada minibomba, por sua vez, espalha centenas de fragmentos...” (Revista Época – 05/04/2003)
581. *Mininômade*: “...centenas de crianças, mininômades, sobrevivem...” (Revista Época – 28/04/2003)
582. *Mira à laser*: “...não têm sistema de mira à laser...” - (Revista Época – 24/03/2003)
583. *Miríade*: “... que despreze a miríade de interesses (...) em jogo no Iraque.” (Revista Veja – 16/04/2003)
584. *Míssil do tipo cruise (de cruzeiro)*: “... com três dúzias de mísseis do tipo cruise (de cruzeiro) e mais um punhado de petardos ...” (Revista Isto É – 26/03/2003)
585. *Míssil inteligente*: “Com os mísseis inteligentes, quatro dariam conta do recado.” (Revista Isto É – 19/03/2003)
586. *Míssil químico e biológico*: “... o grupo xiita radical libanês Hizbolá com mísseis químicos e biológicos.” (Revista Isto É – 16/04/2003)
587. *Míssil ar-terra*: “... mais sofisticada da série de mísseis ar-terra..” (Revista Isto É – 19/03/2003)
588. *Míssil de longo alcance*: “...programa do míssil de longo alcance do Iraque...” (Revista Isto É – 26/03/2003)
589. *Míssil terra-terra*: “... a destruição do míssil terra-terra mais avançado...” ((Folha de S.Paulo – 03/03/2003)

590. *Moab*: “Moab: seu impacto provoca um terremoto e aniquila tudo o que houver num raio de 500 metros.” (Revista Isto É – 19/03/2003) / “Trata-se da Moab (Massive Ordnance Air Blast – Bomba de explosão massiva) ou ‘mãe de todas as bombas’.” (Revista Isto É – 19/03/2003)
591. *Modesto*: “... o Iraque é um produtor modesto, extraindo 2,4 milhões de barris...” (Revista Veja – 12/02/2003)
592. *Modus caminandi*: “...muda pela primeira vez o modus caminandi da maior potência global.” (Revista Isto É – 26/03/2003)
593. *Molde Ocidental*: “... com liberdade e democracia nos moldes ocidentais.” – (Revista Veja – 05/03/2003)
594. *Momentum*: “...havia perdido o momentum para um ataque.” (Revista Isto É – 05/03/2003)
595. *Monitoramento*: “... manifestaram sua preferência pela extensão de monitoramentos.” (Revista Isto É – 12/02/2003)
596. *Mordidinha*: “Todo mundo que pode está dando uma mordidinha.” (Revista Veja – 12/02/2003)
597. *MST*: “...Pedro Stédile, líder do MST...” (Folha de S.Paulo – 11/03/2003)
598. *Mudar de mala e cuia*: “...diga-se, mudou de mala e cuia e ficará morando na região do Golfo Pérsico até o imbróglgio terminar.” (Revista Isto É – 05/03/2003)
599. *Multicultural*: “...fragmentação étnica de um país tão multicultural quanto o Iraque.” (Revista Isto É – 12/03/2003)
600. *Multipartidário*: “... em que foram realizadas eleições multipartidárias...” – (Revista Veja – 05/03/2003)
601. *Multipresente*: “...pois estão multipresentes em todo o mundo...” (Revista Isto É – 26/03/2003)
602. *Munição*: “...poderá servir de munição para os EUA e o Reino Unido”. (Folha de São Paulo – 28/02/2003)

N

603. *Não democrático*: “... países democráticos e não democráticos se comportam de forma distinta...” (Revista Veja – 16/04/2003)
604. *Não-alinhado*: “‘Guerra é primitiva’, dizem não-alinhados” (Folha de S. Paulo - 25/02/2003)
605. *Não-beligerância*: “... pessoas foram mortas em situação de não-beligerância.” (Revista Veja – 16/04/2003)
606. *Não-civilizado*: “Se essa guerra pretende se justificar porque civiliza, é porque o outro, o novo bárbaro, é visto como não-civilizado e, sobretudo, irracional. No que se baseia essa avaliação?” (Folha de S. Paulo – 18/04/2003)
607. *Não-colaboração*: “... em caso de não-colaboração com a ONU...” (Folha de S.Paulo – 06/03/2003)
608. *Não-combatente*: “... para evitar entre os não-combatentes...” (Revista Época – 03/03/2003)
609. *Não-convertido*: “Para os não-convertidos, as evidências foram fracas, quando não risíveis...” (Revista Veja – 12/02/2003)
610. *Não-cooperação*: “...em caso de não-cooperação.” - (Revista Época – 10/02/2003)
611. *Não-intervenção*: “... se aferra ao princípio da não-intervenção...” (Revista Época – 03/03/2003)

612. *Não-jurisdição*: "... essa figura da não-jurisdição nacional..." (Folha de S.Paulo – 14/03/2003)
613. *Não-muçulmano*: "...75% das nações não-muçulmanas são democracias..." (Revista Veja – 16/04/2003)
614. *Não-nuclear*: "... o mais poderoso explosivo não-nuclear dos EUA." (Revista Isto É – 19/03/2003)
615. *Não-obediência*: "...condena a não-obediência de Saddam." (Revista Época - 03/03/2003)
616. *Não-permanente*: "Ao lado de Bulgária, Alemanha, Espanha e Síria, eles são membros não-permanentes do CS." (Folha de S. Paulo - 22/02/2003)
617. *Não-retorno*: "Mas é inegável que estamos caminhando rapidamente para o ponto de não-retorno." (Folha de S. Paulo - 01/03/2003)
618. *Não-violência*: "... repudiam o genocídio da gente iraquiana e tentem atalhar, pelo ideal da não-violência, que Gandhi defendeu para libertar a Índia..." (Folha de S. Paulo - 09/04/2003)
619. *Navegação por satélite*: "...toneladas de TNT equipado com um sistema de navegação por satélite (GPS) que permite corrigir a sua rota após o lançamento." (Revista Isto É – 19/03/2003)
620. *Navio-hospital*: "... navio-hospital com mil leitos a caminho..." (Folha de S.Paulo – 22/02/2003)
621. *Neo*: "o sufixo neo, no caso, significando muito mais conservadores do que seus pares tradicionais." (Revista Veja – 26/02/2003)
622. *Neoconservador*: "Eles são os chamados neoconservadores - o sufixo neo, no caso, significando muito mais conservadores do que seus pares tradicionais." (Revista Veja – 26/02/2003)/ "... para os neoconservadores que se aninham em torno do presidente..." (Revista Veja – 16/04/2003)/ "... não se enquadre na geopolítica neoconservadora do governo Bush." (Revista Isto É – 16/04/2003)
623. *Neo-islâmico*: "Arquitetura em estilo neo-islâmico: a marca dos palácios de Saddam." (Revista Veja – 05/02/2003) / "Os palácios têm arcos em estilo neo-islâmico, paredes de mármore..." (Revista Veja – 05/02/2003)
624. *Neomacarthismo*: "... disse tratar-se de neomacarthismo." (Folha de S.Paulo – 09/03/2003)
625. *Neomedo*: "... não extingue o neomedo americano..." (Folha de S.Paulo – 11/03/2003)
626. *Novo Senhorio*: "E a vontade dos novos senhorios é de administrar a propriedade manu militari por tempo indeterminado..." - (Revista Isto É – 16/04/2003)
627. *Núcleo duro*: "... o núcleo duro do governo americano ambiciona fazer do Iraque pós-Saddam..." (Revista Veja – 16/04/2003)

O

628. *Obcecado*: "Obcecado pela guerra e megalomaníaco, Saddam Hussein forjou um país." (Revista Isto É – 16/04/2003) / "... os sonhos de dominação do mundo do obcecado presidente dos Estados Unidos..." (FSP – 09/04/2003) / "... os militares americanos estão obcecados pela idéia de que é possível entrar em batalha e vencê-la sem a perda de um único combatente." (Revista Veja – 26/03/2003)
629. *Objetivos Militares*: "... a idéia de que se pode atingir objetivos militares escolhendo cuidadosamente grupos críticos de alvos..." - (Revista Época – 24/03/2003)

630. *Obliterado*: “... nos escombros da casa obliterada por bombas...” (Revista Isto É – 16/04/2003)
631. *Observador*: “O porta-voz salientou que alguns observadores da missão da ONU...” (Folha de São Paulo – 08/03/2003)
632. *Obsessão Belicosa*: “Mas a obsessão belicosa e o erro de cálculo do ditador...” - (Revista Isto É – 16/04/2003)
633. *Obsessão máxima*: “... se tornou a obsessão máxima dos líderes políticos...” - (Revista Época – 10/02/2003)
634. *Obstinado*: “Apesar das esquisitices, o ditador sabe muito bem o que quer e é obstinado em perseguir seus objetivos.” (Revista Veja – 05/02/2003)
635. *Ocupante*: “...mesmo pelo ocupante do Salão Oval da Casa Branca.” (Revista Veja – 26/02/2003)
636. *Ofensiva terrestre*: “...39 dias de bombardeios aéreos e mais quatro de ofensiva terrestre.” - (Revista Época – 24/03/2003)
637. *Ogiva nuclear*: “...possuem 8000 ogivas nucleares estocadas...” (Revista Veja – 26/02/2003)
638. *Oleoduto*: “..cortando o oleoduto entre o Iraque e a Síria...” (Revista Veja – 23/04/2003)
639. *Onda de boa-vontade*: “Até mesmo a onda de boa-vontade que se seguiu aos atentados...” - (Revista Época – 10/02/2003)
640. *Onda*: “A resistência antiamericana agora é diferente da onda que se seguiu ao ataque...” (Revista Veja – 26/02/2003)
641. *ONG*: “...a ONG americana Ganhe sem Guerra comandou um protesto eletrônico em que solicitava que se bombardeasse de e-mails, faxes e telefonemas...” (Revista Isto É – 05/03/2003)
642. *Onipresença*: “Onipresença – A produção de uma fábrica especializada em imagens de Saddam...” (Revista Veja – 05/02/2003)
643. *Operação bélica*: “... continuarão a realizar operações bélicas contra as forças remanescentes...” (Revista Veja – 16/04/2003)
644. *Operação de guerra*: “Os deslocamentos exigem uma operação de guerra.” (Revista Veja – 05/02/2003)
645. *Opinião pública*: “... opinião pública mundial, poderosa e enfurecida, contra a guerra...” (Revista Veja – 26/02/2003) / “...conhecem há milênios o fogo da opinião pública.” (Revista Veja – 26/02/2003) / “Tem nisso o apoio da opinião pública americana...” (Revista Veja – 26/02/2003) / “As pesquisas de opinião pública independentes mostram...” (Revista Isto É – 05/03/2003)
646. *Oposição pública*: “...outro que enfrentou oposição pública contra a guerra...” (Revista Isto É – 05/03/2003)
647. *Oposição*: “Para reverter a oposição à guerra...” (Revista Veja – 05/03/2003)
648. *Opositor*: “Os opositores estão reunidos...” (Folha de São Paulo – 28/02/2003)
649. *Opulência*: “... são os beneficiários de uma opulência que agride os brios dos países retardatários.” (Revista Veja – 26/02/2003)
650. *Órgão de imprensa*: “... seus principais órgãos de imprensa são estatais.” (Revista Veja – 16/04/2003)
651. *Órgão de segurança*: “... apreendidos dos órgãos de segurança iraquianos...” (Revista Veja – 05/02/2003)
652. *Orquestração*: “... as passeatas foram apenas orquestrações anticapitalistas, antiglobalização e antiamericanas...” (Revista Veja – 26/02/2003)
653. *Orquestrado*: “... as manifestações não foram orquestradas.” (Revista Veja – 26/02/2003)

654. *Outra freguesia*: “...fazendo guerra em outras freguesias...” – (Revista Isto É – 16/04/2003)

P

655. *Pacifista*: “...onde as passeatas pacifistas tornaram a campanha bélica politicamente insustentável na frente interna.” (Revista Veja – 26/02/2003)
656. *Pacote*: “Ele incluiu no pacote a promessa de conversações a sério entre israelenses e palestinos...” – (Revista Veja – 05/03/2003)
657. *Padrão dólar*: “...chacoalha o mundo para manter o padrão dólar...” (Revista Isto É – 26/03/2003) / “... abandone o padrão dólar e adote o euro em suas transações...” (Revista Isto É – 26/03/2003)
658. *País-chave*: “... e o apoio de países-chaves...” (Folha de S.Paulo – 07/03/2003)
659. *País Destroçado*: “Agora, os Eua têm a tarefa de reconstruir um país destruído.” – (Revista Isto É – 16/04/2003)
660. *País-sede*: “... tenha de mudar de país-sede...” (Folha de S.Paulo – 06/03/2003)
661. *Palaciano*: “... deflagrar um golpe palaciano contra o ditador.” - (Revista Época – 24/03/2003) / “...o poder através de um golpe palaciano em 1979.” - (Revista Isto É – 16/04/2003)
662. *Palmtop*: ... munidos de palmtops e laptops...” (Revista Veja – 26/03/2003)
663. *Pan-arabismo*: “...ameaçado pelo pan-arabismo modernizante egípcio.” (Folha de S.Paulo – 12/03/2003)
664. *Paradeiro*: “...ignorava-se o paradeiro de Saddam Hussein.” (Revista Veja – 16/04/2003)
665. *Parafernália*: “A parafernália tecnológica permite aos recrutas realizar feitos impensáveis...” (Revista Isto É – 16/04/2003)
666. *Paramilitar*: “... favorece o trabalho dos fedayin, os paramilitares que ainda resistem no país.” – (Revista Isto É – 16/04/2003)
667. *Paranóia*: “Sua preocupação com a segurança beira a paranóia.” (Revista Veja – 05/02/2003) / “Paranóia - O governo americano lançou um manual de sobrevivência contra o terrorismo em seu site oficial” (Revista Isto É – 02/04/2003)
668. *Parte Suja*: “... não teve dificuldades para lidar com a parte suja do jogo político de um país instável...” - (Revista Isto É – 16/04/2003)
669. *Participação Militar*: “... o apoio e até a participação militar de países árabes...” – (Revista Veja – 05/03/2003)
670. *Passo-a-passo*: “... até o passo-a-passo de uma preparação para uma invasão americana...” (Revista Isto É – 19/03/2003)
671. *Patente militar*: “As patentes militares que ostenta no currículo são todas inventadas por ele...” (Revista Veja – 05/02/2003)
672. *Patíbulo*: “Fogueiras, patíbulos, decapitações, guilhotinas, fuzilamentos, extermínios, campos de concentração, fornos crematórios, suplícios dos garrotes...” (Revista Veja – 16/04/2003)
673. *Patriarcalismo*: “Valores como o patriarcalismo, a truculência e a devoção à família...” (Revista Veja – 05/02/2003)
674. *Pavoroso*: “... foi o pavoroso assassinato de um religioso...” (Revista Veja – 16/04/2003) / “... algumas das mais pavorosas cenas de intolerância perpetradas pelo homem...” (Revista Veja – 16/04/2003)

675. *Pé na cova*: “...seu inimigo de Bagdá estava com um pé na cova.” (Revista Isto É – 26/03/2003)
676. *Peito aberto*: “... vão a campo de peito aberto e com um revólver na mão...” (Revista Veja – 19/03/2003)
677. *Pelo andar da carruagem*: “Mas, a julgar pelo andar da carruagem, a ONU terá muito trabalho nas mãos...” – (Revista Isto É – 16/04/2003)
678. *Pentágono*: “Talvez por isso, o Pentágono alertava que ainda haveria muita guerra pela frente.” (Revista Isto É – 16/04/2003) / “Pelos contos do Pentágono...” (Revista Isto É – 16/04/2003)
679. *Perder as graças do povo*: “...a história está repleta de cadáveres políticos de presidentes que perderam as graças do povo americano...” (Revista Isto É – 05/03/2003)
680. *Perfunctório*: “...acredita que a atuação da ONU terá caráter mais do que perfunctório neste processo.” - (Revista Isto É – 16/04/2003)
681. *Pergunta-desabafo*: “...fazia sua pergunta-desabafo...” (Folha de S.Paulo – 14/03/2003)
682. *Personalista*: “... governos laicos regidos por partido único ou ditaduras personalistas.” – (Revista Veja – 05/03/2003)
683. *Perversidade*: “A praga da intolerância só atinge esse patamar de perversidade...” (Revista Veja – 16/04/2003)
684. *Perverso*: “A lista dos mais perversos inclui o próprio Saddam Hussein e seus dois filhos.” (Revista Veja – 02/04/2003)
685. *Peso*: “...há o peso do conflito com Israel.” (Revista Veja – 16/04/2003)
686. *Peso-pesado*: “Outro peso-pesado do regime, Ali Químico (...) teria morrido num bombardeio.” (Revista Veja – 30/04/2003) / “Peso-pesado da política de Washington há décadas, Perle comanda o Comitê de Política de Defesa, consultoria semi-oficial do Pentágono que estimulou e deu voz aos conservadores e republicanos locais para que os Estados Unidos começassem pelo Iraque a atual política de ataques preventivos.” (Folha de S. Paulo – 26/03/2003)
687. *Petrodólar*: “...as conquistas provenientes dos petrodólares...” - (Revista Isto É – 16/04/2003)
688. *Petrolífero*: “... sede de expandir seu império petrolífero.” (Revista Veja – 26/02/2003)
689. *Planador explosivo*: “um planador explosivo, que sai das pranchetas com GPS operando em sete canais de frequência...” (Revista Isto É – 19/03/2003)
690. *Plano perverso*: “... com o plano perverso de controlar pela força...” (Revista Veja – 05/02/2003)
691. *Poço de Petróleo*: “... para impedir que os poços de petróleo sejam incendiados...” – (Revista Época – 24/03/2003) / “... estava de olho nos poços de petróleo...” (Revista Veja – 05/02/2003)
692. *Poder de barganha*: “... assim, ter poder de barganha na cotação mundial do preço do óleo.” (Revista Veja – 05/02/2003)
693. *Poder de fogo*: “... são armas de grande poder de fogo, mas não são únicas.” (Revista Isto É – 19/03/2003)
694. *Poder destrutivo*: “... arma (...) com alto poder destrutivo.” (Revista Isto É – 19/03/2003)
695. *Poder letal*: “...usaram o poder letal da nova bomba para impressionar...” (Revista Isto É – 19/03/2003)
696. *Poder moderador*: “... como uma espécie de poder moderador, ou superego...” (Revista Veja – 16/04/2003)

697. *Poderio Aéreo*: “O poderio aéreo americano não terá condições de aniquilar esses focos de oposição...” (Revista Isto É – 16/04/2003)
698. *Poderio Militar e Econômico*: “...Saddam pretende ampliar o poderio militar e econômico do Iraque...” (Revista Veja – 05/02/2003)
699. *Poderio*: “... apenas o poderio desse arsenal já seria capaz de levar o inimigo à rendição.” - (Revista Isto É – 16/04/2003)
700. *Polêmica Diplomática*: “Depois de toda a polêmica diplomática que precedeu o início dos ataques...” - (Revista Época – 24/03/2003)
701. *Política de tolerância*: “Bush pratica uma política de tolerância quase incondicional em relação ao governo de Israel...” (Revista Veja – 26/02/2003)
702. *Política do porrete*: “...baseia-se numa única política – a do porrete.” (Revista Veja – 05/02/2003)
703. *Política externa*: “Mas o cerne da política externa de corte imperial vem sendo definido por um punhado de intelectuais sofisticados...” (Revista Veja – 26/02/2003)
704. *Político*: “Seu erro, dizem, foi apostar que a maioria da população se sentiria representada na figura do político xiita exilado Ahmed Chalabi...” (Revista Época – 28/04/2003) / “Os Estados Unidos são uma sociedade complexa, com muitos interesses em jogo e com agentes políticos influentes e inimagináveis na época de Roma imperial.” (Folha de S. Paulo – 25/03/2003) / “Apesar de ser um político de pouca influência no antigo regime, Aziz sempre foi muito leal a Saddam...” (Revista Isto É – 30/04/2003)
705. *Político-diplomata*: “... na cena político-diplomática...” (Folha de S. Paulo – 06/03/2003)
706. *Ponta-de-lança*: “... os EUA, ponta-de-lança da ofensiva...” (Revista Época – 31/03/2003)
707. *Ponto crucial*: “Esse é um ponto crucial...” (Revista Veja – 16/04/2003)
708. *Pop-rock*: “Astros do pop-rock brasileiro fazem...” (Revista Época – 03/03/2003)
709. *Porão da ditadura*: “...pelo menos 200 000 pessoas foram mortas nos porões da ditadura iraquiana...” (Revista Veja – 05/02/2003)
710. *Porão de tortura*: “Os porões de tortura no Iraque põem em prática...” (Revista Veja – 19/03/2003)
711. *Porão do regime*: “...matou pelo menos 100 000 pessoas nos porões do regime.” (Revista Veja – 16/04/2003) / “... desaparecidos nos porões do regime...” (Revista Veja – 30/04/2003)
712. *Porta-avião*: “Caça F-18 decola do porta-aviões USS Abaham Lincoln...” (Revista Veja – 05/02/2003)
713. *Pós-atentado*: “Spike Lee retrata Nova York pós-atentado” (Folha de S. Paulo – 23/05/2003) / “(...) transfere a ação para Nova York na virada do milênio, pré e pós-atentado às torres gêmeas do World Trade Center.” (Folha de S. Paulo – 04/04/2003)
714. *Pós-Guerra Fria*: “...isto é o que explica os investimentos maciços em equipamentos de guerra pós-guerra fria.” (Revista Isto É – 19/03/2003)
715. *Pós-guerra*: “... em Washington o preparo do pós-guerra já era anunciado com o brado de quem toma posse de um latifúndio.” (Revista Isto É – 16/04/2003) / “...ouviu-se do americano um muxoxo sobre uma participação da Organização das Nações Unidas no pós-guerra.” - (Revista Isto É – 16/04/2003) / “EUA prometem rápida transição pós-guerra” – (Folha de S. Paulo – 28/02/2003)
716. *Pós-ideológica*: “A idéia de que em nossa era pós-ideológica a economia deve ser despolitizada e conduzida por especialistas.” (Folha de S. Paulo – 27/04/2003)
717. *Pós-imperialista*: “... caracterizada como pós-imperialista...” (Folha de S. Paulo – 14/03/2003)

718. *Pós-invasão*: “(...) onde costumam ocorrer protestos do Iraque pós-invasão, uma grande multidão segurava cartazes com frases.” (Folha de S. Paulo – 27/04/2003)
719. *Pós-Iraque*: “Vejo as oportunidades pós-Iraque com Saddam da seguinte maneira: um, que agora podemos lidar mais efetivamente com as armas de destruição em massa.” (Folha de S. Paulo – 26/04/2003)
720. *Pós-Saddam*: “... de usar o processo de democratização do Iraque pós-Saddam como modelo...” – (Revista Veja – 05/03/2003) / “... qualquer regime pós-Saddam seria marionete... (Revista Veja – 12/02/2003) / “A idéia é que o governo provisório (...) no Iraque pós-Saddam, seja curto e grosso.” (Revista Veja – 16/04/2003)
721. *Potencialização*: “... concentra-se mais na potencialização da hegemonia americana...” (Revista Veja – 26/02/2003)
722. *Potência*: “Não haverá um sistema de defesa europeu, como se pretende, sem a Inglaterra. É uma potência militar - como mostrou no Iraque.” (Revista Época – 28/04/2003)
723. *Potência Ocidental*: “... ou declarado apoio de potências ocidentais...” – (Revista Veja – 05/03/2003)
724. *Praga*: “A praga da intolerância só atinge esse patamar de perversidade...” (Revista Veja – 16/04/2003)
725. *Pré-candidatura*: “O democrata Richard Gephardt, 62, lançou ontem sua pré-candidatura à Presidência dos EUA (...).” (Folha de S. Paulo – 20/02/2003)
726. *Precedente Argelino*: “... que ronda essa questão é o precedente argelino.” – (Revista Veja – 05/03/2003)
727. *Preço pessoal*: “... o preço pessoal pago pela vitória americana...” (Revista Veja – 16/04/2003)
728. *Pré-contrato*: “... Saddam assinou pré-contratos de exploração de petróleo...” (Revista Veja – 12/02/2003)
729. *Predecessor*: “...há quem o compare com outro predecessor...” (Revista Isto É – 05/03/2003)
730. *Pré-guerra*: “... a fim de tentar remendar os laços diplomáticos esfarrapados no pré-guerra.” - (Revista Isto É – 16/04/2003) / “... dada a simpatia manifestada no pré-guerra.” (Revista Isto É – 12/03/2003)
731. *Pré-independência*: “... acordo que permitiu a pré-independência de parte dos territórios palestinos...” – (Revista Veja – 05/03/2003)
732. *Premente*: “Às medidas de curto prazo mais prementes somam-se as mudanças...” (Revista Veja – 16/04/2003)
733. *Presença Militar*: “... a presença militar na Síria acaba com qualquer veleidade de autonomia.” – (Revista Veja – 05/03/2003)
734. *Presidente*: “A terceira etapa é o estabelecimento de um governo democrático no país, como prometeu o presidente dos Estados Unidos, George W. Bush.” (Revista Veja – 09/04/2003) / “Tomando a bandeira da contra-revolução, das hostes conservadoras – e, na verdade, também de gente liberal –, o presidente George W. Bush foi à Sala Roosevelt da Casa Branca...” (revista Isto É – 05/03/2003)
735. *Pressão econômica*: “Há outros modos de dizer (...). Uma delas é a pressão econômica.” (Revista Veja – 23/04/2003)
736. *Primor*: “... Bush foi um primor de habilidade diplomática ao conquistar apoio...” – (Revista Veja – 05/03/2003)
737. *Prisão-caixão*: “... a solitária leva o nome de ‘prisão-caixão’.” (Revista Veja – 05/02/2003)

738. *Pró-americano*: “... com um Iraque pró-americano haja uma inversão de forças...” – (Revista Veja – 05/03/2003) / “... espalhar a boa nova democrática e pró-americana entre os nativos...” (Revista Veja – 16/04/2003)
739. *Pró-boicote*: “Mensagens eletrônicas pró-boicote circulam co vigor.” (Revista Isto É – 02/04/2003)
740. *Procedimento de rotina*: “A tortura é um procedimento de rotina, e antecede o interrogatório...” (Revista Veja – 05/02/2003)
741. *Processo de Democratização*: “...primeiro passo de um processo de democratização no Oriente Médio...” – (Revista Veja – 05/03/2003)
742. *Processo democrático doméstico*: “...pretexto para adiar o processo democrático doméstico.” (Revista Veja – 16/04/2003)
743. *Prodigioso*: “... com a sempre prodigiosa ajuda americana.” (Revista Veja – 12/02/2003)
744. *Pró-EUA*: “(...) não ficou claro se eles falavam de um plano de ação ou se faziam comentários contra o premiê, pró-EUA.” (Folha de S. Paulo – 14/03/2003)
745. *Profeta do apocalipse*: “... lugar que esses profetas do apocalipse conquistaram...” (Revista Veja – 26/02/2003)
746. *Programa Iraquiano*: “... programa iraquiano de armas não convencionais durante dez anos.” – (Revista Veja – 05/03/2003)
747. *Programa nuclear clandestino*: “... mantém um programa nuclear clandestino...” (Revista Veja – 12/02/2003)
748. *Pró-guerra*: “Você pode ser pró-guerra contra a guerra...” (Folha de S. Paulo – 09/03/2003)
749. *Pró-ocidental*: “... regimes totalitários pró-ocidentais...” (Revista Veja – 16/04/2003)
750. *Propaganda de guerra*: “... a internet virou um poderoso instrumento de propaganda de guerra e contra a guerra.” (Revista Isto É – 05/03/2003)
751. *Pró-Saddam*: “... não é uma declaração anti-Estados Unidos ou pró-Saddam Hussein.” (Folha de S. Paulo – 14/03/2003)
752. *Prosaico*: “...são ainda odiados por um motivo mais prosaico...” (Revista Veja – 26/02/2003)
753. *Prostituição de convicções*: “Em termos de prostituição de convicções, a Bulgária se deu muito bem.” (Revista Isto É – 05/03/2003)
754. *Protesto eletrônico*: “...a ONG americana Ganhe sem Guerra comandou um protesto eletrônico em que solicitava que se bombardeasse de e-mails, faxes e telefonemas...” (Revista Isto É – 05/03/2003)
755. *Psicologia Social*: “... questões imateriais como oportunidade e psicologia social têm de ser levadas em conta...” (Revista Veja – 26/02/2003)
756. *Pulverização*: “Ao ligar a eventual pulverização de Saddam à solução da eterna questão palestina...” – (Revista Veja – 05/03/2003)
757. *Pulverizado*: “Nas duas ocasiões em que se arriscaram em batalhas de tanques com americanos e ingleses, os iraquianos foram pulverizados.” (Revista Veja – 02/04/2003) / “Divisões inteiras foram dizimadas pelos bombardeiros americanos, e os corpos de muitos soldados foram de tal forma pulverizados que tornam impossível a contagem.” (Revista Veja - 16/04/2003) / “...contra-ataques terroristas numerosos e pulverizados nos próximos meses e anos, seja qual for a duração da operação militar no Iraque.” (FSP – 30/03/2003)
758. *Punhado*: “Mas o cerne da política externa de corte imperial vem sendo definido por um punhado de intelectuais sofisticados...” (Revista Veja – 26/02/2003)

Q

759. *Queda-de-braço*: “... foi uma queda-de-braço entre os Estados Unidos e Saddam...” (Revista Veja – 05/02/2003)
760. *Questão Palestina*: “Ao ligar a eventual pulverização de Saddam à solução da eterna questão palestina...” – (Revista Veja – 05/03/2003) / “A questão palestina, no entanto, é tão complexa...” (Revista Veja – 16/04/2003)
761. *Quilotonelada*: “...gerava 15 quilotoneladas...” (Folha de S.Paulo – 12/03/2003)
762. *Química*: “... para que a química explosiva da região encontre um mínimo de equilíbrio.” (Revista Veja – 16/04/2003)

R

763. ***Racha*: “...os que protagonizam um racha sem precedentes na aliança ocidental...” (Revista Veja – 26/02/2003)**
764. *Radar*: “... simplesmente desapareceu do radar do governo americano.” (Revista Veja – 26/02/2003)
765. *Radar de mira*: “... radares de mira da artilharia antiaérea...” (Revista Veja – 09/04/2003)
766. *Radicalismo*: “... combater o vírus do radicalismo no mundo...” (Revista Veja – 26/02/2003) / “... criação de um caldo de cultura para a multiplicação do radicalismo no Islã.” (Revista Veja – 26/02/2003)
767. *Rastreamento*: “O rastreamento da fortuna do ditador em outros países...” (Revista Veja – 16/04/2003)
768. *Reacionário*: “... países que fazem uma leitura reacionária do livro sagrado...” (Revista Veja – 26/02/2003)
769. *Recém-chegado*: “... parte dos recém-chegados do Irã...” (Revista Época – 31/03/2003)
770. *Recém-concluído*: “A simulação recém-concluída é a segunda...” (Folha de S.Paulo – 01/03/2003)
771. *Recém-instalado*: “... sejam processados nos recém-instalado Tribunal Penal...” (Revista Época – 17/03/2003)
772. *Rede de proteção*: “... fazem parte da rede de proteção ao regime.” (Revista Veja – 05/02/2003)
773. *Redirecionado*: “... têm a vantagem de ser redirecionadas após seu lançamento.” (Revista Isto É – 19/03/2003)
774. *Redobrada*: “...se indispor com alguém poderoso, a violência é redobrada.” (Revista Veja – 05/02/2003)
775. *Reempossado*: “Tempos depois, foi reempossado e gratificado em dinheiro.”
776. *Reengenharia social*: “...que, numa alucinada experiência de reengenharia social, trucidou um quarto da população...” (Revista Veja – 16/04/2003)
777. *Reengenharia*: “... meter-se em reengenharias faraônicas que mudam populações inteiras de lugar.” (Revista Veja – 16/04/2003)
778. *Regalia*: “...têm direito a várias regalias, como salários em dólar...” (Revista Veja – 05/02/2003)

779. *Regime*: “... depor o regime de Saddam Hussein.” / “... o regime iraquiano vem escondendo...” - (Revista Época – 10/02/2003) / “A área onde o regime prepara sua resistência final...” - (Revista Época – 24/03/2003) / “... o fim do regime de Saddam Hussein foi simbolizado...” - (Revista Isto É – 16/04/2003) / “Ao remover o regime do Iraque...” - (Revista Isto É – 16/04/2003) / “... expansão nuclear de um regime tirânico.” (Revista Isto É – 12/02/2003)
780. *Regra Multilateral*: “... deixaram claro que não vão se submeter a nenhuma regra multilateral.” (Revista Isto É – 16/04/2003)
781. *Relutante*: “...o esforço político de convencimento dos relutantes ganhou novo impulso...” - (Revista Veja – 05/03/2003) / “... deixar a diplomacia convencer os relutantes.” (Revista Veja – 12/02/2003)
782. *Remotíssima*: “...a única e remotíssima esperança de sobrevivência de Saddam...” - (Revista Época – 24/03/2003)
783. *Remunerado*: “... atuando como informantes remunerados.” (Revista Veja – 05/02/2003)
784. *Repertório de golpe baixo*: “... os aliados procuravam antecipar-se ao repertório de golpes baixos a que Saddam ainda poderia recorrer...” - (Revista Época – 24/03/2003)
785. *Resistência*: “A resistência antiamericana agora é diferente da onda que se seguiu ao ataque...” (Revista Veja – 26/02/2003)
786. *Resolução*: “...votos para aprovar a resolução que abriria caminho à guerra...” (Revista Veja – 05/03/2003)
787. *Respaldo*: “... com ou sem o respaldo de uma resolução das Nações Unidas...” (Revista Veja – 05/02/2003)
788. *Ressentimento*: “Isso tudo produz ressentimento.” (Revista Veja – 26/02/2003)
789. *Restauração teocrática*: “... os estilo do vizinho Irã, pioneiro da restauração teocrática.” (Revista Veja – 16/04/2003)
790. *Resultado final*: “... sua visão do resultado final é a repetição da famosa cena...” (Revista Isto É – 12/03/2003)
791. *Retardatário*: “... são os beneficiários de uma opulência que agride os brios dos países retardatários.” (Revista Veja – 26/02/2003)
792. *Reunião de cúpula*: “Na reunião de cúpula entre o presidente George W. Bush e o primeiro-ministro britânico...” (Revista Isto É – 16/04/2003)
793. *Revelação*: “...liberado depois de fazer uma revelação, nem que seja uma fofoca íntima do vizinho...” (Revista Veja – 05/02/2003)
794. *Risco Mensurável*: “... existe um risco mensurável para a paz mundial...” (Revista Veja – 26/02/2003)
795. *Rolo compressor*: “... o rolo compressor dos tanques nazistas...” (Revista Veja – 26/03/2003)
796. *Rota de fuga*: “Em sua rota de fuga, segundo a Time, chegou a passar pelo Rio de Janeiro.” (Revista Isto É – 12/03/2003)
797. *Roubalheira*: “... a roubalheira começou pelos prédios estatais...” (Revista Veja – 16/04/2003)
798. *Rugido*: “... é um rugido de superpotência desmensurado para o tamanho do perigo...” (Revista Veja – 12/03/2003)
799. *Russo-chinês*: “...diz o comunicado russo-chinês.” - (Folha de São Paulo – 28/02/2003)

S

800. *Saia-justa*: “Logo nos primeiros minutos, uma saia-justa com um sueco, que tentou um jogo de lógica tão insólito quanto provocativo (...)” (Folha de S. Paulo – 14/03/2003)
801. *Saída democrática*: “...demonstrar a existência de saídas democráticas realistas...” (Revista Veja – 16/04/2003)
802. *Salão Oval*: “...mesmo pelo ocupante do Salão Oval da Casa Branca.” (Revista Veja – 26/02/2003)
803. *Sanção econômica*: “...tirou proveito dos doze anos de sanções econômicas internacionais...” (Revista Veja – 05/02/2003) / “Apesar das sanções econômicas, Saddam torrou mais de 25 bilhões de dólares...” (Revista Veja – 05/02/2003) / “... favorecida pelas sanções econômicas...” (Revista Isto É – 19/03/2003)
804. *Sangrenta*: “... uma guerra sangrenta contra as Forças Armadas...” (Revista Veja – 26/02/2003)
805. *Sangue frio*: “... arrancadas com alicate a sangue frio.” (Revista Veja – 30/04/2003) / “... dizem ser capaz de matar a sangue-frio.” (Revista Isto É – 19/03/2003)
806. *Sanguinário*: “... e deixou visível a face sanguinária do regime.” - (Revista Isto É – 16/04/2003) / “... ao se livrar de um ditador sanguinário...” (Revista Veja – 12/02/2003) / “Também pôs em evidência a dura tarefa de reconstrução de um país dilacerado por um governo corrupto, sanguinário, megalomaniaco e por mais de uma década de sanções internacionais.” (Revista Veja – 16/04/2003) / “como Brasil, China, Índia e México, encontrariam espaço para impor seus produtos ao redor do globo, livres que estão da pecha de imperialistas sanguinários e insensatos.” (Revista Isto É – 02/04/2003)
807. *Saqueador*: “saqueadores levam tapetes do hotel Sheraton, que teve o saguão destruído...” (Revista Veja – 16/04/2003)
808. *Satélite-espião*: “Satélite-espião deixa de ser privilégio de aplicações militares e já começa a monitorar a vida cotidiana de pessoas comuns” (Folha de S. Paulo – 01/04/2003)
809. *Segunda classe*: “... tratava essa gente como cidadãos de segunda classe.” (Revista Veja – 16/04/2003)
810. *Segurança pessoal*: “Só na segurança pessoal do presidente iraquiano...” (Revista Veja – 05/02/2003)
811. *Sem piloto*: “(...) equipamentos de visão noturna e aviões sem piloto capazes de localizar alvos em qualquer visibilidade.” (Folha de S. Paulo – 04/04/2003)
812. *Senhor absoluto*: “...o senhor absoluto do Iraque há 23 anos...” (Revista Veja – 05/02/2003)
813. *Senhorio*: “E a vontade dos novos senhorios é de administrar a propriedade manu militari por tempo indeterminado, tendo como auxílio um punhado de empresas americanas.” (Revista Isto É – 16/04/2003)
814. *Sensor a laser*: “Equipado com sensor a laser...” (Revista Veja – 19/03/2003)
815. *Simplório*: “A visão de Bush como o cowboy simplório com uma abordagem maniqueísta de um mundo dividido...” (Revista Veja – 26/02/2003)
816. *Sinal verde*: “... o sinal verde da organização internacional...” (Revista Época – 03/03/2003)
817. *Sinistro*: “O sinistro chefe do terrorismo fundamentalista...” (Revista Veja – 26/02/2003) / “... expõe o lado mais sinistro do regime...” (Revista Veja – 30/04/2003)
818. *Sistema de navegação por satélite (GPS)*: “...toneladas de TNT equipado com um sistema de navegação por satélite (GPS) que permite corrigir a sua rota após o lançamento.” (Revista Isto É – 19/03/2003)

819. *Site*: “...colocou o assunto num site, pedindo que todos escrevessem...” (Revista Isto É – 12/03/2003)
820. *Social-democrata*: “Depois de quatro anos no governo, o líder social-democrata estava prestes a ser derrotado (...)” (Revista Época - 10/03/2003)
821. *Socioeconômicos*: “... os indicadores socioeconômicos também cresceram bastante.” - (Revista Isto É – 16/04/2003)
822. *Sofisticado*: “Mas o cerne da política externa de corte imperial vem sendo definido por um punhado de intelectuais sofisticados...” (Revista Veja – 26/02/2003)
823. *Soft Landing*: “... ou um soft landing (pouso leve).” (Folha de S.Paulo – 14/03/2003)
824. *Solitária*: “... a solitária leva o nome de ‘prisão-caixão’.” (Revista Veja – 05/02/2003)
825. *Solução de força*: “Cresceu dentro dos EUA o apio a uma solução de força.” (Revista Época – 10/02/2003)
826. *Stars and strips*: “... e cobriu a sua face com a stars and strips...” – (Revista Isto É – 16/04/2003)
827. *Status*: “... elevou seu ‘status’ para um dos 22 terroristas mais procurados do mundo...” (Revista Isto É – 12/03/2003)
828. *Sublevação*: “... papel importante para o equilíbrio da região ou sua sublevação.” (Revista Veja – 23/04/2003)
829. *Sucateado*: “...em grande parte sucateado pela falta de peças de reposição...” - (Revista Época – 24/03/2003) / “A indústria petrolífera do Iraque está sucateada.” (Revista Veja – 12/02/2003)
830. *Sucesso Bárbaro*: “... já experimentara há um tempão, com sucesso bárbaro.” ...” (Revista Isto É – 16/04/2003)
831. *Sufocante*: “... perdida pelos americanos na selva sufocante do sudeste asiático.” (Revista Veja – 26/02/2003)
832. *Sumir do mapa*: “...o máximo de destruição antes de sumir do mapa.” (Revista Veja – 05/02/2003)
833. *Suntuoso*: “Os suntuosos palácios, construídos pelo ditador...” (Revista Isto É – 16/04/2003) / “Os saques se multiplicam de norte a sul do país e não se restringem aos suntuosos palácios de Saddam e sua laia, mas acontecem até nos mais necessitados hospitais.” ...” (Revista Isto É – 16/04/2003) / “...e a riqueza dos diversos prédios governamentais e dos suntuosos palácios presidenciais, todos fechados.” (Folha de S. Paulo – 21/03/2003)
834. *Superatarefado*: “... já estão superatarefadas no Afeganistão e no Iraque.” (Revista Veja – 23/04/2003)
835. *Supercomplicado*: “... para se apagar incêndios em poços de petróleo é supercomplicada.” (Revista Isto É – 12/03/2003)
836. *Supercomputador*: “São micro e supercomputadores altamente sofisticados.” (Revista Isto É – 05/03/2003)
837. *Superego*: “...ou superego, sobre o presidente americano... como uma espécie de poder moderador, ou superego...” (Revista Veja – 16/04/2003)
838. *Supergladiador*: “uma arte militar capaz de extrair a vitória com apenas um reduzido número de supergladiadores, munidos de alta tecnologia e de apoio aéreo...” (Revista Isto É – 26/03/2003)
839. *Superpotência*: “... é um rugido de superpotência desmesurado para o tamanho do perigo...” (Revista Veja – 12/03/2003) / “perda de tempo e demonstração de fraqueza por parte da única superpotência do planeta.” (Folha de S. Paulo – 30/03/2003)
840. *Supranacional*: “... algum tipo de organização supranacional.” (Revista Veja – 23/04/2003)

841. *Suspeita infantil*: “...a suspeita de que Bush (...) é infantil.” (Revista Veja – 26/02/2003)

T

842. *Taleban*: “... apostou na mesma fórmula utilizada, com sucesso, no confronto com os talebans, no Afeganistão ...” (Revista Época - 31/03/2003) / “Dos 20 mil a 70 mil homens treinados pela organização nos anos de Taleban, apenas três mil foram presos” (Revista Isto É - 19/03/2003) / “Assim vivem os cerca de 650 prisioneiros, de 40 nacionalidades, suspeitos de ligações com o grupo terrorista al-Qaeda ou de serem membros do Taleban, organização radical islâmica deposta na guerra do Afeganistão, no ano passado...” (Isto É - 02/04/2003)
843. *Tálio*: “O envenenamento com tálio ou chumbo foi comprovado...” (Revista Veja – 05/02/2003)
844. *Tampa*: “... quando se retira a tampa da repressão, a sociedade muitas vezes é tomada pelo clima de bagunça...” (Revista Veja – 16/04/2003)
845. *Táxi-bomba*: “Os soldados estrangeiros vivem em estado de extrema tensão desde que, no domingo 30, um táxi-bomba dirigido por um iraquiano explodiu num posto de controle dos EUA ...” (Revista Época - 05/04/2003)
846. *Teatro de operações*: “...com cerca de 1.000 aparelhos no teatro de operações.” - (Revista Época – 24/03/2003) / “...para o teatro de operações no Golfo Pérsico.” (Revista Veja – 12/02/2003)
847. *Telão*: “... ainda contou com um telão sofisticado, montado especialmente – e pela primeira vez...” (Revista Isto É – 12/02/2003)
848. *Tempão*: “... que Átila , com seus hunos, já experimentara há um tempão...” (Revista Isto É – 16/04/2003)
849. *Tempestade de mísseis*: “A tempestade de mísseis - 320, em apenas 20 minutos...” - (Revista Época – 24/03/2003)
850. *Tentativa e erro*: “... é preciso ir pelo método da tentativa e erro...” (Revista Veja – 16/04/2003)
851. *Teocrático*: “... os estilo do vizinho Irã, pioneiro da restauração teocrática.” (Revista Veja – 16/04/2003)
852. *Ter um parafuso a menos*: “... insinua que o presidente americano (...), tem um parafuso a menos e, de quebra, um chip, que precisa ser desligado.” (Revista Isto É – 26/03/2003)
853. *Terror Fundamentalista*: “... feita em última instância para combater o terror fundamentalista...” – (Revista Veja – 05/03/2003)
854. *Terror*: “... que usam da violência e espalham o terror contra pessoas inocentes...” – (Revista Isto É – 16/04/2003) / “... mostraram que temos a capacidade e a vontade de vencer a guerra contra o terror.” – (Revista Isto É – 16/04/2003) / “A Face do Terror” (Revista Isto É – 16/04/2003) / “O homem do terror foi o mesmo...” - (Revista Isto É – 16/04/2003)
855. *Terrorismo antiisraelense*: “... rever as relações com o terrorismo antiisraelense.” (Revista Veja – 23/04/2003)
856. *Terrorismo fundamentalista*: “O sinistro chefe do terrorismo fundamentalista...” (Revista Veja – 26/02/2003)

857. *Terrorismo global*: “Dias após esses ataques, o presidente George W. Bush declara que os EUA iriam buscar os terroristas onde eles estivessem, dando início à sua guerra ao terrorismo global.” (Folha de S. Paulo - 18/03/2003)
858. *Terrorismo Internacional*: “... em combater a real ameaça, o terrorismo internacional.” - (Revista Época – 10/02/2003)
859. *Terrorismo Islâmico*: “... sede do terrorismo islâmico patrocinado pelo Estado...” (Revista Veja – 26/02/2003) / “... vigiar mais de perto o incômodo aliado, a Arábia Saudita, países suspeitos de fomentar ou não combater o terrorismo islâmico.” (Revista Época – 14/04/2003)
860. *Terrorismo palestino*: “Saddam Hussein é somente uma ameaça a mais para Israel, que já sofre o terrorismo palestino e outras ameaças árabes.” (Folha de S. Paulo – 21/03/2003)
861. *Terrorismo religioso*: “...diretor do programa de Estudos Globais e Internacionais da Universidade da Califórnia, especialista em terrorismo religioso.” (Folha de S. Paulo – 04/04/2003)
862. *Terrorismo suicida*: “Nem o fundamentalismo islâmico, nem o terrorismo suicida, nem o conflito palestino-israelense desapareceram ou se atenuaram.” (Folha de S. Paulo – 30/03/2003)
863. *Terrorista suicida*: “...de enviar terroristas suicidas para as ruas de Israel.” (Revista Veja – 23/04/2003)
864. *Terrorista*: “Terroristas gostam de se esconder por trás de Estados fora-da-lei...” – (Revista Isto É – 16/04/2003)
865. *Timing*: “As divergências estão centradas no timing do ataque.” (Revista Isto É – 12/02/2003)
866. *Tiranias*: “... dominada por tiranias medievais.” (Revista Veja – 26/02/2003)
867. *Tirânico*: “... expansão nuclear de um regime tirânico.” (Revista Isto É – 12/02/2003) / “É provável também que uma população aterrorizada por um regime tirânico receba as tropas aliadas como libertadoras.” (Folha de S. Paulo – 22/03/2003)
868. *Tirano*: “... não se deve celebrar a queda de um tirano como Saddam?” (Revista Época – 21/04/2003) / “A deposição do tirano é uma espécie de efeito colateral positivo de uma aventura bélica irresponsável.” (Folha de S. Paulo – 10/04/2003)
869. *Tirano de Bagdá*: “... o tirano de Bagdá permanecerá um inimigo perigoso, mesmo depois de caído...” – (Revista Época – 24/03/2003)
870. *TNT*: “...toneladas de TNT equipado com um sistema de navegação por satélite (GPS) que permite corrigir a sua rota após o lançamento.” (Revista Isto É – 19/03/2003)
871. *Tom messiânico*: “... é alimentada pelo tom messiânico de seus pronunciamentos...” (Revista Veja – 26/02/2003)
872. *Tom Triunfante*: “afirmou, em tom triunfante.” – (Revista Isto É – 16/04/2003)
873. *Tom*: “O tom desse relatório...” (Folha de São Paulo – 28/02/2003)
874. *Torneira de petróleo*: “... para colocar as mãos nas torneiras de petróleo do Iraque.” (Revista Isto É – 12/02/2003)
875. *Torrente*: “... a atual torrente pacifista já causou danos à imagem de Bush...” (Revista Veja – 26/02/2003)
876. *Trailer*: “Um trailer deste festival de vendettas foi visto logo depois...” (Revista Isto É – 12/03/2003)
877. *Transição democrática*: “...e que a transição democrática no Iraque poderia começar...” (Folha de São Paulo – 28/02/2003)
878. *Transição pós-guerra*: “EUA prometem rápida transição pós-guerra”. (Folha de São Paulo – 28/02/2003)

879. 1. *Trapaça*: “Denúncia de trapaças e ultimato da ONU a Saddam...” (Revista Época – 10/02/2003) / “... Não encontraram as armas, mas desconfiam de trapaça iraquiana.” (Revista Veja – 05/02/2003) / “...Colin Powell, em expor as mentiras e trapaças de Saddam Hussein seja bem-sucedido...” (Revista Época – 10/02/2003) / “...conta as agruras do travesso menino Saddam e a de um ex-oficial do partido Baath (o mesmo do ditador iraquiano), que relata detalhes das trapaças sujas, como assassinatos, repressões, intimidações na escalada política dele até a presidência.” (Revista Isto É – 23/04/2003)
880. *Triplano*: “O mais célebre deles foi o triplano alemão...” (Revista Veja – 19/03/2003)
881. *Tropa Anglo-americanas*: “E as tropas anglo-americanas, que nada faziam para impedir os saques...” – (Revista Isto É – 16/04/2003)
882. *Tropa de Elite*: “...os 60 mil homens da Guarda Republicana, as tropas de elite iraquianas.” - (Revista Época – 24/03/2003)
883. *Trucidado*: “Ambos terminaram trucidados a facadas dentro da mesquita.” (Revista Veja – 05/02/2003)
884. *Truculência*: “Valores como o patriarcalismo, a truculência e a devoção à família...” (Revista Veja – 05/02/2003) / “... herdou da família a truculência, mas é mais discreto.” (Revista Veja – 05/02/2003) / “...está se agrupando num manifesto a favor da paz, ameaçada pela truculência dos setores majoritários da política norte-americana.” (Folha de S. Paulo – 15/03/2003) / “As falas dos políticos, sindicalistas e militantes foram contra a guerra, sem poupar a truculência do ditador Saddam Hussein.” (FSP – 31/03/2003)
885. *Trupe*: “...Osama Bin Laden e sua trupe de fanáticos homicidas.” (Revista Veja – 26/02/2003)
886. *Tularemina*: “... são varíola, antraz e tularemina, nessa ordem.” (Revista Isto É – 02/04/2003)
887. *Turquia-EUA*: “... disse que o acordo Turquia-EUA estava quase finalizado.” (Folha de São Paulo – 25/02/2003)

U

888. *Ultima geração*: “...único míssil de última geração faz o serviço...” (Revista Veja – 12/03/2003)
889. *Unilateralismo*: “... em contraste com o unilateralismo de Bush.” - (Revista Época – 10/02/2003)
890. *Unipolaridade*: “A atual unipolaridade é instável.” (Revista Isto É – 26/03/2003)
891. *Usina Nuclear*: “...a destruição da usina nuclear iraquiana...” (Revista Isto É – 26/03/2003)
892. *Uso pessoal*: “... erguendo meia centena de palácios para seu uso pessoal.” (Revista Veja – 05/02/2003)

V

893. *Varão*: “Ao contrário do varão mais velho, o playboy Uday, beberrão, mulherengo e fanfarrão, Qusay, formado em direito, ...” (Revista Isto É - 19/03/2003)

894. *Variação cambial*: “Some-se a isso a variação cambial...” (Revista Isto É – 12/03/2003)
895. *Variável*: “... contra a guerra é uma variável incômoda com a qual Bush...” (Revista Veja – 26/02/2003)
896. *Veemente*: “... são os mais veementes defensores da eliminação do tirano...” (Revista Veja – 26/02/2003)
897. *Veículo-ponte*: “... e mais os veículos-pontes, que mantém nas carrocerias pontes mecânicas...” (Revista Isto É – 26/03/2003)
898. *Velha-guarda*: “Limitou-se a um expurgo na velha-guarda e mandou para o exílio o tio...” (Revista Veja – 23/04/2003)
899. *Vendettas*: “Um trailer deste festival de vendettas foi visto logo depois...” (Revista Isto É – 12/03/2003)
900. *Ventilado*: “... é a melhor notícia ventilada daquele lado do deserto...” (Revista Veja – 16/04/2003)
901. *Vida primitiva*: “...onde o povo levava uma vida primitiva...” (Revista Veja – 16/04/2003)
902. *Vietnamita*: “... o exército vietnamita lutou uma guerra...” (Revista Veja – 26/02/2003)
903. *Vigilância eletrônica*: “Seus palácios são fortalezas indevassáveis, protegidas por muros, cães, dezenas de guardas e vigilância eletrônica.” (Revista Veja – 05/02/2003)
904. *Violador*: “... queimaduras e todo tipo de intimidação sexual – esta, conduzida por estupradores profissionais, cujo cargo oficial se chama ‘violador da honra’.” (Revista Veja – 05/02/2003)
905. *Virada política*: “... ou passam por viradas políticas de dimensões históricas...” (Revista Veja – 16/04/2003)
906. *Vírus*: “Esta é uma receita para o desastre, além de trazer em si o vírus da ilegitimidade...” – (Revista Isto É – 16/04/2003) / “... combater o vírus do radicalismo no mundo...” (Revista Veja – 26/02/2003) / “... espalhar o vírus da democracia numa região dominada por tiranias corruptas.” (Revista Veja – 05/02/2003)
907. *Visão noturna*: “... incluindo óculos para visão noturna...” (Revista Veja – 02/04/2003)
908. *Vistoso*: “... foi o mesmo que iniciou um vistoso processo de modernização do Iraque.” - (Revista Isto É – 16/04/2003)
909. *Vítima Civil*: “... um número tão horrendo de vítimas civis...” - (Revista Época – 24/03/2003)
910. *Vitória fulminante*: “Com a vitória fulminante dos americanos e seus aliados...” - (Revista Época – 10/02/2003)
911. *Volatilidade*: “... em uma situação de alta volatilidade diante do que ocorrer...” (Revista Isto É – 12/03/2003) *vocabulário econômico*
912. *Volumoso*: “...tinha montado um volumoso arsenal de armas de destruição...” (Revista Veja – 05/02/2003) / “...serão precisos volumosos investimentos. Provavelmente, parte dos recursos terá de vir de empréstimos. Isso sustenta a tese de que o novo governo iraquiano será forçado a assumir um compromisso de honrar parte das suas pendências.” (Folha de S. Paulo – 12/04/2003)

913. *Wilsoniano*: “...repetira a dose wilsoniana ao convencer o congresso...” (Revista Isto É – 26/03/2003) * Woodrow Wilson (1913 – 1921) – convenceu os americanos que a neutralidade na 1ª Guerra Mundial não era possível.

Z

914. *Zona desmilitarizada*: “... violaram zona desmilitarizada...” (Folha de S.Paulo – 08/3/2003)

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)